

JOSÉ DE ALENCAR



JOSÉ DE ALENCAR EM 1861
quando entro no parlamento.

(Reprodução da lithographia Sisson.)

COLLECÇÃO AUREA

PAGINAS ESCOLHIDAS
DOS
MAIORES ESCRIPTORES

JOSÉ DE ALENCAR

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

MARIO DE ALENCAR



LIVRARIA GARNIER

109 Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

6 Rue des Saints-Pères, 6
PARIS

1922



11622 c.l.
1946



5.436
54

C. M. 29/3/46

JOSÉ DE ALENCAR

Entre os escritores brasileiros, José de Alencar é dos que mais se prestam a esta especie de paginas escolhidas. A sua obra extensa, de vario genero e feição multipla, si alguma difficuldade offerece para a escolha, é a da exclusão; vacilla-se em deixar á parte qualquer dos seus livros, e ainda, nos volumes assignalados, os capitulos ou trechos em nada inferiores aos outros. Mas o numero tem de ceder ao limite das paginas e á combinação que apresente em miniatura a physionomia completa do escritor. E quem o selecciona conscienciosamente não fica insensivel á responsabilidade do encargo; parece-lhe estar operando antecipadamente o officio eliminador do tempo, o qual, — ao revez do que faz com as obras dos primitivos escritores exhumando-as, reunindo-as e avolumando-as, — em relação aos modernos, pela impossibilidade de conserval-as na sua multidão, enterra-as em esquecimento, mumifica-as, ou apenas lhes toma uma parte que as lembre ou lhes permitta occupar um ponto de referencia na memoria humana.

Que significa em verdade o pensamento de fazer paginas escolhidas dos escritores, sinão a certeza de que já o homen contemporanco e o vindouro não terão vagar para a leitura delles ? E no caso de o terem para algum ou alguns dos volumes, por ventura não acertariam com o melhor, com o *livro* do autor.

Nas literaturas primitivas o trabalho mental participava da condição da natureza : era espontaneo, lento, oportuno, como a criação da planta, do cristal, dos animaes. A transmissão mecanica do livro multiplicou-o e, facilitando-o na apparencia, perturbou-lhe a revelação. Gradativamente mais afastado da natureza, artificialmente inspirado e estimulado, o escritor moderno soffre em si mesmo a multiplicidade da produção alheia, não tem a paciencia da gestação demorada e temporã, e concebe e produz á mercê das circumstancias e dos accidentes : e o seu *livro*, raro é que surja na forma congenial, na unidade da sua essencia, na plenitude da sua força, sinão prematuro, fragmentado, ensaiado e repartido em muitas obras, incompletas por isso mesmo, e imperfeitas cada uma de per si. É um milagre, tão pouco depende já da propria vontade e clarividencia, refazer um escritor as condições de criação pura e espontanea, que os grandes autores de outros tempos lograram.

Flaubert, que personificou a consciencia e probidade mental do escritor, sentia e entendia a necessidade do unico *livro*, mas não pôde sobrepujar as influencias exteriores do momento e do meio, nem vencer os desvios

ocasionaes do seu proprio espirito; e resignou-se impotente a deixar o seu *livro* espalhado em alguns volumes, e ainda por bem d'elle em sós alguns volumes.

Que escritor moderno terá sido capaz e feliz de acertar com o seu *livro*, immune da seducção do publico, das contingencias das modas, do interesse da vaidade? O acaso, si não a adversidade e a desgraça, é o occasionador desses momentos de plenitude, em que o infinito se deixa apprehender e fixar. Só a prisão de Cervantes proporcionou a criação do D. Quixote, e ainda foi isso em tempo anterior á phase livresca e mechanica da humanidade.

E, si é já inacessivel a um autor o momento justo da criação, ao publico torna-se impossivel rastreal-o na obra volumosa e dispersa de tantos e tantos, quasi innumeraveis autores do seu mesmo paiz e do mundo. Dahi provem a busca e a publicação das paginas escolhidas em todas as terras onde ha leitores. É um instincto e uma providencia de salvação nos diluvios das bibliothecas. Mas dahi tambem a responsabilidade para o que se incumbe da escolha, que não ha de ser feita, a esmo nem ao criterio só do gosto individual, mas em observancia do que caracteriza o escritor em suas feições e pode desenharche o *livro*, o talento e a alma.

Em José de Alencar houve, reveladas na sua obra, duas pessoas distinctas, que não se confundiram nem contrariaram, posto que contrarias uma á outra. Elle foi parallelamente um poeta de idealisações extremas, e um homem

pratico e positivo : o primeiro dominado pela imaginação, pela sentimento e pela fantasia, o segundo pela razão, pela realidade e pela prudencia ; no primeiro prevalecia o talento, no segundo a intelligencia ; a obra do primeiro creou-se espontaneamente, sem proposito ; a do segundo foi o pructo da vontade ; unia-os um traço commum : a indole, a alma brasileira.

Definem-se na sua vida duas phases : a do poeta de ficção, de 1855 a 1868, e a do politico, de 1868 a 1877.

Com ser espontanea, não foi precoce a producção do escritor fantasista. Não tinha elle talvez a consciencia da elaboração interior, nem o estimulo da vaidade, que o levasse a recorrer á imitação para surgir antes de tempo. A preferencia de seu espirito era para as obras de ficção ; nesse genero fazia os seus primeiros ensaios ; mas elle mesmo não teria previsto, ainda depois de formado, a obra que o sagraria escritor. De 1850 em que se diplomou até meados de 1854 em que iniciou a collaboração no *Correio Mercantil*, como folhetinista, foi exclusivamente advogado, e alguns artigos escritos para jornal versavam sobre assunto juridico. O folhetinista teve exito, e um anno depois assumindo a direcção do *Diario do Rio de Janeiro*, o mais antigo jornal do tempo, Alencar demonstrou possuir as qualidades primaciaes do officio : agilidade de pensamento, força dialectica, agudeza de intelligencia, rapida apprehensão dos factos, e sobretudo a palavra facil e brilhante. Todas as circumstancias influíam para que José de Alencar ficasse dahi em deante sómente jornalista, como outros

escritores que tiveram ahí grande renome, e com que elle já rivalisava. Nenhuma profissão mais adequada a satisfazer os estímulos de gloria immediata, nenhuma, quando sincera, mais exclusivista de outros labores, nenhuma mais absorvente, mais viciadora do espirito para o methodo de trabalho e para o gozo da obra. Pois foi justamente nesse periodo de lustre jornalista, em meio de uma actividade febril, excessiva, quando todos os assuntos, politica, historia, economia e administração, lhe occupavam a penna em artigos multiplos ; quando era o momento da ambição politica, foi ahí que apontou o romancista. Pouco antes como um prenunciador, o critico, ou melhor as impressões, o senso de poeta, despertados pela leitura d'*A Confederação dos Tamoyos*, poema de Gonçalves de Magalhães. As *Cartas de Ig.* eram a exposição da sua esthetica, o esboço do poema que elle teria feito sobre aquelle assunto. Tinha-se polarizado a inspiração que o menino e o adolescente haviam sentido, inconscientemente, sem atinar-lhe a forma nem mesmo soffrer a necessidade de configural-a. A gestação operara-se occulta. *Cinco Minutos*, *A Viuvinha*, romancetes feitos como distração e repouso da tarefa do jornal, e escritos dia a dia em folhetim, sahiram dois mimos de graça ; foram como os primeiros saltos de uma ave que ensaia o vôo para fóra do ninho. Na mesma despreocupação de folhetinista, tambem escrito dia a dia, e sem nome de autor, começou logo depois a ser publicado *O Guarany*.

Desde os primeiros folhetins fez esse romance uma im-

pressão nova e forte, e em breve empolgante de todo o publico na Côrte e até onde chegava o jornal nas provincias. Havia anciedade e enthusiasmo pela sua leitura. Porque ? Não era um romance de aventuras nem de analyse de paixões ; não reproduzia os costumes do tempo nem figuras da actualidade, nem na exposição se afastava do processo das narrativas communs.

Sem duvida pela sua estructura era, o que não tinham sido os romances que se escreviam no Brasil, uma composição artistica, de plano definido e proporcionado, com personagens, que dentro da logica da sua concepção, eram figuras humanas inteiras e vivas, não puros manequins ou só aspectos de pessoas.

Mas o publico leitor daquelle tempo conhecia por traducção ou no mesmo original grandes romances de autores estrangeiros, entre os quaes os de Walter Scott, que haviam servido de modelo do genero ao autor do *Guarany*. Não viria pois dahi, apesar de sua primazia em praticar com successo a technica do romance, o enthusiasmo produzido por essa obra de ingenua feição no publico brasileiro. Nem seria por ter um indigena como uma das figuras centraes ; já Bazilio da Gama, Durão, Gonçalves Dias e G. de Magalhães tinham introduzido o selvagem na poesia epica e lyrica. O entrecho do *Guarany* era singelo ; o tempo da acção remoto, o logar della distante. O que no *Guarany* o publico achou, differente dos outros romances d'aqui e de fóra, foi a inspiração fundamental, a sinceridade e a espontaneidade da expressão, a poesia descuidada de

si mesma, instinctiva, fragrante do aroma da nossa terra ; era em summa a alma brasileira do livro, da qual elle vivia e tirava o proprio corpo, e a forma da linguagem que o vestia.

Ao passo que para o publico *O Guarany* revelou o sentimento poetico da terra brasileira, para José de Alencar foi a revelação delle proprio. Foi a sua primeira producção genial, e por isso mesmo inconsciente. Continuou-a em parte *As Minas de Prata*, que se relaciona com *O Guarany* em um dos personagens, e num dos motivos do enredo ; desenrolam-se e complicam-se ahi as faculdades artisticas do romancista, no poder de dramatisação e na multiplicidade e variedade dos personagens. Mas o que era só espontaneo é agora reflectido e preparado ; a arte descae ás vezes em artificio ; o gosto de aventura prevalece sobre a unidade da fantasia, e attinge o fantastico. A ficção entretanto, com todos os seus excessos romanescos, vive ; o talento de narrar e descrever domina o leitor e arrasta-o entre o impossivel e o inverosimil, interessado pelas figuras centraes do livro, cada uma dellas typica, evidente e palpavel, na sua configuração. E resaltam em vivacidade não somente os protagonistas do drama complexo ; todos os personagens, até os meros episodicos, têm relevo proprio. Não ha no romance analyse de character, mas cada character se define, se accentua dramaticamente ao choque dos sentimentos.

Nesse sentido *As Minas de Prata* constitue uma comedia humana em que se exhibem as principaes modalidades de

caracter e temperamento : a ambição, a austeridade, a piedade, a abnegação, o amor mystico, o amor ingenuo, o amor sensual, a religiosidade, a resignação, o fanatismo, o orgulho, a bravura, o cavalheirismo, a nobreza, a perversidade, a lealdade, a avareza, o patriotismo, a amizade ; e todos manifestados individualmente na propria acção de cada figura. É o romance mais representativo do engenho dramatico de José de Alencar, o qual pouco antes já se demonstrara no theatro, desde a comedia leve e face-ta e de costumes, ao mais intenso drama em *Mãe*.

Iracema, que appareceu depois dos perfis de mulher *Diva* e *Luciola*, foi, como tinha sido o *Guarany*, para o publico e para o autor, o imprevisto ; e ainda ahi foi posta em prova a força do genio. Parecia acabada a phase do indianismo literario : acerca dos selvagens tudo que pudesse interessar, estava contado e cantado em Gonçalves Dias e outros poetas, e no *Guarany* e no fundo do quadro selvatico em *Minas de Prata*, Alencar occupava-se das scenas da actualidade, e começara, com a sua obra austera de politico, a applicação mais assidua á obra de jurista. Uma viagem á provincia natal fez o milagre. A terra cearense, os seus taboleiros sertanejos, as suas dunas e carnaubaes e o seu mar bravio e verde, acordaram a infancia do escritor : e a saudade se lhe expandiu em rhythmico, não de verso culto e medido, mas de um boleio de berço, intermittencia de onda, pálpito de coração. A saudade re-fluiu confundindo a infancia do escritor e a da terra natal ; e vestiu-se na forma de lenda selvagem, em que a pa-

lavra traduziu a imaginação primitiva e concreta dos índios. E foi um poema, de saudade para o poeta, de perpetuação para o povo, da sua própria terra, que lhe resurgiu virgem, na sua floresta, na sua singeleza, nos seus horizontes marinhos, e no seu encanto. Os outros romances, ainda o selvagem *Ubirajara*, como os do sertão e da cidade, foram criações do talento de artista ; mas já não reproduziam totalmente as faculdades essenciaes do poeta, epico, dramático, ou idyllico, que concebera e realisara *Guarany*, *Minas de Prata*, *Mãe*, e *Iracema*. Estes formam o seu *livro* de poeta de ficção; os outros são a obra multipla, accessoria, do escritor de talento, são como irradiações das facetas do seu engenho, brilhantes, mas deseguaes e inferiores á sua potencia genial.

O escritor de talento e de vontade que já se demonstrara no jornalista do *Diario do Rio*, volveu a sua principal attenção para a politica. O panfletario revelou-se pujante em : *A corte do Leão*, *O juizo de Deus*, *Os partidos*, *A festa macarronica* e *Cartas de Erasmo*. No administrador, ministro desde 16 de Julho de 1868 a 10 de janeiro de 1870, laborioso e esclarecido, vacilla-se em qual admirar mais, si o fulgor de espirito, si a força do character. Ouviu-lhe então o parlamento a palavra de defesa e de ataque ; o orador, que não parecia feito para os grandes debates da tribuna, surgiu um dos maiores do seu tempo, dos mais denodados, temidos e respeitados, porque a sua eloquencia inspirava-se da consciencia e da sabedoria. Não chegou a vencer, mas não foi vencido. Morreu em meio da lucta,

aos 48 annos de idade, quando repartia o seu esforço entre a tribuna e o jornal, sozinho, já fóra do partido que o não comportava.

Entretanto não esquecêra as lettras juridicas, e as obras, que compunha, só foram publicadas tres annos depois de sua morte. A fama do romancista não deixou que as lessem, e vissem o que ainda alli antecipára o seu engenho naturalmente creador. A sua morte eliminou para os inquietos de ambição um alvo de ataque ruidoso. Desapparecida a pessoa, cuja presença podia fazer sombra a outros, e cujas possibilidades de esforço irritariam os menos esforçados, era inutil hostilisar a memoria do escritor. Ficava-lhe a obra para o julgamento dos seculos. Como todas as obras humanas, sobretudo as dos grandes, ella havia de soffrer o fluxo e o refluxo da opinião, que alterna entre o applauso e a indifferença, entre o entusiasmo e o cansaço de louvar.

Outros escritores surgiam e impunham-se á admiração e ao apreço, e entre elles alguns grandes e geniaes, a que a idade ajudou para completarem vagarosamente a sua obra. Apontaram os confrontos, affirmaram-se preferencias, e á mercê do gosto ou dos estudos de cada geração, vai-se fazendo a hierarchia efemera dos que têm no emtanto pela natureza e personalidade de seu engenho, o privilegio de não serem subordinados á hierarchia. A respeito de José de Alencar, os que têm tido tempo de ler-lhe a obra e possuem a perspicacia e a isenção de juizo, admiram-na em seus livros caracteristicos : *Gua-*

rany, Iracema, Minas de Prata, e Mãe, como uma das expressões maiores da poesia de ficção, na qual a imaginação e a fantasia, o sentimento e a força de ideal, puros, nativos, sem mescla de filosofias, que elle não tinha e não precisava de ter, como poeta que era, se conjugam numa fórmula pessoal, que elle não imitou a outros, e que outros não puderam imitar-lhe. Esse é o cunho do creador genial; e esse é o valor absoluto da sua obra de escritor. Da que produziu como politico e como jurista, dirão os competentes, quando a tiverem lido e meditado, si não revela tambem a impressão do seu genio.

Mas ha na sua obra ainda um valor relativo e grande, si a comparam com a dos seus antecessores e contemporaneos no Brasil. Avulta então a differença entre o que havia e o que elle innovou, principalmente a qualidade da sua inspiração ingenuamente brasileira, não da superficie das cousas, mas da essencia da terra e do povo patrios. Sem proposito e sem preconicio, a sua obra firmou e completou a distincção nacional da literatura brasileira. Quando no decurso de sua vida literaria, arguiram-lhe a expressão para deprecial-o e feril-o, elle assumiu com orgulho e coragem mental, a responsabilidade de uma missão, que lhe parecia dever ser somente um exercicio de natureza. Morreu antes de poder assistir á realização desse predestino, e si ainda vivesse teria de arrostar os que pertinazmente confiam na parada das forças naturaes, em meio da mutação dos fenomenos. A's verdades que os eruditos paralyticamente não vêem, são mais sensiveis o

povo e os espiritos claros que o tratam e estudam. E foi nesses espiritos, foi no povo brasileiro, que mais fundo calou a obra de Alencar ; sob o encanto abstracto que nella gosavam, alguma cousa mais intensa e secreta lhes fazia repercutir o sentimento e vibrar as fontes da vida.

Eis porque na sua morte e por dez annos successivos no anniversario della, a saudade dos que em artigos ou discursos a recordavam, traduzia em unanimidade de expressão, o pensamento de que na literatura brasileira se abriera um hiato ainda não proenchido. Outros grandes escritores, e bastava citar Machado de Assis, tão grande como elle, parecia não continuarem nem poderem substituir a obra de José de Alencar. Eram differentes, e não fallavam como elle á alma do povo. E ainda hoje o povo lhe sente e busca a obra, intacta e viva, sob a passagem dos annos a que não resiste o postiço e artificioso. E ha signaes de que o refluxo de opinião dos letrados se inclina ao juizo, que independentemente delles se havia de firmar definitivo na perpetuidade da lingua. A palavra de Machado de Assis, em plena gloria, já tinha em 1891 lavrado a inscrição de ouro para a estatua em bronze de José de Alencar : « O grande escritor, o robusto e vivaz representante da literatura brasileira. »

29 de Julho de 1920.

MARIO DE ALENCAR.

BIBLIOGRAPHIA

- 1854 — AO CORRER DÁ PENNA — chronicas hebdomadarias no *Correio Mercantil* (Rio de Janeiro); 1ª edição 1874, S. Paulo; 2ª edição 1888, Rio de Janeiro — B. L. Carnier; 3ª edição 1899, H. Garnier.
- 1856 — CARTAS DE IG. sobre a CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS, nas columnas do *Diario do Rio*; 1ª edição 1856, Typ. do *Diario*.
O MARQUEZ DE PARANÁ — traços biographicos — Rio de Janeiro — in. 16; 35 pag.
- 1857 — O GUARANY, em folhetins do *Diario do Rio* sem nome do autor; 1ª edição, 4 vols. typ. do *Diario*; 2ª edição, B. L. Garnier, 2 vols.; 5ª edição, 1887. (Foi traduzido em Francez, Allemão e Italiano)
- 1857 — O RIO DE JANEIRO — VERSO E REVERSO — comedia em 2 actos — 2ª edição 1864.
CINCO MINUTOS — typ do *Diario*.
CINCO MINUTOS — A VIUVINHA — R. de Janeiro — 2ª. ed 1865, B. L. Garnier.
- 1858 — O DEMONIO FAMILIAR — comedia em 4 actos — 2ª edição 1864; 3ª, 1903.

- 1859 -- MÃE — drama em 4 actos — 2ª edição 1865 ; 3ª ed. 1897.
- 1860 — A NOITE DE S. JOÃO — libreto de comedia lyrica.
AS AZAS DE UM ANJO — comedia em 4 actos, prologo e epilogo ; 2ª ed. 1865.
- 1860 — CARTA AOS ELEITORES DO CEARÁ — 20 pp. in fol.
- 1862 — LUCIOLA — 6ª ed. 1895.
AS MINAS DE PRATA — 1º vol. (*Bibliotheca Brasileira*).
- 1864 — DIVA — 3ª ed. 1875 ; 6ª ed. 1895.
- 1865 — IRACEMA — Typ. Vianna ; B.L. Garnier : 1870, 1875, 1878, 1894, 1895, 1910. (Foi traduzida para Ingles por Isabel Burton, London, 1886 ; e por Norman Biddell, 1921 ; e para Allemão, em verso, por Von Düring, Hamburg, 1898.
- 1865 — AS MINAS DE PRATA — 6 vols ; 2ª ed. em 3 vols, 1877 ; 1896.
- 1866 — CARTAS DE ERASMO — 1ª, 2ª e 3ª ed.
PAGINA DE ACTUALIDADE — OS PARTIDOS — pamphleto anonymo.
- 1867 — O JUIZO DE DEUS — pamphleto anonymo. R. de Janeiro
A CORTE DO LEÃO — pamphleto. Rio de Janeiro.
O MARQUEZ DE CAXIAS — biografia — Rio de Janeiro.
UMA THESE CONSTITUCIONAL — A PRINCEZA IMPERIAL E O PRINCIPE CONSORTE no Conselho de Estado — in 4º — 16 pp., Rio de Janeiro.
- 1868 — O SYSTEMA REPRESENTATIVO — B. L. Garnier.
A EXPIAÇÃO — comedia em 4 actos — Rio de Janeiro --
Cruz Coutinho.
RELATORIO do MINISTERIO DA JUSTIÇA —

- 1869 — DISCURSOS proferidos na Camara e no Senado, na sessão de 1869 — São Luiz do Maranhão.
- 1870 — O GAUCHO — 2 vols. B. L. Garnier. 2ª ed. — 1903.
A PATA DA GAZELLA — B. L. Garnier.
- 1871 — O TRONCO DO IPÊ — 2 vols. B. L. Garnier ; 1913 ;
A VIAGEM IMPERIAL (Discurso) — Typ. de J. Villeneuve.
DISCURSOS proferidos na sessão de 1871. Typ. Perseverança.
- 1872 — SONHOS DE OURO — 2 vols. B. L. Garnier — 2ª ed. 1896; 1920.
- 1873 — GUERRA DOS MASCATES — 2 vols. B. L. Garnier; 2ª ed. 1896.
VOTO DE GRAÇAS, Discurso que devia proferir na sessão de 20 de Maio — Typ. Pinheiro.
ALFARRABIOS — 2 vols. B. L. Garnier, 2ª ed.
- 1874 — A REFORMA ELEITORAL, — discursos
O NOVO CANCIONEIRO — cartas a um amigo — no jornal *A Republica*
O VATE BRAGANTINO — cartas no jornal *A Republica*
TIL, em 4 vols. B. L. Garnier ; 2ª ed. 1897. 3ª ed. 1900.
UBIRAJARA — lenda tupy — B. L. Garnier ; 2ª ed. 1895;
1899, (Foi traduzido para Allemão por Hoffmann.)
- 1875 — SENHORA — 2 vols. B. L. Garnier ; 4ª ed. 1895 ; 1907.
O JESUITA — drama — B. L. Garnier ; 3ª ed. 1900. (Foi traduzido em inglez por E. R. De Britto, 1921.)
AOS DOMINGOS — folhetins n' *O Globo*
- 1876 — O SERTANEJO — 2 vols. B. L. Garnier — 2ª ed, 1895.
- 1877 — ENCARNAÇÃO — romance, em folhetins no jornal *Folha Nova* ; 1ª ed. 1892 ; 2ª ed. 1909.

A FESTA MACARRONICA — pamphleto politico — Rio de Janeiro.

O PROTESTO : Jornal de tres, periodico mensal — in 4°
1882 — A PROPRIEDADE — 209 pp. B. L. Garnier.

1883 — ESBOÇOS JURIDICOS — 239 pp. B. L. Garnier

1893 — COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA — Typ. Leuzinger.

1895 — O CREDITO — comedia em 5 actos representada em 1858,
publicada na *Revista Brasileira*.

IRACEMA

[Martim, amigo de Poti, um dos chefes dos Pytiguaras, chega, transviado, á taba dos Tabajaras, e é conduzido pela virgem Iracema á cabana de Araken, seu pai, na qual é agasalhado como hospede. Prepara-se para partir, mas ameaçando-o a colera de Irapuam, um dos guerreiros tabajaras, suspeito da affeição de Iracema pelo guerreiro branco ; esta o persuade a ficar na cabana de Araken até á festa da lua, que será a occasião propicia para a sua volta sem risco.]

CAPITULO XV

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araken o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu as estrellas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente ; e, como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscilla de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos affectos ; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se languido ao punho da rede ; seus olhos negros e fulgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n'alma. O christão sorri : a virgem palpita ; como o sahy, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

Já o estrangeiro a preme ao seio ; e o labio avido busca o labio que o espera, para celebrar nesse adyto d'alma o hymeneu do amor.

No recanto escuro o velho pagé, immerso em funda contemplação e alheio ás cousas deste mundo, soltou um gemido doloroso. Presentira o coração o que não viram os olhos ? Ou foi algum funesto presagio para a raça de seus filhos, que assim echoou n'alma de Araken ?

Ninguém o soube.

O christão repelliu do seio a virgem indiana. Elle não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver ; e enche sua alma com o nome e a veneração do seu Deus :

— Christo !... Christo !...

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco ; mas todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, elle sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chamma. Assim quando a criança imprudente revolve o brasido de intenso fogo, saltam as faúlhas inflammadas que lhe queimam as faces.

Fecha os olhos o christão, mas na sombra de seu pensamento surge a imagem da virgem, talvez mais bella. Embalde chama o somno ás palpebras fatigadas ; abrem-se, máo grado seu.

Desce-lhe do céo ao atribulado pensamento uma inspiração :

— Virgem formosa do sertão, esta é a ultima noite que teu hospede dorme na cabana de Araken, onde nunca viera, para teu bem e seu. Faze que seu somno seja alegre e feliz.

— Manda ; Iracema te obedece. Que póde ella para tua alegria ?

O christão falou submisso, para que não o ouvisse o velho pagé :

— A virgem de Tupan guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos !

Um triste sorriso pungiu os labios de Iracema :

— O estrangeiro vai viver para sempre á cintura da virgem branca ; nunca mais seus olhos verão a filha de Araken, e elle já quer que o somno feche suas palpebras, e que o sonho o leve á terra de seus irmãos !

— O somno é o descanso do guerreiro, disse Martim ; e o sonho a alegria d'alma. O estrangeiro não quer levar consigo a tristeza da terra hospedeira, nem deixal-a no coração de Iracema !

A virgem ficou immovel.

— Vai, e torna com o vinho de Tupan.

Quando Iracema foi de volta, já o pagé não estava na cabana ; tirou a virgem do seio o vaso que ali trazia occulto sob a carioba de algodão entretecida de pennas. Martim lh'o arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema, e colher em seus labios o beijo, que ali viçava entre sorrisos, como o fruto na corolla da flôr. Podia amal-a, e sugar d'esse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O goso era vida, pois o sentia mais forte e intenso ; o mal era sonho e illusão, que da virgem não possuia sinão a imagem.

Iracema afastára-se oppressa e suspirosa.

Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus labios ; o nome da virgem resoou docemente.

A juruty, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro ; bate as azas, e vôa a conchegar-se ao tepido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veiu a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dormiu no seio de formoso cacto. Em seu lindo semblante accendia o pejo vivos rubores ; e como entre os arrebóes da manhã scintilla o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruido amor.

A jandaia fugira ao romper d'alva e para não tornar mais á cabana.

Vendo Martim a virgem unida a seu coração, cuidou que o sonho continuava ; cerrou os olhos para torna-los a abrir.

A pocema dos guerreiros, troando pelo valle, o arrancou ao doce engano : sentiu que já não sonhava, mas vivia. Sua mão cruel abafou nos labios da virgem o beijo que ali se espanejava.

— Os beijos de Iracema são doces no sonho ; o guerreiro branco encheu delles sua alma. Na vida, os labios da virgem de Tupan amargam e dóem como o espinho da jurema.

A filha de Araken escondeu no coração a sua ventura. Ficou timida e inquieta, como a ave que presente a borrasca no horizonte. Afastou-se rapida, e partiu.

As aguas do rio banharam o corpo casto da recente esposa.

Tupan já não tinha sua virgem na terra dos Tabajaras.

CAPÍTULO XVI

O alvo disco da lua surgiu no horizonte.

A luz brilhante do sol empallidece a virgem do céu, como o amor do guerreiro desmaia a face da esposa.

— Jacy!... Mãi nossa!... exclamaram os guerreiros tabajaras.

E brandindo os arcos lançaram ao céu com a chuva das flexas o canto da lua nova :

« Vejo no céu a mãe dos guerreiros ; já volta o rosto para ver seus filhos. Ella traz as aguas, que enchem os rios e a polpa do cajú.

« Já veio a esposa do sol ; já sorri ás virgens da terra, filhas suas. A doce luz accende o amor no coração dos guerreiros e fecunda o seio da joven mãe. »

Cahe a tarde.

Fôlgam as mulheres e os meninos na vasta ocara ; os mancebos, que ainda não ganharam nome na guerra por algum feito brilhante, discorrem no valle.

Os guerreiros seguem Irapuam ao bosque sagrado, onde os espera o pagé e sua filha para o mysterio da jurema. Iracema já accendeu os fogos da alegria, Araken está immovel e extatico no seio de uma nuvem de fumo.

Cada guerreiro que chega depõe a seus pés uma offe-

renda a Tupan. Traz um a succulenta caça ; outro a farinha d'agua ; aquelle o saboroso piracem da trahira. O velho pagé, para quem são estas dadivas, as recebe com desdem.

Quando foram todos sentados em torno do grande fogo, o ministro de Tupan ordena o silencio com um gesto, e tres vezes clamando o nome terrivel, enche-se do Deus, que o habita :

— Tupan ! Tupan !... Tupan !...

De grotta em grotta o echo ao longe repercutiu.

Vem Iracema com a igacaba cheia do verde licor. Araken decreta os sonhos a cada guerreiro, e distribue o vinho da jurema, que transporta ao céu o valente tabajara.

Este, grande caçador, sonha que os veados e as pacas correm de encontro ás suas flexas para se traspassarem nellas ; fatigado por fim de ferir, cava na terra o bucan, e assa tamanha quantidade de caça, que mil guerreiros em um anno não acabariam.

Outro, fogoso em amores, sonha que as mais bellas virgens tabajaras deixam a cabana de seus pais e o seguem captivas de seu querer. Nunca a rêde de chefe algum embalou mais voluptuosas caricias, do que elle frúe naquelle extase.

O heróe sonha tremendas lutas e horriveis combates, de que sahe vencedor, cheio de gloria e fama. O velho renasce na prole numerosa, e como o secco tronco, donde rebenta nova e robusta sebe, ainda cobre-se de flôres.

Todos sentem a felicidade tão viva e continua, que no espaço da noite cuidam viver muitas luas. As bocas murmuram ; o gesto fala ; e o pagé, que tudo escuta e vê, colhe o segredo no intimo d'alma.

Iracema, depois que offereceu aos chefes o licor de Tupan, sahiu do bosque. Não permittia o rito que ella assistisse ao somno dos guerreiros e ouvisse falar os sonhos.

Foi d'ali direito á cabana, onde a esperava Martim.

— Toma tuas armas, guerreiro branco. E' tempo de partir.

— Leva-me aonde está Poty, meu irmão.

A virgem caminhou para o valle ; o christão a seguiu. Chegaram á falda do rochedo, que ia morrer á beira do tanque, em um massiço de verdura.

— Chama teu irmão !

Soltou Martim o grito da gaivota. A pedra que fechava a entrada da gruta cahiu ; e o vulto do guerreiro Poty appareceu na sombra.

Os dois irmãos encostaram a fronte na fronte e o peito no peito, para exprimir que não tinham ambos mais que uma cabeça e um coração.

— Poty está contente porque vê seu irmão, que o máo espirito da floresta arrebatou de seus olhos.

— Feliz é o guerreiro que tem ao flanco um amigo como o bravo Poty ; todos os guerreiros o invejarão.

Iracema suspirou, pensando que a affeição do pytiguara bastava á felicidade do estrangeiro.

— Os guerreiros tabajaras dormem. A filha de Araken vae guiar os estrangeiros.

Seguiu a virgem adiante ; os dois guerreiros após. Quando tinham andado o espaço que transpõe a garça de um vôo, o chefe pytiguara tornou-se inquieto, e murmurou ao ouvido do christão :

— Manda á filha do pagé, que volte á cabana de seu pai. Ella demora a marcha dos guerreiros.

Martim estremeceu ; mas a voz da prudencia e da amizade penetrou em seu coração. Avançou para Iracema, e tirou do seio a voz mais terna para acalentar a saudade da virgem :

— Quanto mais afunda a raiz da planta na terra, mais

custa arrancar-a. Cada passo de Iracema no caminho da partida é uma raiz que lança no coração de seu hospede.

— Iracema quer te acompanhar até onde acabam os campos dos Tabajaras, para voltar com o socego em seu coração.

Martim não respondeu. Continuaram a caminhar, e com elles caminhava a noite; as estrellas desmaiaram, e a frescura da alvorada alegrou a floresta. Asroupas da manhã, alvas como o algodão, appareceram no céu.

Poty olhou a mata e parou. Martim comprehendeu e disse a Iracema :

— Teu hospede já não pisa os campos dos Tabajaras. E' o instante de separar-te delle.

CAPITULO XXII.

Poty saudou o amigo e falou assim :

— « Antes que o pai de Jacaúna e Poty, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sobre todos os guerreiros pytiguaras, o grande tacape da nação estava na dextra de Batuireté, o maior chefe, pai de Jatobá. Foi elle que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar, e expulsou os tabajaras para dentro das terras, marcando a cada tribu seu lugar ; depois entrou pelo sertão até á serra que tomou seu nome.

« Quando suas estrellas eram muitas, e tantas que seu camocim já não cabia as castanhas que marcavam o numero ; o corpo vergou para a terra ; o braço endureceu como o galho do ubiratan que não verga ; a luz dos olhos escureceu.

« Chamou então o guerreiro Jatobá e disse : — Filho, toma o tacape da nação pytiguara. Tupan não quer que Batuireté o leve mais á guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz de seus olhos. Mas Tupan foi bom para elle, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.

« Jatobá empunhou o tacape dos Pytiguaras. Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou. Foi através-

sando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as aguas que vêm das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra de seus olhos não lhe deixava que visse mais os frutos nas arvores ou os passaros no ar, elle dizia em sua tristeza : — Ah ! meus tempos passados !

« A gente que o ouvia chorava a ruina do grande chefe ; e desde então passando por aquelles lugares repetia suas palavras ; donde veiu chamarem-se o rio e os campos Quixeramobim.

« Batuireté veiu pelo caminho das garças até aquella serra que tu vês longe, e onde primeiro habitou. Lá no pincaro, o velho guerreiro fez seu ninho alto como o gavião, para encher o resto de seus dias, conversando com Tupan. Seu filho já dorme embaixo da terra, e elle ainda na outra lua scismava na porta de sua cabana, esperando a noite que traz o grande somno. Todos os chefes pytiguaras, quando acordam á voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer, porque nenhum outro guerreiro jamais soube como elle combater. Assim as tribus não o chamam mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab.

« O chefe Poty vae á serra ver seu grande avô ; mas antes que o dia morra, elle estará de volta na cabana de seu irmão. Tens tu outra vontade ?

— O guerreiro branco te acompanha para abraçar o grande chefe dos Pytiguaras, avô de seu irmão ; e dizer ao ancião que elle renasceu no filho de seu filho.

Martim chamou Iracema ; e partiram ambos guiados pelo Pytiguara para a serra do Maranguab, que se levantava no horizonte. Foram seguindo o curso do rio até onde nelle entrava o ribeiro de Pirapora.

A cabana do velho guerreiro estava junto das formosas

cascatas, onde salta o peixe no meio dos borbotões de espuma. As aguas ali são frescas e macias, como a brisa do mar, que passa entre as palmas dos coqueiros, nas horas da calma.

Batuieté estava sentado sobre uma das lapas da cascata ; e o sol ardente cahia sobre sua cabeça, núa de cabellos e cheia de rugas como o genipapo. Assim dorme o jaburú na borda do lago.

— Poty é chegado á cabana do grande Maranguab, pai de Jatobá, e trouxe seu irmão branco para ver o maior guerreiro das nações.

O velho soabriu as pesadas palpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os labios murmuraram :

— Tupan quiz que estes olhos vissem antes de se apagarem o gavião branco junto da narceja.

O abaeté derrubou a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu.

Poty e Martim julgaram que elle dormia e se afastaram com respeito para não perturbar o repouso de quem tanto obrára na longa vida. Iracema, que se banhava na proxima cachoeira, veiu-lhes ao encontro, trazendo na folha da taioba favos de mel purissimo.

Discorreram os amigos pelas floridas encostas até que as sombras da montanha se estenderam pelo valle. Tornaram então ao lugar onde tinham deixado Maranguab.

O velho ainda lá estava na mesma attitude, com a cabeça derrubada ao peito e os joelhos encostados á fronte. As formigas subiam-lhe pelo corpo ; e os tuins adejavam em torno e pousavam-lhe na calva.

Poty poz a mão no craneo do ancião e conheceu que era finado ; o guerreiro morrêra de velhice. Então o chefe pytiguara entoou o canto da morte ; e foi á cabana bus-

car o camocim que transbordava com as castanhas do cajú. Martim contou cinco vezes cinco mãos.

Entanto Iracema colhia na floresta a andiroba, para ungir o corpo do velho que a mão piedosa do neto encerrou no camocim. O vaso funebre ficou suspenso ao tecto da cabana.

Depois que plantou ortiga á porta, para defender contra os animaes a oca abandonada, Poty despediu-se triste daquelles sitios, e tornou com seus companheiros á borda do mar.

A serra, onde estava outróra a cabana, tomou o nome de Maranguape; assim chamada porque ahi repousa o sabedor da guerra.

CAPITULO XXXII

Descamba o sol.

Japy sahe do matto e corre para a porta da cabana. Iracema sentada com o filho no collo, banha-se nos raios do sol e sente o frio arripiar-lhe o corpo. Vendo o animal, fiel mensageiro do esposo, a esperança reanima seu coração ; quer erguer-se para ir ao encontro de seu guerreiro e senhor, mas os membros debeis se recusam á sua vontade.

Cahiú desfallecida contra o esteio. Japy lambia-lhe a mão fria, e pulava travesso para fazer sorrir a criança, soltando uns doces latidos de prazer. Por vezes, afastava-se para correr até á orla da matta e latir chamando o senhor : logo tornava á cabana para festejar a mãe e o filho.

Por esse tempo pisava Martim os campos amarellos do Tauape ; seu irmão Poty, o inseparavel, caminhava a seu lado.

Oito luas havia que elle deixára as praias da Jacaré-canga. Vencidos os guaraciabas, na bahia dos papagaios, o guerreiro christão quiz partir para as margens do Mearim, onde habitava o barbaro alliado dos Tupinambás.

Poty e seus guerreiros o acompanharam. Depois que

transpuzeram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauátinga e banha as varzeas onde se pesca o piau, viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do bar-
baro tapuia.

A raça de cabellos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos Tupinambás : crescia o numero dos guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca, para despedir o raio.

Quando Martim viu o que desejava, tornou aos campos da Porangaba, que elle agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocaripe ; já lhe bafeja o rosto o sopro vivo das vagas do oceano.

Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar : e sente que sua alma vai soffrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nella.

Ha muito que a palavra desertou seu labio secco ; o amigo respeita este silencio, que elle bem entende. E' o silencio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios.

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão, a chama-los, e o grito da ará, que se lamentava. Estavam mui proximos á cabana, apenas occulta por uma lingua de matto. O christão parou calcando a mão no peito para soffrear o coração, que saltava como o poraquê.

— O latido de Japy é de alegria, disse o chefe.

— Porque chegou ; mas a voz da jandaia é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitaria, ou terá a saudade matado em suas entranhas o fruto do amor ?

O christão moveu o passo vacillante. De repente, entre os ramos das arvores, seus olhos viram, sentada á porta

da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um impeto, e a alma lhe estalou nos labios.

— Iracema !...

A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços, e apresental-o ao pai, que o olhava extatico em seu amor.

— Recebe o filho de teu sangue. Era tempo ; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe !

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfalleceu como a jetyca si lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dôr tinha consumido seu bello corpo ; mas a formosura ainda morava nella, como o perfume na flôr cahida do manacá.

Iracema não se ergueu mais da rêde onde a pousaram os afflictos braços de Martim. O terno esposo, em quem o amor renascêra com o jubilo paterno, a cercou de caricias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar á vida ; o estame de sua flôr se rompêra.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabellos.

O doce labio emmudeceu para sempre ; o ultimo lampejo despediu-se dos olhos baços.

Poty amparou o irmão na grande dôr. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura ; é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratan, quando o copim lhe broca o amago.

O camocim, que recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoríferas, foi enterrado ao pé do coqueiro, á borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente :

— Iracema !

Desde então os guerreiros pytiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam resoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

CAPITULO XXXIII

O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no fragil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quiz deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.

O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da patria. Havia ahi a predestinação de uma raça ?

Poty levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio e esperava o irmão que lhe promettêra voltar. Todas as manhãs subia ao morro das areias e volvia os olhos ao mar para ver si branqueava ao longe a vela amiga.

Afinal volta Martim de novo ás terras, que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas areias, em seu coração derramou-se um fogo, que o requeimou ; era o fogo das recordações que ardiam como a scintella sob as cinzas.

Só aplacou essa chamma quando elle tocou a terra onde dormia sua esposa ; porque nesse instante seu coração transudou, como o tronco do jetahy nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de lagrimas abundantes.

Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com elle a mairy dos christãos. Veiu

tambem um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.

Poty foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho ; não soffria elle que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração.

Elle recebeu com o baptismo o nome do santo, cujo era o dia, e o do rei a quem ia servir, e sobre os dous o seu, na lingua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde elle primeiro viu a luz.

A mairy que Martim erguêra á margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem ; e o bronze sagrado resou nos valles onde rugia o maracá.

Jacaúna veiu habitar nos campos da Porangaba para estar perto de seu amigo branco ; Camarão erguêra a taba de seus guerreiros nas margens da Mecejana.

Tempos depois, quando veiu Albuquerque, o grande chefe dos guerreiros brancos, Martim e Camarão partiram para as margens do Mearim a castigar o feroz tupinambá e expulsar o branco tapuia.

Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as plagas onde fôra tão feliz, e as verdes folhas a cuja sombra dormia a formosa tabajara.

Muitas vezes ia sentar-se naquellas doces areias, para scismar e acalantar no peito a agra saudade.

A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro ; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.

O GUARANY

[Os personagens principaes d'*O Guarany* são : Cecy, filha do capitão-mór Antonio de Mariz; Pery, selvagem goytacaz ; e Loredano, aventureiro, a serviço do capitão-mor. Resulta o enredo de um assalto preparado pelos indios Aymorés á casa de Antonio de Mariz, situada á margem do Paquequer, para se vingarem da morte casual de uma selvagem da sua tribu, causada por um disparo de espingarda de D. Diogo, filho do capitão-mor. Ao mesmo tempo conspiram os aventureiros, capitaneados por Loredano, que pretende raptar Cecy e ir á cata das minas de prata, cujo roteiro havia roubado. A dedicação de Pery, fanatisado pela virgem branca, que é para elle Yara, a senhora do céo, contrapõe aos inimigos de D. Antonio todos os recursos de astucia, força, engenho e abnegação. No desespero de vencer, D. Antonio confia Cecy a Pery para leval-a ao filho D. Diogo, que partira para a cidade do Rio de Janeiro em busca de seccorros; e para não cahirem elle e os seus em vida ás mãos dos Aymorés, faz explodir o paiol de polvora, com que destroe a sua casa e os assaltantes.

Pery conduz Cecy em uma canoa pelo Parahyba, quando os surpreende a grande inundaçào do rio.]

Vol. I — I^{ra} Parte.

CAPÍTULO V

LOURA E MORENA

Cahia a tarde.

No pequeno jardim da casa do *Paquequer*, uma linda moça se embalava indolentemente n'uma rêde de palha, presa aos ramos de uma acacia silvestre, que estremeendo deixava cair algumas de suas flôres miudas e perfumadas.

Os grandes olhos azues, meio cerrados, ás vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as palpebras rosadas.

Os labios vermelhos e humidos pareciam uma flôr da gardenia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite ; o halito doce e ligeiro exhalava-se formando um sorriso. Sua tez, alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes côr de rosa, que iam, desmaiando, morrer no collo de linhas suaves e delicadas.

O seu traje era do gosto mais mimoso e mais original que é possível conceber : mistura de luxo e de simplicidade.

Tinha sobre o vestido branco de cassa um ligeiro saiote de risso azul apanhado á cintura por um broche ; uma especie de arminho côr de perola, feito com a pennugem macia de certas aves, orlava o talho e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus hombros e o harmonioso contorno do seu braço arqueado sobre o seio.

Os longos cabellos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e cahiam em volta do pescoço presos por uma resilha finissima de fios de palha côr de ouro, feita com uma arte e perfeição admiravel.

A mãosinha afilada brincava com um ramo de acacia que se curvava carregado de flôres, e ao qual de vez em quando segurava-se para imprimir á rêde uma doce oscillação.

Esta moça era Cecilia.

O que passava nesse momento em seu espirito infantil é impossivel descrever ; o corpo cedendo á languidez que produz uma tarde calmosa, deixava que a imaginação corresse livre.

Os sopros tepidos da brisa, que vinham impregnados dos perfumes das madre-silvas e das açucenas agrestes, ainda excitavam mais esse enlevo e bafejavam talvez nessa alma innocente algum pensamento indefinido, algum desses mythos de um coração de moça aos dezoito annos.

Ella sonhava que uma das nuvens brancas que passavam pelo céo anilado, roçando a ponta dos rochedos, se abria de repente, e um homem vinha cair a seus pés timido e supplicante.

Sonhava que córava ; e um rubor vivo accendia o rosado de suas faces ; mas a pouco e pouco esse casto enleio ia se desvanecendo, e acabava n'um gracioso sorriso que sua alma vinha pousar nos labios.

Com o seio palpitante, toda tremula e ao mesmo tempo contente e feliz, abria os olhos ; mas voltava-os com desgosto, porque, em vez do lindo cavalheiro que ella sonhára, via a seus pés um selvagem.

Tinha então, sempre em sonho, um desses assomos de colera de rainha offendida, que lhe fazia arquear as sobrancelhas louras, e bater sobre a relva a ponta de um pésinho de menina.

Mas o escravo supplicante erguia os olhos tão maguados, tão cheios de preces mudas e de resignação, que ella sentia um quer que seja de inexprimivel, e ficava triste, triste, até que fugia e ia chorar.

Vinha porém o seu lindo cavalheiro, enxugava-lhe as lagrimas, e ella sentia-se consolada, e sorria de novo ; mas conservava sempre uma sombra de melancolia, que só a pouco e pouco o seu genio alegre conseguia desvanecer.

Neste ponto do seu sonho, a portinha interior do jardim abriu-se e outra moça, roçando apenas a grama com o passo ligeiro, aproximou-se da rêde.

Era um typo inteiramente differente do de Cecilia ; era o typo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malicia, de indolencia e vivacidade.

Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabellos pretos, labios desdenhosos, sorriso provocador, davam a esse rosto um poder de seducção irresistivel.

Ella parou em face de Cecilia meio deitada sobre a rêde, e não pode furtar-se á admiração que lhe inspirava essa belleza delicada, de contornos tão suaves ; e uma sombra imperceptivel, talvez de um despeito, passou pelo seu rosto ; mas esvaeceu-se logo.

Sentou-se n'uma das bandas da rêde, reclinando sobre a moça para beijal-a ou ver si estava dormindo.

Cecilia, sentindo um estremecimento, abriu os olhos e fitou-os em sua prima.

— Preguiçosa !... disse Isabel sorrindo.

— É verdade ! respondeu a moça, vendo as grandes sombras que projectavam as arvores ; está quasi noite.

— E desde o sol alto que dormes, não é assim ? perguntou a outra gracejando.

— Não, não dormi nem um instante, mas não sei o que tenho hoje que me sinto triste.

— Triste ! tu, Cecilia ! não creio ; era mais facil não cantarem as aves ao nascer do sol.

— Está bem ! não queres acreditar !

— Mas vem cá ! Porque razão has de estar triste, tu que durante todo o anno só tens sorrisos, tu que és alegre e travessa como um passarinho ?

— É para vêres ! Tudo cança neste mundo.

— Ah ! comprehendo ! Estás enfasiada de viver aqui nestes ermos.

— Já me habituei tanto a ver essas arvores, esse rio, esses montes, que quero-lhes como si me tivessem visto nascer.

— Então o que é que te faz triste ?

— Não sei ; falta-me alguma cousa.

— Não vejo o que possa ser. Sim ?... já adivinho !

— Adivinhas o que ? perguntou Cecilia admirada.

— Ora ! o que te falta.

— Si eu mesma não sei ! disse a moça sorrindo.

— Olha, respondeu Isabel ; ali está a tua rôla esperando que a chames, e o teu veadinho que te olha com os seus olhos doces ; só falta o outro animal selvagem.

— Pery ! exclamou Cecilia rindo-se da idéa de sua prima.

— Elle mesmo ! Só tens dois captivos para fazeres as

tuas travessuras ; e como não vês o mais feio e o mais desengraçado, estás aborrecida.

— Mas agora me lembro, disse Cecilia, tu já o viste hoje ?

— Não ; nem sei o que é feito d'elle.

— Sahiu antes de hontem á tarde ; não vá ter-lhe succedido alguma desgraça ! disse a moça estremecendo.

— Que desgraça queres tu que lhe possa succeder ?

Não anda elle todo o dia batendo o matto, e correndo como uma féra bravia ?

— Sim ; mas nunca lhe succedeu ficar tanto tempo fóra, sem voltar á casa.

— O mais que póde acontecer é terem-lhe apertado as saudades da sua vida antiga e livre.

— Não ! exclamou a moça com vivacidade ; não é possivel que nos abandonasse assim !

— Mas então que pensas que andarás fazendo por este sertão ?

— É verdade !... disse a moça preocupada.

Cecilia ficou um momento com a cabeça baixa, quasi triste ; nesta posição, a vista cahiu sobre o veado, que fitava nella a sua pupilla negra com toda a languidez e suavidade que a natureza puzera em seus olhos.

A moça estendeu a mão, e deu com a ponta dos dedos um estalinho, que fez o lindo animal saltar de alegria e vir pousar a cabeça no seu regaço.

— Tu não abandonarás tua senhora, não é ? disse ella passando a mão sobre o seu pello assetinado.

— Não faças caso, Cecilia, replicou Isabel reparando na melancolia da moça ; pedirás a meu tio para caçar-te outro que farás domesticar, e ficará mais manso do que o teu Pery.

— Prima, disse a moça com um ligeiro tom de repre-

hensão, tratas muito injustamente esse pobre indio que não te fez mal algum.

— Ora, Cecilia, como queres que se trate um selvagem que tem a pelle escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um indio é um animal como um cavallo, ou um cão?

Estas ultimas palavras foram ditas com uma ironia amarga, que a filha de Antonio Mariz comprehendeu perfeitamente.

— Isabel !... exclamou ella resentida.

— Sei que tu não pensas assim, Cecilia ; e que o teu bom coração não olha a côr do rosto para conhecer a alma. Mas os outros?... Cuidas que não percebo o desdem com que me tratam?

— Já te disse por vezes que é uma desconfiança tua ; todos te querem, e te respeitam como devem.

Isabel abanou tristemente a cabeça.

— Vai-te bem o consolar-me ; mas tu mesma tens visto, si eu tenho razão.

— Ora, um momento de zanga de minha mãe...

— É um momento bem longo, Cecilia ! respondeu a moça cum um sorriso amargo.

— Mas escuta, disse Cecilia passando o braço pela cintura de sua prima e chamando-a a si, tu bem sabes que minha mãe é uma senhora muito severa mesmo para commigo.

— Não te cances, prima : isto só serve para provar-me ainda mais o que já te confessei : nesta casa só tu me amas, os mais me deprezam.

— Pois bem, replicou Cecilia, eu te amarei por todos ; não te pedi já que me tratasses como irmã ?

— Sim ! e isto me causou um prazer, que tu não imaginas. Si eu fosse tua irmã !...

— E porque não has de ser ? Quero que o sejas !

— Para ti, que para elle...

Este *elle* foi murmurado dentro d'alma.

— Mas olha que exijo uma cousa.

— O que é ? perguntou Isabel.

— É que eu serei a irmã mais velha.

— Apesar de seres mais moça ?...

— Não importa ! Como irmã mais velha, tu me deves obedecer ?

— De certo, respondeu a prima sem poder deixar de sorrir.

— Pois bem ! exclamou Cecilia beijando-a na face, não te quero ver triste, ouviste ? Sinão fico zangada.

— E tu não estavas triste ha pouco ?

— Oh ! já passou ! disse a moça saltando ligeiramente da rêde.

Com effeito aquella doce languidez com que se emba-lançava ha pouco, scismando em mil cousas, tinha desaparecido completamente : seu genio de menina alegre e feiticeira havia cedido um momento ao enlevo, mas voltava de novo.

Era agora como sempre uma moça risonha e faceira, respirando toda a graciosa gentileza, misturada de innocencia e estouvamento, que dão o ar livre e a vida passada no campo.

Erguendo-se, apinhou em botão de rosa os labios vermelhos e imitou com uma graça encantadora os arrulhos doces da jurity ; immediatamente a rôla saltou dos galhos da acacia, e veiu aninhar-se no seu seio, estremecendo de prazer ao contacto da mãosinha que alisava a sua pennugem macia.

— Vamos dormir, disse ella á rola com a garridice com que as mãis falam aos filhinhos recém-nascidos : a rolinha está com somno, não é ?

E deixando a prima um momento só no jardim, foi agasalhar os seus dois companheiros de solidão, com tanto carinho e sollicitude que bem revelava a riqueza de sentimento que havia no fundo desse coração, envolto pela graça infantil de seu espirito.

Nesta ocasião ouviu-se um tropel de animaes perto da casa ; Isabel lançou os olhos sobre as margens do rio, e viu uma banda de cavalleiros que entravam a cerca.

Soltou um grito de surpresa, de alegria e susto ao mesmo tempo.

— Que é ? perguntou Cecilia correndo para sua prima.

— São elles que chegam.

— Elles quem ?

— O Sr. Alvaro e os outros.

— Ah !... exclamou a moça córando.

— Não achas que voltáram muito depressa ? perguntou Isabel sem reparar na perturbação da prima.

— Muito ; quem sabe si houve alguma cousa !

— Dezenove dias apenas... disse Isabel maquinalmente.

— Contaste os dias ?

— É facil ! respondeu a moça córando por sua vez ; depois de amanhã fazem tres semanas.

— Vamos ver que lindas cousas elles nos trazem !

— Nos trazem ? repetiu Isabel carregando sobre a palavra com um tom de melancolia.

— Nos trazem, sim ; porque eu encommendei um fio de perolas para ti. Devem ir-te bem as perolas, com tuas faces côr de jambo ! Sabes que eu tenho inveja do teu moreninho, prima ?

— E eu daria a minha vida para ter a tua alvura, Cecilia.

— Ai ! o sol está quasi a se pôr ! vamos.

E as duas moças tomaram pelo interior da casa, dirigindo-se ao lado da entrada.

Vol. I — 1ª Parte.

CAPITULO VII

A PRECE

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que illuminava com os seus ultimos raios.

A luz frouxa e suave do occaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de purpra sobre a folhagem das arvores.

Os espinheiros silvestres desatavam as flôres alvas e delicadas ; e o ouricory abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. Os animaes retardados procuravam a pousada, enquanto a jurity, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua quéda e ceder á doce influencia da tarde.

Era Ave-Maria.

Como é solenne e grave no meio das nossas mattas a hora mysteriosa do crepusculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Creador para murmurar a prece da noite !

Essas grandes sombras das arvores que se estendem pela planicie ; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha ; esses raios perdidos, que esvasando-se pelo rendado da folhagem, vão brincar um momento sobre a areia ; tudo respira uma poesia immensa que enche a alma.

O urutau no fundo da matta sólta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao longe como o toque lento e pausado do *angelus*.

A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um debil sussurro, que parece o ultimo echo dos rumores do dia, ou o derradeiro suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na esplanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solenne, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente os sons melancolicos de um clarim prolongaram-se pelo ar quebrando o concerto da tarde ; era um dos aventureiros que tocava Ave-Maria.

Todos se descobriram.

D. Antonio de Mariz, adiantando-se até á beira da esplanada para o lado do occaso, tirou o chapéo e ajoelhou.

Ao redor delle vieram grupar-se sua mulher, as duas moças, Alvaro e D. Diogo ; os aventureiros, formando um grande arco de circulo, ajoelharam-se a alguns passos de distancia.

O sol com o seu ultimo reflexo esclarecia a barba e

os cabellos brancos do velho fidalgo, e realçava a belleza daquelle busto de antigo cavalheiro.

Era uma scena ao mesmo tempo simples e magestosa a que apresentava essa prece meio christã, meio selvagem ; em todos aquelles rostos, illuminados pelos raios do occaso, respirava um santo respeito.

Loredano foi o unico que conservou o seu sorriso desdenhoso, e seguia com o mesmo olhar torvo os menores movimentos de Alvaro, ajoelhado perto de Cecilia e embebido em contemplal-a, como si ella fosse a divindade a quem dirigia a sua prece.

Durante o momento em que o rei da luz, suspenso no horizonte, lançava ainda um olhar sobre a terra, todos se concentravam em um fundo recolhimento, e diziam uma oração muda, que apenas agitava imperceptivelmente os labios.

Por fim o sol escondeu-se ; Ayres Gomes estendeu o mosquete sobre o precipicio, e um tiro saudou o occaso.

Era noite.

Todos se erguêram ; os aventureiros cortejaram e foram-se retirando a pouco e pouco.

Cecilia offereceu a fronte ao beijo de seu pai e de sua mãe, e fez uma graciosa mesura a seu irmão e a Alvaro.

Isabel tocou com os labios a mão de seu tio, e curvou-se em face de D. Lauriana para receber uma benção lançada com a dignidade e altivez de um abbade.

Depois a familia, chegando-se para junto da porta, dispoz-se a passar um desses curtos serões que outrora precediam á simples mas succulenta ceia.

Alvaro, em attenção a ser o seu primeiro dia de chegada, fôra emprazado pelo velho fidalgo para tomar parte nessa collação da familia, o que havia recebido como um favor immenso.

O que explicava esse apreço e grande valor dado por elle a um tão simples convite era o regimen caseiro que D. Lauriana havia estabelecido na sua habitação.

Os aventureiros e seus chefes viviam n'um lado da casa inteiramente separados da familia; durante o dia corriam os matos e occupavam-se com a caça ou com diversos trabalhos de cordoagem e marcenaria.

Era unicamente na hora da prece que se reuniam um momento na esplanada, onde, quando o tempo estava bom, as damas vinham tambem fazer a sua oração da tarde.

Quanto á familia, essa conservava-se sempre retirada no interior da casa durante a semana. O domingo era consagrado ao repouso, á distracção e á alegria; então dava-se ás vezes um acontecimento extraordinario como um passeio; uma caçada, ou uma volta em canôa pelo rio.

Já se vê pois a razão por que Alvaro tinha tantos desejos, como dizia o italiano, de chegar ao *Paquequer* em um sabbado, e antes das seis horas; o moço sonhava com a ventura desses curtos instantes de contemplação e com a liberdade do domingo, que lhe offereceria talvez occasião de arriscar uma palavra.

Formado o grupo da familia, a conversa travou-se entre D. Antonio de Mariz, Alvaro e D. Lauriana; Diogo ficára um pouco retirado; as moças, timidas, escutavam, e quasi nunca se animavam a dizer uma palavra sem que se dirigissem directamente a ellas, o que rara vez succedia.

Alvaro, desejoso de ouvir a voz doce e argentina de Cecilia, da qual elle tinha saudade pelo muito tempo que não a escutava, procurou um pretexto que a chamasse á conversa.

— Esquecia-me contar-vos, Sr. D. Antonio, disse elle
J.



aproveitando-se de uma pausa, um dos incidentes da nossa viagem.

— Qual ? Vejamos ; respondeu o fidalgo.

— A cousa de quatro leguas d'aqui, encontrámos Pery.

— Inda bem ! disse Cecilia : ha dous dias que não sabemos noticias delle.

— Nada mais simples, replicou o fidalgo ; elle corre todo este sertão.

— Sim ! tornou Alvaro, mas o modo por que o encontrámos é que não vos parecerá tão simples.

— O que fazia então ?

— Brincava com uma onça como vós com o vosso veadinho, D. Cecilia.

— Meu Deus ! exclamou a moça soltando um grito.

— Que tens, menina ? perguntou D. Lauriana.

— É que elle deve estar morto a esta hora, minha mãe.

— Não se perde grande cousa, respondeu a senhora.

— Mas eu serei a causa de sua morte !

— Como assim, minha filha ? disse D. Antonio.

— Vêde vós, meu pai, respondeu Cecilia enxugando as lagrimas que lhe saltavam dos olhos ; conversava quinta-feira com Isabel, que tem grande medo de onças, e brincando, disse-lhe que desejava vêr uma viva !...

— E Pery a foi buscar para satisfazer o teu desejo ; replicou o fidalgo rindo. Não ha que admirar. Outras tem elle feito.

— Porém, meu pai, isto é cousa que se faça ! A onça deve tel-o morto.

— Não vos assusteis, D. Cecilia ; elle saberá defender-se.

— E vós, Sr. Alvaro, porque não o ajudastes a defender-se ? disse a moça sentida.

— Oh ! si visseis a raiva com que ficou por querermos atirar sobre o animal !

È o moço contou parte da scena passada na floresta.

— Não ha duvida, disse D. Antonio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecilia quiz fazer-lhe a vontade com risco de sua vida. È para mim uma das cousas mais admiraveis que tenho visto nesta terra, o character desse indio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só acto de abnegação e heroismo. Crêde-me, Alvaro, é um cavalheiro portuguez no corpo de um selvagem !

A conversa continuou ; mas Cecilia tinha ficado triste, e não tomou mais parte nella.

D. Lauriana retirou-se para dar as suas ordens ; o velho fidalgo e o moço conversáram até oito horas, em que o toque de uma campa no terreiro da casa veiu annunciar a ceia.

Emquanto os outros subiam os degraus da porta e entravam na habitação, Alvaro achou occasião de trocar algumas palavras com Cecilia.

— Não me perguntais pelo que me ordenastes, D. Cecilia ? disse elle a meia voz.

— Ah ! sim ! trouxestes todas as cousas que vos pedi ?

— Todas e mais..., disse o moço balbuciando.

— È mais o que ? perguntou Cecilia.

— È mais uma cousa que não pedistes.

— Essa não quero ! respondeu a moça com um ligeiro enfado.

— Nem por vos pertencer já ? replicou elle timidamente.

— Não entendo. È uma cousa que já me pertence, dizeis ?

— Sim ; porque é uma lembrança vossa.

— Nesse caso guardai-a, Sr. Alvaro, disse ella sorrindo, e guardai-a bem.

E fugindo foi ter com seu pai, que chegava á varanda, e em presença delle recebeu de Alvaro um pequeno cofre, que o moço fez conduzir, e que continha as suas encomendas. Estas consistiam em joias, sedas, espiguilhas de linho, fitas, galacês, hollandas, e um lindo par de pistolas primorosamente embutidas.

Vendo essas armas, a moça soltou um suspiro abafado e murmurou comsigo :

— Meu pobre Pery ! Talvez já não te sirvam nem para te defenderes.

A ceia foi longa e pausada, como costumava ser naquelles tempos em que a refeição era uma occupação séria, e a mesa um altar que se respeitava.

Durante a collação, Alvaro esteve descontente pela recusa que a moça fizera do modesto presente que elle havia acariciado com tanto amor e tanta esperança.

Logo que seu pai ergueu-se, Cecilia recolheu ao seu quarto, e ajoelhando diante do crucifixo, fez a sua oração. Depois, erguendo-se, foi levantar um canto da cortina da janella e olhar a cabana que se erguia na ponta do rochedo, e estava deserta e solitaria.

Sentia apertar-se o coração com a ideia de que, por um gracejo, tivesse sido a causa da morte desse amigo dedicado que lhe salvára a vida, e arriscava todos os dias a sua, sómente para fazel-a sorrir.

Tudo nesta recamara lhe falava delle : suas aves, seus dois amiguinhos que dormiam, um no seu ninho e outro sobre o tapete, as pennas que serviam de ornato ao aposento, as pelles dos animaes que seus pés roçavam, o perfume suave de beijoim que ella respirava ; tudo tinha vindo do indio que, como um poeta ou um artista, parecia

criar em torno della um pequeno templo dos primores da natureza brasileira.

Ficou assim a olhar pela janella muito tempo ; nessa occasião nem se lembrava de Alvaro, o joven cavalheiro elegante, tão delicado, tão timido, que córava diante della, como ella diante delle.

De repente a moça estremeceu.

Tinha visto á luz das estrellas passar um vulto que ella reconheceu pela alvura de sua tunica de algodão, e pelas fórmãs esbeltas e flexiveis ; quando o vulto entrou na cabana, não lhe restou a menor duvida.

Era Pery.

Sentiu-se alliviada de um grande peso : e poudé então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a attenção, os lindos objectos que recebêra, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora ; depois deitou-se, e como ja não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo á imagem de Alvaro, e pensando na magua que lhe fizera, recusando o seu mimo.

Vol. I — 2ª Parte.

CAPÍTULO II.

YARA

Dois dias depois da scena do pouso, por uma bella tarde de verão, a familia de D. Antonio de Mariz estava reunida na margem do *Paquequer*.

O lugar em que se achava era uma pequena baixa cavada entre dois outeiros pedregosos que se elevavam naquellas paragens. A relva que tapeçava essas fragas, as arvores que haviam nascido nas fendas das pedras, e reclinando sobre o valle teciam um lindo docel de verdura, tornavam aquelle retiro pittoresco.

Não podia haver sitio mais agradavel para se passar uma sésta de estio, do que esse caramanchão cheio de sombra e de frescura, onde o canto das aves concertava com o trépido murmurio das aguas.

Por isso, apezar de ficar elle a alguma distancia da casa, a familia vinha ás vezes, quando o tempo estava sereno, gozar algumas horas da frescura deliciosa que ali se respirava.

D. Antonio de Mariz, sentado junto de sua mulher,

contemplava por entre uma aberta das folhas o céu azul e avelludado de nossa terra, que os filhos da Europa não se cançam de admirar. Isabel, encostada a uma palmeira nova, olhava a correnteza do rio murmurando baixinho uma trova de Bernardim Ribeiro.

Cecilia corria pelo valle perseguindo um lindo colibri, que no vôo rapido iriava-se de mil côres, scintillando como o prisma de um raio solar. A linda menina, com o rosto animado, rindo-se dos volteios que a avezinha lhe fazia dar, como si brincasse com ella, achava nesse folguedo um vivo prazer.

Mas afinal, sentindo-se fatigada, foi recostar-se em um comoro de relva, que elevando-se no sopé do rochedo formava uma especie de divan natural. Descançou a cabeça no declive, e assim ficou com os pésinhos estendidos sobre a grama que os escondia como a lã de um rico tapete, e o seio mimoso a arfar com o anhelito da respiração.

Algum tempo se passou sem que o menor incidente perturbasse o suave painel que formava esse grupo de familia.

De repente, entre o docel de verdura que cobria esta scena, ouviu-se um grito vibrante e uma palavra de lingua extranha :

— *Yára!*

É um vocabulo guarany : significa *a senhora*.

D. Antonio levantou-se ; volvendo olhos rapidos, viu sobre a eminencia que ficava sobranceira ao lugar em que estava Cecilia, um quadro original.

De pé, fortemente apoiado sobre a base estreita que formava a rocha, um selvagem coberto com um ligeiro saio de algodão mettia o hombro a uma lasca de pedra que se desencravára do seu alveolo, e ia rolar pela encosta.

O indio fazia um esforço supremo para suster o peso

da lage prestes a esmagal-o ; e com o braço estendido de encontro a um galho de arvore mantinha por uma tensão violenta dos musculos o equilibrio do corpò.

A arvore tremia ; por momentos parecia que pedra e homem se enrolavam n'uma mesma volta, e precipitavam-se sobre a menina sentada na aba da collina.

Cecilia ouvindo o grito erguêra a cabeça, e olhava seu pai com alguma surpresa, sem adivinhar o perigo que a ameaçava.

Ver, lançar-se para sua filha, tomal-a nos braços, arrancar-a á morte, foi para D. Antonio de Mariz uma só ideia e um só movimento, que realizou com a força e a impetuosidade do sublime amor de pai, que era toda a sua vida.

No momento em que o fidalgo deitava Cecilia quasi desmaiada sobre o regaço materno, o indio saltava no meio do valle ; a pedra girando sobre si, precipitada do alto da collina, enterrava-se profundamente no chão.

Foi então que os outros espectadores desta scena, paralyzados pelo choque que haviam soffrido, lançaram um grito de terror, pensando no perigo que já estava passado.

Uma larga esteira que descia da eminencia até o lugar onde Cecilia estivera recostada, mostrava a linha que descrevêra a pedra na passagem, arrancando a relva e ferindo o chão. D. Antonio, ainda pallido e tremulo do perigo que corrêra Cecilia, volvia os olhos daquella terra que se lhe afigurava uma campa. para o selvagem que surgira, como um genio bemfazejo das florestas do Brasil.

O fidalgo não sabia o que mais admirar, si a força e o heroismo com que elle salvára sua filha, si o milagre de agilidade com que se livrára a si proprio da morte.

Quanto ao sentimento que dictára esse proceder, D. Antonio não se admirava ; conhecia o character dos nossos

selvagens, tão injustamente calumniados pelos historiadorez ; sabia que fóra da guerra e da vingança eram generosos, capazes de uma acção grande e de um estímulo nobre.

Por muito tempo reinou silencio expressivo nesse grupo, que se acabava de transformar de modo tão imprevisto.

D. Lauriana e Isabel de joelhos oravam a Deus, rendendo-lhe graças ; Cecilia ainda assustada apoiava-se ao peito de seu pai e beijava-lhe a mão com ternura ; o indio humilde e submisso fitava um olhar profundo de admiração sobre a moça que tinha salvado.

Por fim D. Antonio passando o braço esquerdo pela cintura de sua filha, caminhou para o selvagem, e estendeu-lhe a mão com gesto nobre e affavel : o indio curvou-se e beijou a mão do fidalgo.

— De que nação és ? perguntou-lhe o cavalheiro em guarany.

— Goytacaz, respondeu o selvagem erguendo a cabeça com altivez.

— Como te chamas ?

— Pery, filho de Ararê, primeiro de sua tribu.

— Eu, sou um fidalgo portuguez, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra ; mas tu salvaste minha filha ; offereço-te a minha amizade.

— Pery aceita ; tu já eras amigo.

— Como assim ? perguntou D. Antonio admirado.

— Ouve.

O indio começou, na sua linguagem tão rica e poetica, com a doce pronuncia que parecia ter aprendido das auras da sua terra ou das aves das florestas virgens, esta simples narração :

* * *

« Era o tempo das arvores de ouro.

« A terra cobriu o corpo de Ararê e as suas armas, menos o seu arco de guerra.

« Pery chamou os guerreiros de sua nação e disse :

« — Pai morreu ; aquelle que fôr o mais forte entre todos, terá o arco de Ararê. Guerra ! »

« Assim falou Pery ; os guerreiros respondêram : Guerra !

« Enquanto o sol allumiou a terra, caminhámos ; quando a lua subiu ao céu, chegámos. Combatêmos como Goytacazes. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.

« Quando Pery abaixou o arco de Ararê, não havia na taba dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo ; tudo era cinza.

« Veiu o dia e allumiou o campo ; veiu o vento e levou a cinza.

« Pery tinha vencido ; era o primeiro de sua tribu e o mais forte de todos os guerreiros.

« Sua mãe chegou e disse :

« — Pery, chefe dos Goytacazes, filho de Ararê, tu és grande, tu és forte como teu pai ; tua mãe te ama. »

« Os guerreiros chegaram e disseram :

« — Pery, chefe dos Goytacazes, filho de Ararê, tu és o mais valente da tribu e o mais temido do inimigo ; os guerreiros te obedecem. »

« As mulheres chegaram e disseram :

« — Pery, primeiro de todos, tu és bello como o sol, e flexivel como a canna selvagem que te deu o nome ; as mulheres são tuas escravas. »

« Pery ouviu e não respondeu ; nem a voz de sua mãe,

nem o canto dos guerreiros, nem o amor das mulheres, o fez sorrir.

« Na casa da cruz, no meio do fogo, Pery tinha visto a senhora dos brancos ; era alva como a filha da lua ; era bella como a garça do rio.

« Tinha a côr do céu nos olhos ; a côr do sol nos cabellos ; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrellas e uma pluma de luz.

« O fogo passou ; a casa da cruz cahiu.

« De noite Pery teve um sonho ; a senhora appareceu ; estava triste e falou assim :

« — Pery, guerreiro livre, tu és meu escravo ; tu me seguirás por toda a parte, como a estrella grande acompanha o dia.

« A lua tinha voltado o seu arco vermelho, quando tornámos da guerra ; todas as noites Pery via a senhora na sua nuvem ; ella não tocava a terra, e Pery não podia subir ao céu.

« O cajueiro quando perde a sua folha parece morto ; não tem flôr, nem sombra ; chora umas lagrimas doces como o mel dos seus frutos.

« Assim Pery ficou triste.

« A senhora não appareceu mais ; e Pery via sempre a senhora nos seus olhos.

« As arvores ficáram verdes ; os passarinhos fizeram seus ninhos ; o sabiá cantou ; tudo ria : o filho de Ararê lembrou-se de seu pai.

« Veiu o tempo da guerra.

« Partímos ; andámos ; chegámos ao grande rio. Os guerreiros armaram as rêdes ; as mulheres fizeram fogo ; Pery olhou o sol.

« Viu passar o gavião.

« Si Pery fosse o gavião ia ver a senhora no céu.

- « Viu passar o vento.
« Si Pery fosse o vento, carregava a senhora no ar.
Viu passar a sombra.
« Si Pery fosse a sombra, acompanhava a senhora de noite.
« Os passarinhos dormiram tres vezes.
« Sua mãe veio e disse :
« — Pery, filho de Ararê, guerreiro branco salvou tua mãe ; virgem branca tambem.
« Pery tomou suas armas e partiu ; ia ver o guerreiro branco para ser amigo ; e a filha da senhora para ser escravo.
« O sol chegava ao meio do céu e Pery chegava tambem ao rio ; avistou longe a tua casa grande.
« A virgem branca appareceu.
« Era a senhora que Pery tinha visto ; não estava triste como da primeira vez ; estava alegre ; tinha deixado lá a nuvem e as estrellas.
« Pery disse :
« A senhora desceu do céu, porque a lua sua mãe deixou ; Pery, filho do sol, acompanhará a senhora na terra.
« Os olhos estavam na senhora ; e o ouvido no coração de Pery. A pedra estalou e quiz fazer mal á senhora.
« A senhora tinha salvado a mãe de Pery, Pery não quiz que a senhora ficasse triste, e voltasse ao céu.
« Guerreiro branco, Pery, primeiro de sua tribu, filho de Ararê, da nação Goytacaz, forte na guerra, te offerece o seu arco ; tu és amigo. »

* * *

O indio terminou aqui a sua narração.
Emquanto falava, um assomo do orgulho selvagem da

força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros, e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho da florestas, era um rei ; tinha a realeza da força.

Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu ; ficou tímido e modesto ; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia.

D. Antonio o ouvia sorrindo-se do seu estylo ora figurado, ora tão singelo como as primeiras phrases que balbucia a criança aos peitos maternos. O fidalgo traduzia, da melhor maneira que podia, essa linguagem poetica a Cecilia, a qual já livre do susto queria por força, apesar do medo que lhe causava o selvagem, saber o que elle dizia.

Comprehendêram da historia de Pery, que uma india, salva havia dois dias por D. Antonio das mãos dos aventureiros e a quem Cecilia enchêra de presentes de velorios azues e escarlates, era a mãe do selvagem.

— Pery, disse o fidalgo, quando dois homens se encontram e ficam amigos, o que está na casa do outro recebe a hospitalidade.

— É o costume que os velhos transmittiram aos moços da tribu, e os pais aos filhos.

— Tu ceará commosco.

— Pery te obedece.

A tarde declinava ; as primeiras estrellas luziam. A familia, acompanhada por Pery, dirigiu-se á casa, e subiu a esplanada.

D. Antonio entrou um momento e voltou trazendo uma linda clavina tauxiada com o braço de armas do fidalgo, a mesma que já vimos nas mãos do indio.

— É a minha companheira fiel, a minha arma de guerra ; nunca mentiu fogo, nunca errou o alvo : a sua bala é

como a seta do teu arco. Pery, tu me déste minha filha ; minha filha te dá a arma de guerra de seu pai.

O indio recebeu o presente com uma effusão de profundo reconhecimento.

— Esta arma, que vem da senhora, e Pery farão um só corpo.

A campa do terreiro tocou annunciando a ceia.

O indio, vexado no meio dos usos extranhos, tomado de um santo respeito, não sabia como se ter.

Apezar de todos os esforços do fidalgo, que sentia um prazer indizível em mostrar-lhe quanto apreciava a sua acção e remoçára com a alegria de ver sua filha viva, o selvagem não tocou em um só manjar.

Por fim D. Antonio de Mariz, conhecendo que toda a insistencia era inutil, encheu duas taças de vinho das Canarias.

— Pery, disse o fidalgo, ha um costume entre os brancos, de um homem beber por aquelle que é amigo. O vinho é o licor que dá a força, a coragem, a alegria. Beber por um amigo é uma maneira de dizer que o amigo é e será forte, corajoso e feliz. Eu bebo pelo filho de Ararê.

— E Pery bebe por ti, porque és pai da senhora ; bebe por ti, porque salvaste sua mãe ; bebe por ti, porque és guerreiro.

A cada palavra o indio tocou a taça e bebeu um trago de vinho, sem fazer o menor gesto de desgosto ; elle beberia veneno á saude do pai de Cecilia.

Vol. I — 2ª Parte.

CAPITULO IV

CECY

Poucas horas depois que Loredano fôra admittido na casa de D. Antonio de Mariz, Cecilia, chegando á janella do seu quarto, viu do lado opposto do rochedo Pery que a olhava com uma admiração ardente.

O pobre indio, timido e esquivo, não se animava a chegar-se á casa, sinão quando via de longe a D. Antonio de Mariz passeando sobre a esplanada ; adivinhava que naquella habitação só o coração nobre do velho fidalgo sentia por elle alguma estima.

Havia quatro dias que o selvagem não apparecia ; D. Antonio suppunha já que elle tivesse voltado com sua tribu para os lugares onde vivia, e que só deixára para fazer a guerra aos Indios e Portuguezes.

A nação goytacaz dominava todo o territorio entre o Cabo de S. Thomé e o Cabo Frio ; era um povo guerreiro, valente e destemido, que por diversas vezes fizera sentir aos conquistadores a força de suas armas.

Tinha arrasado completamente a colonia da Parahyba fundada por Pedro de Góes ; e depois de um assedio de seis mezes conseguira destruir igualmente a colonia da Victoria fundada no Espirito Santo por Vasco Fernandes Coutinho.

Voltemos dessa pequena digressão historica ao nosso heróe.

O primeiro movimento de Cecilia, vendo o indio, fôra de susto ; fugira insensivelmente da janella. Mas o seu bom coração irritou-se contra esse receio, e disse-lhe que ella não tinha que temer do homem que lhe salvára a vida. Lembrou-se que era ser má e ingrata pagar a dedicação que o indio lhe mostrava, deixando lhe ver a repugnancia que lhe inspirava.

Venceu pois a timidez e assentou de fazer um sacrificio ao reconhecimento e gratidão que devia ao selvagem. Chegou á janella ; fez com a mão alva e graciosa um gesto, dizendo a Pery que se aproximasse.

O indio, não se contendo de alegria, correu para a casa, enquanto Cecilia ia ter com seu pai, e dizia-lhe :

— Vinde ver Pery que chega, meu pai.

— Ah ! inda bem, respondeu o fidalgo.

E acompanhando sua filha, D. Antonio foi ao encontro do indio que já subia a esplanada.

Pery trazia um pequeno cofo, tecido com extraordinaria delicadeza, feito de palha muito alva, todo rendado ; por entre o crivo que formavam os fios, ouviam-se uns chidos fracos e um rumor ligeiro que faziam os pequenos habitantes desse ninho gracioso.

O indio ajoelhou aos pés de Cecilia ; sem animar-se a levantar os olhos para ella, apresentou-lhe o cabaz de palha : abrindo a tampa, a menina assustou-se, mas sorriu ; um enxame de beija-flôres esvoaçava dentro ; alguns conseguiram escapar-se.

Destes um veio aninhar-se no seu seio, o outro começou a voltejar em torno de sua cabeça loura, como si tomasse a sua boquinha rosada por um fruto.

A menina admirava essas avesinhas brilhantes, umas escarlates, outras azues e verdes, mas todas de reflexos dourados, e fórmias mimosas e delicadas.

Vendo-se esses iris animados acredita-se que a natureza os creou com um sorriso, para viverem de pollen e de mel, e para brilharem no ar como as flôres na terra e as estrellas no céo.

Quando Cecilia se cançou de admirar-os, tomou-os um por um, beijou-os, aqueceu-os no seio, e sentiu não ser uma flôr bella e perfumada para que elles a beijassem também, e esvoaçassem constantemente em torno della.

Pery olhava e era feliz ; pela primeira vez depois que a salvára, tinha sabido fazer uma cousa, que trouxera um sorriso de prazer aos labios da senhora. Entretanto, apesar dessa felicidade que sentia interiormente, era facil de vêr que o indio estava triste ; elle chegou-se para D. Antonio de Mariz e disse-lhe :

— Pery vai partir.

— Ah ! disse o fidalgo, voltas aos teus campos ?

— Sim : Pery volta á terra que cobre os ossos de Ararê.

D. Antonio encheu o indio de presentes dados em seu nome e em nome de sua filha.

— Perguntai a elle por que razão parte e nos deixa, meu pai, disse Cecilia.

O fidalgo traduziu a pergunta.

— Porque a senhora não precisa de Pery, e Pery deve acompanhar sua mãe e seus irmãos.

— E si a pedra quizer fazer mal á senhora, quem a defenderá ? perguntou a menina sorrindo e fazendo allusão á narração do indio.

Ouvindo dos labios de D. Antonio a pergunta, o selvagem não soube o que responder, porque lhe lembrava um pensamento que já tinha passado por seu espirito ; temia que na sua ausencia a menina corresse um perigo e elle não estivesse junto della para salvá-la.

— Si a senhora manda, disse emfim, Pery fica.

Cecilia, apenas seu pai lhe traduziu a resposta do indio, riu-se daquella cega obediencia ; mas era mulher ; um atomo de vaidade dormia no fundo do seu coração de moça.

Ver aquella alma selvagem, livre como as aves que plainavam no ar, ou como os rios que corriam na varzea ; aquella natureza forte e vigorosa que fazia prodigios de força e coragem ; aquella vontade indomavel como a torrente que se precipita do alto da serra ; prostrar-se aos seus pés submissa, vencida, escrava !...

Era preciso que não fosse mulher para não sentir o orgulho de dominar essa organização e brincar com a força, obrigando-a a curvar-se diante do seu olhar.

As mulheres têm isso de particular ; reconhecendo-se fracas, a sua maior ambição é reinar pelo iman dessa mesma fraqueza, sobre tudo o que é forte, grande e superior a ellas : não amam a intelligencia, a coragem, o genio, o poder, sinão para vencel-os e subjugal-os.

Entretanto a mulher deixa-se bastantes vezes dominar ; mas é sempre pelo homem que, não lhe excitando a admiração, não irrita a sua vaidade e não provoca por conseguinte essa luta da fraqueza contra a força.

Cecilia era uma menina ingenua e innocente, que nem sequer tinha consciencia do seu poder, e do encanto de sua casta belleza ; mas era filha de Eva, e não podia se eximir de um quasi nada de vaidade.

— A senhora não quer que Pery parta, disse ella com

um arsinho de rainha, e fazendo um gesto com a cabeça.

O indio comprehendeu perfeitamente o gesto.

— Pery fica.

— Vêde, Cecilia, replicou D. Antonio rindo : elle te obedece !
Cecilia sorriu.

— Minha filha te agradece o sacrificio, Pery, continuou o fidalgo ; mas nem ella nem eu queremos que abandonos a tua tribu.

— A senhora mandou, respondeu o indio.

— Ella queria ver si tu lhe obedecias : conheceu a tua dedicação, está satisfeita ; consente que partas.

— Não !

— Mas os teus irmãos, tua mãe, tua vida livre ?

— Pery é escravo da senhora.

— Mas Pery é um guerreiro e um chefe.

— A nação goytacaz tem cem guerreiros fortes como Pery ; mil arcos ligeiros como o vôo do gavião.

— Assim, decididamente queres ficar ?

— Sim ; e como tu não queres dar a Pery a tua hospitalidade, uma arvore da floresta lhe servirá de abrigo.

— Tu me offendes, Pery ! exclamou o fidalgo ; a minha casa está aberta para todos, e sobretudo para ti que és amigo, e salvaste minha filha.

— Não, Pery não te offende ; mas sabe que tem a pelle côr de terra.

— È o coração de ouro.

Emquanto D. Antonio continuava a insistir com o indio para que partisse, ouviu-se um canto monotono que sahia da floresta.

Pery applicou o ouvido ; descendo á esplanada correu na direcção donde partia a voz, que cantava, com a cadencia triste e melancolica particular aos indios, a seguinte en-deixa na lingua dos Guaranyes :

* * *

« A estrella brilhou ; partimos com a tarde. A brisa soprou ; nos leva nas azas.

« A guerra nos trouxe ; vencemos. A guerra acabou ; voltamos.

» Na guerra os guerreiros combatem ; ha sangue. Na paz as mulheres trabalham ; ha vinho.

« A estrella brilhou ; é hora de partir. A brisa soprou ; é tempo de andar. »

* * *

A pessoa que modulava esta canção selvagem era uma india já idosa ; encostada a uma arvore da floresta ella vira por entre a folhagem a scena que passava na esplanada.

Chegando-se a ella, Pery ficou triste e vexado.

— Mãi !... exclamou elle.

— Vem ! disse a india seguindo pela matta.

— Não !

— Nós partimos.

— Pery fica.

A india fitou em seu filho um olhar de profunda admiração.

— Teus irmãos partem !

O selvagem não respondeu.

— Tua mãe parte !

O mesmo silencio.

— Teu campo te espera !

— Pery fica, mãe ! disse elle com a voz commovida.

— Porque ?

— A senhora mandou.

A pobre mãe recebeu esta palavra como uma sentença irrevogavel ; sabia do imperio que exercia sobre a alma de Pery a imagem de Nossa Senhora, que elle tinha visto no meio de um combate e havia personificado em Cecilia.

Sentiu que ia perder o filho, orgulho de sua velhice, como Ararê tinha sido o orgulho de sua mocidade. Uma lagrima deslisou pela sua face côr de cobre.

— Mãi, toma o arco de Pery ; enterra junto dos ossos de seu pai e queima a cabana de Ararê.

— Não ; si algum dia Pery voltar, achará a cabana de seu pai, e sua mãe para amal-o : tudo vai ficar triste até que a lua das flôres leve o filho de Ararê ao campo onde nasceu.

Pery abanou a cabeça com tristeza ;

— Pery não voltará !

Sua mãe fez um gesto de espanto e desespero.

— O fruto que cai da arvore não torna mais a ella ; a folha que se despega do ramo, murcha, secca e morre ; o vento a leva. Pery é a folha, tu és a arvore, mãe. Pery não voltará ao teu seio.

— A Virgem branca salvou tua mãe ; devia deixal-a morrer, para não lhe roubar seu filho. Uma mãe sem seu filho é uma terra sem agua ; queima e mata tudo que se chega a ella.

Estas palavras foram acompanhadas de um olhar de ameaça, em que se revelava a ferocidade do tigre que defende os seus cachorrinhos.

— Mãi, não offende a senhora ; Pery morreira, e na ultima hora não se lembraria de ti.

Os dois ficaram algum tempo em silencio.

— Tua mãe fica ! disse a india com um accento de resolução.

— E quem será a mãe da tribo ? Quem guardará a cabana de Pery ? Quem contará aos pequenos as guerras de Ararê, forte entre os mais fortes ? Quem dirá quantas vezes a nação goytacaz levou o fogo á taba dos brancos, e venceu os homens do raio ? Quem ha de preparar os vinhos e as bebidas para os guerreiros, e ensinar aos filhos os costumes dos velhos ?

Pery proferiu essas palavras com a exaltação, que despertavam nelle as reminiscencias de sua vida selvagem ; a india ficou pensativa e respondeu :

— Tua mãe volta ; vai te esperar na porta da cabana, á sombra do jambeiro ; si a flôr do jambo vier sem Pery, tua mãe não verá os frutos da arvore.

A india pousou as mãos sobre os hombros de seu filho, e encostou a fronte na fronte d'elle ; durante um momento as lagrimas, que saltavam dos olhos de ambos, se confundiram.

Depois ella afastou-se lentamente ; Pery seguiu-a com os olhos até que desapareceu na floresta : esteve a correr, chamal-a e partir com ella. Mas o vento lhe trazia a voz argentina de Cecilia que falava com seu pai ; ficou.

Nessa mesma noite construíra aquella pequena cabana que se via na ponta do rochedo, e que ia ser o seu mundo.

Passaram tres mezes.

Cecilia que um momento conseguíra vencer a repugnancia que sentia pelo selvagem, quando lhe ordenára que ficasse, não se lembrou da ingratidão que commettia e não disfarçou mais a sua antipathia.

Quando o indio chegava-se a ella, soltava um grito de susto ; ou fugia, ou ordenava-lhe que se retirasse ; Pery

que já falava e entendia o portuguez, afastava-se triste e humilde.

Entretanto a sua dedicação não se desmentia ; elle acompanhava a D. Antonio de Mariz nas suas excursões, ajudava-o com a sua experiencia, guiava-o aos logares onde havia terrenos auriferos ou pedras preciosas. De volta destas expedições corria todo o dia os campos para procurar um perfume, uma flôr, um passaro, que entregava ao fidalgo e pedia-lhe dêsse a *Cecy*, pois já não se animava a chegar-se para ella, com receio de desgostal-a.

Cecy era o nome que o indio dava á sua senhora, depois que lhe tinham ensinado que ella se chamava Cecilia.

Um dia a menina ouvindo chamar-se assim por elle e achando um pretexto para zangar-se contra o escravo humilde que obedecia ao seu menor gesto, reprehendeu-o com aspereza :

— Porque me chamas tu *Cecy* ?

O indio sorriu tristemente.

— Não sabes dizer Cecilia ?

Pery pronunciou claramente o nome da moça com todas as syllabas ; isto era tanto mais admiravel quanto a sua lingua não conhecia quatro letras, das quaes uma era o *L*.

— Mas então, disse a menina com alguma curiosidade, si tu sabes o meu nome, porque não o dizes sempre ?

— Porque *Cecy* é o nome que Pery tem dentro da alma.

— Ah ! é um nome de tua lingua ?

— Sim.

— O que quer dizer ?

— O que Pery sente.

— Mas em portuguez ?

— Senhora não deve saber.

A menina bateu com a ponta do pé no chão e fez um gesto de impaciencia.

D. Antonio passava ; Cecilia correu ao seu encontro :

— Meu pai, dizei-me o que significa *Cecy* nessa lingua selvagem que falais.

— *Cecy* !... disse o fidalgo procurando lembrar-se. Sim ! É um verbo que significa doer, magoar.

A menina sentiu um remorso ; reconheceu a sua ingratição, e lembrando-se do que devia ao selvagem e da maneira por que o tratava, achou-se má, egoista e cruel.

— Que doce palavra ! disse ella a seu pai ; parece um canto de passaro.

Desde esse dia foi boa para Pery ; pouco a pouco perdeu o susto ; começou a comprehender essa alma inculta ; viu nelle um escravo, depois um amigo fiel e dedicado.

— Chama-me *Cecy*, dizia ás vezes ao indio sorrindo-se ; este doce nome me lembrará que fui má para ti ; e me ensinará a ser boa.

Vol. II — 4ª Parte.

CAPITULO II

O SACRIFICIO

Pery comprehendêra o gesto da india ; não fez porém o menor movimento para segui-a.

Fitou nella o seu olhar brilhante e sorriu.

Por sua vez a menina tambem comprehendeu a expressão daquelle sorriso e a resolução firme e inabalavel que se lia na fronte serena do prisioneiro.

Insistiu por algum tempo, mas debalde. Pery tinha atirado para longe o arco e as flechas, e recostando-se ao tronco da arvore, conservava-se calmo e impassivel.

De repente o indio estremeceu.

Cecilia apparecêra no alto da esplanada, e lhe acenára ; sua mãosinha alva e delicada agitando-se no ar parecia dizer-lhe que esperasse ; Pery julgou mesmo ver no rostinho gentil de sua senhora, apezar da distancia, brilhar um raio de felicidade.

Quando com os olhos fitos naquella graciosa visão elle esforçava-se por adivinhar a causa de tão subita alegria, a india soltou um segundo grito selvagem, um grito terrível.

Tinha pela direcção do olhar do prisioneiro visto Cecilia sobre a esplanada ; tinha percebido o gesto da menina, e comprehendêra vagamente a razão por que Pery recusára a liberdade e o seu amor. Precipitou-se sobre o arco que estava atirado ao chão ; mas apesar da rapidez desse movimento, quando ella estendia a mão, já Pery tinha posto o pé sobre a arma.

A selvagem, com os olhos ardentes, os labios entreabertos, tremula de ciume e de vingança, levantou sobre o peito do indio a faca de pedra com que lhe cortára os laços ha pouco ; mas a arma cahiu-lhe da mão, e vacillando apoiou-se no seio que ameaçára.

Pery tomou-a nos braços, deitou-a sobre a relva, e sentou-se de novo junto ao tronco da arvore, tranquillo a respeito de Cecilia, que desapparecêra da esplanada e estava fóra de perigo.

Era a hora em que a sombra das montanhas sobe ás encostas, e o jacaré deitado sobre a areia se aquece aos raios do sol.

O ar estrugiu com os sons roucos da inubia e do maracá ; ao mesmo tempo um canto selvagem, o canto guerreiro dos Aymorés, misturou-se com a harmonia sinistra daquelles instrumentos asperos e retumbantes.

A india deitada junto da arvore sobresaltou-se ; e erguendo-se rapidamente, acenou ao prisioneiro mostrando-lhe a floresta e supplicando-lhe que fugisse. Pery sorriu como da primeira vez ; tomando a mão da menina a fez sentar perto d'elle, e tirou do pescoço a cruz de ouro que Cecilia lhe havia dado.

Então começou entre elle e a selvagem uma conversa por acenos de que seria difficil dar uma idéa.

Pery dizia á menina que lhe dava aquella cruz como uma lembrança, mas que só depois que elle morresse é que devia tiral-a do pescoço. A selvagem entendeu ou julgou entender o que Pery procurava exprimir symbolicamente, e beijou-lhe as mãos em signal de reconhecimento.

O prisioneiro obrigou-a a atar de novo os laços que o ligavam, e que ella no seu generoso impulso de dar-lhe a liberdade havia desfeito.

Nesse momento quatro guerreiros Aymorés dirigiram-se á arvore em que se achava Pery ; e segurando as pontas da corda o conduziram ao campo, onde tudo estava já preparado para o sacrificio.

O indio ergueu-se e caminhou com o passo firme e a fronte alta diante dos quatro inimigos, que não perceberam o olhar rapido que nessa occasião elle lançou ás pontas da sua tunica de algodão, torcidas em dois nós pequenos.

O campo cortado em ellipse no meio das arvores estava cercado por cento e tantos guerreiros armados em guerra e cobertos de ornatos de pennas.

No fundo as velhas, pintadas de listras negras e amarellas, de aspecto horrido, preparavam um grande brazido, lavavam a lage que devia servir de mesa, e afiavam as suas facas de ossos e lascas de pedra.

As moças, grupadas de um lado guardavam os vasos cheios, de vinho e bebidas fermentadas, que offereciam aos guerreiros quando estes passavam diante dellas entoando o canto de guerra dos Aymorés.

A menina que fôra incumbida de servir ao prisioneiro, e o acompanhára ao lugar do sacrificio, conservava-se a alguma distancia, e olhava tristemente todos esses preparativos ; pela primeira vez seu instincto natural parecia

revelar-lhe a atrocidade desse costume tradicional de seus pais, a que ella tantas vezes assistira com prazer.

Agora que ia representar como heroina no drama terrivel, e como esposa do prisioneiro devia acompanhal-o até o momento supremo, insultando-lhe a dôr e a desgraça, o seu coração confrangia-se ; porque realmente amava Pery, tanto quanto amar era possivel a uma natureza como a sua.

Chegados ao campo, os selvagens que conduziam o prisioneiro passáram as pontas da corda ao tronco de duas arvores, e esticando o laço o obrigáram a ficar immovel no meio do terreiro. Os guerreiros desfilaram em roda entoando o canto da vingança ; as inubias retroaram de novo ; os gritos confundíram-se com o som dos maracás, e tudo isto formou um concerto horrivel.

A' medida que se animavam, a cadencia apressava-se, de modo que a marcha triumphal dos guerreiros se tornava uma dansa macabra, uma corrida veloz, uma valsa fantastica, em que todos esses vultos horrendos, cobertos de pennas que brilhavam á luz do sol, passavam como espiritos satanicos envoltos na chamma eterna.

A cada volta que fazia esse sabbat, um dos guerreiros destacava-se do circulo, e adiantando-se para o prisioneiro o desafiava ao combate, e conjurava-o a que dêsse provas de sua coragem, de sua força e de seu valor.

Pery, sereno e altivo, recebia com um soberbo desdem a ameaça e o insulto, e sentia um certo orgulho pensando que no meio de todos aquelles guerreiros fortes e armados, elle, o prisioneiro, o inimigo que ia ser sacrificado, era o verdadeiro, o unico vencedor.

Talvez pareça isto incomprehensivel ; mas o facto é que Pery o pensava, e que só o segredo que elle guardava no fundo de sua alma podia explicar a razão desse pensamento e a tranquillidade com que esperava o supplicio.

A dansa continuava no meio dos cantos, dos alaridos e das constantes libações, quando de repente tudo emudeceu, e o mais profundo silencio reinou no campo dos Aymorés.

Todos os olhos se voltáram para uma cortina de folhas que occultava uma especie de cabana selvagem, construida a um lado do campo em face do prisioneiro.

Os guerreiros se afastáram, as folhas se abriram, e entre aquellas franjas de verdura assomou o vulto gigantesco do velho cacique. Duas pelles de tapir ligadas sobre os hombros cobriam seu corpo como uma tunica ; um grande cocar de pennas escarlates ondeava sobre a sua cabeça, e realçava-lhe a grande estatura.

Tinha o rosto pintado de uma côr esverdeada e oleosa, e o pescoço cingido de uma colleira feita com as pennas brilhantes do tucano ; no meio desse aspecto horrendo os seus olhos brilhavam como dois fogos vulcanicos no seio das trevas. Trazia na mão esquerda a tagapema coberta de plumas resplandecentes, e amarrada ao punho direito uma especie de busina formada de um osso enorme da canella de algum inimigo morto em combate.

Chegando á entrada do campo, o velho selvagem levou á boca o seu instrumento barbaro, e tirou d'elle um som estrondoso ; os Aymorés saudáram com gritos de alegria e de enthusiasmo o apparecimento do vencedor.

Ao cacique cabía a honra de ser o algoz da victima, o matador do prisioneiro ; seu braço devia consumir a grande obra da vingança, esse sentimento que constituia para aquelles povos fanaticos a verdadeira gloria.

Apenas cessáram as acclamações com que foi acolhida a entrada do vencedor, um dos guerreiros que o acompanhavam adiantou-se e fincou na extrema do

campo uma estaca destinada a receber a cabeça do inimigo, logo que ella fosse decepada do corpo.

Ao mesmo tempo a joven india que servia de esposa ao prisioneiro, tirou o tacape que pendia do hombro de seu pai, e caminhando para Pery desligou-lhe os braços e offereceu-lhe a arma, fitando nelle um olhar triste, ardente e cheio de amarga exprobração.

Nesse olhar dizia-lhe que si tivesse aceitado o amor que lhe offerecêra, e com o amor a vida e a liberdade, ella não seria obrigada pelo costume tradicional de sua nação a escarnecer assim da sua morte.

Com effeito esse offerecimento que os selvagens faziam ao prisioneiro de uma arma para se defender, era uma ironia cruel; ligado pelo laço que o prendia, immovel pela tensão da corda, de que lhe servia vibrar o tacape no ar, si não podia attingir os inimigos?

Pery aceitou a arma que a menina lhe trazia; calcando-a aos pés cruzou os braços e esperou o cacique, que avançava lentamente, terrivel e ameaçador.

Chegado em face do prisioneiro, a physionomia do velho esclareceu-se com um sorriso feroz, reflexo dessa embriaguez do sangue, que dilata as narinas do jaguar prestes a saltar sobre a presa.

— Sou teu matador! disse em guarany.

Pery não se admirou ouvindo a sua bella lingua adulterada pelos sons roucos e gutturaes que saham dos labios do selvagem.

— Pery não te teme!

— És Goytacaz?

— Sou teu inimigo!

— Defende-te!

O indio sorriu:

— Tu não mereces.

Os olhos do velho fuzilaram de raiva : a mão cerrou o punho da tagapema ; mas elle reprimiu logo o assomo da colera.

A esposa do prisioneiro atravessou o campo e offereceu ao vencedor um grande vaso de barro vidrado cheio de vinho de ananaz ainda espumante.

O selvagem virou de um trago a bebida aromatica, e endireitando o seu alto talhe, lançou ao prisioneiro um olhar soberbo :

— Guerreiro Goytacaz, tu és forte e valentè ; tua nação é temida na guerra. A nação Aymoré é forte entre as fortes, valente entre as mais valentes. Tu vais morrer.

O côro dos selvagens respondeu a essa especie de canto guerreiro, que preludiava o tremendo sacrificio.

O velho continou :

— Guerreiro Goytacaz, tu és prisioneiro ; tua cabeça pertence ao guerreiro Aymoré ; teu corpo aos filhos de sua tribu ; tuas entranhas servirão ao banquete da vingança. Tu vais morrer.

Os gritos dos selvagens responderam de novo : e o canto se prolongou por muito tempo lembrando os feitos gloriosos da nação Aymoré, e as acções de valor de seu chefe.

Emquanto o velho falava, Pery o escutava com a mesma calma e impassibilidade ; nem um dos musculos do seu rosto trahia a menor emoção ; seu olhar limpo e sereno ora fitava-se no rosto do cacique, ora volvia-se pelo campo examinando os preparativos do sacrificio.

Apenas quem o observasse veria que de braços cruzados como estava, uma das mãos desfazia imperceptivelmente um dos nós que havia na ponta de seu saio de algodão.

Quando o velho acabou de falar, encarou o prisioneiro, e recuando dois passos elevou lentamente a pesada clava que empunhava na mão esquerda. Os Aymorés anciosos esperavam ; as velhas com as suas navalhas de pedra estremeciam de impaciencia ; as jovens indias sorriam, enquanto a noiva do prisioneiro voltava o rosto para não ver o espectáculo horrivel que ia apresentar-se.

Nesse momento Pary levando as duas mãos aos olhos cobriu o rosto, e curvando a cabeça ficou algum tempo nessa posição, sem fazer um movimento que revelasse a menor perturbação.

O velho sorriu.

— Tens medo !

Ouvindo estas palavras, Pery ergueu a cabeça com ar senhoril. Uma expressão de jubilo e serenidade irradiava no seu rosto ; dir-se-hia o extase dos martyres da religião que na ultima hora, atravez do tumulo, entrevêm a felicidade suprema.

A alma nobre do indio prestes a deixar a terra parecia exhalar-se já do seu involucro ; e pousando nos seus labios, nos seus olhos, na sua frente, esperava o momento de lançar-se no espaço para ir se abrigar no seio do Creador.

Erguendo a cabeça, fitou os olhos no céu, como si a morte que ia cair sobre elle fosse uma visão encantadora que descesse das nuvens sorrindo-lhe. Era que nesse ultimo sonho da existencia via a linda imagem de Cecilia, feliz, alegre e contente ; via sua senhora salva.

— Fere !... disse Pery ao velho cacique.

Os instrumentos retumbáram de novo ; os gritos e os cantos se confundiram com aquelles sons roucos, e reboáram pela floresta como o trovão rolando pelas nuvens.

A tagapema coberta de plumas girou no ar scintilando aos raios de sol que feriam as côres brillantes.

No meio desse turbilhão ouviu-se um estrondo, uma ancia de agonisante e o baque de um corpo : tudo isto confusamente, sem que no primeiro instante se pudesse perceber o que havia passado.

Vol. II — 4ª Parte .

CAPITULO III

SORTIDA

O estrondo que se ouviu, fôra causado por um tiro que partiu d'entre as arvores.

O velho Aymoré vacillou ; seu braço que vibrava o tacape com uma força herculea, cahiu inerte, o corpo abateu-se como o ipê da floresta cortado pelo raio.

A morte tinha sido quasi instantanea ; apenas um estertor de agonia resoou no seu peito largo e ainda ha pouco vigoroso : cahíra já cadaver.

Emquanto os selvagens permaneciam extaticos diante do que se passava, Alvaro com a espada na mão e a clavina ainda fumegante precipitava-se no meio do campo. De dois talhos rapidos cortou os laços de Pery, e com as evoluções de sua espada conteve os selvagens, que voltando a si cahiam sobre elle bramindo de furor.

Immediatamente ouviu-se uma descarga de arcabuzes ; dez homens destemidos tendo á sua frente Ayres Gomes saltáram por sua vez com a arma em punho, e

começaram a talhar de alto a baixo a grandes golpes de espada.

Não pareciam homens, e sim dez demonios, dez maquinas de guerra vomitando a morte de todos os lados ; enquanto a mão direita imprimia á lamina da espada mil voltas, que eram outros tantos golpes terriveis, a esquerda jogava a adaga com dextreza e segurança admiravel.

O escudeiro e seus homens tinham feito um semicirculo em roda de Alvaro e de Pery, e apresentavam uma barreira de ferro e fogo ás ondas de inimigos que bramiam, recuavam, e lançavam-se de novo quebrando-se de encontro a esse dique.

No curto instante que mediou entre a morte do cacique e o ataque dos aventureiros, Pery de braços cruzados olhava impassivel para tudo o que se passava em torno d'elle. Comprehendia então o gesto que sua senhora ha pouco lhe fizera do alto da esplanada, e o raio de esperança e de alegria que elle julgára ver brilhar no seu semblante.

Com effeito no primeiro momento de afflicção Cecilia se lançára para ver o indio, chamal-o ainda, e supplicar-lhe mesmo que não expozesse a sua vida inutilmente.

Não tendo mais visto Pery, a menina sentiu um desespero cruel ; voltou-se para seu pai, e com as faces orvalhadas de lagrimas, com o seio anhelante, com a voz cheia de angustia, pediu-lhe que salvasse Pery.

D. Antonio de Mariz, antes que sua filha lhe fizesse esse pedido, já tinha se lembrado de chamar os seus companheiros fieis, e seguido por elles correr contra o inimigo, e livrar o indio da morte certa e inevitavel que procurava.

Mas o fidalgo era homem de uma lealdade e de uma generosidade a toda a prova ; sabia que aquella empreza era de um risco immenso, e não queria obrigar os seus

companheiros a partilhar um sacrificio que elle só faria de bom grado á amizade que votava a Pery.

Os aventureiros que se haviam decidido com tanta constancia á salvação de sua familia, não tinham as mesmas razões para se arriscarem por causa de um homem que não pertencia á sua religião, e que não tinha com elles o menor laço de communidade.

D. Antonio de Mariz perplexo, irresoluto entre a amizade e o seu escrupulo generoso, não soube o que responder á sua filha ; procurou consolal-a, afflicto por não poder satisfazer immediatamente a sua vontade.

Alvaro, que contemplava esta scena pungente a alguma distancia, no meio dos aventureiros fieis e dedicados que tinha sob suas ordens, tomou repentinamente uma resolução.

Seu coração partia-se vendo Cecilia soffrer ; e embora amasse Isabel, a sua alma nobre sentia ainda pela mulher a quem votára os seus primeiros sonhos, uma affeição pura, respeitosa, uma especie de culto.

Era uma cousa singular na vida dessa menina ; todas as paixões, todos os sentimentos que a envolviam soffriam a influencia de sua innocencia, e iam a pouco e pouco depurando-se e tomando um quer que seja de ideal, um cunho de adoração.

O mesmo amor ardente e sensual de Loredano, quando se tinha visto em face della, adormecida na sua casta isenção, emmudecêra e hesitára um momento si devia manchar a santidade do seu pudor.

Alvaro trocou com os aventureiros algumas palavras : e dirigiu-se para o grupo que formavam D. Antonio de Mariz e sua filha.

— Consolai-vos, D. Cecilia ; disse o moço, e esperai !
A menina fitou nelle os seus olhos azues cheios de reco-

nhecimento ; aquella palavra era ao menos uma esperança.

— Que contais fazer ? perguntou D. Antonio ao cavalleiro.

— Tirar Pery das mãos do inimigo !

— Vós !... exclamou Cecilia.

— Sim, D. Cecilia, disse o moço ; aquelles homens dedicados vendo a vossa afflicção sentíram-se commovidos e desejam poupar-vos uma justa mágua.

Alvaro attribuia a generosa iniciativa aos seus companheiros, quando elles não tinham feito sinão acceital-a com enthusiasmo.

Quanto a D. Antonio de Mariz, sentíra uma intima satisfação ouvindo as palavras do moço : seus escrupulos cessavam desde que seus homens espontaneamente se offerciam para realisar aquella difficil empreza.

— Cedereis uma parte dos nossos homens ; quatro ou cinco me bastam ; continuou o moço dirigindo-se ao fidalgo ; ficareis com o resto para defender-vos no caso de algum ataque imprevisto.

— Não ; respondeu D. Antonio ; levai-os todos, já que se prestam a essa tão nobre acção, que não me animava a exigir de sua coragem. Para defender a minha filha, basto eu, apezar de velho.

— Desculpai-me, Sr. D. Antonio, replicou Alvaro ; mas é uma imprudencia a que me opponho ; pensai que a dois passos de vós existem homens perdidos, que nada respeitam, e que espiam o momento de fazer-vos mal.

— Sabeis si prezo e estimo esse thesouro cuja guarda me foi confiada por Deus. Julgais que haja neste mundo alguma cousa que me faça expol-o a um novo perigo ? Acreditai-me : D. Antonio de Mariz, só, defenderá sua familia, emquanto vós salvareis um bom e nobre amigo.

— Confiais demasiado em vossas forças !...

— Confio em Deus, e no poder que elle collocou em minha mão : poder terrivel, quando chegar o momento, fulminará todos os nossos inimigos com a rapidez do raio.

A voz do velho fidalgo pronunciando estas palavras tinha-se revestido de uma solemnidade imponente ; o seu rosto illuminou-se com uma expressão de heroismo e de magestade que realçou a belleza severa do seu busto veneravel.

Alvaro olhou com uma admiração respeitosa o velho cavalheiro enquanto Cecilia, pallida e palpitante das emoções que sentira, esperava com anciedade a decisão que iam tomar.

O moço não insistiu e sujeitou-se á vontade de D. Antonio de Mariz :

— Obedeço-vos ; iremos todos e voltaremos mais prontos.

O fidalgo apertou-lhe a mão.

— Salvai-o !

— Oh ! sim, exclamou Cecilia, salvai-o, Sr. Alvaro.

— Juro-vos, D. Cecilia, que só a vontade do céo fará que eu não cumpra a vossa ordem.

A menina não achou uma palavra para agradecer essa generosa promessa ; toda a sua alma partiu-se n'um sorriso divino.

Alvaro inclinou-se diante della ; foi juntar-se aos aventureiros, e deu-lhes ordem de se prepararem para partir. Quando o moço entrou na sala então deserta para tomar as suas armas, Isabel, que já sabia do seu projecto, correu a elle pallida e assustada.

— Ides bater-vos ? disse ella com a voz tremula.

— Em que isto vos admira ? Não nos batemos todos os dias com o inimigo !

— De longe !... Defendidos pela posição ! Mas agora é diferente !

— Não vos assusteis. Isabel! Daqui a uma hora estarei de volta.

O moço passou a clavina a tiracollo e quiz sahir.

Isabel tomou-lhe as mãos com um movimento arrebatado ; seus olhos scintillavam com um fogo estranho ; suas faces estavam incendiadas de vivo rubor.

O moço procurou tirar as mãos daquella pressão ardente e apaixonada :

— Isabel, disse elle com uma doce exprobração ; quereis que falte á minha palavra, que recúe diante de um perigo?

— Não ! Nunca eu vos pediria semelhante cousa. Era preciso que não vos conhecesse, e que não... vos amasse !...

— Mas então deixai-me partir.

— Tenho uma graça a supplicar-vos.

— De mim ?... Neste momento ?

— Sim ! Neste momento !... Apesar do que me dizieis ha pouco, apesar do vosso heroismo, sei que caminhais a uma morte certa, inevitavel.

A voz de Isabel tornou-se balbuciante :

— Quem sabe... si nos veremos mais neste mundo ?!

— Isabel !... disse o moço querendo fugir para evitar a commoção que se apoderava delle.

— Promettestes fazer-me a graça que vos pedi.

— Qual ?

— Antes de partir, antes de me dizer adeus para sempre...

A moça fitou no cavalheiro um olhar que fascinava.

— Falai !... falai !...

— Antes de nos separarmos, eu vos supplico, deixai-me uma lembrança vossa !... Mas uma lembrança que fique dentro de minha alma !

E a menina cahiu de joelhos aos pés de Alvaro, occultando seu rosto que o pudor revoltado em luta com a paixão cobria de um brillante carmim.

Alvaro ergueu-a confusa e vergonhosa do que tinha feito, e chegando os labios ao ouvido proferiu, ou antes murmurou uma phrase.

O semblante de Isabel expandiu-se; uma aureola de ventura cingiu a sua frente; seu seio dilatou-se, e respirou com a embriaguez do coração feliz.

— Eu te amo!

Era a phrase que Alvaro deixára cahir na sua alma, e que a enchia toda como um effluvio celeste, como um canto divino que resoava nos seus ouvidos e fazia palpitar todas as suas fibras.

Quando ella sahiu desse extase, o moço tinha sahido de sala, e unia-se aos seus companheiros prontos a marchar.

Foi nessa occasião que Cecilia, chegando imprudentemente á palissada, fez a Pery um aceno que lhe dizia esperasse.

A pequena columna partiu commandada por Alvaro e por Ayres Gomes, que depois de tres dias não deixava o seu posto dentro do gabinete do fidalgo.

Quando os bravos combatentes desaparecêram na floresta, D. Antonio de Mariz recolheu-se com sua família para a sala, e sentando-se na sua poltrona esperou tranquillamente. Não mostrava o menor temor de ser atacado pelos aventureiros revoltados, que estavam a alguns passos de distancia apenas, e que não deixariam de aproveitar um ensejo tão favoravel.

D. Antonio tinha a este respeito uma completa segurança; tendo fechado as portas e examinado a escorva de suas pistolas, recommendou silencio, afim de que nem um rumor lhe escapasse.

Vigilante e attento, o fidalgo reflectia ao mesmo tempo sobre o facto que se acabava de passar, e que o tinha profundamente impressionado.

Conhecia Pery e não podia comprehender como o indio, sempre tão intelligente e tão perspicaz, se deixara levar por uma louca esperança a ponto de ir elle só atacar os selvagens.

A extrema dedicação do indio por sua senhora, o desespero da posição em que se achavam, podia explicar essa allucinação, si o fidalgo não soubesse quanto Pery tinha a calma, a força e o sangue-frio que tornam o homem superior a todos os perigos. O resultado de suas reflexões foi que havia no procedimento de Pery alguma cousa que não estava clara e que devia explicar-se mais tarde.

Ao passo que elle se entregava a esses pensamentos, Alvaro tinha feito uma volta, e favorecido pela festa dos selvagens se approximára sem ser percebido.

Quando avistou Pery a algumas braças de distancia, o velho cacique levantava a tagapema sobre a sua cabeça.

O moço levou a clavina ao rosto ; e a bala sibilando foi atravessar o craneo do selvagem.

Vol. II — 4ª Parte

CAPITULO IV

REVELAÇÃO

Apenas Alvaro, com a chegada dos seus companheiros, viu-se livre dos inimigos que o atacavam, voltou a Pery, que assistia immovel a toda esta scena.

— Vinde ! disse o moço com autoridade.

— Não ! respondeu o indio friamente.

— Tua senhora te chama !

Pery abaixou a cabeça com uma profunda tristeza.

— Dize á senhora, que Pery deve morrer ; que vai morrer por ella. È tu parte, porque sinão seria tarde.

Alvaro olhou a physionomia intelligente do indio para ver si descobria nella algum signal de perturbação de espirito : porque o moço não comprehendia, nem podia comprehender a causa desta obstinação insensata.

O rosto de Pery, calmo e sereno, não lhe deixou ver sinão uma resolução firme, inabalavel, tanto mais profunda quanto se mostrava sob uma apparencia de socego e tranquillidade.

— Assim, tu não obedeces á tua senhora ?

Pery custou a arrancar a palavra dos labios :

— A ninguem.

Quando pronunciava esta palavra, um grito fraco soou ao lado d'elle ; voltando-se viu a india que lhe haviam destinado por esposa cahindo atravessada por uma flecha.

O tiro fôra destinado a Pery por um dos selvagens ; e a menina lançando-se para cobrir o corpo daquelle que amára uma hora, recebêra a seta no peito.

Seus olhos negros, desmaiados pelas sombras da morte, volvêrão a Pery um ultimo olhar ; e cerrando tornáram a abrir-se, já sem vida e sem brilho. Pery sentiu um movimento de piedade e sympathia vendo essa victima de sua dedicação, que como elle sacrificava sem hesitar a sua existencia para salvar aquelle a quem amava.

Alvaro nem se apercebeu do que acabava de passar ; lançando um olhar para seus homens que batiam-se valentemente com os Aymorés fez um aceno a Ayres Gomes.

— Escuta, Pery ; tu sabes si costume cumprir a minha palavra. Jurei a Cecilia levar-te ; e ou tu me acompanhas, ou morreremos todos neste lugar.

— Faze o que quizeres ! Pery não sahirá d'aqui.

— Vês estes homens ?... são os unicos defensores que restam á tua senhora ; si todos elles morrem, bem sabes que é impossivel que ella se salve.

Pery estremeceu. Ficou um momento pensativo ; depois, sem dar tempo a que o seguissem, lançou-se entre as arvores.

D. Antonio de Mariz e sua familia, tendo ouvido os tiros dos arcabuzes, esperavam com anciedade o resultado da expedição.

Dez minutos haviam decorrido na maior impaciencia, quando sentiram tocar na porta, e ouviram a voz de Pery ;

Cecilia correu, e o indio ajoelhou-se a seus pés pedindo-lhe perdão.

O fidalgo, livre do pezar de perder um amigo, assumira a sua costumada severidade, como sempre que se tratava de uma falta grave.

— Commetteste uma grande imprudencia, disse elle ao indio; fizeste soffrer teus amigos; expuzeste a vida daquelles que te amam; não precisas de outra punição além desta.

— Pery ia salvar-te!

— Entregando-te nas mãos do inimigo?

— Sim!

— Fazendo-te matar por elles?

— Matar e...

— Mas qual era o resultado dessa loucura?

O indio calou-se.

— É preciso explicar-te, para que não julguemos que o amigo intelligente e dedicado de outrora tornou-se um louco e um rebelde.

A palavra era dura; e o tom em que foi dita ainda aggravava mais a reprehensão severa que ella encerrava.

Pery sentiu um lagrima humecer-lhe as palpebras:

— Obrigas Pery a dizer tudo!

— Deves fazel-o, si desejas rehabilitar-te na estima que te votava, e que sinto perder.

— Pery vai falar.

Alvaro entrava nesse momento tendo deixado no alto da esplanada os seus companheiros já livres de perigo e quites por algumas feridas que não eram felizmente muito graves.

Cecilia apertou as mãos do moço com reconhecimento; Isabel enviou-lhe n'um olhar toda a sua alma.

As pessoas presentes se grupáram ao redor da poltro-

na de D. Antonio, em face do qual Pery de pé com a cabeça baixa, confuso e envergonhado como um criminoso, ia justificar-se.

Dir-se-hia que confessava uma acção indigna e vil: ninguém adivinhava que sublime heroismo, que concepção gigantesca havia nesse acto, que todos condemnavam como uma loucura.

Elle começou :

« Quando Ararê deitou o seu corpo sobre a terra para não tornar a erguel-o, chamou Pery e disse :

« Filho de Ararê, teu pai vai morrer ; lembra-te que tua carne é a minha carne ; que teu sangue é meu sangue, Teu corpo não deve servir ao banquete do inimigo.

« Ararê disse, e tirou suas contas de frutos, que deu a seu filho ; estavam cheias de veneno ; tinham nellas a morte.

« Quando Pery fosse prisioneiro, bastava quebrar um fruto, e ria do vencedor que não se animaria a tocar no seu corpo.

« Pery viu que a senhora soffria e olhou as suas contas ; teve uma ideia ; a herança de Ararê podia salvar a todos.

« Si tu deixasses fazer o que queria, quando a noite viesse não acharia um inimigo vivo ; os brancos e os indios não te offenderiam mais. »

Toda a familia ouvia esta narração com uma surpresa extraordinaria ; comprehendiam que havia em tudo isto uma arma terrivel, — o veneno ; mas não podiam saber os meios de que o indio se servira ou pretendia servir-se para usar desse agente de destruição.

— Acaba ! disse D. Antonio ; por que modo contavas então destruir o inimigo ?

— Pery envenenou a agua que os brancos bebem, e o

seu corpo, que devia servir ao banquete dos Aymorés !

Um grito de horror acolheu essas palavras ditas pelo indio em um tom simples e natural.

O plano que Pery combinára para salvar seus amigos, acabava de revelar-se em toda a sua abnegação sublime, e com o cortejo de scenas terriveis e monstruosas que deviam acompanhar a sua realização.

Confiado nesse veneno que os indios conheciam com o nome de *curaré*, e cuja fabricação era um segredo de algumas tribus, Pery com a sua intelligencia e dedicação descobrira um meio de vencer elle só aos inimigos, apesar do seu numero e da sua força.

Sabia a violencia e o effeito pronto daquella arma que seu pai lhe confiára na hora da morte ; sabia que bastava uma pequena parcella desse pó subtil para destruir em algumas horas a organização a mais forte e a mais robusta. O indio resolveu pois usar desse poder que na sua mão heroica ia tornar-se um instrumento de salvação, e o agente de um sacrificio tremendo feito á amizade.

Dois frutos bastáram ; um serviu para envenenar a agua e as bebidas dos aventureiros revoltados ; o outro acompanhou-o até o momento do supplicio, em que o passou da mão aos seus labios.

Quando o cacique vendo-o cobrir o rosto perguntou-lhe si tinha medo, Pery acabava de envenenar o seu corpo, que devia d'ahi a algumas horas ser um germen de morte para todos esses guerreiros bravos e fortes.

O que porém dava a esse plano um cunho de grandeza e de admiração, não era sómente o heroismo do sacrificio ; era a belleza horrivel da concepção, era o pensamento

superior que ligára tantos acontecimentos, que os submettêra á sua vontade, fazendo-os succeder-se naturalmente e caminhar para um desfecho necessario e infallivel.

Porque, é preciso notar, a menos de um facto extraordinario, desses que a previdencia humana não póde prevenir, Pery quando sahiu da casa tinha a certeza de que as cousas se passariam como de facto se passáram.

Atacando os Aymorés, a sua intenção era excital-os á vingança ; precisava mostrar-se forte, valente, destemido, para merecer que os selvagens o tratassem como um inimigo digno de seu odio. Com a sua dextreza e com a precaução que tomára tornando o seu corpo impenetravel, contava evitar a morte antes de poder realizar o seu projecto ; quando mesmo cahisse ferido, tinha tempo de passar o veneno aos labios.

A sua previsão porém não o illudiu ; tendo conseguido o que desejava, tendo excitado a raiva dos Aymorés, quebrou a sua arma, e supplicou a vida ao inimigo ; foi de todo o sacrificio o que mais lhe custou.

Mas assim era preciso ; a vida de Cecilia o exigia ; a morte que o havia respeitado até então podia surprender-o ; e Pery queria ser feito prisioneiro, como foi, e contava ser.

O costume dos selvagens, de não matar na guerra o inimigo e de captival-o para servir ao festim da vingança, era para Pery uma garantia e uma condição favoravel á execução do seu projecto.

Quanto á peripecia final, que a intervenção de Alvaro obstára, não fôra esse incidente imprevisto, e seria igualmente infallivel.

Segundo as leis tradicionaes do povo barbaro, toda a tribu devia tomar parte no festim ; as mulheres moças

tocavam apenas na carne do prisioneiro, mas os guerreiros a saboreavam como um manjar delicado, adubado pelo prazer da vingança, e as velhas com a gula feroz das harpias que se cevavam no sangue de suas victimas.

Pery contava pois com toda a segurança que dentro de algumas horas o corpo envenenado da victima levaria a morte ás entranhas de seus algozes, e que elle só destruiria toda uma tribu, grande, forte, poderosa, apenas com o auxilio dessa arma silenciosa.

Póde-se agora comprehender qual tinha sido o seu desespero vendo esse plano inutilisado ; depois de ter desobedecido á sua senhora, depois de haver tudo realizado, quando só faltava o desfecho, quando o golpe que ia salvar a todos cahia, mudar-se de repente a face das cousas, e ver destruida a sua obra, filha de tanta meditação !

Ainda assim quiz resistir, quiz ficar, esperando que os Aymorès continuariam o sacrificio ; mas conheceu que a resolução de Alvaro era inabalavel como a sua ; que ia ser causa da morte de todos os defensores fieis de D. Antonio, sem ter já a certeza de sua salvação.

No primeiro momento que succedeu á confissão de Pery, todos os actores dessa scena, pallidos, tomados de espanto e de terror, com os olhos cravados no indio, duvidavam ainda do que tinham ouvido ; o espirito horrorisado não formulava uma ideia ; os labios tremulos não achavam uma palavra.

D. Antonio foi o primeiro que recobrou a calma ; no meio da admiração que lhe causava aquella acção heroica, e das emoções produzidas por essa ideia ao mesmo tempo sublime e horrivel, uma circumstancia o tinha sobretudo impressionado.

Os aventureiros iam ser victimas do envenenamento ; e

por maior que fosse o gráu de baixaza e aviltamento a que tinham descido esses homens pela sua traição, a nobreza do fidalgo não podia soffrer semelhante homicidio.

Elle os puniria a todos com a morte ou com o desprezo, essa outra morte moral ; mas o castigo na sua opinião elevava a morte á altura de um exemplo ; enquanto que a vingança a fazia descer ao nivel do assassinato.

— Vai, Ayres Gomes, gritou D. Antonio ao seu escudeiro ; corre e previne a esses desgraçados, si ainda é tempo !

AS MINAS DE PRATA *

Vol. III

CAPITULO XVI

A ESPHINGE DO DRAMA NO DESERTO

Magestoso assoma o astro rei.

O deserto enche-se de luz e vida.

Desdobram-se a perder de vista as vastas planicies que formam o dorso da gigantesca serrania, e a cobrem, como pellos de hirsuta fera, as densas e sombrias florestas virgens.

O velho pagé lá está acororado na crista do rochedo. A seus pés corre aos saltos o caudaloso rio, que de repente tolhido no arrojo por uma mole de granito, empina e bo-

* Deste romance, por muito complexo e travado entre multiplos personagens, não é possivel dar um resumo em poucas linhas. Nem é preciso esse summario para o sentido deste capitulo, no qual são raras as referencias ás figuras do livro e aos seus episodios.

lea-se como um indomito corcel, precipitado do alcantil, montanha abaixo.

Immovel e estreitamente ligado ao negro rochedo como uma continuação d'elle, o selvagem ancião parece algum idolo americano, que o rude labor dos aborigenes houvesse lavrado no pincaro da rocha, deixando-o assente em seu pedestal nativo. As longas e alvas cans espargem-se pelas espaldas, como os frocos de espuma que desfiam na lomba do penedo.

Do rosto seu, lhe ficou a fronte nua e proeminente, onde os raios sol nascente batem de chapa; o resto das feições somem as rugas profundas que os annos cavaram naquella tez negra e requeimada.

Não é mais physionomia humana; as revoluções da vida a desfiguraram inteiramente, como os cataclismos transformam o risonho valle em um brejo cheio de tremedaes e corcovas. As phosphorecencias, que á noite luzem dessas profundas charnechas, são os fulgores dos olhos fugidos pelas orbitas.

Esses olhos, tão fortes ainda, que se affrontam com os esplendores do sol, o velho pagé ora os põe no chão, onde a terra fórma como um alveo abandonado pelo rio, ora os estende pelo horizonte alem, como si devassassem a incommensuravel distancia.

Que viam elles nesses pontos extremos?

Ali naquella areia, que outrora humedeciam as aguas do caudaloso rio, scintillam frouxamente aos raios do sol nascente miriadas de pequenas pedras brancas da feição de pingos de cristal. Deus semeára o diamante em abundancia ahi, bem longe da ambição humana, que mais tarde devia ir arrancar-o de seu leito ignorado. O velho, que nesse momento as contempla desdenhosamente de cima do rochedo, sabe acaso que tem a seus pés riqueza

maiores do que nunca possuíram reis da terra ?

Longe, no horizonte sem limites, não ha mais que o espaço infinito ; mas os olhos do pagé vêm um vulto de mancebo armado que avança pelo sertão em busca da serrania ; o caminho é arduo, o passo tardio. A alma do velho aneia para attrahir mais rapido o esperado guerreiro , porque sente que a vida se escoo lentamente do corpo decrepito.

Quem sabe si o pagé não viu nascer o seu ultimo sol ?

Eis o que os olhos do velho contemplavam, ali no sopé do rochedo, e alem, nos confins do horizonte. Mas a mysteriosa ligação entre os thesouros e o desconhecido guerreiro só a poderá saber quem penetrar em sua alma.

A historia é verdadeira, porém extranha.

Havia mais de meio seculo.

Abaré, o grande pagé dos Tupis, vendo seu povo expulso das formosas ribeiras de Paraguassú e Maragogipe pelo feroz emboaba ; suas tribus dispersas e foragidas, seus filhos cativos do estrangeiro ; cobriu-se de luto. Mas Tupan lhe falára á noite, na hora dos sonhos, e elle fôra de taba em taba, rugindo o maracá por todo o valle ou montanha, onde resoava a doce lingua da valente raça.

— Guerreiro de Tupan, dizia elle ; não vistes as aguas do grande rio em sua nascença ? São pequenas correntes, que uma sede de tapir estanca ; um formigueiro basta para lhes fazer voltar o rosto. Mas quando se unem, nada resiste á torrente impetuosa que vai escalando os rochedos, e traspassa o seio do mar como a seta vossa traspassa o peito do guerreiro inimigo. Eis o que Tupan mandou que vos dissesse !

— Pagé, ensina o sentido das palavras de Tupan ! exclamavam os guerreiros.

— Uni-vos como as aguas do grande rio, e então precipitai-vos sobre as tabas dos brancos, porque sereis invenciveis como a torrente veloz !

Assim caminhou Abaré de povo em povo, concitando a grande raça á guerra sagrada ; mas suas palavras cahiram no chão, como a semente na terra safara, e não deram fructo ; apenas uma flôr fanada, que logo mirrou.

As tribus continuaram a viver dispersas pelo sertão, e a formidavel nação tupinambá, a que pertencia o pagé, emigrou atravez das florestas para o immenso valle do Amazonas, berço de sua raça. Abaré a acompanhou até aos pincaros da cordilheira que cingia a terra de seus pais ; ali parou.

Viu seu povo descer as vertentes orientaes da serrania ; mas do lado opposto se dilatavam os campos de sua infancia, as florestas a cuja sombra descansavam as cinzas dos seus maiores, a patria do velho, ao qual já não restam flores para semear em terra extranha. Sentiu que seus pés tinham raizes profundas naquelle chão, e que seu corpo dormiria melhor á vista daquelles horizontes venerados.

Deixou pois que o ultimo dos tupinambás desaparecesse longe entre as arvores ; e quando já não se ouvia o canto das mulheres cadenciado com o passo dos guerreiros, ergueu-se elle em busca de um abrigo para a noite. Beirando o rio chegou a uma profunda garganta da montanha, onde o chão fugia de repente, deixando apenas para conter as aguas em seu leito uma estreita muralha de rocha.

Os olhos de Abaré, como os do animal nocturno, deleitavam-se com o aspecto desse abysmo cheio de sombra e silencio. Elle desceu pelas escarpas do rochedo até onde abria-se uma fenda coberta de limo e parasitas. O borbo-

rinho surdo, que exhalava d'ali, como de um caramujo, fazia suppor a entrada eliptica de alguma gruta profunda. O velho pagé penetrou sem hesitar.

Depois de estreita e sinuosa galeria, abria-se de repente aos olhos deslumbrados uma magnificencia da natureza. O aspecto era de uma esplendida cidade subterranea, toda vasada em prata. Templos soberbos, palacios suntuosos, torres elegantes, ali se succediam uns aos outros. Quanto tem de mais sublime e gracioso a architectura gotica, oriental ou grega, as ogivas rendadas, os arabescos delicados, as columnas elegantes, fôra ali excedido pela mão da natureza. O divino artista creára todas essas maravilhas com a simples gota d'agua que transudava d'entre o intersticio do rochedo.

O rio passava por cima da immensa gruta. As filtrações de suas aguas tinham produzido aquellas formosas estalactites de tão bizzaros desenhos. O rumor da torrente resoava harmoniosamente pelas vastas abobadadas. Entre as fendas do rochedo via-se a limpida veia, e atravez coava a luz que scintillava aljofrando as brilhantes cristalisações.

Vampiros e animais carniceiros povoavam o dominio subterraneo. O velho pagé assentou entre elles sua jazida ; talvez careceu de recorrer alguma noite á força do braço possante para firmar o seu direito de occupante ; mas afinal conquistou a paz. Seus vizinhos aprenderam a respeit-o, e alguns pagavam o tributo á suzerania do homem, que muitas vezes nutriu-se da caça que elles preavam.

Abaré era venerado de todas as nações de sua raça.

Quando alguma tribu, que a perseguição dos colonizadores embrenhava pelos sertões, afagava projectos de vingança e liberdade, antes de levar as armas aos povoados portuguezes, não deixava de subir á montanha para

consultar o grande pagé de seus ritos e saber delle si a sorte da guerra lhe seria propicia.

O velho do cimo de seu rochedo abrupto os avistava ao longe ; e sua alma confrangia-se em uma dôr grande. Quando chegavam, descia até a borda do rio ; ali enchia a mão da areia alva e fina, que orlava a margem vestida de relvas. E falava aos guerreiros de sua raça com uma voz surda e triste :

— Estão aqui nesta mão mais grãos de areia do que nações restam da grande raça dos Tupis ; e o halito de Abaré os faz voar a todos uns apoz outros.

Soprando na mão esparzia a areia nos ares ; feito o que, apanhava outro punhado, mas da que estava embebida da agua do rio, e amassando-a, apresentava uma bola :

— A mesma areia assim unida, qual guerreiro forte é capaz de movel-a com seu halito ?

Então cravando o olhar feroz no povo admirado, exclamava :

— Ide, filhos degenerados. Tupan vos abandona. Seis dispersos, como a areia secca do rio, pelo sopro do trovão inimigo !

Lançada essa imprecação, o velho pagé sumia-se nas entranhas da terra, e penetrava em seu antro.

A tribu afastava-se triste e remordida por aquella ameaça ; apoz ella vinha outra, e outras ; mas a união da grande raça era impossivel, para que ella soffresse a pena de culpa originaria, segundo rezavam as antigas tradições.

Correram as luas.

Um dia viu Abaré aproximar-se do rochedo um guerreiro, coberto com as vestes e as armas da raça, a que votava odio entranhado ; sua alma sedenta expandiu-se, porque a dôr, que nella vivia, ia ser applicada com sangue

inimigo. Correu-lhe pelos beijos um sorriso que afiou os colmilhos ranjendo-os. Seus olhos cravaram sobre o estrangeiro o olhar magnetico da cascavel.

O guerreiro branco encaminhava-se para o velho pagé, calmo e decidido, apesar das ameaças que elle via se condensarem sobre aquella fronte escalvada. Tinha a coragem do forte, e a audacia do ambicioso ; a sede de riquezas que nesse tempo arrancava tantos aos seus lares para expol-os aos mil perigos do deserto, tambem o trazia a elle por esses sertões.

Enchia então o mundo a noticia das inexgotaveis minas do Potosi ; e a imaginação humana, que jámais se deixa vencer da realidade, esparzira immediatamente sobre toda esta região americana, situada entre o Amazonas e o Paraná, serras de ouro e prata, cidades de esmeralda e porfido, sitios encantados.

Aquelle guerreiro era um valente roteador dos sertões : o gentio o chamava Moribeca, — *o caçador de gente*. Embalado por taes contos de fadas e guiado por informações do gentio, o guerreiro se partira do seio da familia, na esperança de descobrir outras minas de prata mais abundantes que as do Perú ; e ao depois de cerca de um anno de longas excursões pelas cabeceiras do rio de S. Francisco, chegára afinal á serra do Sincorá.

Quando elle achou-se em face do velho pagé, todas as nuvens condensadas na frente deste se desfizeram como as brumas da manhã aos raios do sol. Abaré vira sobre as faces brancas do guerreiro a côr de sua raça e nos olhos a scintilla do sol americano.

— Foste tu gerado do sangue ou da carne de Tupi !

— Minha mãe era filha de Paraguassú !

— Tu és de minha carne, e filho do meu flanco. Abaré e Paraguassú sahiram do mesmo ventre !

— Quantas luas contas ? exclamou admirado o aventureiro.

— Tantas quantas eram precisas para ser pai do pai de teus pais !

O guerreiro interrogou o velho pagé sobre os thesouros que buscava ; mas este apesar de sua boa vontade de ser util ao neto de sua irmã, não deu noticia alguma importante. Nisto observou o aventureiro umas pedras miudadas e mui alvas, que o selvagem tinha engastadas nas faces ; e chegando perto começou de examinal-as com olhos avidos :

— Que pedras são essas que Abaré tem cravadas no rosto ?

— São as lagrimas de Aracy ; brilham como elle, e não ha força que as possa quebrar, porque toda a força vem do sol.

— Dá me uma que a veja de mais perto !

Depois de a examinar :

— Pagé, onde achaste estas pedras ? Ha grande copia dellas ?

— Porque perguntas isto ?...

— Porque estas pedras são mais preciosas do que o ouro e a prata de que te falei ha pouco.

— Para que servem entre os brancos estas cousas, que vens de tão longe e correndo tantos perigos á busca dellas ?

— Quem as tem em grande quantidade na taba dos brancos é o primeiro e o mais poderoso.

— Primeiro que o pagé, e mais poderoso que o chefe dos guerreiros ?

— Sim ; porque o pagé e o guerreiro o servirão.

Abaré derrubou a cabeça ao peito e cahiu em profunda meditação. O aventureiro lhe falava, instando pelo

resposta, mas elle permaneceu inabalavel e mudo como o rochedo. Afinal despertou :

— Então si tivesses disto mais que nenhum outro, serias poderoso d'entre os teus irmãos brancos ?

— Viria a ser de certo !

— Pois eu vou dar-te esse poder, si tu promettes fazer o que Tupan ordena.

— Dize, Abaré ! replicou o aventureiro ancioso.

— Tu empregarás toda a força que eu te der em vingar a raça de teus pais ! Promette que has-de fazel-o !

O aventureiro hesitou ; apesar da ambição que lhe entumecia os seios d'alma, e da nenhuma autoridade do selvagem sobre a fé de um homem civilisado, elle julgou menos nobre obter o beneficio por um embuste. Mas acodi-lhe ao espirito uma idéa. Civilisar a raça de sua mãe, restituir-lhe a proeminencia que lhe competia como senhora daquella terra, não era vingar-a contra a sua oppressora ; vingar-a pela religião e pela intelligencia ?

— Prometto-te, que o poder que me deres, empregarei em vingar a raça de minha mãe contra a raça que a opprime e cativa.

— Vem, filho.

Abaré conduziu o neto de Paraguassú á gruta. O effeito desse spectaculo deslumbrante sobre o aventureiro foi magico ; ficou por muito tempo sem palavra nem reflexão, paralisado pela poderosa impressão. O sonho brilhante das minas de prata, que por tanto tempo sorria á sua ardente imaginação, ali estava realizado com um esplendor fantastico.

Tal era a idéa que se apoderára do espirito do aventureiro, e o absorveu por muito tempo. A illusão, para quem não fosse sabido em mineralogia, era infallivel ; realmente aquellas bizarrasc ritalisações, á cega luz que esclarecia

as profundas crastas, tinham o brilho embaciado da prata sem polimento.

O velho pagé mostrou-lhe atravez das fendas do rochedo a veia limpida do rio.

—E' dahi que as pedras caem de tempo em tempo ; mas Aracy as semeou no fundo do rio tantas quantas são as flores do muricy.

O aventureiro suspirou.

— O rio é bem profundo !

— Tupan o arrancará do seu caminho !

— Dá-me as pedras que tens, pagé, para que eu volte para o lado de minha esposa e de meu filho, de quem ando ausente ha onze luas. Depois virei a ti, melhor preparado, para tirarmos o rio de seu caminho.

O pagé deu ao guerreiro seu maracá.

— O maracá do pagé está cheio das lagrimas de Aracy, leva-o comtigo, e parte. Abaré fica te esperando.

O aventureiro despediu-se do velho e sahiu da gruta ; por onde passava com sua faca de matto acutilava profundamente o tronco das arvores, mas de modo que o prolongamento do entalhe acompanhasse a direcção da sua marcha. Depois de algumas horas de caminho encontrou a bandeira arranchada á sombra das aroeiras, onde pela manhã a deixara, para explorar os arredores ; já seus homens estavam inquietos pela demora, mas sem prejuizo do apetite com que devoravam uma grande peça de caça preparada de moquem.

O chefe fez honra á ceia ; e dormiu abraçado com o maracá, sonhando palacios encantados, e thesouros fabulosos. Ao raiar da alvorada levantaram o rancho, e partiram em direitura á cidade do Salvador. Deixou-se porém ficar atraz o neto de Paraguassú acompanhado de um indio manso, e plantou ali uma cruz mui

alta, no cimo da qual via-se entalhada a letra — M.

Durante a jornada, Moribeca afastava-se de espaço a espaço, para deixar ou no tronco das arvores, ou na apposição de grandes pedras, um marco da sua rota, que indicava do melhor modo em grosseiro mappa. Era este um pedaço de panno embebido na gomma da igcica, sobre o qual traçava com tinta de urucú a direcção da cordilheira e dos rios principais em relação á Bahia.

Chegado emfim á cidade, foi seu primeiro cuidado procurar o velho judeu Samuel, que apezar de usurario, lhe comprou as pedras do maracá por boa somma; eram todas diamantes de boa agua e de varios quilates. O segredo foi promettido e guardado, pois estava no interesse de ambos; a um importava não despertar a menor suspeita sobre a descoberta; ao outro não assoalhar os seus teres, nem comprometter as futuras avenças.

O preço dos diamantes recebeu-o Moribeca em rica baixela de prata, e custosas alfaias de que adornou sua capella, construida em terras do engenho, para as bandas da Jacobina.

Depois de algum tempo passado no seio de sua familia a consolar a longa ausencia, dispoz-se a partir de novo para o Sincorá, mas desta vez munido dos instrumentos precisos e acompanhado de gente bastante para fazer uma vasta exploração, e tornar carregado de tanta riqueza, que fartasse a maior ambição.

No meio dos preparativos dessa jornada, a morte o surpreendeu. Quando viu proximo seu fim, chamou á beira do leito o filho, já homem feito, e por muito tempo lhe falou á puridade; transmittia-lhe as noticias precisas para que Roberio descobrisse a rota anteriormente por elle marcada sobre o terreno e indicada na planta. Estas explicações prolongavam-se por demais e o enfermo se enfra-

quecia ; não obstante falou elle ao filho da gruta do pagé, onde havia de encontrar thesouros fabulosos por elle descobertos.

Emquanto falava, via o enfermo despenharem-se aos seus olhos cascatas de diamantes, que irradiavam chispas e scintellas de todas as côres do prisma ; em torno d'elle rutilava um céu recamado daquellas estrellas, que o pagé na sua linguagem poetica chamava as lagrimas do sol : a cada instante relanceava em sua imaginação um esplendor semelhante á viva phosphorescencia dos mares tropicaes. Entretanto uma só vez o nome dessa maravilha da natureza, que só nasce e só perece pela combustão, não veiu aos seus labios.

O assunto o enchia de mais e subjugava seu espirito, já perturbado pelas vascas da morte.

Tambem seu filho não se lembrou de inquirir a natureza dos fabulosos thesouros que seu pai lhe annunciava.

A profusão de prata, que depois da entrada no sertão, havia em todo o serviço não só de casa e capella como de jaezes e armaduras, não escapára a Roberio, que suspeitava seu pai de haver trazido de suas explorações boa copia desse metal. Ouvindo-lhe pois na hora extrema as maravilhas da descoberta, acreditou desde a primeira palpra, que eram as minas de prata o famoso thesouro.

Precipitou Roberio a partida para o Sincorá receiando que o tempo apagasse alguns dos vestigios deixados pelo pai ; muniu-se de instrumentos precisos para aventar os rumos e quasi escoteiro fez-se na volta do sertão.

Entretanto esperava Abaré pela volta do guerreiro.

Desde o dia primeiro e ultimo em que o vira, revolvia o pagé em sua mente feroz idéas de sangue e vingança. Aquellas pedras alvas e limpidas lhe pareciam agora gotas de um veneno mais violento que o *uivary* ; cada uma del-

las levaria a morte ao seio de um inimigo de sua raça.

Remontando o curso do rio, chegou elle a uma paragem, onde a onda, espraiaando-se em formosa bacia, escoava por angustiada garganta fendida na rocha viva. Sobranceiro levantava-se o penedo abrupto, ponta de um serrote pedregoso, que entendia-se como um espinhaço da cordilheira. Galgou o velho os alcantis e longamente quedou-se a olhar o penedo e o rio ; depois sopesando nos hombros formidaveis uma enorme lasca de rocha, arrojou-a no estreito canal ; a pedra sumiu-se na profundez das aguas, e o rio majestoso continuou sua marcha rapida para o oceano, como o brioso corcel que a mão do menino fustigou brincando.

Mas Abaré voltou no outro sol, e no outro, em todos que seguiram. As grandes massas graniticas semeadas na lomba do penhasco foram a uma e uma precipitadas das alturas do alcantil nas profundezas do abysmo. O rio, que em principio zombava dellas, já irriçava o dorso e rugia de colera.

Quando Roberio chegou ao alto da serra, no lugar que seu pai assinalára com uma cruz, o pagé repousava da tarefa do dia. Cahira a tarde ; a lua nascendo illuminava de lividos toques aquella sinistra figura pendida á borda do abysmo ; Abaré olhava o rio medindo o que lhe faltava para concluir o arduo labor ; e de vez em quando brandia o grande maracá, escutando com prazer o rumor que dentro faziam as alvas pedras, cobiçadas pelos brancos.

— Si meu filho vier antes que Tupan tenha arrancado o rio de seu caminho, achará bastantes pedras colhidas por Abaré !

A essa mesma hora do crepusculo, guiado pelos sinaes aproximou-se Roberio do rio e penetrou na gruta ; os raios da lua, coando pelas fendas do rochedo, illuminavam o

maravilhoso espectaculo. Foi presa da mesma illusão que o pai ; desdobrava-se ante seus olhos uma cidade mourisca vasada em fina prata resplandente. Estava paralisado pela violenta commoção, quando ouviu sobre a cabeça o murmurio das vozes de seus companheiros : estremecendo á idéa que elles pudessem acertar com a entrada da gruta, e devassarem o immenso thesouro que seus olhos devoravam, arrancou-se a esse extase da riqueza, e correu ao encontro dos aventureiros para afastal-os quanto antes do logar, e fazel-os voltar á Bahia.

Certo agora da descoberta do pai, ia preparar-se para a exploração das minas. Tinha escrito a rota de sua jornada até o lugar da cruz. Dahi á entrada da gruta estava ainda por escrever, mas a impressão, que nelle produziu o deslumbrante painel, accendeu por tal forma a cubiça da riqueza e com ella o ciume e o terror de perdela, que engendrou modos de acautelar o seu precioso segredo contra um accidente possivel, o da perda do manuscrito.

Entrando á noite fechada na gruta percebeu o pagé que ali tinha penetrado alguem ; seu olhar felino sondou as trevas debalde ; no dia seguinte conheceu pelas pégadas impressas o pé de um guerreiro branco. Cuidando que fosse seu filho, esperou-o tres dias immovel na crista do rochedo, de onde primeiro o vira ; no quarto, como não chegasse, desvaneceu-se a esperança e voltou ao trabalho.

Muitas luas decorreram, sem que nenhum filho da raça branca perturbasse a solidão do pagé. O velho selvagem começava a temer que o guerreiro da sua carne não dormisse já o ultimo somno no seio da terra ; mas o ardor da vingança não arrefecia nelle, antes accendia-se com a idade ; a sua fé era robusta e valente.

Um dia viu avançar através da floresta um guerreiro branco, já edoso, que se encaminhou direito a elle.

— Pagé, conduz-me á tua gruta.

— E' o filho de Abaré quem te mandou ao pagé ?

— Sim ; elle manda-me a ti buscar as riquezas que lhe prometteste !

— Tupan ainda não mudou o rio do seu caminho, mas Abaré guardou para seu filho mais pedras do que elle tem de cabellos na cabeça.

O pagé conduziu á gruta o guerreiro branco, e mostrou-lhe um grande vaso de barro cheio de diamantes brutos :

— Toma quantos quizeres !...

O desconhecido ficou livido ; subito tremor percorreu-lhe o corpo.

— Porque tremes ?

— Porque ?... Si meus companheiros vissem o que tenho deante dos olhos, nos matariam a ti e a mim, e derramariam até a ultima gota de sangue para disputar este thesouro.

O pagé vergou a cabeça e afundou-se na meditação.

O aventureiro vencendo a commoção que d'elle se apoderára, avançou a mão para o vaso ; ao limpido tinir da pedraria agitada, sentiu uma descarga electrica pela rede nervosa do seu organismo. Então apoderou-se d'elle um frenesi, quasi um delirio ; precipitou sobre o vaso, mergulhou os braços até os cotovellos ; fez se despenharem do alto jorros de diamantes ; embriagou-se emfim dessa vista deslumbrante.

— E derramariam até a ultima gota de seu sangue !... murmurou a voz cava do velho pagé.

Esse echo de seus primeiros terrores evocou o aventureiro de sua ebriedade. Ergueu-se estremecendo ; com rapido movimento encheu de pedras preciosas seu chum-

beiro, e arrancou-se á fascinação que o subjugava. Correu á entrada da gruta, e fugiu com as ultimas restes de luz da tarde que morria. Ao volver uma ultima vez o rosto para o vaso cheio de diamantes, vira elle um lampejo fulvo, que desferiam as profundas pupillas do velho pagé, e brilhava mais que os fogos da pedraria.

Vendo fugir assim o guerreiro branco, com o espirito da vingança terrivel de Tupan, Abaré sorria com delicias de tigre saciado.

É o aventureiro fugia sempre : aquellas riquezas fabulosas lhe incutiam mesmo de longe mysterioso horror ; a só lembrança dellas gelava o sangue em suas veias.

Infeliz velho !... Não era ambicioso, não. Vivêra a melhor parte de sua vida pobre, honrado e feliz ; nunca pelo seu espirito calmo perpassára um sonho de cubiça. Mas a desgraça roçara seu casalinho com a aza negra. Ramon Salas perdera a esposa ; e ficou na terra viuvo e mutilado do coração, para assistir ao martyrio da unica filha, com que Deus abençoára sua união.

Foi então que se lembrou do poder do ouro ; si o tivesse em quantidade, talvez pudesse comprar ao mundo para sua filha uma porção da felicidade que o mundo lhe negava por ser pobre. Esse pensamento o trouxe ao Brasil, e o embrenhou pelos sertões como tantos outros aventureiros á cata de riquezas. Deixando a filha na cidade do Salvador, unira-se a uma banda que haviam formado varios socios, e com ella empreendera a entrada no sertão.

Tinha Ramon noticia das *minas de prata* descobertas por Moribeca ; e encontrando por acaso em seu caminho um caboclo de nome Gonçalo Inhuma, que acompanhára Roberio Dias em sua viagem, ouvira d'elle pouco mais ou menos o que declarára muito depois ao P.^e Manoel Soares e constava de sua memoria. Guiado pelas indi-

cações do selvagem chegára ao rochedo onde vira sentado o pagé ; o qual o tomára por um enviado de Moribeca. De sua parte Ramon conjecturou que fosse o velho quem descobrisse a Roberio as minas de prata, e aproveitando-se de sua illusão exigira as riquezas promettidas.

Ao romper d'alva tornou Abaré a seus trabalhos até o dia em que o rio, atalhado na sua carreira por uma muralha de granito, corcoveou espraçando-se pela encosta do rochedo. O primitivo leito do rio ficou a descoberto ; o pagé viu com satisfação que a fina vasa era tapessada de diamantes sem conto.

— Meu filho póde chegar.

Desde esse dia, sentado na crista de rochedo, esperava o guerreiro de sua carne, que lhe promettera voltar : mas cada sol que se deitava por detraz da serrania levava-lhe mais uma esperança, e mais um calor da vida, que abandonava o seu corpo decrepito. A's vezes quando o desanimo o entrava, elle revolvía as profundezas de sua alma, e de lá arrancava aquelle echo lugubre :

— E derramariam até a ultima gota de seu sangue !...

Sabe-se agora porque o velho pagé, acorçado na crista do rochedo, olhava o leito abandonado do rio, e o horizonte ermo.

Nessa manhã sentiu que seu fim se aproximava ; e ao sair da gruta carregou para o pincaro elevado o *camucy* que havia fabricado com suas proprias mãos, segundo os ritos de Tupan. Ali estava ao seu lado, esperando-o, a urna funeraria que devia guardar seus ossos, e servir-lhe de leito derradeiro.

Entorpecido pelos vapores acres do tabaco, o pagé devaneava. Descobriu longe, longe, aquelle vulto de guerreiro branco que avançava atravez do sertão. Não era o neto de Paraguassú, mas procedera do sangue delle.

O guerreiro esforça ; o velho aneia ; e nessa esperança tantas vezes renascida, quantas finada, vão-se os ultimos e tenues espiritos da vida.

Mas eis que um som grato ao coração de Abaré o revoca á existencia.

Resoa perto a inubia dos Tupinambás ; a alma do velho pagé se dilata no prazer de abraçar com o extremo olhar a multidão de seus filhos. Volve o rosto para a floresta de onde rompe a tribu guerreira, de terrivel aspecto.

Oh ! dôr ! seus filhos, os valentes, os fortes, a quem elle transmitia outrora as palavras de Tupan, renegaram das crenças de seus pais, e são agora conduzidos, como um bando de capivaras, pelo homem negro, *abaruna*, que serve ao Deus dos brancos ! Só faltava essa amargura á vida já tão attribulada do velho pagé.

Os selvagens pararam a um aceno do sacerdote christão, que se dirigiu só e com tardo e vacillante passo para o rochedo.

O P.^e Ignacio do Louriçal, da Companhia de Jesus, voltava de sua digressão pelas cabeceiras do S. Francisco de onde trouxera aquella tribu para aldeal-a nas proximidades da Bahia. Avistando o pagé, o apostolo de Christo cingiu os rins, caminhou avante, onde elle via uma luta a sustentar com o inimigo da religião, e uma alma a remir.

Abaré, sepultado em sua dôr, viu-o que se aproximava ; e quanto lhe restava de vida refluiu aos labios em um assomo de colera feroz :

— Venceste, *abaruna* ! Tupan deixou que seus filhos degenerados se esquecessem d'elle e de seus pais para te seguirem como cativos. Mas o dia da vingança chegará !... Tupan já arrancou o rio do seu caminho !...

O velho debruçou-se sobre o alcantil, e com um gesto feroz apontou o alveo do rio :

— Vês?... A gente branca correrá para aqui em busca das pedras que tanto cubiça; com a fome dellas os guerreiros se devorarão, como os abutres pela carniça. Minha raça será vingada e esta terra de meus pais beberá até a ultima gota do sangue inimigo!

O selvagem sorriu:

— É de dentro do seu *camucy* a alma de Abaré voará aos campos alegres para regosijar-se com Tupan!

Proferidas essas palavras, o velho arrastou-se até o grande vaso de barro vidrado, que encravára antes n'uma fenda do rochedo, e nelle entrou, sentando-se como os idolos dos pagodes indios: depois deixando cahir a tampa, cujos bordos cobrira de uma resina fortissima, sellou pela eternidade seu ultimo jazigo.

O sacerdote christão estremecera deante de tão extranhas palavras. Desceu ao alveo do rio; e sentiu, calcando as riquezas immensas, arderem-lhe as plantas, como si caminhasse sobre brasas accesas. Sua alma angelica entristeceu pensando nas desgraças que estavam ali semeadas para a pobre humanidade: o labio apostolico murmurava as palavras do Eclesiastes:

— *Ubi multæ sunt opes, multi et qui comedunt eas.*

O P. e Ignacio tornou aos Tupinambás, que já tinham armado as redes á sombra de grandes jatobás:

— O Senhor do céu, filhos, ordenou ás aguas, como a todas as cousas, seu lugar na terra; si o homem põe obstaculo á sua vontade, o castigo descera sobre elle. Este rio foi tirado de seu caminho, deve hoje mesmo a elle voltar.

Ao transmontar do sol a tribu dos Tupinambás, alinhada á margem, tinha os olhos fitos na garganta obstruida pelos esforços gigantescos de Abaré. Um grosso tronco secco fôra pelos selvagens embutido com violencia no li-

zim da rocha que servira como de pilastra á construcção do pagé; embebendo a agua, o madeiro excessivamente poroso inchava.

Afinal ouviu-se um ribombo medonho : as entranhas do rochedo se tinham dilacerado; aluido o esteio, desabou com estridor a muralha pelasgica; e o rio, um instante sorpreso, atirou-se no primitivo leito, e seguiu a marcha que a natureza lhe tinha marcado.

Sobre a penha culminante, onde pela manhã o selvagem profeta lançava sua imprecação de vingança, a noite achou o sacerdote christão que elevava ao Senhor de misericordia a prece da caridade!

GUERRA DOS MASCATES *

Vol. II

CAPITULO II

UM CAPITULO DE HISTORIA QUE PARECE TER SIDO
ESCRITO PARA O ROMANCE

Por tal fórma se travam os negocios da governança com os amores de Vital Rebello, que para melhor comprehensão d'esta nossa chronica, vamos dar uma resenha do estado das cousas na capitania de Pernambuco pelo correr do anno de 1710.

Já pela rama se falou da rivalidade que existia entre

*O facto historico da *Guerra dos mascates* é um mero pretexto para adaptar á comedia a situação politica da actualidade do autor. Nos dois grupos antagonistas, mascates e nobres, representam-se os dois partidos, conservador e liberal. Em nota ao romance contestou o autor, em tom de surpresa que insinuava annuencia, a asseveração de terem sido personificadas no livro algumas figuras do tempo. Em verdade ellas ahi estão, quasi em retrato physico e moral, como appareciam ao romancista ; e seria facil a um

a cidade de Olinda e a recente povoação do Recife por causa do incremento que esse bairro commercial, incipiente ainda no dominio dos hollandezes, fôra tomando com o volver dos tempos.

Desde a epocha da restauração que os mercadores, atrahidos pela vantagem de um ancoradouro commodo e seguro, se estabeleceram de preferencia n'essa povoação e occuparam os armazens e tercenas construidos pelos flamengos.

Os senhores de engenho que eram os principaes da capitania e aquelles que formavam a nobreza pernambucana, foram obrigados a supprirem-se do necessario para o custeio de suas fabricas nas lojas e tendilhões do Recife.

Dava-se então o que ainda hoje acontece com pequena differença. Onerado o agricultor com uma divida avultada, que não podia pagar, tinha de sujeitar-se á usura do credor ou de entregar-lhe a safra a preço e condições lesivas. Assim a arroba de assucar, o mercador a pagava no Recife por quatrocentos reis, para vendel-a no reino por mil e quatrocentos.

contemporaneo indentifical-as : S. Vicente, Pinto de Campos, Rio Branco, Sayão Lobato, entre outros, e ainda o Imperader, sob o nome de Sebastião de Castro Caldas, e o proprio autor, na figura de Carlos de Eneia, cujo nome é um anagramma de José de Alencar. Os trechos escolhidos apontam particularmente á antinomia do character dos ultimos e ao procedimento que teria Alencar, si vivesse até assistir ao exilio de D. Pedro II, occorido tal qual fôra contado o de Castro Caldas, e consequente ao seu feitio caprichoso e frouxo, predisposto a agradar a uns e outros, e de uns e outros, salvo alguns amigos, abandonado no seu infortunio.

Ha no romance episodios domesticos, scenas de amor e de costumes, que formam a trama da ficção ; mas as referencias feitas nestes capitulos entendem-se por si mesmas. (N. DO COMPILADOR.)

Mais de seculo e meio é decorrido, e ainda o tacanho espirito que sob varias encarnações tem governado este paiz, não descobriu um meio de proteger a lavoura contra o monopolio mercantil; antes parece que de todo a desamparou entregando-a á sanguessuga do Banco do Brasil que lhe exhaure a seiva em proveito de certa oligarchia financeira.

Uma circumstancia muito concorria para aggravar a posição da nobreza pernambucana. Não permittindo as idéas do tempo que os fidalgos se dessem á mercancia por ser esse um officio plebeu, resultava d'ahi que os seus fornecedores eram gente inferior e animada do ciume que em todos os tempos, mas principalmente n'aquella epoca, dividia as classes.

O que, porém, mais fomentou a rivalidade entre os povos de Recife e Olinda foi o espirito de bairrismo.

Os moradores da Capitania descendiam na maxima parte de portuguezes, ainda que já entrava ahi grande mescla de sangue flamengo e outro de Europa, sem falar do indigena e africano. Tinham, porém, nascido ali, na terra americana, e consideravam-se herdeiros d'essa patria que seus maiores haviam reivindicado do hollandez pelo heroismo e intrepidez de suas armas.

Por isso chamavam-se elles *pernambucanos*, e áquelles que vinham do reino se estabelecer na colonia davam o nome de *forasteiros*, negando-lhes o fôro de vizinhos e portanto o direito de tomar parte no governo da terra.

Com poucas excepções, eram os mercadores do Recife d'esses portuguezes europeus, que deixavam a sua aldeia para tentarem a fortuna no novo mundo.

Já n'aquelles tempos, como nos de hoje, tinha a colonia portugueza duas virtudes, a que deve a sua prosperidade, e são a perseverança e a união, dotes de raça, que todavia

por uma ignota razão desmerecem no solo brasileiro e não se transmittem á prole aqui nascida.

« Chegava um d'esses garotos sem outro fato mais do que a trouxa amarrada em lenço de Lamego ; com a camisa de bertangel, preta de suja, e calções de lona besuntada de alcatrão. Á força de trabalho conseguiam uma duzia de patacas, com que se proviam de algumas resteas de alho e cebolla, além de outras drogas, e saham a mercar pelas ruas do povoado e engenhos do interior. N'esse giro mesquinho adjudavam-n'os os patricios, fiando-lhes fazendas e drogas para estenderem o seu trafego, e assim arvorados em mascates aquelles labregos, que no reino nem para moços de servir prestavam, de repente se viam senhores de grosso cadebal. »

D'este modo, com pouca discordancia de termos, se exprime um malevolo chronista pernambucano no intuito de rebaixar os mercadores do Recife, quando ao envez lhes tece o maior encomio, pondo em relevo o character laborioso e paciente d'esses homens, filhos de seus trabalhos e obreiros da propria fortuna.

De dia em dia, pois, ia crescendo o ciume entre os dois povoados, na medida em que o plebeu Recife medrava com o impulso de seu commercio florescente, e a aristocratica Olinda decahia pelo desbarato dos ricos patrimonios outra accumulados pelas familias pernambucanas.

O primeiro choque d'essa lucta de supremacia politica datava do anno de 1685.

Desde sua fundação padecêra Olinda da falta de boa agua potavel, reduzida a pessimas e raras cacimbas, pois o Beberibe, que lhe banha as fraldas e podia provel-a em abundancia, era então alagado até muito acima pela enchente da maré.

Desvelados os moradores em remediar esse achaque,

avisaram meios de trazer agua de longe. Primeiro abriram um vallado de legua para encanar uma levada do Paratibe ; mas não surtiu bom effeito, porque era o terreno de muitas areias que frustravam o trabalho, sumindo a agua.

Outra vez intentaram obra semelhante no Beberibe, tomando-lhe a veia acima da maré e não tiveram melhor resultado, porque as enlameavam os gados soltos na varzea. Quando estavam empenhados em aperfeiçoar a obra, substituindo a levada por um aqueducto de pedra e cal, succedeu a invasão hollandeza.

Depois da restauração, e logo que se restabeleram os moradores dos maiores estragos de suas fazendas, curou a camara de Olinda de prover aquella necessidade de boa agua, mas por um novo arbitrio que o engenho, ensinado das muitas lições da experiencia, veio a suggerir.

Em 1685 com boa diligencia se levou a effeito o plano que consistia em tapar o rio Beberibe com um reparo de pedra no ponto onde elle costumava seccar na baixa da maré, e por isso chamado *Varadouro*.

Com esse dique, em fórma de ponte ou passadiço, impedia-se a agua salgada de subir além, enquanto que a represa do Beberibe formou um vistoso lago que despejava as sobras por dezoito canos, fartando a cidade de agua doce, como da grande copia de peixe que ali se criava.

D'esta obra se aproveitaram tambem os do Recife, que mandavam em canôas encher as vasilhas nas bicas do Varadouro, especialmente para as aguadas dos navios ; pois suas cacimbas, como as de S. Antonio, eram salobras e cheias de limo.

Não obstante foi a ponte, na phrase do chronista, uma *figa* para os mascates, os quaes não podendo soffrer que Olinda se lograsse de tal vantagem sobre o Recife, busca-

ram traça para a desforra, que em má hora lhes trouxe a fortuna adversa.

Aconteceu, seis mezes depois, que abrindo-se uns barris chegados de S. Thomé dias antes, estivesse a carne que traziam corrompida a ponto de matar logo ali de pronto com o ramo da peste o tanoeiro e mais quatro que o ajudavam, desenvolvendo-se em seguida uma devastadora epidemia.

Entrou o povo do Recife a clamar que todo o mal proviera da tapagem do Beberibe, pois estagnadas as aguas onde cresciam tantaservas, era de prever que se envenenassem aquellas com a podridão d'estas, infeccionando os ares de toda aquella redondeza.

Sem mais demora levaram os mercadores sua queixa a el-rei, que mandou ouvir sobre o caso os medicos de sua real camara. Parece que n'aquelle tempo a hygiene publica estava tão adiantada em Lisboa como no Rio de Janeiro, e que os physicos-móres do senhor D. Pedro 2º de lá não tinham que invejar aos do senhor D. Pedro 2º de cá.

Reuniu-se em junta a mestrança e conveiu que effectivamente a peste provinha da repreza do rio. Houve quem notasse a coincidencia de terem apparecido os primeiros casos da molestia na occasião de abrirem-se os barris de carne, assim como a circumstancia de não se haver manifestado a epidemia em Olinda, que tinha o Varadouro á beira.

Não toscanejaram os preclaros rabichos, e decidiram *verbis magistri* que era urgente romper-se o dique e deixar que o rio despejasse livremente como d'antes a correnteza de suas aguas, com o que cessaria o contagio. E assim o mandou el-rei em carta á Camara.

Imagine-se como receberiam os moradores de Olinda essa ordem estulta, que vinha destruir o fructo de tamanhos esforços e economias; e quanto podiam o respeito e obe-

diencia á régia autoridade, pois sopitaram a revolta dos brios e dos direitos opprimidos d'esses povos leaes.

Ficou, porém, no coração pernambucano um entranhado resentimento, e crescendo todos os dias o desprezo com que os nobres tratavam a gente do Recife, passaram a designal-a pelo epitheto de *mascates*.

Esse termo, derivado do nome de um reino da India cujos naturaes eram dados ao commercio, significava em principio entre os portuguezes de Gôa o mesmo que mercador ambulante que percorria varias terras á maneira do Oriente.

Com o andar dos tempos veio a servir unicamente para exprimir o mister baixo e desprezível de bufarinheiro ou regatão pelas ruas. Tão affrontoso era dar-se tal nome a um mercador d'esse tempo, como seria hoje em dia chamar em estylo classico de *traficante* a um homem de negocio.

Retaliaram os do Recife com a alcunha de *pés-rapados* que puzeram aos naturaes, não só pela circumstancia de andarem elles descalços e á ligeira, com o que se desembarçavam no manejo das armas e na celeridade da marcha entre o matto fechado, como por allusão á estreiteza de muitos fidalgos cahidos em completa penuria.

Soberbos os mercadores com a primeira victoria na questão do Varadouro, puzeram a mira em cousa de maior monta, como era o foral de villa para o Recife, o qual uma vez independente de Olinda e com governo proprio, não tardaria em derrocar a velha cidade que lhe estava sugando a seiva.

Razoaram os advogados, pois já n'aquelle tempo os havia politicos e administrativos, como se vê da chronica d'esta guerra, que talvez nunca rompesse, si elles não a tivessem por fórma enredado, que não houve mais geito de a desatar.

Foram procuradores a Lisboa com boas propinas e o preciso para azeitar as molas da machina régia, seguindo no mesmo navio uma representação em que o Governador D. Fernando de Lencastro expunha a el-rei a conveniencia de erigir-se o Recife em villa.

D'esta vez, porém, não lograram os mercadores a diligencia. Ou porque D. Petro 2º de Portugal tambem adoptasse a maxima politica — *uma no cravo e outra na ferradura*, ou porque ainda não se tinha de todo apagado na côrte lusitana a memoria do heroismo pernambucano na restauração da capitania; resolveu Sua Magestade pela carta régia de 28 de Janeiro de 1700 que de maneira alguma se devia pôr em pratica esse arbitrio de separar o Recife da cidade de Olinda; recommendando que para conservação d'ella ahi fizessem assistencia o governador e ministros como em repetidas ordens havia determinado.

Todavia não esmoreceram os mercadores: desengoados de obter por enquanto a realisação do primerio intento, cuidaram de se insinuar na governança da terra, esperando mais tarde com a popularidade de suas doblas e patacões, apossarem-se dos cargos principaes da vereança.

Hoje em dia usa-se traficar á boca do cofre com os titulos e as commendas; n'aquelles tempos menos adiantados não se faziam as cousas com a simplicidade moderna. Os mercadores que juntavam grosso cabedal compravam os serviços de algum fidalgo rafado, de quem se justificavam parentes com testemunhas quejandas ás que ora servem para fazer moço fidalgo de quatro-costados a qualquer beldroegas. Com essa papelada requeriam para Lisboa um habito de Christo em que se enfunavam tanto como os excellentissimos d'agora.

Assim besuntados d'essa nobreza postíça, julgavam-se os mais ricos mascates idoneos para os cargos de officiaes

da camara. Mas sahiram-lhes os pernambucanos com embargos, pela razão de não serem naturaes, aos quaes sómente competia o governo das terras, não podendo n'ella ingerirem-se forasteiros que vinham de fóra buscar fortuna.

Durou este pleito até 1703 em que mandou el-rei admittir aos pelouros todos os habitantes da cidade, sem differença de naturaes e vindicos, uma vez que estivessem nas condições da Ord. do liv. 1º tit. 67 e Leis de Novembro de 1611 e 6 de Maio de 1649.

Triumphantes com a decisão régia, os mercadores empenharam quanto podiam na primeira eleição e conseguiram alguns officiaes e almotacés. A consequencia não se fez esperar : armado da vara branca, o Sr. Simão Ribas foi taxando por preço excessivo tudo que vendiam os taberneiros seus patricios ; e as fructas e viveres que traziam os matutos, pôl-os a real.

Foi geral o clamor em Olinda. Reunido o senado, representou sem mais tardança a el-rei mostrando o perigo de se admittirem na governança os forasteiros.

Por essa occasião lembraram os pernambucanos a el-rei que ainda estavam pagando os chapins da senhora infanta D. Catharina, e portanto se devia ter alguma contemplação com tão leaes vassallos, não os privando dos poucos meios de que tiravam para se quitarem d'essa finta, com sacrificio de sua subsistencia.

Essa historia dos chapins merece um commento. Costumavam os reis de Portugal, quando lhes nascia filho ou casavam filha, lançarem um tributo sobre os povos de certas cidades ou villas a pretexto de compôr-lhes o enxoval.

Casando-se a infanta D. Catharina em 1661 com Carlos 2º de Inglaterra, coube ás possessões do ultramar fornecer á noiva os chapins, o que ainda estavam fazendo os pernambucanos quarenta e dois annos depois.

Dignos filhos d'aquelles pais somos nós brasileiros que nascemos, uns para trapaceiros e outros para cangueiros. Ainda hoje o nosso bom e paternal governo finta-nos com os impostos de guerra do Paraguay; e já nos ameaçam com outra guerrinha de que ficou pejada aquella.

Acudiu D. Petro 2º a seus vassallos pernambucanos, declarando que não podiam servir cargos da vereança os mercadores, visto ser esse um officio peão, na conformidade das leis do reino; depois, entrando a governar como regente na molestia de seu pai a infanta D. Catharina, rainha da Gran-Bretanha, a tal senhora dos *chapins*, aproveitou a occasião para agradecer a condescendencia dos pernambucanos.

Pela provisão de 8 de Maio de 1705 declarou que por *mercadores* se havia de entender unicamente os que assistissem de loja aberta, vendendo, medindo e pesando ao povo.

Sendo em numero limitado os mercadores de grosso cabedal que já se não occupavam com o meneio de seus negocios, mercando no balcão ou trapiche, ficaram os de Olinda tão superiores ainda, que já não podiam temer-se dos contendores na eleição.

Quanto aos mascates, essa ultima derrota não fez sinão aferral-os ainda mais á primeira idéa da separação, na qual desde ahi trabalharam sem descanso, dispondo na capitania como na metropole os elementos para o favoravel despacho de sua pretensão.

Foi n'estas circumstancias que a 9 de Junho de 1707 tomára conta do governo da capitania Sebastião de Castro Caldas.

Como de costume, os nobres de Olinda e os mercadores do Recife porfiaram em obsequiar o novo governador á sua chegada, com a mira de ganhá-lo a seu partido. Durou mais de anno essa cortezia hospitaleira, pelo geito com que soube

o fidalgo trazer ambas as parcialidades embaladas em esperanças.

A saliencia do character politico de D. Sebastião de Castro Caldas era uma susceptibilidade de proeminencia. Elevado ao alto posto de capitão-general de Pernambuco, sob uma apparencia de philosophia e abnegação, elle não tolerava em torno de sua pessoa vultos que pudessem disputar-lhe uma parcella minima do respeito e até mesmo do embaimento publico.

Qualquer superioridade fazia-lhe sombra, e sua preocupação incessante era abatel-a, não derrocando-a, pois era avesso ao estrondo e á violencia, mas aluindo-a aos poucos. Essa obra subterranea, seu espirito a proseguia com uma tenacidade fria e inflexivel, apesar da indecisão e malleabilidade de que pareciam envoltos os seus actos.

Si algum homem grangeava por seu merecimento a estima geral, cuidava logo D. Sebastião de o chamar a si, não só para que aos olhos da gente essa elevação parecesse mero effeito de uma liberalidade que elle podia retirar quando lhe approuvesse, como para respirar o puro incenso das almas superiores. Além de que assim ficavam-lhe essas papoulas a geito de ceifar.

Desde os primeiros tempos que atravez das mostras de respeito e termos cortezes sentiu o governador a tempera do character altivo e independente dos pernambucanos, os quaes prezando-se de subditos leaes, tinham o nobre e legitimo orgulho de haverem pelo esforço de seu braço restituído á corôa portugueza esse importante estado ultramarino.

Brios e escrupulos eram asperezas que arranhavam a cutis moral de Sebastião de Castro. Elle não se accommodava sinão com as almas flaccidas e ductis, que tomam todas as feições e prestam-se á guisa de pellica para uma luva,

como para um chinello. D'estas gostava de apossar-se, a ponto de tornal-as adherencias da sua.

De tal quilate, não faltavam exemplares entre os mascates, pois o balcão era o berço onde se criavam, como o dinheiro o leite de que se amamentavam. Por isso, continuando a favonear a nobreza, o novo governador prelibava o suave prazer de fazer do Recife um espinho para craval-o no orgulho de Olinda.

Em segredo representou a el-rei mostrando a urgencia da separação do Recife ; e tão avisadas foram suas razões que, finalmente, por carta régia de 19 de Novembro de 1709 foi creada a villa.

Digamos em abono da verdade que foi essa uma medida de toda justiça. O Recife, a primeira praça de guerra do Estado do Brasil como se póde ver do inventario feito em 1654, ao tempo da sua evacuação e entrega pelos holandezes ; o ponto commercial mais importante ao norte do Cabo de Santo Agostinho, com uma população de cerca de oito mil almas, e as melhorias que lhe tinham ficado do dominio flamengo quando era côrte do conde de Nassau ; o Recife não devia com a restauração ter perdido o seu titulo de cidade.

Mas apesar de todas estas razões politicas, Sebastião de Castro descobriria alguma conveniencia para adiar a criação da villa, si não estivesse n'isso empenhado o seu amor-proprio.

CAPÍTULO III

ONDE SE LOBRIGA O VULTO DO BISBILHOTEIRO QUE ESCREVEU O ALFARRABIO ENCONTRADO PELO SACRISTÃO

A criação da villa do Recife, tão porfiada pelos merdores, devia ser o desfecho d'essa contenda em que os dois povos rivaes andavam empenhados, havia mais de dez annos.

Com outro governador assim teria acontecido; mas com Sebastião de Castro não passou de uma phase nova da lucta, que tornou-se mais ardente pelo despeito de um partido e a arrogancia de outro.

A indignação dos moradores de Olinda, quando entre elles estourou a nova como uma homba fulminante, não guardou termo e prorompeu em ameaças e assuadas. O que mais revoltava aos pernambucanos era a falsa fé com que o governador, adormecendo-os na confiança inspirada por palavras insinuantes, havia sorateiramente obtido do conselho ultramarino a separação do Recife.

Em verdade era completa a segurança dos pernambucanos. Conversando o velho capitão mór João Calvalcanti uma tarde em palacio com o governador, e trazendo a practica para o ponto que mais lhe interessava, teve

em resposta estas formaes palavras : — « Sobre este particular póde ficar descansado, senhor capitão-mór. O Recife, pelo que ouvi em Lisboa, tão cedo não será villa. »

Estas palavras, referiu-as textualmente João Calvalcanti aquella mesma noite, no serão costumado, e ninguém houve que se não tranquillisasse com o penhor dado por Sebastião de Castro ao venerando ancião. Não conheciam ainda a polpa do homem que os governava.

No meio do geral espanto, causado pela noticia, interrogavam-se todos acerca d'aquella promessa ; e os principaes acercavam-se do capitão-mór para ouvir d'elle os pormenores do caso e a repetição fiel da asseveração do governador.

Não occorria ao velho fidalgo que pudesse alguém duvidar de sua palavra ; mas incommodava-o a só idéa de haverem faltado á fé por elle assegurada. Além de que essa fé tambem lhe fôra dada a elle por quem se prezava de cavalheiro e como cavalheiro lhe devia contas severas.

Recobrando um assomo do antigo vigor, montou o capitão-mór a cavallo e sem mais acompanhamento do que um pagem, deitou-se a galope para o palacio do Recife onde estava o governador inquieto com o alvoroço de Olinda.

N'essas occasiões em que se embrulhava a politica, si não mente a chronica, o figado de Sebastião de Castro, como o de Cesar, soffria a repercussão do abalo moral, mas a bilis, prontamente corrigida, nunca perturbava a fleugma d'esse organismo.

Já áquella hora andava o ajudante Negreiros n'um corropio, despejando ordens pelos fortes e quartéis, enquanto o governador em conferencia com o secretario Barboza de Lima combinava nos pannos quentes e cataplasmas com que se devia acodir ao desmancho.

Pressuroso sahiu Sebastião de Castro ao encontro do capitão-mór a quem recebeu com desusada affabilidade,

mas com isso não desarmou a carranca do velho, que foi direito e rijo ao ponto.

Não podia o governador occultar a parte que tivera na criação da villa, pois a carta régia se referia positivamente á sua informação ; mas ainda quando houvessem omittido essa circumstancia, não a negaria elle. Em sua opinião a mentira é um expediente grosseiro, que sómente empregam os espiritos frouxos e indolentes.

Ouvida a queixa, sinão amarga exprobação do velho Cavalcanti, respondeu-lhe o governador sem alterar-se :

— O que disse ao senhor capitão-mór e mantenho, foi ter ouvido em Lisboa, a quem o devia saber, a asseveração de que tão cedo não seria villa o Recife.

— Mas não se dirá...

Impetuoso como sempre interrompera João Cavalcanti ao fidalgo para retrucar-lhe sobre a contradicção de seu procedimento. Atalhou-o o governador :

— Quanto a haver eu representado em favor da criação da villa, comprehende o senhor capitão-mór, como cavalheiro que é, e leal subdito, que eu faltaria ao meu dever de governador d'esta capitania, não informando a el-rei das necessidades da terra, para que Sua Magestade as proveja de remedio. Nem podia deter-me n'este particular o muito que me merece a nobreza, pois contava infallivel o indeferimento.

Os cesares modernos que se deixam vencer pelos ministros quando lhes convem enfeitar-se de suas lentejoulas democraticas, não responderiam com maior dignidade e abnegação a algum favorito sacrificado : « Sou seu amigo, mas lembre-se que tambem sou rei constitucional. » O que em giria cortezã quer dizer : « Si agora para guardar ás apparencias fui obrigado a despedil-o como um importuno, com geito posso fazel-o sota-rei mais tarde. »

— O caso é que os mascates lograram afinal o que em dez annos não puderam.

Estas palavras soltou-as o capitão-mór com um tom morno, pois dissipado o primeiro assomo, já se lhe relaxava a fibra.

Sorriu-se o governador :

— Lograriam... ? disse elle com uma entonação que não se podia affirmar si era de interrogação, si de reticencia.

— Pois vossa excellencia ainda o põe em duvida ? exclamou o capitão-mór.

— Por linhas tortas escreve-se direito, em havendo arte.

— Confesso que não atino.

— Mandou-me el-rei crear villa no Recife ; mas a villa não está creada, e póde bem ser que se não chegue a crear ; entretanto que, embalados n'esta esperanza, os mercadores se aquietarão.

— Lá diz o dictado — « que entre a boca e a mão vai o bocado ao chão ». E assim acontecerá si tivermos por nós a vossa excellencia que em respeito a seus braços, como grande fidalgo, se deve á nossa causa que é a da nobreza contra a ralé.

— N'este posto de governador, devo-me a el-rei primeiro, e aos povos depois, sem distincção de nobreza e peonagem. Mas não careceis de escudo, com os titulos que tendes. Do que precisais é de moderação e tolerancia para attrahir á nobreza pessoas abastadas e preponderantes.

— Não se costuma entre nós, senhor governador, repellir os que vêm como amigos, ainda quando não trazem cabedaes, que mercê de Deos não cobiçamos.

— Será então falso quanto me referiram ?

— Ignoro o que fosse.

— Que o alferes Vital Rebello requesta uma sobrinha

vossa, a qual lhe corresponde ao affecto ; mas vós ou os vossos a tendes por modo defesa, que ao valente namorado custa-lhe um assalto d'armas cada vez que se avista de longe com a formosa dama ?

— Ha razões particulares, respondeu João Cavalcanti reservado.

— Estas razões, senhor capitão-mór, são desarrazoadas. Si o pai de Vital Rebello ficou senhor do engenho e mais haveres do finado Luiz Barbalho, marido de vossa sobrinha, mais pela prodigalidade d'este do que pela usura d'aquelle, que melhor meio de reparar esse revez da fortuna do que devolver por uma acertada alliança ao casal d'onde sahiram, os bens dissipados ?

Calou-se o capitão-mór.

— Que dizeis a isto ? insistiu o governador.

— Digo que póde bem ser esteja a razão da parte de Vossa Excellencia.

— N'este caso, porque não m'a dá o senhor capitão-mór fazendo o que lhe aconselho ?

— É do agrado do senhor governador o casamento ?

— Penso, respondeu o governador elevando a voz como para accentuar melhor o seu alvitre, que será de grande proveito ao partido e á familia a alliança de sua sobrinha D. Leonor Barbalho com Vital Rebello, pois é este, além de cavalheiro de muitas prendas, homem de dotes superiores.

Desde algum tempo, que um dos toma-larguras do palacio andava rondando soffrego de bispar alguma cousa da pratica. Não escapou-lhe uma só das ultimas palavras do governador que alteára a voz a talho de ser escutado.

N'essa mesma tarde Vital Rebello sabia do que a seu respeito dissera o governador.

Foi extrema a surpresa do mancebo.

Apezar de filho de mercador e partidario do Recife, não era elle dos que estavam nas boas graças de Sebastião de Castro ; bem ao contrario, tinha impulsos de dignidade e altivez que deviam belliscar o orgulho do fidalgo.

Assim não lhe dava *excellencia*, tratamento que não competia aos governadores, mas que elles recebiam de todos com prazer em vez da chata *senhoria*, havendo-os que o impunham de preceito bem como outras cortezias a que não podiam pretender, pois eram prerogativas da magestade.

Guardando ao governador a reverencia que julgava devida, o alferes cortejava-o com o chapéo quando o encontrava, mas não ficava de cabeça ao tempo, como usava a gente principal, que não se cobria nem voltava as costas estando elle presente e até o perder de vista.

Tambem não era Vital assiduo em palacio, onde compareciam habitualmente todos os que tinham officio publico ou posto de milicia e ordenanças. Alguma vez que lá ia de longe em longe, levava-o mera urbanidade e não lisonja.

Passava Sebastião de Castro por philosopho e desabusado acerca d'essas maneiras palacianas, do que muito se lastimavam os officiaes de sala, então como agora mais realistas do que o rei. Todavia nunca se lembrou o fidalgo de acabar com taes praticas, no que bem mostrava não lhe serem desagradaveis e menos incommodas.

Mas por cima d'essas exquisitices veniaes, tinha Vital Rebello peccado mortal. Uma ou outra vez em discurso com o proprio Sebastião de Castro, e muitas nas praticas dos mercadores, chegára a dizer que os governadores abusavam do seu regimento, já ingerindo-se nas cousas de justiça, já provendo postos que não cabiam em sua alçada.

E não andava elle mal informado, pois ao proprio Se-

bastião de Castro mandou El-rei *estranhar asperissimamente* por se intrometter nos negocios de justiça, e tambem por exigir que a camara de Olinda lhe dêsse o tratamento de *Senhor*, a igual da magestade. Prova isto que o rei-povo é menos que o rei-só zeloso de suas prerogativas, e mais bonachão com seus governadores e ministros.

Com taes antecedentes não havia reparar na surpresa de Rebello ao saber do conceito em que o tinha Sebastião de Castro e do empenho que tomava pela realisação do mais ardente voto de sua alma.

— Fui injusto ! É homem de animo generoso, e um nobre coração ! disse o mancebo penhorado da fineza.

Havia então no Recife um letrado que vivia dos provarás, porém mais da rigorosa economia, a que se acostumára. Chamava-se Carlos de Enéia, e era homem de meia idade, mettido comsigo, que o mais do tempo levava a rabiscar papel.

Ha suspeitas de que seja o incognito autor da chronica manuscripta d'onde extrahiram-se estas memorias, e na qual por ventura se refugiava o advogado do nojo pelas miserias publicas que o rodeavam.

Fôra Enéia algum tempo secretario de Sebastião de Castro, quando este governára o Rio de Janeiro, bem que não se demorára no cargo, pois elle, como de D. João de Castro disse Jacyntho Freire, « podiam soffrel-o como vassallo, mas não como criado. »

Do pouco tempo de serviço lhe ficára larga experiencia do natural de Sebastião de Castro, de quem algumas vezes costumava dizer « que era varão insigne, porém no posto a que o subira a fortuna, andava desencontrado, des-governando tudo pela ancia de muito governar. »

Ligava Rebello ao letrado uma affeição que nascera da conformidade no temperamento de suas almas. Estando

á noite com o amigo, referiu-lhe o alferes o occorrido, mostrando-se rendido á galhardia de Sebastião de Castro.

Sorriu-se Enéia, citando um verso de Sirius :

— *Nisi qui sit facere, insidias nescit metuere.*

— Que queres dizer com isto ? tornou Vital.

— Que vês a imagem alheia no espelho de tua alma ; mas eu, que a vejo á luz da experiencia, descubro sombras que te escapam.

— E quaes são ellas, não me dirás ?

— O elogio é um meio muito usado, mas sempre novo, de render a vaidade ; e n'este caso tem outra serventia, qual é convencer-te da gentileza de quem os faz. Si até agora nutrias uma prevenção contra Sebastião de Castro, de hoje ávante vai elle tentar-te pela mais perigosa das seducções, que é a da virtude. Acatando n'elle, já revestido das dignidades do governo, um modelo de honradez e symbolo de justiça, que não exigirá de tua veneração que tenhas força para recusar ? Serão em começo cousas de pouca monta que não assustarão teus escrupulos ; mas esse caminho é assim talhado, que em tropeçando n'elle, já ninguem se póde erguer, e para subir não ha outro geito sinão ir de rastos ou ás gatinhas.

— Estou á prova ! disse Vital com sobranceira.

— Ainda não ; por ora pertences ao amor, que é capaz de todos os raptos e enthusiasmos como de todas as loucuras, que faz heroe ao cobarde e martyr ao egoista. É na idade da ambição que se prova a tempera aos homens.

— E qual é essa idade ? Não dirás que seja a tua, pois n'ella te condemnas ao esquecimento.

— Não se trata de mim, que já não pertença ao mundo, nem cuido sinão de mirrar a mumia d'este espirito para deixal-a á posteridade. Não que eu creia n'isso que se chama pomposamente a justiça da historia ; mas creio

no sarcasmo retrospectivo do futuro ; creio no desprezo postumo pelas torpezas que já não aproveitam, e n'essa gargalhada eterna que desde o principio do mundo atravessa as idades fustigando como um latego todas as grandezas ridiculas e grotescas.

Cahindo em si o advogado reprimiu esse rasgo, como homem que já não permittia á sua palavra austera as flôres da eloquencia :

— E eu a falar de mim, quando é de ti e do governador... que me devo occupar. Quer-te elle casado...

— Tambem entra n'isso um plano ? perguntou Rebello gracejando.

— E o mais perigoso. Moço, rico, bemquisto, brioso, ornado de prendas tão luzidas que o proprio Sebastião de Castro não as póde esconder, és um manjar de rei. Tua altivez já passa a escandalo e faz sombra em palacio. N'este momento não tem o governador com que fascine teu coração de namorado. Suas insignias de capitão-general não valem para ti o requebro d'olhos e o sorriso de tua dama. Mas casado e com uma fidalga de Olinda, tu, mercador e filho de mercador, podes responder por tua isenção ?

— Juro-te que sim ; e si me conhecesses, não o duvidarias.

— Não te conhece elle, e por isso espera que tua mulher será a chave com que os Cavalcantis te abrirão a consciencia e se apossarão d'ella até fazerem de ti uma creatura sua. Eis porque Sebastião de Castro se empenha por teu casamento.

— Tenho na melhor estemação o teu voto em tudo, mas n'este ponto cuido que ezageras a habilidade do homem ; não o supponho capaz de tal argucia, e n'isso faço menos justiça á sua virtude, do que ao seu engenho.

Estavam os dois amigos no gabinete do advogado, que seguia a pratica andando de um a outro lado. Passava elle por diante da livraria e acertou de cahir-lhe sob os olhos um volume.

— Conheces este livro ? perguntou apontando o rotulo com o index.

— O *Principe* ?

— Anda em moda comparal-o com Sebastião de Castro e já ouvi de alguém, que o governador não era sinão o livro encadernado em pergaminho humano. Com essa maledicencia cuidam deprimil-o, e o absolvem. Machiavel foi o politico de seu tempo, como este o é de sua escola. Observa-se em ambos a extranha fusão das maximas severas da moral com os manejos de uma astucia desabusada. Agora a dedicação ao bem publico ; logo após um frio egoismo. A razão d'isto, queres sabel-a ? É que para elles, que têm os povos em conta de crianças, pois os conheceram assim, o governo do estado não é outra cousa sinão a arte de enganar os homens para o bem de todos.

Essa convicção robusta não deixou de abalar o mancebo, que movido em parte d'ella e em parte da deferencia com que tratava ao amigo, disse-lhe em acto de despedir-se :

— Que me aconselhas então ?

— Nada. Segue teu caminho ; serás illudido por tua vez e aprenderás á tua custa. Aqui has de tornar cedo, porque não és dos que aprendem a grimpar e se agacham para subir.

CAPITULO XVI

.....
Effectivamente a revolta dos pernambucanos tomara de dia em dia maior incremento.

Sebastião de Castro, já de todo restabelecido dos ferimentos, começava a sentir em palacio o isolamento, infallivel symptoma dos desastres iminentes. As catervas de homens têm o mesmo instincto dos rebanhos, que presentem o temporal, e fogem ao perigo.

Elle reconheceu, então, já tarde, o erro. Seu immenso poder e a sua politica dissolvente haviam tudo esmagado e diluido em torno d'elle ; de modo que no dia da provança, quando se julgava cercado de amigos e alliados, não viu ao redor sinão miragens de sua propria vontade, que elle animara com seu prestigio e com este se apagavam.

Não eram homens aquelles vultos que ainda povoavam as salas do palacio ; e sim os manequins do governo ainda movidos pela mola da ambição e da cobiça. Mas como a corda do machinismo estava prestes a acabar, já os movimentos eram frouxos e incertos.

O Barbosa de Lima acompanhou-o até o ultimo instante com uma fidelidade nunca desmentida ; mas continuou no cargo de secretario, e nelle atravessou todo o periodo da guerra dos mascates, até 1712 em que partiu para Lisboa.

Espalharam então que fôra a mandado dos mascates, e ganhando pingue esportula ; mas isso não passou de uma das muitas calumnias tão frequentes naquelles tempos ; e a que não escapou o proprio Sebastião de Castro apezar de seu proverbial desinteresse.

Não é este o momento de referir os successos que puzeram termo ao governo de Sebastião de Castro Caldas, e que pertencem á chronica seguinte. Esta termina com o primeiro e ephemero triumpho dos mascates, e com a installação da villa do Recife.

Anteciparemos porém este ponto ; que Sabastião de Castro mostrou-se na adversidade o varão forte de Horacio, a quem as ruinas de seu fastigo não esmagam, mas ao contrario exaltam, como um pedestal.

E' o destino dos homens fadados para a dominação. O poder e a fortuna os expande ; e elles absorvem ou repellem quantos se lhe aproximam. O revez e a desgraça os concentra ; e então elles acham dentro em si um mundo, onde se isolam.

Na noite em que Sebastião de Castro embarcava na rampa de palacio para transportar-se a bordo do navio que devia conduzir-o á Bahia, diversas pessoas o acompanhavam.

Destas algumas eram os principaes mercadores que temendo as represalias dos nobres, fugiam á má fortuna ; outras eram gente da governança e officiaes de sala que desempenhavam pontualmente uma obrigação de seu officio, vindo prestar ao fidalgo aquelle ultimo dever.

Só uma era estranha ao governo, e desconhecida para aquella gente. Sebastião de Castro Caldas reconheceu Carlos de Enéia, seu antigo secretario, e comprehendeu que o trazia ali o desejo de render a homenagem de seu respeito á adversidade, já que não lhe era dado conjural-a.

O SERTANEJO

Vol. I

CAPITULO I

O COMBOIO

Esta immensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.

Ahi campeia o destemido vaqueiro cearense, que á unha de cavallo acossa o touro indomito no cerrado mais espesso; e o derriba pela cauda com admiravel dextreza.

Ahi, ao morrer do dia, rebôa entre os mugidos das rezes, a voz saudosa e plangente do rapaz que aboia o gado para o recolher aos curraes no tempo da ferra.

Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei ha tantos annos na aurora serena e feliz de minha infancia ?

Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quaes o homem communga a seiva d'essa natureza possante ?

De dia em dia aquellas remotas regiões vão perdendo

a primitiva rudeza, que tamanho encanto lhes infundia.

A civilização que penetra pelo interior, corta os campos de estradas, e semeia pelo vastissimo deserto as casas e mais tarde as povoações.

Não era assim no fim do seculo passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas, as quaes occupavam todo o espaço entre as raras freguezias espalhadas pelo interior da provincia.

Então o viajante tinha de atravessar grandes distancias sem encontrar habitação, que lhe servisse de pousada ; por isso, a não ser algum affouto sertanejo á escoteira, era obrigado a munir-se de todas as provisões necessarias tanto á commodidade, como á segurança.

Assim fizera o dono do comboio que no dia 10 de dezembro de 1764 seguia pelas margens do Sitiá buscando as faldas da Serra de Santa Maria, no sertão de Quixeramobim.

Uma longa fila de cargueiros tocados por peões despeja o caminho n'essa marcha miuda e batida a que dão lá o nome de carrego baixo, e que tanto distingue os alegres comboios do norte das tropas do sul a passo tardo e monotono.

Os recoveiros armados de sua clavina e faca de matto formavam boa escolta para o caso de necessidade. Além d'elles, acompanhava a pesada bagagem uma caterva de famulos de serviço domestico e acostados.

Adiante do comboio, e já muito distante, apparecia a cavalgada dos viajantes.

Compunha-se ella de muitas pessoas. D'essas, vinte pertenciam á classe ainda não extincta de valentões, que os fazendeiros desde aquelle tempo costumavam angariar para lhes formarem o sequito e guardarem sua pessoa, quando não serviam, como tantas vezes aconteceu, de

cegos instrumentos a vinganças e odios sanguinarios.

Em geral essa gente adoptara um traje em que a moda portugueza do tempo era modificada pela influencia do sertão. Aquelles porém traziam um gibão verde guarnecido de galão branco, uma vestia amarella e calções da mesma côr com botas pretas e chapéos á frederica.

Larga catana á ilharga, trabuco a tiracollo e adaga á cinta, além dos pistoletes nos coldres, completavam o esquipamento d'estes individuos cuja sinistra catadura já de si inculca mais susto do que as proprias armas.

Traziam mais, presa á borraina da sella e suspensa as ancas do animal, a larga machada que servia-lhes no caso de necessidade para abrir a picada na matta virgem, ou improvisar uma ponte sobre o rio cheio; utensilio indispensavel n'aquelle tempo ao viajante, que muitas vezes o transformava em arma terrivel.

Ia de cabo a essa força um homem de exigua figura, magriço, que trajava como os seus companheiros, com a differença de trazer a farda de panno verde e o chapéo de feltro agaloados de prata.

Esta escolta acompanhava duas pessoas que eram sem duvida os donos do comboio.

A primeira, homem de cincoenta annos, de alto porte e compleição robusta, mostrava pelo chapéo armado e pela farda escarlata com galões dourados ser um capitão-mór de ordenanças. Montava cavallo russo-pedrez, o qual dava testemunho de seu vigor na galhardia com que supportava o pezo do corpulento cavalleiro, além de umas vinte libras da prata dos arreios.

A segunda personagem, dama de meia idade, mas bem conservada e prazenteira, manejava com donaire o seu cavallo castanho, tambem ajaezado de prata como o de seu marido. O vestido de montar era de fino droguete

verde-garrafa com alamães de torçal de ouro, e o chapéo, em fórma de touca, ornado de um cocar de plumas tricolores, que ao movimento do cavallo, se agitavam em torno da cabeça.

Actualmente viaja-se pelo nosso interior em habitos caseiros ; não era assim n'aquelle bom tempo em que um capitão-mór julgaria derogar da sua gravidade e importancia, si fossem vistos na estrada, elle e a esposa, sem o decoro que reclamava sua jerarchia.

Accresce que o capitão-mór Gonçalo Pires Campello e sua mulher D. Genoveva estavam a chegar á sua fazenda da *Oiticica*, onde pretendiam entrar antes de uma hora com a solemnidade, que ali era de costume, sempre que os donos voltavam depois de alguma ausencia.

A ultima pessoa da cavalgada, ou antes a primeira, pois rompia a marcha, era D. Flôr, a filha do capitão-mór. Formosa e gentil, esbeltava-lhe o corpo airoso um roupão igual ao de sua mãe com a differença de ser azul a côr do estofo.

Trazia um chapéo de feltro á escudeira, com uma das abas cahida e a outra aprezilhada um tanto de esguelha pelo broche de pedrarias d'onde escapava-se uma só e longa pluma branca, que lhe cingia carinhosamente o collo como o pescoço de uma garça.

Na moldura d'esse gracioso toucado, a belleza deslumbrante de seu rosto revestia-se de uma expressão cavalleira e senhoril, que era talvez o traço mais airoso de sua pessoa. No olhar que desferia a luminosa pupilla ; na seriedade de seus labios purpurinos, que ainda cerrados pareciam enflorar-se de um sorriso crystallizado em rubim ; na gentil flexão do collo harmonioso ; e no garbo com que regia o seu fogado cavallo, assomavam os realces de uma alma elevada que tem consciencia de sua superioridade,

e sente ao passar pela terra a elação das azas celestes.

O sofrego baio mastigava o freio e espumava ; porém a mão firme da linda escudeira, calçada de comprido guante de seda, que lhe vestia o braço até á curva, retinha os impetos do animal, impaciente desde que aspirára as emanações dos campos nativos.

A chapada, que os viajantes atravessavam n'este momento, tinha o aspecto desolado e profundamente triste que tomam aquelles regiões no tempo da secca.

N'essa epoca o sertão parece a terra combusta do propheta ; dir-se-hia que por ahi passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das arvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indigenas.

Pela vasta planura que se estende a perder de vista, se irriçam os troncos ermos e nús com os esgalhos rijos e encarquilhados, que figuram o vasto ossuario da antiga floresta.

O capim, que outr'ora cobria a superficie da terra de verde alcatifa, roido até á raiz pelo dente faminto do animal, e triturado pela pata do gado, ficou reduzido a uma cinza espessa que o menor bafejo do vento levanta em nuvens pardacentas.

O sol ardentissimo cõa atravez do mormaço da terra abrasada uns raios baços que vestem de uma mortalha livida e poenta os esqueletos das arvores, enfileirados uns após outros como uma lugubre procissão de mortos.

Apenas ao longe se destaca a folhagem de uma oiticica, de um joazeiro ou de outra arvore vivaz do sertão, que elevando a sua copa virente por sobre aquella devastação profunda, parece o derradeiro arranco da seiva da terra exhausta a remontar ao céu.

Estes ares em outra epoca povoados de turbilhões de

passaros loquazes, cuja brilhante plumagem rutilava aos raios do sol, agora ermos e mudos como a terra, são apenas cortados pelo vôo pesado dos urubús que farejam a carniça.

Às vezes ouve-se o crepitar dos gravetos. São as rezes que vagam por esta sombra de matto, e que vão cair mais longe, queimadas pela sede abrasadora ainda mais do que inanidas pela fome. Verdadeiros espectros, essas carcassas que se movem ainda aos ultimos arquejos da vida, inspiraram outr'ora as lendas sertanistas dos bois encantados, que os antigos vaqueiros, deitados ao relento no terreiro da fazenda, contavam aos rapazes nas noites de luar.

Quem pela primeira vez percorre o sertão n'essa quadra, depois de longa secca, sente confranger-se-lhe a alma até os ultimos refolhos em face d'essa inanição da vida, d'esse immenso holocausto da terra.

É mais funebre do que um cemiterio. Na cidade dos mortos as lousas estão cercadas por uma vegetação que viça e floresce; mas aqui a vida abandona a terra, e toda essa região que se estende por centenas de leguas não é mais do que o vasto jazigo de uma natureza extincta, e o sepulcro da propria criação.

Das torrentes caudaes restam apenas os leitos estanques, onde não se percebe mais nem vestigios da agua que os assoberbava. Sabe-se que ali houve um rio, pela depressão ás vezes imperceptivel do terreno, e pela areia alva e fina que o enxurro lavou.

É nos estuarios d'essas alluviões do inverno, conhecidos com o nome de varzeas, onde se conserva algum vislumbre da vitalidade, que parece haver de todo abandonado a terra. Ahi se encontram, semeadas pelo campo, touceiras irriçadas de puas e espinhos em que se entrelaçam os car-

dos e as carnaúbas. Sempre verdes, ainda quando não cahe do céu uma só gotta de orvalho, estas plantas symbolisam no sertão as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança.

O capitão-mór havia sesteado a quatro legoas da fazenda, e partira á tarde quando já quebrára a força do sol, contando chegar a sua casa á noitinha.

N'essas horas do occaso o sertão perde o aspecto morno, acerbo e desolador que toma ao dardejar do sol em brasa. A sombra da tarde reveste-o de seu manto suave e melancolico ; é tambem a hora em que chega a brisa do mar e derrama por essa atmosphaera, incandescente como uma fornalha, a sua frescura consoladora.

.....

CAPITULO XX

O ABOIAR

O sol transmontára.

As sombras das collinas do poente desdobravam-se pelos campos e varzeas, e cobriam a rechã d'esse candor da tarde, que em vez da alegria da alva matutina tem o deſmaio, a languidez e a melancolia da luz que expira.

Por aquellas devezas já envoltas no umbroso manto, só destacam-se as copas das arvores altaneiras ainda immergidas nos fogos do arrebol, e que de longe parecem as chamas de um incendio rompendo aqui e ali do seio da matta.

O gado espalhado pelas varzeas solta os profundos e longos mugidos com que se despede do sol, e que propagam-se pelo ermo, como os carpidos da natureza ao sepultar-se nas trévas.

Respondem as vaccas nos curraes, e os bezerros misturam seus berros descompassados com os balidos das ovelhas e borregos, tambem já recolhidos ao aprisco.

Lá das mattas rebôa o surdo estridor em que se condensam os cantos de todos os passaros, e o grito de todos os animaes, para formar a grande voz da floresta, que exhalase, sobretudo n'essa hora, abafada e sombria, das espessas abobadas de verdura.

No meio porém d'esse concerto e do borborinho que ainda levantava a labutação diaria, atravessava o espaço uma nota dorida, plangente, ressumbro de saudade infinda. Si a alma da solidão se fizesse mulher, ella não tiraria de seu mavioso seio, um suspiro tão melancolico e tocante como o arrullo da juryty ao cahir da noite.

.....

Ainda retiniam as ultimas badaladas das trindades, quando longe, pela varzea além, começaram a resoar as modulações affectuosas e tocantes de uma voz que vinha aboiando.

Quem nunca ouviu essa aria rude, improvisada pelos nossos vaqueiros do sertão, não imagina o encanto que produzem os seus arpejos maviosos, quando se derramam pela solidão, ao pôr do sol, n'essa hora mystica do crepusculo, em que o echo tem vibrações crebras e profundas.

Não se distinguem palavras na canção do boiadeiro ; nem elle as articula, pois fala ao seu gado, com essa outra linguagem do coração, que enternece os animaes, e os captiva. Arrebatado pela inspiração, o bardo sertanejo fere as cordas mais affectuosas de sua alma, e vai soltando ás auras da tarde em estrophes ignotas o seu hymno agreste.

A voz que aboiava n'aquelle momento tinha um timbre forte e viril, que não perdia nunca, nem mesmo nas inflexões mais ternas e saudosas. Ainda quando sua melodia se repassava de suavissimos enlevos, sentia-se a percussão intima de uma alma pujante, que brandia ás commoções do amor, como o bronze ferido pelo malho.

O gado dos curraes, que já se tinha accommodado e ruminava deitado, levantando-se para responder ao canto do aboiador, mugia, não ruidosamente como pouco antes, mas quebrando a voz, em um tom commovido, para saudar o amigo.

.....

DIVA

CAPITULO III

.....

Visitando o negociante, vi ao entrar na sala uma linda moça, que não reconheci.

Estava só. De pé no vão da janella cheia de luz, meio reclinada ao peitoril, tinha na mão um livro aberto e lia com attenção.

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil d'essa estatua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um d'esses talhes flexiveis e lançados, que são hastes de lyrio para o rosto gentil ; porém na mesma delicadeza do porte esculpíam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, tambem não era morena. Tinha sua tez a côr das petalas da magnolia, quando vão desfallecendo ao beijo do sol. Mimosa côr de mulher, si a avelluda a pubescencia juvenil, e a luz côa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de roseo matiz. A d'ella era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema scintillando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstrahia da terra. Contemplando-a n'aquelle instante de enlevo, dir-se-hia que ella se preparava para sua celeste ascensão.

A's vezes, porém, a impressão da leitura turbava a serena elação da sua figura, e despertava n'ella a mulher. Então desferia alma por todos os póros. Os grandes olhos, velutados de negro, rasgavam-se para dardejar as centelhas electricas do nervoso organismo. N'esses momentos toda ella era sómente coração, porque toda ella palpitava e sentia.

.....

CAPITULO XI

.....

Havia na sua belleza um matiz de castidade, que a resguardava melhor do que um severo recato. Eu sentia muitas vezes, estando só com ella, a influencia d'essa força mysteriosa, que residia em sua tez mimosa ; mas só te poderei explicar o que eu sentia por uma imagem.

Tens reparado na doce pubescencia de que a natureza vestiu certos fructos ? Si a nossa mão a alisa, experimenta uma sensação avelludada ; si ao contrario a erriça, o tacto é aspero.

Assim era o pudor de Êmilia.

Olhos puros e castos podiam espreguiçar-se docemente por sua belleza, porque uma serena candidez a avelludava então. Ao mais leve rubor porém, a alma de quem a contemplasse maguava-se na aspereza d'aquella formosura, tão suave ha pouco.

.....

CAPITULO XIX

Volto de sua casa.

Que noite, Paulo ! Que noite de ira, foi esta para mim !

Cheguei ao Rio Comprido quasi ao escurecer. Estavam todos no jardim. Depois de alguns instantes, Emilia ergueu-se e afastou-se lentamente do grupo. A alguma distancia, parou para colher uma flôr, voltou-se, e olhou-me.

Aproximei-me ; ella continuou seu passeio solitario pela chacara. Chegando á cerca onde as murtas formavam um bosque espesso em torno de assentos de pedra, voltou-se de novo para mim e sorriu. Como eu hesitasse si devia segui-la, fez-me um aceno gracioso.

Sentámo-nos : eram seis horas da tarde ; uma sombra luminosa ainda e de uma doçura immensa derramava-se por aquelles lugares. As vozes de Julinha e das outras moças que passeavam do lado opposto, chegavam-nos através das folhas e da sombra com uma suavidade extrema.

Mas essa doçura da tarde, a belleza de Emilia, os perfumes das flôres, tudo que havia de suave ali, irritava-me ; eu tinha a alma ulcerada, e não havia balsamos, sinão cauterios, para cicatrizal-a.

Falei-lhe com volubilidade, travada do fel que borbotava do coração.

— D. Emilia, nós estamos representando o papel de duas crianças, atormentando-nos um ao outro, e talvez servindo de thema á malignidade alheia. Hontem, a senhora cuida que não ouviram suas palavras ?

— Que as ouvissem ! Foi o senhor mesmo quem se denunciou ! ...

— Já lhe disse e repito. D. Emilia, eu não amo a senhora... Nunca a amei !...

— Mentiu-me então ?

— Menti, confesso...

— Creio antes que mente agora. A mentira é irmã do insulto.

— Desculpemo-nos mutuamente, D. Emilia ; ambos errámos ; e para que estas scenas não se repitam, eu quero ser franco. A senhora me fez uma vez, ha tempo, sua confissão : quer ouvir a minha ?

— Fale ! replicou Emilia com um tom de ameaça.

— Eu não sou inteiramente pobre, mas tambem não sou rico, e tenho acima de tudo a ambição do dinheiro.

— Ah ! fez ella, cerrando as palpebras e encostando a cabeça no recosto do banco para ouvir-me impassivel.

Seu olhar, coando entre os cilios e partindo-se em mil raios, scintillava sobre meu rosto, como o tremulo rutilo de uma estrella.

— O que lhe vou dizer é talvez humilhante para mim ; mas eu me sacrifico !

— Muito agradecida ! Isso me penhora : respondeu-me, inclinando-se com um serio imperturbavel.

— Á excepção do commercio, a senhora sabe que não ha no Brasil carreira alguma pela qual se possa chegar depressa... e honestamente, á riqueza. A minha, mal dá para viver com decencia. Portanto, sendo eu honesto... porque tenho medo da policia, e não gosto que me incom-

modem... sendo eu honesto, repito, só havia um recurso á minha ambição... Adivinha qual ?

— Suspeito ; mas diga sempre.

— O do casamento.

— É um recurso licito e facil.

— Não tanto como lhe parece.

— Ora ! Para o senhor ?

— Para mim, sim, senhora ; porque embora ambicioso, eu não estou disposto a sacrificar á riqueza minha felicidade; seria um absurdo, pois si eu quero ser rico é para ser feliz.

— E como pretende conciliar isto ? Deve ser curioso.

— É agora que eu preciso de toda a sua indulgencia ; vendo-a quando voltei da Europa, senti-me attrahido para a senhora por uma inclinação que eu considerei amor ; e essa inclinação... Não devo occultar cousa alguma para minha maior vergonha... essa inclinação augmentou involuntariamente quando soube que os negocios do Sr. Duarte tinham prosperado por tal fórma que elle era, sinão o maior, um dos maiores e mais solidos capitalistas da praça do Rio de Janeiro... Não sei si deva continuar !...

— Porque não, doutor ? Eu estou ouvindo-o com um prazer immenso !

— Mas eu me acanho...

— É modestia propria dos homens de talento, que sabem viver. Mas nós nos conhecemos !...

— Bem ; eu continuo. Disse-lhe que a amava já muito, mas isso não era nada em comparação do que senti depois... Um dia, alguém, creio que um corretor, assegurou-me que o Sr. Duarte era nada menos que millionario... duas vezes millionario...

— Ah ! Eu ignorava !

— Pois saiba que é. Viuvo, só com dois filhos... pensei eu... Então D. Emilia terá um milhão de dote ! Um milhão !

Desde esse momento meu amor não teve mais limites ; tornou-se uma paixão digna de Romeu, de Othello, dos mais celebrados heróis de dramas e romances. Como sua formosura então revelou-se resplandecente aos meus olhos!... Eu compreendi n'essa ocasião os poetas que eu não comprehendêra nunca, e as suas comparações mineraes... Vi que seus dentes mimosos eram realmente perolas de Ceylão, seus labios rubis de Ophir, e seus olhos diamantes da melhor agua ! Sua voz argentina tinha aos meus ouvidos esse melodia ineffavel, que nem Rossini nem Verdi puderam ainda imitar, a melodia do ouro... do ouro, a senhora bem sabe, a lyra de Orpheu d'este seculo !... Oh ! Que paixão, D. Emilia ! Era um delirio... uma loucura... Foi então que eu não pude mais resistir e confessei-lhe que a amava !

Emilia ergueu-se rapida :

— Ah ! comprehendo agora !...

Como não fiquei ao ver aquella mulher, exultando de jubilo e orgulho ali, em face de mim, que pensava tel-a afinal humilhado com meu frio sarcasmo.

— O que é que a senhora comprehende, D. Emilia ?

— Que eu vivo em sua alma ! E como o senhor não póde arrancar-me d'ella, procura rebaixar-me a seus proprios olhos e humilhar-me para ter a força, que não tem, de me desprezar ! O senhor ama-me, e ha de amar-me emquanto eu quizer... e ha de esperar aqui, a meu lado, até que chegue a hora em que me perca para sempre... Porque eu, é que posso jurar-lhe : não o amo, não o amei, não o amarei nunca...

A paixão, recalcada por algum tempo, ergueu-se indomavel em minha alma, e precipitou como uma féra sedenta para essa mulher. Toda a lia que o peccado original depositou no fundo do coração humano, revolveu-se e extravasou.

Eu avancei para Emilia, e meu passo hirto, e meu olhar abrasado, deviam incutir-lhe terror.

— Pois bem, exclamei eu com a voz surda e tremula. A senhora quer ! É verdade ! Eu a amo ! Mas aquella adoração de outrora, aquelle culto sagrado cheio de respeito e admiração... tudo isso morreu ! O que resta agora n'este coração que a senhora esmagou por um barbaro divertimento, o que resta, é o amor brutal, faminto, repassado de odio ...é o desespero de se ver escarnecido, e a raiva de querê-la e obrigar-a a pertencer-me para sempre e contra sua propria vontade !...

— Eu o deprezo !... respondeu-me Emilia.

Era quasi noite. A voz de Julinha soou no jardim, chamando a prima. Eu ia dar um ultimo passo para Emilia ; hesitei.

— Fuja, senhora !

Ella não se moveu ; ficou muda enquanto os échos da voz de Julinha continuando a chamal-a resoavam ao longe. Quando o silencio restabeleceu-se, e parecia que a prima se tinha afastado, ella veio collocar-se em face de mim, e erigindo o talhe e cruzando os braços affrontou-me com o olhar.

— O senhor é um infame ! disse com arrogancia.

Fiz um esforço supremo ; inclinei-me para beijar-lhe a fronte. Seu halito abrasado passou em meu rosto como um sopro de tormenta.

Ella atirára rapidamente para trás a altiva cabeça, arqueando o talhe ; e sua mão fina e nervosa flagellou-me a face sem piedade.

Quando dei accordo de mim, Emilia estava a meus pés. Sem sentir eu lhe travára dos pulsos e a prostrára de joelhos diante de mim, como si a quizera esmagar. Apesar da minha raiva e da violencia com que a molestava, essa

orgulhosa menina não exhalava um queixume ; soltei-lhe os braços maguados e ella cahiu com a fronte sobre a areia.

— Criança !... È louca !... murmurei, afastando-me.

Emilia arrastou-se de joelhos pelo chão. Apertou-me convulsa as mãos, erguendo para mim seu divino semblante que o pranto orvalhava.

— Perdão !... soluçou a voz maviosa. Perdão, Augusto ! Eu te amo !...

Seus labios humidos das lagrimas pousáram rapidos na minha face, onde a sua mão tinha tocado. È ella ali estava diante de mim, e sorria, submissa e amante.

Fechei os olhos. Corri espavorido, fugindo como um phantasma a essa visão sinistra.

CAPITULO XX

« Sim, Augusto, eu te amo !... Já não tenho outra consciencia de minha vida. Sei que existo, porque te amo.

»N'aquelle momento, de joelhos, a teus pés, essa grande luz encheu meu coração. Acabava de ultrajar-te cruelmente; detestava-te com todas as forças de minha alma ; e de repente todo aquelle odio violento e profundo fez-se amor ! Mas que amor !

»Desde então me sinto como inundada por este immenso jubilo de amar. Minha alma é grande e forte ; guardei-a até agora virgem e pura ; nem uma emoção fatigou-a ainda. Entretanto receio que ella não baste para tanta paixão. É preciso que eu derrame em torno de mim a felicidade que me esmaga.

« Porque me fugiste, Augusto ?... Segui-te repetindo mil vezes que te amava ; confessei-o a cada flôr que me cercava, a cada estrella que luzia no céo. Minha alma vinha aos meus labios para voar a ti n'esta abençoada palavra — eu te amo ! Tudo em mim, meus olhos cheios de lagrimas, minhas mãos supplices, meus cabellos soltos, si tivessem uma voz, fariam para dizer-te — ella te ama !

« Beije na areia os signaes de teus passos, beije os meus braços que tu havias apertado, beije a mão que te ultrajára

n'um momneto de loucura, e os meus proprios labios que roçaram tua face n'um beijo de perdão.

» Que suprema delicia, meu Deus, foi para mim a dôr que me causavam os meus pulsos maguados pelas tuas mãos ! Como abençoei este soffrimento !... Era alguma cousa de ti, um impeto de tua alma, a tua colera e indignação, que tinham ficado em minha pessoa e entravam em mim para tomar posse do que te pertencia. Pedi a Deus que tornasse indelevel esse vestigio de tua ira, que me sanctificára como uma cousa tua !

» Vieram encontrar-me submergida assim na minha felicidade. Interrogáram-me ; porém eu só ouvia os canticos de minha alma cheia das melodias do meu amor. Não lhes falei, com receio de profanar a minha voz, que eu respeito depois que ella te confessou que eu te amo. Não deixei que me tocassem para não te offenderem no que é teu.

» Quero guardar-me toda só para ti. Vem, Augusto : eu te espero. A minha vida terminou ; começo agora a viver em ti.

TUA EMILIA. »

SONHOS D'OURO *

Vol. I

CAPITULO I

O sol ardente de fevereiro dourava as lindas serranias da Tijuca.

Que formosa manhã! O céu arreava-se do mais puro azul; o verde da relva e da folhagem sorria entre as gottas de orvalho, cambiando aos toques da luz.

Frocos de nevoa, restos da cerração da noite, cingiam

*Ricardo Nunes, moço pobre, inicia na Côrte a advocacia. Em passeios que costuma fazer á montanha da Tijuca, encontra-se frequentemente com Guida, formosa filha de um rico banqueiro; os encontros amiudam-se mau grado d'elle, que se esquivava, por orgulho e temperamento reservado, á apresentação, por tantos desejada, á linda moça. Ricardo tem noiva em S. Paulo, e ama-a sinceramente. Nas a sua esquivança de Guida desperta nesta o interesse por elle, e mais tarde, impressionada fortemente pelas suas maneiras e pelo seu talento, ella o ama. Os capitulos escolhidos definem a situação reciproca dos dois moços e o desfecho da lucta que se trava em Ricardo, entre o sentimento e o character.

ainda os pincaros mais altos da montanha, como pregas de véo fluctuante, ao sopro da brisa, pelas espaduas das lindas amazonas que durante o verão costumam percorrer aquellas amenas devezas.

Seriam sete horas.

Um passeador solitario seguia a pé e distrahidamente por um dos muitos caminhos que se cruzam em varias direcções pela encosta occidental da montanha. Levava elle em baixo do braço esquerdo um album de desenho, naturalmente destinado á copia das magnificas perspectivas, que offerecem a cada passo as quebradas da serrania.

Era moço de 28 annos. Seu rosto de traços nobres não tinha de certo a belleza correcta e artistica do typo classico, nem a faceirice de certos casquilhos, principes da moda; apresentava porém uma physionomia sympathica e distincta. O olhar sobretudo, que é o sol d'alma, lhe esclarecia a larga fronte pensativa de reflexos intelligentes.

Trajava com extrema simplicidade. Tinha um vestuario completo, ou no jargão parisiense dos alfaiates, um *costume* ainda bem conservado e decente, apesar de um tanto fanado na gola. Notava-se a ausencia completa do ouro : a abotoadura era toda de marfim ; e não se via signal de relógio.

Depois de alguns minutos de passeio, o moço, cujos olhos iam percorrendo com indifferença as bordas do caminho, de um e outro lado alternadamente, desviou-se do trilho batido e seguiu por dentro do matto. Mal tivera tempo de sumir-se entre a ramagem do arvoredado, quando ouviu o tropel de um cavallo que passou a galope. Enfiando o olhar por entre as folhas, pôde ver o cavalleiro, o qual era rapaz de 21 annos, de bello parecer e maneiras agradaveis. Montava um cavallo castanho.

— Fabio !

O cavalleiro colheu promptamente as redeas, fazendo estacar a montaria, e voltou-se duvidoso para ver si com effeito o haviam chamado, como lhe parecêra. A rapidez do galope e a repercussão do solo tinham impedido que ouvisse distinctamente a voz do passeador a pé :

— Que milagre !... Hoje madrugaste !...

— Ah ! És tu, Ricardo ? ! exclamou o cavalleiro retribuindo o sorriso. Vou á *Vista dos Chins* com uns rapazes que estão ahi no hotel do Jourdain. Convidaram-me hontem á noite. É um *pick-nick* ! Queres ir tambem ?

— Só si partissemos ao meio o *Galgo*, observou Ricardo, alisando a linda anca do cavallo.

— Dou-te garupa ! replicou Fabio gracejando.

— Obrigado ! ...Luizinha teria ciumes.

— Bem ; vae romantisar com as flôres, que os sujeitos estão á minha espera. Talvez já chegue tarde ! Digam lá o que quizerem. Um homem deve se dar a respeito, e não comparar-se com os animaes e os carroceiros que deitam-se de dia e acordam-se de noite.

Atirando esse gracejo, Fabio deu de redeas ao animal e partiu a galope.

— Olha o *Galgo*, hemh ! gritou Ricardo.

— Com effeito !... nem de Bella tens tanto cuidado !

Ricardo sorriu, e acompanhou com os olhos o amigo até sumir se na volta do caminho. Não era porém o cavalleiro, apesar de elegante, o que prendia a attenção do passeador, e sim o cavallo cuja fina roupagem castanha brilhava aos reflexos do sol. A esbelteza das fórmas esgalgadas, e o garbo dos movimentos faceis e vivos, lhe tinham merecido o lindo nome dado pelo dono.

Quando o vulto airoso do cavallo encobriu-se por de-traz da folhagem de uma arvore que interceptou-lhe a vista, Ricardo, abafando um suspiro involuntario, desviou-

se novamente do caminho ao qual voltára para falar com o amigo.

Às vezes o pensamento do moço vagava de um a outro objecto, d'esta áquella moita, do ramo ao tronco, da folha á raiz, como si procurasse um ponto qualquer onde se fixasse, distrahindo-se das idéas e recordações do intimo. Outras vezes, depois de adejar como uma borboleta, o espirito do solitario passeador recolhia-se insensivelmente, e abstrahia-se de quanto o cercava para envolver-se nos refolhos d'alma.

Alguma cousa porém chamou por momentos sua attenção. Foi a pequena flôr silvestre de um arbusto que se encontra nas mattas da Tijuca.

Não sei o nome do arbusto, nem mesmo si já foi baptizado pela sciencia. É natural que não tenha escapado ás pesquisas dos dois illustres *freires* da flora brasileira, o Velloso e o Allemão : mas, como apezar de tanto dinheiro desperdiçado pelo governo, as lettras andam entre nós abandonadas á indifferença e ao charlatanismo, que são a medusa e o minotauro do talento, não me pude soccorrer á sciencia dos dois celebres botanicos.

A este respeito Ricardo não era menos ignorante. O modo por que elle admirava a pequena flôr revelava o tacto do artista ou do poeta. Seu exame nada absolutamente se parecia com a fria dissecação que o botanista opéra nas differentes partes de uma planta, para conhecer o seu genero, classe e familia.

A flôr tem a fôrma de um junquillo, mas é de uma bella côr de ouro, e avelludada como a açucena. Falta-lhe o perfume, que é o coração da flôr, a sua respiração.

A corolla tubular, com cinco lobulos agudos de lança, surge de um calix que parece de coralina. Cada haste sustenta communmente tres calices dispostos como as as-

pas de um leque : ahi dentro d'esses calices formam-se os botões, como pequenas contas de ouro no seu roseo engaste.

Pelo conhecimento que fizemos a planta e eu, durante o verão passado, notei-lhe duas particularidades. Talvez recebesse eu d'ella outras confidencias si não nos separassemos tão cedo, e tão no principio ainda de nossa amizade.

Os botões, que despontam em dezembro, por muito tempo se conservam estacionarios, sem crescimento aparente. Ê só dois ou tres mezes depois, em fevereiro e março, que as gemmas d'ouro se elevam como aljofares, e desabrocham para murchar em um dia. Mas as tres flôres irmãs não crescem, nem abrem ao mesmo tempo ; vêm solitarias, uma depois da outra.

Êram estas justamente as observações que fazia Ricardo, examinando a linda corolla, e os botões nascentes aninhados ainda no fundo do calix nacarado. Muitas vezes em seus passeios tinha elle notado o arbusto coberto das lindas perolas douradas. Cançado de esperar o desabrochar, suppoz a florescencia já passada, e n'aquillo que via o embryão do fructo.

Depois de olhar a flôr agreste com enlevos de artista, o moço, que procurava qualquer modelo, lembrou-se de copiar o arbusto em uma das paginas do album. Êscolheu a posição, aproveitando os accidentes do terreno em ladeira, para servir-lhe de mesa. De joelhos na grama, debruçado sorbe o declive de um barranco, traçou rapidamente a lapis o esboço da planta.

Emquanto descançava, examinou de novo a flôr do ramo que tinha quebrado :

— Que bella côr de ouro ! murmurou.

Então com as impressões poeticas da flôr agreste se

enleiraram outras scismas que absorveram completamente o espirito de Ricardo. Como a seiva exuberante de uma arvore, que rompe a casca e borbulha aqui e ali pelo tronco em fios de resina, assim os pensamentos que enchiam a alma do mancebo se escapavam de vez em quando nas palavras entrecortadas de um monologo.

— Ouro !... ouro !... És o rei do mundo, rei absoluto, autocrata de todas as grandezas da terra ! Tu sim, tu reinas e governas, sem lei, sem opinião, sem parlamento, sem ministros responsaveis !... Não tens nenhum d'esses trambolhos que arrastam os soberanos constitucionaes.

« Lei ?... Que lei é a tua, sinão o capricho com que escarneces dos homens ? Tu dizes ao pobre, cobiça ; ao opulento, gasta ; ao prodigo, esbanja ; ao avarento, aferrolha ; ao mendigo, esmola ; ao ladrão, rouba ; e a todos, grandes e pequenos, adorai-me...!

« Opinião ?... Quem faz esse rumor que nos atordôa os ouvidos e a que chamam pomposamente opinião publica ? Tu, que sustentas os jornaes, pagas os jantares, offereces lindos presentes, estreitas as amizades, e nutres a admiração e o enthusiasmo ! »

O monologo expirou nos labios do moço ; porém a expressão de seu rosto indicava que o espirito seguia mentalmente o successivo desenvolvimento da idéa.

— Todos nós, bons ou máos, somos subditos de tua magestade, com a differença que os máos te bajulam e se arrastam a teus pés para satisfação de ignobeis instinctos ; emquanto que os homens honestos te respeitam como um grande poder, te servem para se robustecerem com tua força, mas não te sacrificam a dignidade e a virtude.

Um sorriso amargo pairou nos labios de Ricardo :

— Por isso, como todos os reis, tu repelles quasi sempre essas almas de rija tempera, que não se dobram a teus

caprichos. Preferes os lisongeiros, os corações de cortiça, as almas de esponja, que á vontade se embebem ou se encharcam d'aquillo que te apraz ou te repugna.

A sombra de algum pensamento mais desanimador perpassou-lhe na fronte, e derramou-lhe pelo semblante uma expressão de melancholia. As palpebras cerraram-se como si a luz do sol offendesse a penumbra d'alma em que dormiam as magoas intimas e as queridas reminiscencias :

— Minha felicidade, a felicidade de uma familia inteira, depende de ti, de um teu bafejo !... Vinte contos !... Uma migalha das tuas immensas riquezas. Dizem que millionarios já deram mais, muito mais, para terem direito a um nome de cinco lettras ! Quatro contos cada lettra ! Ha mulheres que levam ao baile algumas noites, durante sua vida, joias que valem dez vezes mais do que essa quantia ! Quanto não custa cada hora d'aquelle prazer ! Entretanto não são cinco lettras, são oito creaturas, não são horas apenas, são annos, são vidas de amor e ventura, que eu obteria com esta miseravel quantia... miseravel para os opulentos ; para mim um thesouro, um futuro !...

Sob a influencia da profunda scisma, Ricardo tinha a pouco e pouco mudado a posição, que tomára para desenhar. O corpo debruçado anteriormente sobre o declive, que servira de mesa, inclinou-se insensivelmente para o lado, firmando-se no cotovello. Assim com a cabeça apoiada na mão esquerda, quasi deitado sobre a relva, como sobre um divan, proseguia o moço nos seus devaneios, com os olhos fitos na flôr, que embalançava lentamente aos movimentos dos dedos.

— Bastava uma tira de papel, um bilhete de loteria ou uma carta de jogar, para dar-me essa quantia, o preço de minha felicidade, a saude de minha mãe, o casamento

de Luizinha e... Ah! Quantas vezes não me tenho embalado n'estas illusões sedutoras, n'estes sonhos d'ouro!... São como tu, linda flôr, os meus sonhos d'ouro. Brota uma tenue esperança, assim como o teu botão ; vai crescendo lentamente, no meio de ancias e duvidas ; afinal desabrocha em flôr ; mas é flor do vento, que logo murcha. Tambem tu não vives mais que um dia!... N'isto nos parecemos bem ; constante a preocupação ; o sorriso ephemero ; tua preocupação é vegetar, a minha pensar!

Decorrido um momento o semblante de Ricardo expandiu-se :

— Ha tanto tempo que vejo esta planta, e não lhe conhecia a flôr!... Quem sabe ? Talvez seja o annuncio do primeiro sorriso da fortuna!

Logo zombou de sua lembrança, e da puerilidade d'aquella superstição. Mas longe de a repellir, embebeu-se na illusão. Todos nós temos em nossa alma um cantinho, que, apesar dos annos, da experiencia e dos trabalhos, fica menino até que enfim o homem volta á primeira infancia. N'esse cantinho dormem as illusões ingenuas, as esperanças infindas, a fé robusta e sobretudo certos laivos de loucura que tonificam a razão.

É ahi, é justamente n'esse sanctuario da infancia, que a alma viril do homem costuma se refugiar nos momentos de crise, quando sustenta alguma luta com a fortuna ; ou vencedora para fortalecer-se com a seiva primitiva, e renovar o combate ; ou vencida para escapar ao desespero, que a invade.

Ricardo deixou-se ir á mercê da fantasia, que recortava arabescos em seu espirito. Era um d'esses sonhos acordados, em que as noções confusas se agitam n'um claro escuro do espirito. Esse jogo da luz e das sombras d'alma, junto á extrema volubilidade dos pensamentos, não dei-

xava destacar-se cada uma das idéas. Bilhete de loteria, jogo de cartas, heranças inesperadas, a protecção de um millionario, o trabalho abençoado por Deus, e mil rasgos e accidentes da fortuna : tudo isto misturado com a imagem da flôr se baralhava na mente de Ricardo, apagando-se e luzindo alternativamente, como os fogos fatuos em noite escura. Mas todas essas phosphorescencias iam derramando n'alma como que uma linda miragem, a abundancia, a posse dos vinte contos de réis.

— Então !... Como havíamos de ser felizes, Bella ! Que beijos, minha querida mãe, que eu te havia de dar para te beber nas faces as lagrimas de prazer ! Porque tu havias de chorar de alegria, como choraste de dôr. E tambem a ti, Luizinha ! A todos !...

A cada uma d'essas palavras o moço, completamente possuido e dominado por suas recordações, inclinava-se sobre a flôr agreste que tinha na mão, e beijava-a com ardor, vendo n'aquella gentil creatura da natureza a imagem das pessoas a quem amava.

— Oh ! então lhes pagaria em beijos as saudades que sentem por mim !...

O trino mavioso de um riso fresco e argentino arrancou subitamente o moço á profunda cogitação.

Aturdido um instante pela completa alheiação do espirito, que andava bem longe d'ali, atravez dos mares, Ricardo voltou-se para ver quem tão bruscamente o havia chamado á realidade.

O quadro que tinha diante dos olhos era digno de uma das folhas do seu album, ornado de finas aquarellas.

CAPITULO II

Entre o arvoredado tecido de grinaldas amarellas apparecia uma esphera do azul do céo, como tela fina de um painel, cingido por medalhão de ouro. A sombra de uma nuvem errante infundia ao horizonte suave transparencia.

Debuxava-se na tela assetinada o vulto airoso de linda moça, que montava com elegancia um cavallo isabel.

A alvura de sua tez fresca e pura escurecia o mais fino jaspe. Nem os raios do sol, nem o exercicio accenderam uma rosa mesmo pallida em sua face, candida como a petala do jasmim. A seiva d'essa mocidade, o viço d'essa alma, não se expandia no rubor da cutis, mas no olhar ardente e esplendido dos grandes olhos negros, e no sorriso mimoso dos labios, que eram um primor da natureza.

Admirando aquelle rosto encantador, ninguem reparava na sua pallidez : ao contrario parecia que os tons rosados maculariam a alvura do lirio. A alma que se derrama assim em ondas no olhar e no sorriso está no intimo, no coração, d'onde se desprende em scintellas : não póde tingir as faces.

Um roupão de cachemira verde escura, debruado a cairel de seda preta, com abotoadura de aço, moldava um talhe esbelto, que parecia talhado em marmore, tal era a

correcção das linhas e a harmonia dos contornos. O gracioso chapéu de castor côr de perola, em vez de cobri-lhe a cabeça gentil, pousava como um pombo na rica madeixa negra, que lhe descia caprichosamente pelo pescoço em opulentas cascatas.

Calçava luvas de camurça amarella, cujo longo canhão afunilado cobria-lhe uma parte do braço, mas deixava admirar o pulso delicado, cingido por um punho de cambraia lisa igual ao collarinho rebatido sobre a gola do roupão.

A mão esquerda sustinha as redeas trançadas com bastante firmeza, porém com a graça facil que teria segurando no baile o leque ou o ramallete. A direita suspensa apertava pela haste um chicotinho, cujo cabo de madreperola parecia machucar nos labios o sorriso faceiro, que ali brincava, e de vez em quando trinava como um canario.

Da cintura de menina ou de sylpho nasciam as amplas dobras do roupão de montar, roçagante sobre os flancos do bello animal. Como na constante ondulação do mar percebe-se, por uma inflexão mais forte, a vaga nascente que se empola, assim no meio das largas pregas do vestido sentia-se o relevo suave da perna esbelta e nervosa, que esticava o loro, emquanto o pé, despeitado por não se mostrar, agitava impaciente o estribo.

O cavallo era digno pedestal d'aquella estatua de Diana. Alto, airoso, de uma estampa soberba, respirava a elegancia altiva e serena, que lhe imprimira a educação britannica. O cavallo do Cabo, de boa raça, tem alguma cousa do *lord* : a mesma fleugma aristocratica, o mesmo garbo frio e impassivel, a mesma sobriedade do gesto, caracterisam os dous fidalgos.

Tenho para mim que um cavallo do Cabo olha para os cavallos de raça differente com o mesmo polido desdem

que sentia Lord Derby pela nobreza das outras nações. O lord inglez apropriou-se do antigo mote dos senhores do mundo, *civis sum*. O cavallo do Cabo, parodiando a divisa, diz *equus sum*; eu sou o cavallo por excellencia, o fidalgo de raça, o ~~gentleman da estribaria~~.

Por isso na attitude do lindo animal montado pela gentil amazona não se via a impaciencia ferosa, a vivacidade soffrega, que sem duvida resumbraria no filho da raça brasileira, apezar de muito afastado de sua primitiva estirpe arabe. O lindo isabel, sentindo a doce pressão das redeas colhidas pela mão da senhora, estacára immovel, com a firmeza correctiva de uma posição academica. As pernas lançadas pisavam o chão com rigida elegancia; a cauda e a crina conservavam a artistica ondulação que lhes imprimira a mão do escudeiro; a cabeça erguida com arrogancia inclinava-se ligeiramente para despedir o olhar obliquo do orgulho desdenhoso.

Pitt, o grande Pitt, parando no meio de um discurso eloquente, ao influxo da subita inspiração de um epigramma, que seu labio sarcastico ia desferir contra Fox, devia ter no parlamento inglez aquella attitude soberba.

Si a linda moça ficasse ali horas, creio que o seu impassivel cavallo não daria signal de impaciencia, nem levantaria a unha aristocratica para escarvar o chão. Podiam tambem as moscas impertinentes pousar-lhe na anca; elle não se preocupava com a ralé. Apenas, muito importunado, agitaria o corpo com um movimento semelhante ao do fidalgo que levanta os hombros em signal de tedio.

Eis o quadro original que Ricardo viu de relance. O vulto da moça, esclarecido por um raio do sol coado entre a folhagem, se estampava no fundo azul, com vigor de colorido e animação de tons admiraveis. Atravez da nevoa subtil que ha pouco envolvia seu espirito, o desenhista

podia suppor um instante que via uma paisagem de I,acroix através da illusão diaphana de um diorama.

Chegando-se ao arbusto para examinar-lhe a flôr, não reparou o moço que, seguindo por dentro do matto, se aproximára do caminho no lugar onde este fazia uma curva. Deitára-se pois voltando costas ao trilho, que lhe ficava a duas braças de distancia.

A linda amazona, que vinha ao passo do animal, descobriu o solitario passeador, e presentiu n'elle algum d'esses eternos sonhadores que se chamam poetas ou artistas : gente por quem as mulheres têm o mesmo fraco dos meninos pelas bolhas de sabão, cousa para se ver um instante, emquanto brilha.

Disfarçando a sua indiscreção com o pretexto de esperar alguém que a acompanhava, fez a amazona parar o animal. O vento, volvendo as folhas do album, mostrava as aquarellas, que os olhos curiosos tentavam espiar, emquanto a mão afastava o longo véo côr de havana. Esguardando os desenhos, não esquecêra a moça o artista que, entregue a seus pensamentos, murmurava palavras soltas.

Quando o viu beijar com ardor, uma e muitas vezes, a pequena flôr agreste, não se pôde conter, e deixou escapar-se a risada harmoniosa, que ainda se desfolhava em sua boca travêssa, como uma rosa desabrochada n'aquella manhã. Debalde quiz ella, pousando nos labios o cabo de madreperola do chicote, trancar aquelle cofre de perolas e rubis : as joias se desfiavam rorejando as melodias de uma voz suave.

O riso fresco de uma linda boca, ainda quando borbulha d'elle alguma malicia, é sempre doce e saboroso. Por isso Ricardo, apesar de reconhecer que a moça ria-se d'elle, em vez de zangar-se, riu-se para ella.

O véo cahiu immediatamente, occultando em uma nuvem espessa o rosto encantador. A uma vibração da redea, o soberbo isabel desatou o passo elegante em um trote largo, de suprema correcção hippiatica. O quadro arrebatador se tinha apagado de repente, deixando a tela azul erma da imagem seductora.

Em compensação porém outro quadro mais cheio desenhou-se no claro do arvoredos. Era formado por uma ingleza gorda, de meia idade, d'essas mulheres que teimam em não envelhecer, e por um portuguez magro, d'esses homens que aos quarenta annos envelhecem sem cerimonia.

Estas duas creaturas eram o epigramma vivo uma da outra. Montada a cavallo, com um chapéo de abas enormes, a ingleza parecia, relevem a comparação, um queijo londrino posto em prato alto e coberto com a tampa de crystal. O portuguez, esguio e curvado sobre a mula que o levava, com um chapéo afunilado, era a perfeita imagem de uma sal-sicha assada n'um espêto.

Para que o contraste fosse perfeito, a mulher falando ao homem estropiava o portuguez de uma maneira horrivel; e o homem, escutando-a attentamente como si a comprehendesse, arranjava de vez em quando no fundo da garganta um grunhido que tinha a pretensão de ser um *yes*, como uma careta tem a pretensão de ser um sorriso.

Ricardo vendo o segundo painel sentiu na vista uma sensação igual á do paladar que, saboreando a polpa deliciosa de um cambucá, sentisse de repente o gosto do pepino. Fechou os olhos emquanto o mutuo epigramma em carne e osso passava, acompanhado por um pagem de libré.

Um novo gorgeio do riso melodioso derramou-se pela solidão; porém Ricardo não ouviu mais do que um echo remoto.

— De que se ri, menina? perguntou a mestra em inglez. *Why do you laugh, baby?*

— Bonito romance, mrs. Trowsy ! respondeu a moça na mesma lingua.

— Que titulo tem ?

— Titulo !... replicou a moça rindo. Não está escripto ainda ! Si agora mesmo eu vi o primeiro capitulo !

— Não entendo.

— Ande lá, mrs. Trowsy ! E a senhora bem caladinha !...

— Mas o que é ?

— Não viu um moço que estava recostado na grama ao lado do caminho ?

— Onde ?... Não vi nada !

— Sim ? Não me engana ! Pois o moço tinha uma flor na mão, creio que era um girasol, e pensando que eu não o via, ou talvez que era outra pessoa, dava taes beijos na flor, que de cada beijo comia um pedaço.

— Oh ! oh ! engraçado ! exclamava a mestra com um riso puro *cokney*.

— Espere ; o mais interessante é que elle não cançava de dizer emquanto beijava o seu girasol : « *My love, my soul, my darling Harriet, my pretty mrs. Trowsy !* »

— *Baby, baby !*... repetia a mestra afogada em riso.

O portuguez não entendêra meia palavra do dialogo traduzido em inglez ; mas elle julgava que, sendo incumbido de acompanhar a moça e a mestra na qualidade de criado grave, devia compôr-se á feição d'aquelles de quem estava constituído a sombra.

— Você tem idéas, menina !

— É sério, mrs. Trowsy. Palavra que vi o moço. E a senhora tambem ; não disfarce.

A mestra voltou-se gravemente para o criado, e com os dentes cerrados para destrinçar as palavras portuguezas, disse mais ou menos isto :

— Senhor Daniel, nós ver *young gentleman* ?

— Iuh !... iuh !... iuh ! respondeu o Sr. Daniel que ficára em branco.

— Não disse ? exclamou a moça desatando a risada com extremo prazer.

— Iuh ! iuh !..... fez a mestra arremedando o portuguez. Que quer diz iuh ?...

N'este momento um cavalleiro a galope assomou na curva do caminho, e encontrou-se de frente com a moça e sua comitiva. Era Fabio que voltava do seu passeio gorado: ao avistar o grupo, moderou o andar do animal para melhor examinar as pessoas, com especialidade a gentil amazona.

Cumprimentou repetidamente a moça, que retribuiu-lhe com uma inclinação da fronte, bastante graciosa para revelar a fina educação, mas tão reservada e altiva que não permittia a quem a recebesse dirigir-lhe uma palavra, ou aproximar-se.

O *Galgo* e o formoso isabel tambem se cortejaram : o cavallo brasileiro, vivo, ardente e prazenteiro, enfreiando-se garboso e soltando um ligeiro nitrido de prazer ; o cavallo do Cabo, com o cumprimento protector que um ministro enfatuado se digna deferir a um deputado novel.

Como o joven deputado, o jovem corcel, vendo aquella fatuidade, sentiu certo prurido na pata ; mas pelo respeito ao cavalleiro que o montava, pela decencia devida á boa sociedade, e sobretudo pela educação que lhe dera o dono, desprezou a arrogancia do collega.

— É este o moço, menina ? perguntou a ingleza motejando.

— Não, mrs. Trowsy. Este é outro : é rival do primeiro, replicou a moça. Não viu que cumprimento lhe fez ? Creio que teremos duello ! É como ha de acabar o romance !

E o riso que se escondêra nas covinhas da face, quando se aproximára um estranho, voltou de novo ao labio da moça.

— *Hop ! hop !* exclamou ella, desapparecendo em um tempo de galope.

Vol. II

CAPITULO XXVI

Meio dia.

Abraza o sol a rechã onde se desdobra o bairro do Andarahy, precintado por um cordão de montanhas que lhe interceptam a passagem das brisas do largo.

É um d'esses dias de verão, que chofram de repente no meio de frias temporadas como vedetas ou postos avançados do estio a explorar as nevoas do inverno, e fazer experiencias no barometro dos callos e rheumatismos dos velhos fluminenses.

Um tilburi pára no portão da chacara de D. Leonarda ; e d'elle apeia-se um mancebo trajado com a severa elegancia, que revela o espirito superior, irisado pelo prisma brilhante da imaginação, mas contido pelo recato da dignidade.

No fim do curto passeio de murtas, appareceu um negriho que dobrava o outão da casa ; logo apoz outro pirralho, e outro, até que formou-se uma pinha dos taes diabretes. O mancebo caminhou a elles para confiar a um o seu cartão de visita ; mas não tinha dado tres passos, que a alcatéa alvoriçou, dispersando-se pelo terreiro afóra, e escondendo-se por trás da casa.

Abria-se porém a porta de entrada, e appareceu no patamal uma mucama :

— O senhor é Sr. doutor Ricardo ?

— Ricardo Nunes, confirmou o advogado.

— Póde entrar.

Achou-se o mancebo na sala de visitas, extensa peça, embora um tanto estreita, com cinco janellas rasgadas sobre o jardim, cujas ramadas lhe cobriam as portadas de verdes sanefas, por onde d'envolta com a fragrancia do jasmim coava-se a luz, peneirada no crivo das folhas, e roseada pelo reflexo dos lilazes.

Esta sombra luminosa, como a chamára Milton, derramava no aposento uma tinta de serena e doce quietude, que repassava a alma de um indefinivel enlevo, especialmente ao surdir-se das torrentes de um sol tropical.

Sentou-se o mancebo á espera, com alguma curiosidade de conhecer ao justo o fim da sua vinda ali.

Dous dias antes lhe apparecêra no escriptorio o obsequioso Sr. Benicio ; depois dos usuaes offerecimentos, sacára do bolso as tres classicas e enormes carteiras, collocára-as diante de si em cima da meza, esvasiára dous dos profundissimos bolsos, tornára a atopetal-os baldeando a carga da direita para a esquerda, e afinal depois de toda essa pesquisa como não a faria melhor a policia aduaneira, desenterrou das cavernas de uma algibeira uma nota de que deu leitura ao advogado :

— « Dr. Ricardo de Mello Nunes, advogado, Escriptorio rua do Rosario. 27. » É isto ?

— Deve ser ! respondeu Ricardo a rir, sinão o senhor cá não chegaria.

— Eu cá trago estas cousas em ordem, tornou o amanuense ; e acabou de ler a nota. — « Negocio de D. Leonarda. »

Depois d'essa formalidade explicou o Benicio ao mancebo que a sogra do Soares o incumbira de pedir-lhe o favor de achar-se em sua casa terça feira ao meio-dia em ponto, para na qualidade de advogado aconselhal-a em negocio importante e até mesmo arranjar certos papeis necessarios.

Assegurou Ricardo que as ordens de D. Leonarda seriam cumpridas ; e alli estava exacto, no dia e hora que lhe fôra designado. Viera com certa emoção incomprehensivel, que ainda n'aquelle momento não pudera dominar ao todo, e menos assignar-lhe a causa.

Attribuia á curiosidade. Que lhe queria a senhora ? Teria elle de penetrar nos segredos de sua vida ? Pretendia a velha incumbil-o de redigir seu testamento ? Ia elle tornar-se o confidente de alguma d'essas dissensões intestinas que ás vezes lavram no seio das familias ?

Abriu-se a porta ; e Guida appareceu em companhia de Mrs. Trowsby.

A moça trajava n'esse dia com extrema simplicidade. Estava toda de branco, e a alvura de suas vestes de cambraia sobre a nivea cutis dava-lhe a serena transparencia da luz mate. Sua bella estatua parecia fluctuar n'esse ether diaphano onde brilhavam com vivo fulgor os olhos negros e as tranças opulentas de seus cabellos. O labio, talvez pallido em outro semblante menos puro, no seu era folha de rosa boiando em leite ; e por elle perpassava um sorriso merencorio como deve ser a petala avelludada da flôr quando se despede da luz, de que embebia-se.

Ao vel-a entrar na sala, como uma doce visão de manhã de abril, Ricardo, imaginação de artista, com o culto da fórma e o entusiasmo do bello, não pôde conter os raptos de seu espirito ; e esteve por alguns momentos no enlevo da admiração.

— Está cansado de esperar ? disse Guida saudando o advogado.

Feitos os cumprimentos, Mrs. Trowsy foi sentar-se na outra parte da sala, no vão d'uma janella, com um volume de Dickens. Os dous moços ficaram onde estavam, Guida no sofá, e Ricardo na cadeira do lado.

— Minha avó está arranjanado sua papellada. Talvez se demore, e por isso incumbiu-me de uma cousa bem difficil : distrahir-lhe a impaciencia.

— A senhora dispensa o cumprimento ? perguntou Ricardo gracejando.

— De certo ; cumprimentos a esta hora entre o advogado e seu cliente... Porque eu estou aqui representando minha avó. Não é verdade ?

— Assim o entendo ; e eu não seria advogado si não houvera aprendido a fundo a paciencia ; além de que, não tenho pressa. Consagrei o dia de hoje á Sra. D. Leonarda.

— Então não o incommoda esperar ?

— De modo algum ; antes me dá o prazer...

— Ai ! ai... ! que lá se vae o advogado.

— É verdade !

— Estimo bem que não estivesse afflicto por ir-se, porque minha avó é muito vagarosa, coitada, tão doente ; e eu não sabia como fazer-lhe passar despercebido esse tempo. O piano... Si ainda tivesse cordas, podia tocar-lhe o *Capenga não forma*. Mrs. Trowsy quando se agarra com seu romance, ninguem conte com ella. Então Dickens !

— É o seu autor favorito ?

Acenou a moça que sim.

Não estava Guida, essa manhã, no seu natural, que era uma doce jovialidade, salpicada ás vezes de ironia, e outras de meiga affabilidade. Em seu vulto perpassavam,

como na face crystallina de um lago, as mutações do pensamento.

Ao entrar tinha ella a attitudo séria e concentrada, porém ao mesmo tempo decidida e serena, de quem atravessa um momento difficil da vida, mas arrima-se, para transpôl-o, a uma resolução inabalavel.

A conversa tirou-a d'essa reserva, sem comtudo dissipar-lhe de todo na frente a sombra da preocupação. Buscou reassumir o seu gentil e garrulo sorriso, mas a harmonia e a graça d'essa mimosa expressão resentia-se de uma ligeira crispação. As fibras nervinas d'esse delicado organismo, alguma forte commoção as tinha percutido.

Agora, em meio de um gracejo, deixava-se colher por subita distracção, como si o pensamento, transformado em uma borboleta, lhe fugisse pela janella a farfalhar entre as flôres do jardim ; mas, a ser assim, depressa achára a idéa que buscava, pois tornou logo á conversa.

— Dickens?... É o autor de sua paixão, disse afinal confirmado o aceno e com uma ligeira confusão.

Delicadamente Ricardo fingia observar Mrs. Trowsky, para não se mostrar apercebido do enleio da moça.

— Gosta dos romances inglezes ? perguntou Guida.

— Poucos tenho lido. A litteratura franceza nos invadiu ; e por algum tempo foi nosso unico fornecedor de idéas. Das outras apenas conheciamos as obras primas, os grandes poetas. Ultimamente já entrámos em commercio com outras litteraturas ; mas a mim falta-me o tempo e o gosto.

— Alguns acham os romances inglezes muito insipidos.

— É natural. Somos uma raça tão diversa ! Elles hão de achar os nossos extravagantes.

— Oh ! quanto a extravagancia, quero contar-lhe o desfecho de um que li ha tempos ; creio que é de... Não me lembro ! disse Guida com certo assomo nervoso.

Fitou a moça os olhos nas grinaldas que pendiam da janella, acompanhando o volutear de um colibri que chupava o mel das flôres. D'este modo não se podia cruzar o seu olhar com o do advogado.

— O titulo... não me lembro. Era uma moça, filha de um banqueiro muito rico. Quanto á descripção, imagine o senhor, que sabe desenhar ; o romancista a dá como bonita : não era nenhum primor ; bem longe d'isso.

— Ahi está-se revelando a escola ingleza, observou Ricardo.

Riu-se Guida maliciosamente da observação do moço, e continuou :

— O pai tinha declarado á filha quando ella tornou-se moça, que a não constrangiria, mas ao contrario lhe deixava plena liberdade para escolher um marido ; comtanto que chegando aos dezoito annos se casasse. Tambem é inglez, não lhe parece ?

— Genuino.

— Vae ver o resto. Chegou a moça aos dezoito annos ; e completou os dezenove. O pai exige o cumprimento da promessa.

— E ella casa-se ! exclamou Ricardo com vivacidade, levado por estranho impulso.

Retrahiu-se porém o moço ; e desfolhou dos labios um ironico sorriso. Guida, que deixára suspensa um instante a exclamação do moço, continuou galanteando :

— O senhor quer precipitar o desenlace. Não seja tão soffrego. Ouça ; temos muito tempo. Avósinha não vem tão cedo.

Guida parecia recobrar sua habitual isenção e garridice :

— O pai exigiu o casamento ; mas a moça não tinha escolhido.

— Ah !

— È não só não tinha, como não podia escolher. A ninguém amava ; não conhecia um homem por quem sentisse as doces emoções, os estremecimentos, que fazem a felicidade conjugal. D'onde provinha isto, não sabia explicar o romancista, e menos eu. Não teria coração essa moça, ou se lhe havia cegado ? Era isso effeito da educação ; ou da sociedade em que vivia, cercada de galanteios ridiculos, de calculos vís, e de grosseiras affeições? Póde ser que succedesse á alma da moça, o mesmo que a um botão de cactus, quando ha tempestade ; chócha e não abre em flôr. Póde ser !

— Mais tarde. Quem sabe ! disse Ricardo sorrindo.

— È a minha...

Atalhou-se Guida em cujas faces espontava um vislumbre de purpura. Ricardo olhava-a com emoção.

— « È minha esperança » ; repetiu Guida pausadamente. Assim disse a moça uma vez que lhe acodiou esse mesmo pensamento. Mas os dezoito annos eram passados ; fugia o tempo, e seu pai que a amava extremosamente affligia-se com a idéa de a deixar só no mundo á mercê da especulação. Reconheceu a moça que era forçoso o sacrificio ; e não hesitou em jogar seu destino ao azar, para socego de quem morria por ella. Escolheu.

Ricardo recolheu-se todo em si como si tivesse de assistir a uma importante revelação.

— Não careceu escolher ; continuou Guida. Conhecia um moço, que fôra algumas vezes á sua casa ; tinha plena confiança em seu character e na sua educação. Era um homem probo e delicado. Podia confiar-lhe o seu destino. A primeira vez que o encontrou, confessou-lhe tudo ; disse-lhe que si não lhe tinha affeição, ou nunca a teria por ninguem ou só elle a podia inspirar.

Guida, que falava soffrega, moderou-se.

— « Si pois não lhe repugna acceitar a mão de uma mulher n'estas condições, e pensa que ella vale a pena de arriscar a sua independencia, o senhor me salva da maior humilhação. » Eis o que ella disse ; concluiu Guida.

Os olhares dos dois moços se encontraram e fugiram-se :

— Não considera extravagante este procedimento ? disse Guida rindo, para disfarçar a emoção.

— Está fóra do commum ; é novo, excepcional, como as circumstancias que o determinaram ; mas não ha n'elle que reprehender. Admiro a energia e espirito d'essa moça, que em tão difficil conjunctura de sua vida, não succumbiu á debilidade de seu sexo, e teve coragem para decidir ella mesma e deliberadamente de sua sorte. Sorprehende-me esta iniciativa, que attribuo á educação ; e ainda assim parece difficil de vê-la produzir-se na vida real.

— Pois hade ver, disse Guida a meia voz.

— Como ?

— Mas o senhor que approva o procedimento da moça, no caso de ser a pessoa por ella escolhida, o que responderia ?

— Eu não podia ser essa pessoa, disse gravemente Ricardo.

— Porque ? perguntou Guida com affan.

— O homem a quem essa moça se dirigiu estava livre ; podia dispor de seu coração e de sua vida !

— Ah !

Descahiu-lhe, a Guida, a fronte abatida. Ricardo olhou-a um instante com uma ternura melancolica. Depois, reclinando-se para não arrancar-a á sua posição, fez-lhe a confidencia de sua vida em breves palavras :

— É uma afeição de infancia. Brincámos juntos, e aprendêmos a amar-nos. Esperava formar-me, mas tendo fallecido meu pai, fiquei unico arrimo de uma familia pobre e endividada. Meu tio, o pai de Bella, addiou o nosso

casamento, apellando para minha honra. Que futuro reservava eu para sua filha, pobre tambem ? Parti para a Côrte ; vim pedir ao trabalho os recursos indispensaveis para desempenhar a velha casa onde mora minha mãe, e que é nosso unico patrimonio.

— E é preciso muito dinheiro ? perguntou Guida com interesse. Quanto ?

— Acanho-me de falar-lhe d'essas particularidades.

— Não adquiri esse direito fazendo-lhe minha confidencia ? tornou a moça com meiga exprobação.

— Tem razão.

E Ricardo completou a breve historia de sua vida ; e contou-lhe, como o faria á sua mãe, as ancias dos seis longos mezes passados no Rio de Janeiro, os desanimos que tantas vezes d'elle se apoderavam ; até lhe escaparam as magoas causadas pela volubildade de Fabio, e os receios pela ventura de Luiza, sacrificada com tamanha ingratição.

— Avósinha está-se demorando. Com licença, vou saber a causa, disse Guida.

Ficando só na sala, pois Mrs. Trowsby continuava ausente em Inglaterra, onde se passa a acção do romance que lia, buscou Ricardo compenetrar-se da realidade dos factos em que tomára parte, e não o pôde. Seu espirito, ainda attonito pela estranheza do episodio em que se envolvêra imprevisamente sua existencia, não recobrára a reflexão : tudo quanto podia no meio da surpresa era recordar-se.

A espera foi breve. D. Leonarda veio finalmente á sala, acompanhada por Guida.

— Aqui tem os papeis, senhor doutor, disse a velha depois dos cumprimentos usuaes, e volvendo a miudo os olhos para Guida. Quero que examine bem para ver quem

tem direito, porque não desejo questões, sobretudo com vizinhos.

— É então uma questão de limites ? perguntou o advogado.

— Não sei... É isso mesmo, respondeu a velha corrigindo-se ao aceno da menina.

— O senhor me permite ? Eu lhe explico. O vizinho da esquerda pretende apoderar-se de um pedaço de terreno, que foi sempre de minha avó. O senhor doutor leva os papeis, para examinal-os ; depois dará sua opinião. Não é melhor, avózinha ?

— Eu acho que é ! disse a velha batendo com a cabeça.

Na ocasião de se despedirem, disse Guida ao advogado, em cujo semblante não se apagára a tinta de melancolia que derramára a scena anterior :

— Não se afflija. O romance que eu lhe contei acaba alegre.

E para confirmar o dito, o seu lindo semblante banhou-se em um riso feiticeiro.

CAPITULO XXVII

Logo depois que Ricardo sahio, mandou Guida preparar o carro para voltar á sua casa.

— Então está decidido ? perguntou a velha ao ouvido da menina.

— Ainda não, avózinha. Ficou para outro dia.

— Ora ! fez a velha com um gesto displicente.

No carro Mrs. Trowsby, que tambem era curiosa, indagou n'estes termos do exito da conferencia a que assistira de parte :

— Que disse o advogado ? Ganha o processo ?

— Está perdido ; respondeu Guida a rir.

— Não é possível.

— Completamente.

— Oh ! que pena !

Chegando a Botafogo, ás tres e meia, esperou Guida na saleta que seu pai voltasse do escriptorio para receber o beijo que lhe costumava dar na face, em retribuição das festas e carinhos com que era acolhido.

— Que milagre ; está-me nascendo uma rosa entre os meus jasmims ! exclamou o Soares reparando no vislumbre de purpura que roseava a face da moça.

— Hade ser do calor ; cheguei do Andarahy.

— Ah! e como vai a avózinha?

— Na mesma.

Subiu o Soares ao sobrado brincando com a filha, que ria-se das pilherias do pai, e tornava-lhe os folguedos e as meiguices com o mesmo contentamento.

No topo da escada separaram-se.

Foi ao entrar no seu tocador, que o ésto d'alma rompeu, como a onda por muito tempo comprimida. A moça levou as mãos ao seio que arfava a estalar com a ancia, e cahiu sobre o leito, escondendo o rosto nas franhas de cambraia, comprimindo nas almofadas os crebros soluços.

No seu desespero, espedaçou o vestido que a estingia como uma fôrma de bronze, e arremessou para longe de si os trapos da seda. Sobre as espaduas nuas desdobraram-se as cascatas dos opulentos cabellos negros, com que ella envolveu o collo e os seios, conchegando-se com um gesto pudico.

Afinal saltaram-lhe as lagrimas ardentes dos olhos que logo debulharam-se em pranto abundante. Foi serenando a violenta commoção, que subvertêra os seios d'essa alma; e Guida ergueu-se a custo, abatida pelo abalo que soffrêra, mas surpresa e attonita da crise que de repente a acommettêra.

Apoiando sobre a almofada a curva do braço mimoso, reclinou a face na mão, e ficou pensativa.:

— Será isso o amor? perguntou a si mesma. E, entrando de novo em si, penetrando nos refolhos d'alma, sentindo vibrarem novas cordas no seu coração, e derramar-se no intimo uma luz que nunca até aquelle dia resplandecêra em seus sonhos de menina e moça, Guida comprehendeu que era realmente amor essa agitação indefinivel que perturbára sua vida serena e tranquilla.

A alegria ineffavel, o jubilo que teve, não os podem con-

ceber aquelles que nunca duvidaram de si, nem jamais em horas de desanimo se tiveram por desherdados do coração. Parecia á moça que outra vida, não essa de flôr ou de passarinho que vivêra, mas a da poesia e da paixão, a vida da mulher, acabava de surgir para ella n'aquelle instante.

Estas lagrimas aljofradas, que seus dedos mimosos estalavam nas faces, eram os orvalhos de uma aurora. Raiasse ella embora entre os abalos de uma tormenta, era bem-vinda ; era a luz creadora, o raio celeste, que afinal luzia em sua alma.

O espirito de Guida não se demorou na idéa da impossibilidade de seu amor. Que valia isso na historia de sua existencia, sinão um pequeno accidente material ? O grande acontecimento era o despertar de seu coração virgem e indifferente; era a revolução que se acabava de consumir em seu organismo, sellando emfim a infancia.

A magia das novas e deliciosas sensações que iam acordando em seu ser ; o infindo prazer de se lhe povoar de flôres, de magnificencias, de harmonias e perfumes, o ermo ingrato e safaro que poucos momentos antes assolava sua alma, a possuiam tanto e tão intimamente, que não bastavam as forças de sua natureza para essa ventura suprema de sentir-se outra, e saciar-se d'essa nova existencia, ainda não vivida.

Eram horas do jantar.

Vestiu-se a moça rapidamente, com a costumada simplicidade, mas sem o esmero costumado, para o qual não havia tempo. Entretanto nunca o seu bom gosto combinou melhor o traje, nem este realçou-lhe tanto a belleza nativa, como n'aquella tarde.

Mas o encanto d'esse vestuario não estava no delicado padrão do simples vestido de organdi, e na fórmula elegante

e original do penteado. O que a ornava era sobretudo o brilho suave dos olhos, a meiga aureola da fronte, o sorriso delicioso dos labios, e a graça ineffavel do gesto.

Essa belleza até agora mimosa, gentil e garrida, tinha trocado o seu lyrismo pela brilhante epopéa do coração. Já não é o colibri borboleteando entre as flôres, ou o raio de luz irisando-se na gota de orvalho. Agora é a mulher ; é o anjo, que agita as azas de fogo, com os olhos no céu, e a voragem a seus pés.

— Como estás bonita ! exclamou Soares vendo a filha.

— Ella sempre foi ! disse D. Paulina.

— Sempre ; mas hoje !...

— Foi o passeio ! disse Guida com um sorriso, que era um enlevo de graça.

— O passeio, ... repetiu o banqueiro. Não duvido.

E fitou o olhar vivo e prescrutador na filha, cujo enleio velou-a com uma encantadora expressão de melindre que lhe dava um encanto irresistivel.

Depois do jantar, desceu Guida ao jardim, e percorrendo lentamente as alamedas, seus olhos acariciavam as flôres, que d'antes a deleitavam apenas como as fitas e outros enfeites.

Lembrou-se da flôr rustica da Tijuca, a que Ricardo dera o nome de *Sonhos d'ouro*. Havia o jardineiro trazido mudas, que arranjára em um alegrete, ao lado da casa. Não tivera a moça ainda a curiosidade de ver a planta, depois da sua volta a Botafogo.

N'essa tarde, porém, apertaram-lhe as saudades. Não tinha flôres o arbusto, que só em novembro cobre-se de botões ; alisou-lhe a moça com a mão as folhas glabras, afagou-as com o olhar ; e tamanha era a effusão de ternura, que teve impetos de beija-las e arrancando uma, collou-a aos labios ardentes.

Punziu-lhe o coração uma dôr viva e intensa, como o cravar de uma lamina. Recordou-se da primeira vez que víra Ricardo ; e comprehendeu então o arroubo e vehemencia de sua alma na contemplação da florinha agreste.

— Elle amava !... balbuciou Guida. Lembrava-se de Bella !...

E invejou a felicidade de sua rival, sem comtudo querer-lhe mal. Ao contrario, sentia curiosidade de conhecê-la ; e acreditava que havia de ter-lhe amizade.

Durante alguns dias viveu Guida no embevecimento de sua paixão. Sentava-se ao piano, e escolhia as musicas ternas e sentimentaes, que tocava com muita alma e expressão. As notas, que tantas vezes tinham resoado a seus ouvidos, apenas como agradável harmonia, feriam-lhe agora as cordas mais intimas, e percutiam todo o seu organismo, como uma vibração electrica.

Outras vezes esquecia-se a scismar, com os olhos engolphados no azul do céu, onde rutilavam as primeiras estrellas ; ou enlevada a contemplar uma flôr, cujos perfumes derramavam-se dentro d'alma com uma fragancia celeste, e cujo matiz avelludado afagava-lhe a vista, como um beijo da luz.

Não raro se tingiam esses devaneios de uma sombra de melancolia, quando o espirito da moça voltava-se para o futuro, e o via tão esplendido submergir-se em um abysmo inexoravel, o impossivel.

Mas amava, sentia-se viver no seu amor ; e o pensamento, recolhendo-se a esse limbo suave de sua nova existencia, esquecia o mundo, o tempo, a sorte, para embeber-se de felicidade, e exhaurir-se n'esse gozo supremo da paixão.

Foi Soares quem a arrancou a esse longo extase.

Uma tarde que ella scismava no jardim, o pai viu-a da janella, e foi-lhe ao encontro com ar brincão.

— Ai, minha sonsinha !... Temos novidade, hem ! E não me queres dizer ?

— O que, papai ? perguntou Guida arrancada á sua cogitação.

— Como disfarça. Pediste um mez para escolher ; mas creio que estes olhinhos andaram mais depressa. N'essa idade elles pulam !... Desconfiei logo ; quando te vi pelos cantos, toda sorumbatica, percebi. O bichinho está fazendo artes lá no coraçãozinho da minha Guida. Não é verdade ?

Estas palavras brincadas, e envoltas na ternura risonha do pai, retalharam a alma da moça. No meio do enlevo de seu amor, quando não vivia sinão d'esse affecto, por elle e para elle, vinha sorprehendel-a a realidade, e reclamar sua existencia, para votal-a ao mais atroz dos sacrificios, que póde soffrer a mulher ; para atal-a como a um poste de infamia, ao homem a quem ella despreza.

— Adivinhei, confessa. Tu já escolheste.

— Já, papai, disse com vehemencia ; infelizmente já ; mas aquelle a quem amo, não me póde amar.

— Ora ! fez o Soares com o sorriso de um homem que sabe quanto póde.

Guida abanou a cabeça :

— Não, é impossivel ! Todo o dinheiro do mundo não bastaria para comprar-me a felicidade.

— Quem é elle ? perguntou Soares, sentindo apoderar-se de si o desanimo da filha.

Contou Guida ao pai a simples historia de seu amor, botão que desabrochára recentemente em flôr, ainda impregnado de vivos perfumes.

— Estava resolvida a casar-me já para seu socego e tranquillidade, papai ; a saudade, que eu teria de minha vida de solteira, me havia de pagar com usura a felicidade de o vêr contente.

— Guida ! exclamou o velho enternecendo-se.

— Mas com esta affeição, não posso, papai ; o sacrificio excede minhas forças. Parece-me que me insultaria a mim mesma, casando-me com outro homem. Seria uma degradação...

— Não falemos mais d'isso, minha filha !

— Deixe-me esquecer, deixe-me suffocar este coração que eu julgava morto, e que reanimou-se por meu mal. D'aqui a um anno terá passado.

— Tudo o que tu quizeres, respondeu Soares, comtanto que não fiques triste. Brinca, diverte-te bem. Inventa novas travessuras... Ainda que me custem muito dinheiro, muito... Para que prestará elle, sinão fôr para te distrahir ?

— Ha uma cousa que, eu sinto, me havia de fazer muito bem ; disse Guida timidamente.

— O que é ?

— Elle é pobre... Sua felicidade depende de vinte contos... Eu daria meus alfinetes...

— Criança. Não estou eu aqui ? A difficuldade, desconfio que será obter d'elle que aceite...

— Ê verdade.

N'esse momento parou um carro ao portão, e com pouco appareceram D. Guilhermina e o marido.

— Havemos de achar um meio ; pensa tu de teu lado, que eu não me descuidarei.

O banqueiro foi ao encontro do conselheiro e subiu com elle á varanda, enquanto D. Guilhermina passeava no jardim com Guida.

POST-SCRIPTUM

Ha quinze dias teve Ricardo de assistir a uma vistoria, em questão de terras, para o lado de Jacarepaguá.

Na volta lembrou-se de visitar D. Joaquina, a quem não via desde muito. Achou a casinha e a dona no mesmo estado ; velhas como as deixára, mas contentes e socegadas.

A tia de Fabio recebeu o advogado com muita festa e agazalho ; perguntou noticias do sobrinho e da nova sobrinha ; e pediu a Ricardo que lhe mandasse muitas e muitas recommendações, quando escrevesse.

Eram duas horas. Já D. Joaquina tinha jantado ; mas havia carne assada e improvisou-se uma fritada, que Ricardo aceitou de bom grado, para ter o prazer de passar com a velha o resto da tarde. O advogado comeu com appetite ; e não trocava o copo d'agua crystallina, que bebeu depois do melado, pelo mais exquisito champanhe.

— O senhor é que ainda não quiz casar ? disse D. Joaquina, preparando-lhe uma chavena de café.

— Creio que fiquei para tio ; disse Ricardo sorrindo.

— Qual !... A difficuldade é encontrar ahi algum peixãozinho que lhe ponha feitiço ; como um que veio aqui o outro dia.

— Não tenha receio, trago uma figa, duas figas, que

me livram do quebranto : tornou Ricardo no mesmo tom.

— Deixe ver ; disse a velha.

— Estão lá dentro, no coração.

A velha riu-se. E o advogado accendendo o charuto sahio a dar uma volta de passeio a pé, enquanto se ia buscar ao pasto o *Galgo*, que naturalmente andava tambem matando saudades, pois desde muito tempo residia na côrte á Travessa do Espirito Santo n. 19, cocheira do Vianna.

Tomou Ricardo pelo mesmo caminho em que á primeira vez o encontrámos, e não tinha dado vinte passos que as recordações de outros tempos surgiram para envolvolo como o apparatus de uma scena armada de improviso.

Ouviu tropel de animal ; reconheceu o *Galgo* ; viu passar Fabio ; trocou palavras com elle ; perdeu-se entre os tufos do arvoredó ; sentiu o sobresalto que tivera outr'ora, despertado por um riso argentino ; e contemplou com enthusiasmo de artista, e um enlevo que então não sentira, o gracioso vulto da gentil amazona.

Depois correram as vistas ; novas scenas succediam-se ; e a imaginação as povoava de recordações vivazes, que entretanto pareciam extinctas.

Este volver ao passado incommodava Ricardo, que pensou escapar-lhe fugindo áquelle sitio.

Ao voltar uma curva descobriu duas senhoras, que se aproximavam lentamente pelo mesmo caminho ; e qual não foi o seu espanto reconhecendo Guida acompanhada de Mrs. Trowshy.

Desde certo tempo a saúde de Guida se alterára. Não se queixava, nem tinha mesmo incommodo ou mal determinado. Perdêra a alegre vivacidade ; e sentia invadi-la um abatimento indefinivel. Sua vida nos mezes ultimos não era mais do que um lento deliquio ; parecia-lhe que

estava desmaiada. As flores, si é que têm sensibilidade, devem experimentar uma impressão igual quando murcham.

Ultimamente o desfallecimento chegára a ponto de inquietar a familia ; os medicos receitaram as duas panacéas do costume, *o casamento e o campo*. Pobres dos medicos ! Queixam-se delles. Ah ! Si tivessem na sua pharmacopéa certas drogas preciosas, como o amor, a ambição, a gloria, que de curas milagrosas não fariam !

Quando se tratou de escolher o arrabalde, Guida pediu a Tijuca ; não que ella esperasse tirar proveito para a saúde. Bem longe disso ; era um desejo recondito de rever aquelles sitios, e saciar-se das reminiscencias que elles guardavam. Matassem embora essas arvores, como a mancenilha ; queria embriagar-se de seus perfumes.

Lembrava-se da *Africana* que vira representar ultimamente ; e invejava aquella morte, ella que dois annos antes, naquellas mesmas montanhas, zombava de Sapho, a mais illustre entre as martyres do amor.

Guida trajava naquella tarde um vestido cinzento e, sobre elle, um casaco preto guarnecido de martha. A alvura immaculada de seu rosto destacava-se nesse traje escuro, entre os negros cabellos, com uma lividez que assustava : parecia o perfil de uma estatua em alabastro.

Reconhecendo Ricardo, teve a moça uma violenta commoção, e tomou para suster-se o braço da mestra, que attribuiu o choque á susto e debilidade da molestia.

— Não sabia que estava na Tijuca, disse Ricardo.

— Viemos ha oito dias.

— Ella tem andado doente ; o doutor mandou tomar ares ; disse Mrs. Trowsy em portuguez arrevesado.

— Ha de fazer-lhe bem a Tijuca ; tornou Ricardo.

— Á saúde ?... perguntou Guida.

E abanou a cabeça desfolhando um triste sorriso.

Foi então que Ricardo reparou no estado de abatimento da moça. O talhe, tão esbelto e gracil, retrahia-se como o calix do lirio do valle quando fana-se, e os olhos de embaçados, só intercadentes, como o trepidar da estrella, rutilavam para desferir lampejo febril.

Não se concebe a commiseração que sentiu Ricardo notando aquelle deperecimento lento de uma belleza, que elle vira tão esplendida. Lagrimas humedeceram-lhe os olhos ; e teve impulso de ajoelhar-se aos pés da martyr, sacrificada ao paganismo social.

Lembrou-se da conversa que tivera com a moça dois annos antes, pouco distante daquelle sitio. Guida era uma das victimas desse martyrologio da familia, que poucos sabem e ninguem comprehende. Nascêra rica ; educaram-n'a para a opulencia ; e a grandeza a suffocava.

Havia um meio de salvar-se ; era esfarfalhar sua alma pelas salas em affeições ephemerass ; tornar-se a moça da moda, feceira, namorada, perseguida e disputada por um enxame de adoradores. A dignidade innata fechou-lhe essa valvula do coração.

Guida o guardára virgem e intacto para o seu primeiro amor ; porém este não o encontrára no mundo. Porque ? Não havia um homem que a merecesse ? Guida estimava o homem, mais do que elle valia, porém na pureza do ideal ; por isso os individuos da especie lhe pareciam escorços, se não caricaturas.

— Porque não sou eu o homem que ella sonha ? disse Ricardo ; porque não me deu o Creador um raio do fogo sagrado para reanimar esta vida que se extingue, para reter na terra esta bella mulher que se está transformando em anjo ?

Guida sentára-se á beira do caminho, n'uma leiva coberta de relva, e acompanhava o recorte das nuvens com o olhar morbido, que ás vezes se eclipsava sob os longos ci-

lios e volvia rapida e subtilmente ao rosto de Ricardo.

— Deve passear ! disse Ricardo para romper o silencio.

— Ella não gosta mais de sahir como d'antes ; observou Mrs. Trowsby.

— Fatiga-me tanto ! tornou Guida. Já tres vezes viemos para este lado ; e ainda não pude chegar até a outra volta.

— Quando estiver mais forte.

— Tenho tanta vontade ! Mas hoje hei-de ir ; já descansei. Venha comnosco ! disse pousando o olhar supplice no semblante do moço.

Não era longe a volta a que a moça desejava chegar.

— Lembra-se ? perguntou a Ricardo. Aqui nos encontramos pela primeira vez.

— Não esqueceu ?

— É a nossa flôr... Ainda estará no mesmo logar ?

Ricardo rompeu o arvoredado, e procurou :

— Aqui está ella !

Guida aproximou-se.

O arbusto, reverdecido com as aguas do inverno, começava a florescencia. Nas pontas dos renovos germinavam já os lindos calices de nacar, com o seu pingo d'ouro.

Roçou Guida as mãos pelas folhas glabras do arbusto como para sentir-se acariciada pelo doce florido :

— Sonhos d'ouro ! murmurou.

— É verdade ! exclamou Ricardo sorrindo.

— Nem se lembrava ! disse Guida com leve exprobação.

— Não culpe a pobre flôrinha, si o vento da tempestade a mirrou e cobriu de pó, tornou Ricardo apanhando os secos despojos da passada floração.

— Estes morreram, murmurou Guida olhando as flôres murchas, mas vão renascer. É os meus ?...

A voz da moça expirou nos labios, e exhalou-se em um suspiro :

— Os meus nasceram aqui tambem, porém morreram para sempre !

Ergueu Ricardo sorpreso os olhos, e viu o semblante da moça banhado em lagrimas.

— Guida ! exclamou elle.

E cingiu-lhe a cintura com o braço para amparal-a, porque a via desfallecer.

— Eu queria morrer aqui ! balbuciou ella descahindo a frente ao hombro de Ricardo, e reclinando o talhe ao peito onde conchegou-se hirta, sem movimento.

Mudo e extatico, Ricardo não sabia o que fizesse ; não tinha forças para separar de si o corpo desfallecido, nem ousava observar-lhe o semblante, temendo ver nelle a mascara da morte.

Foi rapido o lance, e durou enquanto Mrs. Trowsky, que duas vezes investira com o arvoredo, mas fôra repellida por causa de sua rotundidade, fazia volta para aproximar-se.

— Guida ! repetiu Ricardo afflicto.

A moça ergueu a frente e engolphando-se no olhar que banhou o rosto do mancebo, sorriu.

— Cuidei que morria... e era feliz !

Ricardo pousou um beijo casto na frente da moça.

— Ha de viver !

— Para quem ?...

— Para mim !

— Por elle e para elle, meu Deus ! disse ella ajoelhando com as mãos erguidas ao céu.

— *What !*.. gritou a mestra vendo Guida naquella posição.

Ergueu-se Guida com um sorriso :

— Estava agradecendo a Deus a benção que me enviou. E abraçando-a com effusão, cobriu-a de beijos.

— *Child ! Dear Child !*... exclamava a ingleza esmagando as lagrimas nos olhos.

MÃE

DRAMA EM QUATRO ACTOS

PERSONAGENS

DR. LIMA
JORGE
GOMES
PEIXOTO
VICENTE
ELISA
JOANNA

A MINHA MÃE

E MINHA SENHORA

D. ANNA J. DE ALENCAR

MÃE,

Em todos os meus livros ha uma pagina que me foi inspirada po-
ti. É aquella em que fala esse amor sublime que se reparte sem dir-
vidir-se e remoja quando todas as affeições caducam.

D'esta vez não foi uma pagina, mas o livro todo.

Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos labios maternos. Si, pois, encontrares ahí uma d'essas palavras que dizendo nada exprimem tanto, debes sorrir-te ; porque foste tu, sem o querer e sem o saber, quem me ensinou a comprehender essa linguagem.

Acharás n'este livro uma historia simples ; simples quanto póde ser.

É um coração de mãe como o teu. A differença está em que a Providencia o collocou o mais baixo que era possivel na escala social, para que o amor extreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante elle se curvassem a virtude e a intelligencia ; isto é, quanto se apura de melhor na lia humana.

A outra que não a ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorancia e a rudeza do captiveiro, podendo encontral-a nas salas trajando sedas. Mas sentes que si ha diamante inalteravel é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe.

Tu me déste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim, embora mil circumstancias tenham modificado a obra primitiva. Me déste o coração, que o mundo não gastou não; mas cerrou-o tanto e tão torte, que só, como agora, no silencio da vigilia, na solidão da noite, posso abril-o e vasal-o n'estas paginas que te envio.

Recebe, voís, Mãe, do filho a quem déste tanto, esta pequena parcella da alma que bafejaste.

J. DE ALENCAR.

Rio de Janeiro, 1859.

MÃE

ACTO PRIMEIRO

Em casa de Gomes. Sala de visitas.

SCENA PRIMEIRA

ELISA e GOMES.

GOMES

Já estás cosendo, minha filha ?

ELISA

Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES.

Porque me occultas o teu generoso sacrificio ?... Cuidas que não adivinhei ?

ELISA.

O que, meu pae ?... Que fiz eu ?...

GOMES.

São as tuas costuras que têm supprido esta semana as nossas despesas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa, e não me pediste... trabalhaste!

ELISA.

Não era a minha obrigação, meu pae?

GOMES.

Oh! É preciso que isto tenha um termo!

ELISA

Tambem hoje é 3 do mez... Vm. receberá o seu ordenado.

GOMES.

Meu ordenado?... Já o recebi.

ELISA.

Ah? Precizou d'elle para pagar a casa?

GOMES.

Depois que morreu tua mãe, Elisa, tenho soffrido muito. Além d'essa perda irreparavel, as despesas da molestia me atrazaram de modo, que não sei quando poderei pagar as dividas que pesam sobre mim.

ELISA.

E são muitas?

GOMES.

Nem eu sei... Já perdi a cabeça! Mas isto vae acabar... Não é possivel viver assim.

ELISA.

Que diz, meu pae!

GOMES.

Perdôa, Elisa. Foi um grito de desespero... A's vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer! Até logo.

SCENA II

ELISA e JOANNA

JOANNA.

Bom dia, iaiá.

ELISA.

Adeus, Joanna.

JOANNA.

Iaiá está boa ?

ELISA.

Boa, obrigada.

JOANNA.

Sr. Gomes já foi para a repartição...

ELISA.

Sahiu agora mesmo.

JOANNA.

Encontrei elle na escada. Hoje não é dia de lição de nhô Jorge ?

ELISA.

Segunda-feira... Ê, e ainda nem tive tempo de passar os olhos por ella.

JOANNA.

Então como ha de ser ?

J.

ELISA.

Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANNA.

Pois enquanto iaiá cose, eu vou arrumando a sala ; póde vir gente.

ELISA.

Mas, Joanna... Teu senhor não ha de gostar d'isto !

JOANNA.

De que, iaiá ?

ELISA.

Tu nos serves, como si fosses nossa escrava. Todas as manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, espanas os trastes, lavas a louça e até cozinhas o nosso jantar.

JOANNA.

Ora, iaiá ! que me custa a fazer isso ?... Nhonhô sae muito cedindo, logo ás 7 horas ; eu endireito tudo lá por cima, n'um momento, porque tambem tem pouco que fazer ; e depois venho ajudar a iaiá que se mata com tanto trabalho.

ELISA.

E o Sr. Jorge sabe d'isto ?

JOANNA.

Que tem que saiba ?... Não é nada de mal !

ELISA.

Muitos senhores não gostam que seus escravos sirvam a pessoas estranhas.

JOANNA.

Iaiá não é nenhuma pessoa estranha... Depois, Vm. não conhece meu nhonhô ? Não sabe come elle é bom ?...

ELISA.

Oh ! sei !... Ha um anno que é nosso vizinho, e n'esse pouco tempo quando lhe devemos !

JOANNA.

Mas iaiá é uma moça bonita !... E eu que sou sua mulata velha... Desde que nonhô Jorge nasceu que o sirvo, e nunca brigou comigo ! Si elle não sabe ralhar... Olhe, iaiá ! Todas as festas me dá um vestido bonito... E não dá mais porque é pobre !

ELISA.

Foste tu que o criaste ?

JOANNA.

Foi, iaiá. Nunca mamou outro leite sinão o meu...

ELISA.

E porque elle não te chama — *mamãe Joanna* ?

JOANNA.

Mamãe !... Não diga isto, iaiá !

ELISA.

De que te espantas ? Uma cousa tão natural !

JOANNA.

Nhonhô não deve me chamar assim !... Eu sou escrava, elle é meu senhor.

ELISA.

Mas é teu filho de leite.

JOANNA.

Meu filho morreu !

ELISA.

Ah ! Agora compreendo !... Esse nome de mãe te lembra a perda que soffreste !... Perdôa, Joanna.

JOANNA.

Não tem de que, iaiá. Mas Joanna lhe pede... Si não quer ver ella triste, não falla mais n'isto.

ELISA.

Eu te prometto.

JOANNA.

Obrigada, iaiá.

(Pausa).

.....

ACTO II

SCENA II

JOANNA, VICENTE e D^r. LIMA.

DR. LIMA.

Ainda se lembram por aqui do amigo velho ?

JOANNA.

Ah ! Meu Senhor D^r. Lima. Ha que annos !...

VICENTE.

Sr. doutor !...

DR. LIMA.

Esqueceste que parti para Europa.

JOANNA.

Não esqueci, não... meu senhor. Ainda ha pouco estava falando n'isso.

DR. LIMA.

Ceguei hoje pelo paquete. Acabo de desembarcar. Que de Jorge ?

JOANNA.

Sahiu. Que alegria elle vae ter !... Mas como meu senhor acertou com a casa ?

DR. LIMA.

Custou-me !... Já andei por ahi á matroca. Na rua do Conde é que me ensinaram.

VICENTE.

O vizinho de defronte.

DR. LIMA.

Justamente ! Mas eu estou reconhecendo esta figura...

JOANNA.

O ciganinho, pagem de meu senhor...

DR. LIMA.

Ah ! O grande Bilro !

VICENTE.

Vicente Romão, Sr. doutor.

DR. LIMA.

Como vaes ?... Que fazes ?... Estás mais bem comportado ?

JOANNA.

É official de justiça.

DR. LIMA.

Escolheste um bom emprego, Bilro.

VICENTE.

Vicente Romão, Sr. doutor. Mas então V. S. acha ?

DR. LIMA.

O que, homem ?...

VICENTE.

Bom o meu emprego ?

DR. LIMA.

De certo ! Precisas viver bem com a justiça.

VICENTE.

Peço vista para embargos, Sr. doutor ; não tenho culpas no cartorio.

DR. LIMA.

Bem mostras que és do officio !

VICENTE.

É preciso perder esse máu costume de chamar a gente de ciganinho. Ouvia ? !

JOANNA.

Ai !... Começas outra vez com as tuas empafias.

VICENTE.

Que embirrança !...

DR. LIMA.

Que é isso lá ? Assim é que festejam a minha chegada ?

JOANNA.

É Bilro que...

VICENTE.

Não é nada, Sr. doutor ; V. S. me dê as suas ordens.

DR. LIMA.

Vai-me ver. Estou no Hotel da Europa.

VICENTE.

Obrigado, Sr. doutor. Até mais ver, tia Joanna.

SCENA III

D^r LIMA e JOANNA.

JOANNA.

Meu senhor não quer descansar ?...

DR. LIMA.

Recosto-me aqui mesmo, n'este sofá.

JOANNA.

Já almoçou, meu senhor ? Ahi tem café e leite.

DR. LIMA.

Ainda conservo os meus antigos habitos. A's oito horas já estava almoçado.

JOANNA.

Quem sabe si meu senhor não quer tomar o seu banho ?

DR. LIMA.

Não ! Vem cá. Senta-te ahi.

JOANNA.

Eu converso mesmo de pé com meu senhor.

DR. LIMA.

Como vae teu filho ?... Já está um homem ?

JOANNA.

Meu senhor !... Eu lhe peço de joelhos... Não diga este nome !

DR. LIMA.

Pelo que vejo, o mysterio dura ainda !

JOANNA.

É ha de durar sempre ! Meu senhor me prometteu.

DR. LIMA.

Prometti.

JOANNA.

Meu senhor jurou !

DR. LIMA.

É verdade ! Mas julgava que na minha ausencia tudo se havia de revelar.

JOANNA.

Elle não sabe nada, e eu peço todos os dias a Deus que não lhe deixe nem suspeitar.

DR. LIMA.

Assim tu ainda passas por sua escrava ?

JOANNA.

Não passo, não ! Sou escrava d'elle.

DR. LIMA.

Mas Joanna ! Isto não é possível !

JOANNA.

Meu senhor... Eu já lhe disse !... E não cuide que por ter esta côr não hei de cumprir... No dia em que elle souber que eu sou... que eu sou... N'esse dia Joanna vae rezar no céo por seu nhonhô.

DR. LIMA.

E por que razão has de fazer uma tal loucura ?

JOANNA.

Porque ?... Desde que nasceu ainda está para ser a primeira vez que se zangue comigo. E Vm. quer que se envergonhe... Que me aborreça talvez !... Meu Deus ! Matai-me antes que eu veja essa desgraça !

DR. LIMA.

És tu a culpada ?

JOANNA.

Não sei, meu senhor, não sei. A's vezes penso... Quando, fazem vinte e um annos, eu senti o primeiro movimento d'elle... de meu...

DR. LIMA.

De teu filho. Fala ! Que receio é esse ?... Estamos sós.

JOANNA.

Vm. não sabe que medo tenho de dizer este nome !... Até á noite quando rezo por elle baixinho... não me atrevo... Elle póde ouvir... Eu posso me acostumar...

DR. LIMA.

Mas dizias ?

JOANNA.

Ah ! Quando senti o primeiro movimento que elle fez no meu seio, tive uma alegria grande, como nunca pensei que uma escrava pudesse ter. Depois uma dôr que só tornarei a ter si elle souber. Pois meu filho havia de ser escravo como eu ? Eu havia de lhe dar a vida para que um dia quizesse mal a sua mãe ? Deu-me vontade de morrer para que elle não nascesse... Mas isso era possivel ?... Não, Joanna devia viver.

DR. LIMA.

Foi então que Soares te comprou...

JOANNA.

Elle me queria tanto bem ! Deu por mim tudo quanto tinha... Dous contos de réis ! Eu fui para sua casa. Ahi meu nhonhô nasceu, e foi logo baptisado como filho d'elle, sem que ninguem soubesse quem era sua mãe.

DR. LIMA.

Desgraçadamente morreu poucos dias depois... Si eu o soubesse então !...

JOANNA.

Mas meu senhor não sabia nada. Fui eu que lhe confessei...

DR. LIMA.

Porque já tinha suspeitado ...

JOANNA.

È por isso só, Vm. era capaz de affirmar ? Não ! Quem lhe contou fui eu, com o condição de não dizer nunca !...

DR. LIMA.

Pois bem, Joanna ! Não direi uma palavra. Continuarás a ser escrava de teu filho. Será para elle a dôr mais cruel quando souber...

JOANNA.

Nunca !... Quem vae lhe dizer ?... Além de Vm. e de mim, só Deus sabe este segredo. Enquanto meu senhor estava fóra, eu vivia descansada...

DR. LIMA.

È tinhas razão... Presente, vendo-te ao lado de Jorge não respondo por mim.

JOANNA.

Meu senhor, Vm. teve sua mãe... Lembre-se que dôr a pobre havia de sentir si seu filho tivesse vergonha d'ella !... Não o faça desgraçado ! È por causa de quem ?... De mim que morreria por elle.

DR. LIMA.

Bem : prometto-te que hei de ter coragem ! Virei raras vezes aqui. Evitarei o mais que puder... com receio de me trahir.

JOANNA.

È melhor. Até Vm. se habituar.

DR. LIMA.

Nunca me habituarei !... Tu não sabes como eu te admiro, Joanna ; e como dóe-me no coração ver esse martyrio sublime a que te condemnas.

JOANNA.

Eu vivo tão feliz, meu senhor !

DR. LIMA.

Mas que necessidade tinhas de ser escrava ainda ? Não podias estar forra ?

JOANNA.

Eu, meu senhor ?... Como ?

DR. LIMA.

Com o dinheiro que tiravas do teu trabalho, e gastavas na educação de teu filho.

JOANNA.

Nunca pensei n'isso, meu senhor !... Demais, forra, podiam-me deitar fóra de casa, e eu não estaria mais junto d'elle. A escrava não se despede.

DR. LIMA.

Mas... Estremeço só com esta idéa !

JOANNA.

Qual, meu senhor ?

DR. LIMA.

Suppõe que... te vendiam.

JOANNA.

Joanna morreria ; porém ao menos deixaria a elle aquillo que custasse... sempre era alguma cousa... Para um moço pobre !

DR. LIMA.

E eu hei de estar condemnado a ouvir Jorge agradecer-me a sua educação que elle deve unicamente a ti; a chamar-me seu segundo pae, ignorando que sua...

JOANNA.

Mais baixo !... Não se zangue, meu senhor !

DR. LIMA.

Sabes que mais! Vou-me embora. Voltarei logo para abraçar Jorge, e não pisarei mais aqui. É uma tortura !

JOANNA.

Adeus, meu senhor ! Não se agaste comigo.

DR. LIMA.

Não. Quem sabe si tu não tens razão !

JOANNA.

Deus dê muita felicidade a meu senhor Dr. Lima.
(Abre a porta).

ACTO III

Em casa de Jorge. A mesma sala

SCENA I

JORGE e JOANNA

JORGE.

O doutor não veio ?...

JOANNA.

Depois que nhonhô sahiu ?... Não !

JORGE.

Já não sei o que faça !

JOANNA.

Nhonhô não achou o dinheiro de que precisa ?

JORGE.

Qual !... Fui ao doutor, não estava... Deixei-lhe uma carta. Procurei um homem que me costumava emprestar às vezes... Exige penhor... Que posso eu dar ?... Só tenho esta mobília !

JOANNA.

Mas a casa ha de ficar sem trastes ?

JORGE.

Que remedio, Joanna !... Prometteu vir d'aqui a pouco avaliar... Quanto poderão valer estas cadeiras ?... Uma bagatela... cem mil réis ?

JOANNA.

Valem muito mais !...

JORGE.

O meu relógio deu-me apenas cinquenta !

JOANNA.

Nhonhô foi empenhar o seu relógio ?...

JORGE.

Que havia de fazer ?

JOANNA.

Jesus !... Que pena !... Mas Sr. doutor já ha de ter recebido a carta... Não deve tardar por ahi.

JORGE.

É a minha unica esperança.

JOANNA.

Emquanto elle não chega, venha jantar, nhonhô; são mais de tres horas.

JORGE.

Não quero jantar agora, Joanna... Estou fatigado... inquieto... Depois.

JOANNA.

Almoçou tão pouco!

JORGE.

Almocei como de costume. Não tenho disposição.

JOANNA.

Nhonhô não se agasta si eu lhe perguntar uma cousa?...

JORGE.

Pódes perguntar.

JOANNA.

Não é só para saber, não... É que talvez Joanna possa remediar... Esse dinheiro de que nhonhô precisa para que é?...

JORGE.

Si o segredo me pertencesse eu t'o diria.

JOANNA.

Ah! É um segredo... Mas precisa mesmo?...

JORGE.

Daria metade da minha vida para obtêl-o.

JOANNA.

Pois então, nhonhô, fique descansado! Tudo se ha de arranjar.

JORGE.

Como, Joanna?... Por que meio?

SCENA II

OS MESMOS e D^r LIMA.

JORGE.

Ah! É o doutor...

JOANNA.

Elle mesmo!...

DR. LIMA.

Apenas recebi a sua carta, metti-me n'um tilbury e aqui estou. Que temos?

JORGE.

Creia, doutor, que só uma circumstancia extraordinaria me obrigaria a recorrer á sua amizade.

DR. LIMA.

Nada de preambulos, meu amigo. Eu o conheço. Em que lhe posso servir?

JORGE.

Preciso, doutor...

DR. LIMA.

De que? Não se vexa!

JORGE.

Talvez repare...

DR. LIMA.

Precisa de dinheiro... Não é ?

JORGE.

É verdade.

DR. LIMA.

De quanto ?

JORGE.

De quinhentos mil réis... Reconheço que é uma quantia avultada.

DR. LIMA.

Até ahí chegam as minhas forças. Amanhã lh'os trarei.

JORGE.

Amanhã ?

DR. LIMA.

Apenas tire o meu fato da alfandega.

JOANNA.

Ora, bravo... Está tudo arranjado. Eu bem sabia que meu senhor Dr. Lima era um amigo de mão cheia.

JORGE.

Mas eu preciso para hoje ás quatro horas sem falta.

DR. LIMA.

Eis o que é impossivel. Tres e dez... A alfandega está fechada... os meus papeis estão na mala... A ninguem conheço... Entretanto vou tentar.

J.

JORGE.

Inda mais incommodo...! Com effeito, o senhor deve fazer bem triste idéa de mim!

DR. LIMA.

Jorge!... Não me offenda!

JORGE.

Parece que o estava esperando para importunal-o... Mas quando souber o motivo me desculpará.

DR. LIMA.

Não quero que m'o declare; sei que é honroso, e isto basta-me.

JORGE.

Muito obrigado!

DR. LIMA.

Não percamos tempo. Si não estiver aqui ás quatro horas, é que nada consegui.

SCENA III

JORGE e JOANNA

JORGE.

Está acabado!... Morrerei tambem!

JOANNA.

Nhonhô! Não diga isso!... Ha de ter esse dinheiro.

JORGE.

A ultima esperança foi-se!

JOANNA.

Ainda não, nhonhô ! Não é de quinhentos mil réis que precisa ?

JORGE.

Onde irei eu achá-los ?

JOANNA.

Mas... sua mulata assim mesmo velha, ainda vale mais do que isso.

JORGE.

Que queres dizer, Joanna ?

JOANNA.

Nhonhô não me deu este papel ? ...Eu não careço d'elle.

JORGE.

A tua carta !... Estás louca ?

JOANNA.

Ouçã, nhonhô...

JORGE.

Não quero ouvir nada.

JOANNA.

Mas nhonhô prometteu dar esse dinheiro.

JORGE.

Prometti...

JOANNA.

Então ! Ha de faltar á sua palavra... E falar em morrer...

JORGE.

Queres que para evitar um mal, commetta um crime ?...
Que roube a liberdade que te dei ?...

JOANNA.

Nhonhô não rouba nada !... Eu é que não quero...
Não pedi !...

JORGE.

Que importa ?... O que dei não me pertence.

JOANNA.

Pois eu não aceito ! Veja...

JORGE.

Que vaes fazer ?

JOANNA.

Nhonhô não ha de me obrigar... Não sou forra !... Não quero ser !... Não quero !... Sou escrava de meu senhor !...
È elle não ha de padecer necessidades !... Tinha que ver agora uma mulher em casa sem fazer nada, sem prestar para cousa alguma... È meu nhonhô triste e agoniado.

JORGE.

Não recebo o teu sacrificio. È escusado !... Depois, de que me serviria isto ?

JOANNA.

Mas venha cá, nhonhô... Vm. não disse esta manhã que ha muito tempo me queria forrar ?

JORGE.

È disse a verdade.

JOANNA.

Quem duvida?... Mas não forrou porque tinha pedido um dinheiro emprestado com... Não sei como se chama.

JORGE.

Com hypotheca ?

JOANNA.

Isso mesmo !... Pois que custa nhonhô pedir outra vez esse dinheiro emprestado ?

JORGE.

Tu já não és minha escrava.

JOANNA.

O que sou eu então !... Nhonhô não me quer mais... Não presto para nada... Paciencia !

JORGE.

Estás forra.

JOANNA.

Mas eu rasguei o papel.

JORGE.

É indiferente. Eu o escrevi.

JOANNA.

Que tinha que fizesse isto ? Amanhã, Sr. Dr. Lima trazia o dinheiro, e estava tudo direito.

JORGE.

Vê quem está batendo. Deve ser o Peixoto.

JOANNA.

Mas então, nhonhô ?

JORGE.

Abre a porta.

SCENA IV

OS MESMOS e ELISA

JOANNA.

Iaiá D. Elisa !

ELISA.

Sr. Jorge.

(Joanna afasta-se).

JORGE.

Nada obtive ainda, Elisa.

ELISA.

Meu Deus !... Elle já me perguntou pelo vidro !... Eu lhe respondi... Nem sei o que lhe respondi!...São mais de tres horas...

JORGE.

Não desespere, Elisa ! Ainda temos tempo. Vá fazer-lhe companhia. Não o deixe.

ELISA.

Oh ! si as minhas lagrimas o salvassem !

JORGE.

Em ultimo caso, si nada conseguir, irei ter com elle... Não o deixarei realisar o projecto que medita.

ELISA.

Mas ficará deshonrado... Accusado de falsificador, será demittido... Cuida que resistirá ?

JORGE.

Procuremos salvar-lhe a honra... Si não fôr possível, de duas desgraças a menor... a que ainda póde ser reparada !

ELISA.

Conto com o senhor !... Não nos abandone, Sr. Jorge.

JORGE.

Vá descansada ! Talvez mais cedo do que pensa, eu possa levar-lhe uma boa noticia !... Si houver alguma cousa de novo, venha me dizer !...

JOANNA.

Que tem iaiá que está tão triste ?

ELISA.

Logo te direi, Joanna.

JOANNA.

Sua mulata de nada serve, mas...

ELISA.

Sei quanto és boa ! Porém não me pódes valer.

JOANNA.

Quem sabe, iaiá ?

SCENA V

JORGE e JOANNA.

JORGE.

Joanna !... Aceito o sacrificio que me fazes !...

JOANNA.

Qual sacrificio !... Isso é o que nhonhô devia ter feito logo ! Já estava livre de cuidados.

JORGE.

Não o aceitaria nunca si não fosse para o fim que é... Para salvar a vida de um homem... de um pae !

JOANNA.

Do Sr. Gomes ?

JORGE.

Sim, do pae de Elisa.

JOANNA.

Por isso é que iaiá está com os olhos vermelhos de chorar !... Pois nhonhô sabia e recusava !...

JORGE.

Nem imaginas quanto me custa !... Ha muito tempo não tenho uma tão grande satisfação como a que senti hoje dando-te a liberdade, Joanna ! Nunca o dinheiro ganho pelo trabalho honesto me inspirou tão nobre e tão justo orgulho !... E destruir agora a minha obra !... Ah ! Elisa não sabe que fél me fazem tragar as suas lagrimas !

JOANNA.

Está bom, nhonhô, não esteja triste !... Tudo vae se arranjar... d'aqui a uma semana, si tanto, que festa não ha de haver n'esta casa !

JORGE.

Si eu já tiver restituído o que hoje confias de mim com tanta generosidade. Antes d'isso juro que não gastarei sinão o que fôr absolutamente necessario para viver.

JOANNA.

E porque agora nhonhô ha de se privar do que precisar ?

JORGE.

O devedor que assim não procede, rouba ao seu credor. E si houve divida sagrada no mundo é esta que vou contrahir contigo.

JOANNA.

Não vejo nada de maior.

JORGE.

Augmentas o sacrificio, diminuindo-lhe o valor.

JOANNA.

Nhonhô hoje não está bom, não ! Tão cheio de partes !...

JORGE.

Será o doutor ?

SCENA VI

OS MESMOS e PEIXOTO

PEIXOTO.

Com licença !

JORGE.

Ah !... Faz obsequio de sentar-se ?

PEIXOTO.

Tardei um pouco. Tive que fazer.

JOANNA.

È o homem dos trastes, nhonhô ?

JORGE.

E o doutor nada !

JOANNA.

Não achou.

PEIXOTO.

Vamos a isso ! Falou-me na sua mobilia. È esta ?

JORGE.

Sim, senhor, Tenho tambem alguns trastes na varanda.

PEIXOTO.

Jacarandá... Mais de meio uso.

JOANNA.

Quasi nova, meu senhor...

PEIXOTO.

Tem alguns dous annos de serviço.

JOANNA.

Jesus !... Nem dous mezes !

PEIXOTO.

Então foi comprada em leilão. Não ha que fiar agora. Impingem trastes velhos por novos... Lixa e verniz... Não custa.

JORGE.

Mas quanto dá o senhor ?

PEIXOTO.

Por isto que aqui está... Ultimo preço oitenta mil réis. Não vale mais.

JORGE.

Oitenta só ?

PEIXOTO.

Só. E não é pouco.

JOANNA.

Ora, meu senhor ! Mais do que isto custou o sofá.

PEIXOTO.

Póde ser. Não dou mais.

JORGE.

É pela minha cama ?... É de mogno massiço.

PEIXOTO.

Veamos. (Entra na alcova).

JOANNA.

Mas nhonhô da de ficar sem a sua cama ? Isso não tem geito nenhum.

JORGE.

Comprarei outra depois.

JOANNA.

Melhor é fazer o que lhe disse, nhonhô.

JORGE,

Deixa ver... Talvez não seja preciso.

PEIXOTO.

A cama e a mobilia da sala... Fica tudo por cento e vinte mil réis. Tem mais alguma cousa ?

JOANNA.

Tem, sim, meu senhor!... Tem esta escrava! Quanto acha Vm. que ella vale ?

PEIXOTO.

Ah! Isto é outro caso!... (A Jorge.) Quer renovar a hypotheca sobre ella ?

JOANNA.

Quer... Elle quer... Pois já não disse?...

PEIXOTO.

Não ouvi! Então fica sem effeito o negocio dos trastes ?

JOANNA.

Fica, meu senhor!... Não é, nhonhô ?

JORGE.

Não sei.

PEIXOTO.

Em que ficamos ?

JOANNA.

Devem ser quatro horas !

JORGE.

Quatro horas já ?!... Que decide, senhor ?

PEIXOTO.

Sobre a mulata ?

JORGE.

Sim !

PEIXOTO.

Dou-lhe sobre ella trezentos mil réis.

JORGE.

Como, senhor ?!... Não lhe estava hypothecada por seiscentos mil réis que acabei de pagar hoje ?

PEIXOTO.

Foi em outro tempo ! Hoje está velha.

JOANNA.

Eu velha, meu senhor !... Mal tenho trinta e sete annos... Depois não sou qualquer mulatinha como essas preguiçosas que não entendem de outra cousa sinão de estar na janella !... Eu sei pentear e vestir uma moça que faz gosto... Melhor do que muita mucama de fama.

PEIXOTO.

Não tenho filhas.

JOANNA.

Mas eu tambem sei coser, lavar, engommar. Que pensa, meu senhor ?... Onde me vê, não é por me gabar... Dou conta do arranjo de uma casa... Varro, arrumo tudo, cozinho, ponho a mesa ; e ainda me fica tempo para fa-

zer as minhas costuras, remendar os pannos de prato, arear as panellas... Pergunte a nhonhô!

JORGE.

Joanna, eu te peço!

JOANNA.

Olhe, meu senhor! Dê quinhentos mil réis, que não se ha de arrepender!... Dê sem susto, porque o mais tarde, o mais tarde, amanhã meu nhonhô vai-lhe pagar.

PEIXOTO.

Não posso. Tu não estás segura...

JOANNA.

Eu não preciso, meu senhor!... Prometto a Vm. que não morro!... Não é capaz!... Tenho vida para cem annos. Vm. não conhece esta mulata, não. Seguro... Isto é para a gente de hoje!...

JORGE.

Escuta, Joanna.

JOANNA.

Nhonhô espere... Então Vm. não dá os quinhentos mil réis?

PEIXOTO.

Veremos : veremos! Conforme as condições que teu senhor aceitar.

JOANNA.

Logo vi, que Vm. havia de chegar... Porque olhe!... Tambem por menos, estava bem livre!... — O que é, nhonhô?

JORGE, a meia voz.

Deixa-nos sós. Quero tratar com este homem.

JOANNA.

É que tem que eu esteja aqui, nhonhô ?

JORGE.

Em tua presença nunca poderei.

JOANNA.

Pois eu vou. Não se arrependa, nhonhô. Iaiá D. Elisa está esperando... Coitadinha !...

SCENA VII

JORGE e PEIXOTO

PEIXOTO.

Está disposto a effectuar o negocio ?

JORGE.

Por quinhentos mil réis dados immediatamente.

PEIXOTO.

Já vejo que nada fazemos.

JORGE.

O senhor suppõe que estou, como certas pessoas com quem trata, procurando rodeios para tirar-lhe a maior somma possível. Engana-se.

PEIXOTO.

Não supponho tal.

JORGE.

Tenho urgente necessidade de quinhentos mil réis hoje, dentro de meia hora. Desde que não é possível obter esta quantia, o negocio não me convem. E não sei, Sr. Peixoto, si deva agradecer-lhe.

PEIXOTO.

Então precisa de quinhentos mil réis ?

JORGE.

Justos.

PEIXOTO.

Pois não seja esta a difficuldade. Dou-lhe esse dinheiro sobre a escrava.

JORGE.

Já ?

PEIXOTO.

Não o trago aqui, mas vou bucal-o... n'um instante... Isto é, eu ainda não examinei a peça... mas podemos terminar isto.

JORGE.

Que é preciso fazer ?... Ir a um tabellião...

PEIXOTO.

Levaria muito tempo. Distribuir a escriptura... pagar sello... Nem amanhã se concluiria.

JORGE.

Mas eu preciso hoje.

PEIXOTO.

Ha meio de remediar tudo. Faça um penhor !

JORGE.

Para que o senhor a leve ?

PEIXOTO.

Um simples escripto, e está o negocio arranjado.

JORGE.

Isso de maneira alguma ! Pensei que era o contracto que já fizemos ! Joanna hypothecada ao senhor, mas sempre em minha casa.

PEIXOTO.

D'este modo nem é possível, nem eu lhe daria os quinhentos mil réis. Devo lucrar os serviços.

JORGE.

Por algumas horas... Pois amanhã...

PEIXOTO.

Lá isso não sei... Póde ser por mezes.

JORGE.

Não tenho animo de separal-a de mim, de tiral-a de casa !

PEIXOTO.

Pois resolva-se !... Vou ao escriptorio buscar o dinheiro. D'aquí a cinco minutos venho saber a resposta.

JORGE.

É escusado... Para que se incommodar ?

PEIXOTO.

Tenho um negocio para estas bandas. Até já.

J.

ACTO IV

SCENA III

JORGE.

Como te tratou aquelle homem, Joanna ? Não imaginas quanto me arrependi... Entretanto si o não fizesse, quem sabe o que aconteceria !

JOANNA.

Não tenha cuidado, nhonhô ! Joanna vive em toda a parte... O que tem é que sente um aperto de coração quando não póde ver seu nhonhô !

JORGE.

Tambem eu ! Toda a noite não pude socegar... Falta-va-me alguma cousa.

JOANNA.

Devéras !... Nhonhô sentiu que sua Joanna se fosse embora !... Como nhonhô é bom ! Como quer bem á sua Joanna !

JORGE.

Pois duvidavas ?

JOANNA.

Então eu não sei que nhonhô me estima !

JORGE.

Muito !... È o doutor que não chega !

JOANNA.

Não póde tardar ! Enquanto nhonhô espera, eu vou endireitar isto... Como ha de estar tudo n'uma desordem !

JORGE.

De certo !... não estando tu aqui...

JOANNA.

Por isso eu hoje, logo que acordei, pedi a Nosso Senhor Jesus-Christo, primeiro pela vida e saude de meu nhonhô, de iaiá D. Elisa, do Sr. Gomes, do Sr. doutor ; depois prometti á Nossa Senhora uma camisinha bordada para seu menino Jesus d'ella, o que está na igreja do Sacramento, si não deixasse dar nove horas em S. Francisco de Paula sem que eu viesse ver meu nhonhô, tomar a benção a elle, e fazer seu serviço para que não sentisse a falta de sua Joanna.

JORGE.

È sou eu que hei de cumprir a tua promessa.

JOANNA.

Não é nhonhô que me dá tudo ?... Depois, das mãos de nhonhô a Virgem Santa ha de receber com mais gosto.

JORGE.

Elle a receberá do teu coração, Joanna.

JOANNA.

Mas eu é que hei de bordar a camisinha !

JORGE.

Faz-te mal aos olhos o bordar.

JOANNA.

Para Nossa Senhora... Para seu Menino Jesus d'ella !
Qual !

JORGE.

Só consinto com a condição de não trabalhares á noite.

JOANNA.

Pois sim, nhonhô. Mas eu não disse como Nossa Senhora se lembrou de mim !

JORGE.

Como foi ?

JOANNA.

Olhe, nhonhô !... Vê-se mesmo que foi cousa do Céu !
È ha gente que zomba e não quer acreditar !... Pois eu
estava pensando no meu canto que volta havia de dar
para ver nhonhô, quando o homem me chamou e disse :
« Si alguém bater, fala pela janella e manda esperar. Eu
costumo fechar a porta da rua e levar a chave. »

JORGE.

Deixou-te presa ?

JOANNA.

Não, nhonhô ! Ahi é que está o milagre de Nossa Senhora !
Eu fiquei fria quando elle disse aquillo !... De repente
chega uma carta ! O homem lê, ataranta-se todo, e lá se vae,
sem chave, sem nada !

JORGE.

E sahiste ?

JOANNA.

Fechei tudo direitinho, cerrei a porta da rua e corri até aqui.

JORGE.

Não se zangue elle quando voltar!

JOANNA.

Antes d'isso eu hei de estar lá... Deixe-me endireitar tudo... Espanar a mobilia.

JORGE.

Talvez não voltes mais! Chegando o doutor...

JOANNA.

Quem dera, nhonhô!

JORGE.

Não te ha de alegrar mais do que a mim.

JOANNA.

Ora, nhonhô querer se privar de sua mobilia tão bonita!... Simples, mas bem feitinha!... Estas cadeiras tão direitinhas... e leves!... Estes aparadores... Parece que se tomou a medida pela casa.

JORGE.

Preferia perder tudo isto a ver-te sahir de minha casa... E como?

JOANNA.

O melhor é a gente não se lembrar mais d'isto! Oh! nhonhô! Que vidro é este, que está aqui?

JORGE.

Qual, Joanna ?

JOANNA.

Este, nhonhô. Não vê ?

JORGE.

Cuidado, Joanna. É veneno !

JOANNA.

Veneno !... Nhonhô !... Que quer fazer ?... Máu !...

JORGE.

Ouve !...

JOANNA.

Máu, sim !... Nhonhô é um ingrato !... Meu Senhor Deus !
É eu não tive uma pancada no coração que me disesse !

JORGE.

Que estás ahi a inventar, Joanna ? Quem disse que
este veneno era para mim ?

JOANNA.

Ah ! não era... Mas como veio parar aqui ?

JORGE.

Eu te explico. Ninguém mais do que tu deve saber. É
a prova da tua generosidade !... O pae de Elisa.

JOANNA.

Sr. Gomes ?

JORGE.

Queria matar-se !

JOANNA.

Por causa d'aquella lettra ?

JORGE.

Justamente. Elisa tirou-lhe o veneno e me confessou tudo hontem !

JOANNA.

Que menina ! Humm !... Não me disse nada ! Foi d'ella que nhonhô tomou o vidro ?... Mas não devia deixar por aqui.

JORGE.

Èsqueci-me. Tenho tido tantas preocupações... Dá cá.

JOANNA.

Eu guardo, nhonhô, para deitar fóra.

JORGE.

Vê si te descuidas !...

JOANNA.

Está no seio. Vou atirar ao mar... Póde algum malfezejo...

JORGE.

Não o abras !

JOANNA.

Eu !... Nosso Senhor me defenda.

JORGE.

Ahi está o doutor !

JOANNA.

Ai !... Que ia fazendo ?

JORGE.

Heim !... Que foi ?

JOANNA.

N'aquella afflicção de hontem me esqueci !... Nhonhô não diga nada a elle do que se passou !... Olhe lá !

JORGE.

Porque ? Não queres que elle te admire ?

JOANNA.

Nhonhô ! Fóra de graça !... Não diga nada !.. Por tudo quanto ha !

JORGE.

Tens razão !...

SCENA IV

OS MESMOS e D^r LIMA

DR. LIMA.

Então, como se arranjou ?

JORGE.

Achei quem me emprestasse, mas com a condição de pagar hoje sem falta.

DR. LIMA.

Muito bem ! Eu fiz o que pude. Hontem nada consegui.

JORGE.

E hoje ?

DR. LIMA.

Adeus, Joanna.

JOANNA.

Meu senhor passou bem ?

JORGE.

Mas então, doutor ?

DR. LIMA.

O que lhe disse eu hontem ?

JORGE.

Que hoje ás nove horas, si não pudesse antes.

DR. LIMA.

Que horas são ?

JORGE.

Não sei ! Empenhei o meu relógio !...

JOANNA.

Hão de ser nove, seu senhor.

DR. LIMA.

Menos cinco minutos. Eu aqui estou e o dinheiro comigo.

JORGE.

Ah !

JOANNA.

Eu sempre disse ! Homem de palavra, como meu senhor !...

DR. LIMA.

Espera ! que temos uma conta a ajustar...

JOANNA.

Comigo?... Eu não fiz nada!

DR. LIMA.

Já te falo. (A Jorge). Aqui tem. Está n'esta carteira um conto de reis. Tire o que precisar.

JORGE.

Preciso de seiscentos mil réis. Tenho oitenta, bastam-me quinhentos e vinte.

DR. LIMA.

Não se acanhe!... Esses oitenta mil réis são naturalmente o producto do seu relógio empenhado!... Vá desfazer essa transacção. Gaste o que fôr preciso para pôr em ordem os seus negocios. Depois falaremos.

JORGE.

Não lhe sei agradecer, doutor!... Si este dinheiro fosse para matar-me a fome, eu não o receberia com tanta avidez.

DR. LIMA.

Agora a nossa conta, Joanna; Jorge não te deu hontem um papel?

JOANNA.

Meu senhor!...

JORGE.

Como soube, doutor?

DR. LIMA.

Eu não estava aqui?... Já se esqueceram?

JORGE.

Estava... mas...

DR. LIMA.

Quando te deu esse papel, que te disse Jorge ?

JOANNA.

A que vem isto agora, meu senhor ?

DR. LIMA.

Ainda !... Disse-te : » Joanna, n'esta casa não ha mais nem senhor nem escrava. » (A Jorge). Não foi isto ?

JORGE.

Foi, doutor, e repito.

DR. LIMA.

Ora bem ! Si eu te ouvir d'aqui em diante alguma d'estas palavras, meu senhor, sua escrava, saio por aquella porta e não ponho mais os pés aqui.

JOANNA.

Meu... Sr. doutor !

JORGE.

Ralhe ! Ralhe com ella, doutor, para ver si emenda-se.

DR. LIMA.

Não venho mais cá e escrevo uma carta a Jorge... explicando-lhe o motivo.

JOANNA.

Ah ! Vm. não ha de fazer isto ! Eu juro o que quizer.

DR. LIMA.

Estamos entendidos.

JORGE.

Dê-me licença, doutor. Vou sahir um instante para saldar essa divida que me pesa.

DR. LIMA.

Sem cerimonia ! Vá. Emquanto espero, Joanna, prepara alguma cousa, que ainda não almocei.

JORGE.

Ouves, Joanna ?!

JOANNA.

Já. N'um momento !

DR. LIMA.

Chá e pão, basta !... Oh ! Quem toca por aqui ?

JOANNA.

É iaiá.

JORGE.

É a minha vizinha do primeiro andar.

DR. LIMA.

Que não tarda subir ao segundo ?

JORGE.

Talvez, doutor.

SCENA V

D^r LIMA e JOANNA

DR. LIMA.

Dá-me o jornal !... Aquillo que eu te disse é serio, ouviste Joanna ?

JOANNA.

Ouvi, Sr. doutor. Quer que jure outra vez ?

DR. LIMA.

Não é necessario.

JOANNA.

Ai !... Iaiá D. Elisa vae cantar ! Como ella está contente hoje ! Coitadinha ! É uma pombinha sem fel !... É como canta bem !... Ora, discipula de nhonhô !... Que bonita voz !... Não é, Sr. doutor ?

DR. LIMA.

Muito ; ha outra que eu acharia mais bonita.

JOANNA.

Qual ?... Não é capaz.

DR. LIMA.

A tua, Joanna...

JOANNA.

Gentes !... Que partes do Sr. doutor !

DR. LIMA.

Si ouvisses o resto... É a tua quando me disseres que o almoço está prompto.

JOANNA.

Santo Deus !... E eu a dar á taramella !... Perdão, Sr. doutor.

DR. LIMA.

Perdôo-te o julgares que com sessenta annos tinha tentações de namorar-te.

.....

SCENA IX

Dr LIMA e ELISA

DR. LIMA.

Ha pouco, sem o suspeitar, deu-me grande prazer, minha senhora. Ouvi-a cantar.

ELISA.

Ah! Estava aqui?

DR. LIMA.

Era um romance francez !...

ELISA.

Aprendi-o a cantar sentindo-o. Por isso gosto muito d'elle.

DR. LIMA.

Tem uma linda voz!

ELISA.

Qual!... Ha muitos dias que não cantava! Hoje tive umas saudades!

DR. LIMA.

Da musica ou do mestre ?...

SCENA X

OS MEMOS e PEIXOTO

PEIXOTO.

Viva, senhor!

DR. LIMA.

Tire o chapéo !... Não vê que está diante de uma senhora ?

PREIXOTO.

Não reparo n'estas cousas... A minha escrava ?...

DR. LIMA.

Que escrava ? O senhor sabe a quem fala ?

PEIXOTO.

A escrava que o tal Sr. Sr. Jorge me vendeu !... Fugiu-me esta manhã !... Está acoutada aqui !

ELISA.

Joanna !

DR. LIMA.

Tranquillise-se, D. Elisa. Joanna está fôrra. Jorge deu-lhe hontem a carta á minha vista !

ELISA.

Ella o merecia !

PEIXOTO.

Que historias está ahí o senhor a contar ?

DR. LIMA.

Digo-lhe a verdade.

PEIXOTO.

Pois enganou-se !... Quero já para aqui a minha escrava !... Sinão vou á policia !... É uma velhacada !

DR. LIMA.

Lembro-lhe que não está em sua casa ! De que escrava fala o senhor ?

PEIXOTO.

Quantas vezes quer que lhe diga ?... Da mulata Joanna, que comprei hontem !

ELISA.

Ah !

DR. LIMA.

O senhor mente !

PEIXOTO.

Veremos !... Eu lhe mostrarei para que serve este papel.
(O doutor lê o papel na mão de Peixoto. Joanna apparece no fundo.)

SCENA XI

OS MESMOS, JORGE e GOMES

JORGE.

Cale-se.

GOMES.

Este miseravel aqui !

PEIXOTO.

A minha escrava !

DR. LIMA.

Desgraçado !...

JORGE.

Doutor !...

DR. LIMA.

Tu vendeste tua mãe!

(Joanna foge.)

JORGE.

Minha mãe!... Ah!

DR. LIMA.

Tua mãe, sim!... Digo-o alto! porque te sei bastante nobre para não renegares aquella que te deu o ser.

(Pequena pausa.)

PEIXOTO.

Em todo o caso... Eu não perco o meu dinheiro.

DR. LIMA.

Quanto se lhe deve?

PEIXOTO.

Seiscentos mil réis!

(Jorge atira o dinheiro.)

DR. LIMA.

Dê-me este papel!

JORGE.

Oh! Não o rasgue, doutor!

DR. LIMA.

Para que conservar esse testemunho?

JORGE.

Para exprobar-lhe o que me obrigou a fazer!... Porque foi ella... quem tratou com esse homem!

J.

PEIXOTO.

Lá isso é a pura verdade.

JORGE

A carta rasgou-a !.

DR. LIMA.

Amor de mãe !...

JORGE.

Ah ! Meu pae !... Meu pae !... Como deves soffrer n'este momento !

DR. LIMA.

Elle não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.

JORGE.

È ter vivido vinte annos com ella, recebendo todos os dias, a todo o instante as effusões d'esse amor sublime!... È não adivinhar !... Não presentir !... Perdão, minha mãe !... Onde está ella ?

(Sae.)

SCENA XII

DR. LIMA, GOMES, ELISA, PEIXOTO e VICENTE

VICENTE, a Peixoto.

Alto lá, camarada ! (Segura-o pela golla.)

PEIXOTO.

Isto são modos !

VICENTE.

Bom dia, Sr. doutor, e companhia.

DR. LIMA.

Adeus !

PEIXOTO.

Largue-me, senhor !

VICENTE.

Está seguro ! Deixe-se de partes.

PEIXOTO.

Com que direito me quer privar de sahir ?

VICENTE.

Já lhe digo. (Lê.) « Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. Promotor !... »

PEIXOTO.

Eu preso !... Porque ?

VICENTE.

Por causa de certas lettras...

PEIXOTO.

É falso !

VICENTE.

São falsas mesmo as taes lettras...

PEIXOTO.

Sr. Vicente...

VICENTE.

Romão, meu caro senhor, Romão... Tenha a bondade de seguir-me.

GOMES.

Deus é justo !

(Elisa entra rapidamente na alcova.)

SCENA XIII

D^r LIMA, GOMES e JORGE

JORGE.

Viu-a, doutor ?... Não a encontrei !... Procurei tudo !

DR. LIMA.

Socegue, Jorge ! Deve ter sahido... Ella nada sabe ainda ! Seja prudente... Não lhe anuncie de repente !... O choque póde ser terrivel !...

JORGE.

Não me sei conter !... Quero abraçal-a !... Minha mãe !... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome !... Parece-me que aprendi-o ha pouco !...

GOMES.

Sr. Jorge.

JORGE.

Ah ! desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de saber...

GOMES.

Penalisa-me bastante, creia.

JORGE.

Como, Sr. Gomes ?

GOMES.

Sinto muito, porém... O senhor comprehende a minha posição... As considerações sociaes...

JORGE.

Acabe, senhor !...

GOMES.

Esse casamento não é mais possível !

JORGE,

Ah !

DR. LIMA.

Por que razão, Sr. Gomes ?

JORGE.

Porque não reneguei minha mãe.

GOMES.

Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

JORGE.

Tem razão, Sr. Gomes !... O senhor me julga indigno de pertencer á sua familia porque eu sou filho d'aquella que se vendeu para salvar essa mesma honra em nome da qual me repelle !

GOMES.

Que diz, senhor ?...

ELISA, fóra.

Jorge !... Sua mãe !...

JORGE.

Elisa !... Aonde ?... (Entra na alcova).

GOMES.

Nas minhas circumstancias que faria, Sr. doutor ?

DR. LIMA.

Não ha considerações nem prejuizos, senhor, que me obriguem a commetter uma ingratidão.

SCENA XIV

Dr. LIMA, GOMES, JORGE e JOANNA

JORGE.

Doutor, acuda !... Depressa !...

DR. LIMA.

O que ?

ELISA.

Este vidro !...

GOMES.

Envenenada !...

JOANNA.

Um ataque !...

JORGE.

É o mesmo veneno que ella arrancou-lhe dos lábios...
Sr. Gomes !

DR. LIMA.

Que fizeste, Joanna ?

JOANNA.

Nada, meu... Sr. doutor.

JORGE.

Salve-a, meu amigo !...

DR. LIMA.

Só Deus !... A sciencia nada póde !

JORGE.

Minha mãe !...

JOANNA.

Não !... Eu não sou sua mãe, nhonhô. O que elle disse, Sr. doutor, não é verdade... Elle não sabe...

DR. LIMA.

Joanna !...

JOANNA.

Não é verdade, não !... Pois já se viu isso ?... Eu ser mãe de um moço como nhonhô !... Eu uma escrava !... Não vê, nhonhô, que elle se engana ?

JORGE.

Me perdôa, minha mãe, não te haver conhecido !

JOANNA.

Sr. doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô !... Que nhonhô era meu... meu... de leite... só !... só de leite !...

JORGE.

Chama-me teu filho !... Eu te supplico !...

JOANNA.

Mas não é... não !... Eu juro...

DR. LIMA.

Joanna !... Deus nos ouve !

JOANNA.

Por Deus mesmo... Elle sabe porque digo isto !... Por Deus mesmo... juro... que... Ah ! ...

JORGE.

Morta !...

ELISA.

Minha boa Joanna !...

JOANNA.

Escute, iaiá Elisa... É a ultima cousa que lhe peço... Iaiá ha de fazer meu nhonhô muito feliz !... Me promette ?... Queira a elle tanto bem, como Joanna queria... Mas, nem iaiá nem ninguem póde... não !...

JORGE.

Minha mãe !... Porque foges de teu filho, apenas elle te reconhece ?

JOANNA.

Adeus, meu nhonhô... Lembre-se ás vezes de Joanna... Sim ?... Ella vae rezar no céo por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE.

O que, mãe ? Pede-me !...

JOANNA.

Nhonhô não se zanga ?

JORGE.

Eu sou teu filho !... Dize !... Uma vez ao menos... este nome.

JOANNA.

Ah !... Não !... Não posso !

JORGE.

Fala ! Fala !

JOANNA.

É um atrevimento !... Mas eu queria antes de morrer.. beijar sua... sua testa, meu nhonhô !...

JORGE.

Mãe !...

JOANNA.

Ah !... Joanna morre feliz !

JORGE.

Abandonando seu filho.

JOANNA.

Nhonhô !... Elle se enganou !... Eu não !... Eu não sou tua mãe, não... meu filho ! (Morre)

JORGE, de joelhos.

Minha mãe !...

ELISA.

É minha, Jorge !...

GOMES.

Ella abençoê tão santa união !...

DR. LIMA.

É me perdõe o mal que lhe fiz !

A AGRICULTURA

O Brasil é um paiz essencialmente agricola.

A natureza o destinou para essa nobre industria, dotando-o de um solo vasto e uberrimo, em cuja area se encontram todos os climas.

A indole e os habitos de seus primeiros povoadores desenvolveram essa disposição originaria, creando as lavouras que ainda hoje são a unica fonte importante de nossa producção.

O regimen colonial, com toda a sua brutalidade, não contrariou nunca, antes protegeu a seu modo o espirito agricola das suas possessões americanas.

Não por zelo de nosso futuro, mas por favor ás fabricas e manufacturas do reino, foram prohibidos no Brasil certos officios e acoçoada a lavra das terras.

Estava reservada ao governo constitucional a triste e ingrata missão de combater surdamente, pelo mais absurdo systema economico, o incremento da nossa industria, desviando o trabalho de seu curso natural.

Proclamada a independencia, não era possivel que se organisassem logo as nossas finanças, sobretudo quando as dissipações do primeiro imperio, menores todavia que as actuaes, exauriam o thesouro, e o obrigavam a recorrer aos expedientes ruinosos.

Mas o prurido de mostrar proficiencia economica fez copiar dos livros francezes sophismas refutados pelo simples bom senso, e rotinas sem applicação ao nosso paiz.

Um dos sophismas foi esse de que os emprestimos são fontes de renda, axioma preconizado pelo marquez de Abrantes, quando Calmon, e chefe da escola que inaugurou neste paiz sem fabricas e sem manufacturas o regimen protector dos velhos estados europeus.

Então a escola da livre permuta combatia em França essa abusão economica dos governos que pensam desenvolver a industria nacional, encarecendo os productos similares de procedencia estrangeira.

Era essencial que o Brasil tivesse tambem um systema protector, como depois veiu a ter contencioso administrativo, e outras exoticas importações, sem o que não seria uma nação civilisada.

Mas o que havia a proteger neste paiz sem riqueza fabril ? Os nossos financeiros não se preocuparam com essa bagatella ; e quando pelo diante a anomalia tornou-se flagrante, tomaram um engenhoso expediente.

Como faltava a industria para ser protegida ; cuidou-se em crear por meio de loterias e subvenções umas fabricas enfesadas, que servissem de pretexto ás enormidades da tarifa, e dessem aso a falar-se emphaticamente no parlamento — da *industria nacional*.

Os nossos financeiros têm a ingenuidade de creer que o systema protector, ou por outra a elevação das taxas, augmenta a receita ; e como elles não cogitam do povo e sim do fisco, estão convencidos que não ha outra sciencia alem dessa de fintar bastante os generos de maior consumo.

Assim radicou-se em nossa administracção o funesto regimen ; e si fosse possivel chamar á barra da nação todos os ministros que o defenderam e consolidaram, nenhum

estou certo se mostraria constricto dos males causados por tão grave erro.

Talvez ao contrario se apresentassem ufanos de sua obra, e reclamando as benções da patria pelos serviços prestados com sua gestão.

Entretanto o erro ahi está patente ; e a decadencia da nossa agricultura, confessada pelo governo e apregoada no parlamento, não é outra cousa sinão a consequencia logica e fatal de um tacanho regimen aduaneiro, e portanto a obra longamente trabalhada dos nossos financeiros.

Falta de capitaes, de braços, de transporte, de estudos profissionaes, todas estas causas apontadas do atrazo de nossa lavoura, não são causas, mas effeitos da causa unica : a nossa ignorancia economica, ou antes a nossa indole rotineira.

Em verdade, não era precisa a sciencia para mostrar que um paiz, onde o fisco ia encarecendo gradualmente a vida pela exorbitancia dos direitos de consumo, devia necessariamente empobrecer em cabedaes, em braços, em trabalho, e até em estímulos.

O que admira é que elle tenha resistido á compressão de semelhante systema e a ponto de ainda ser actualmente no mercado universal o primeiro productor de café.

Mas as circumstancias se aggravaram de modo, que afinal os poderes do Estado se preocuparam da questão agricola, que é sem contestação, o nosso maximo problema economico.

Depois de uma grande ostentação de inqueritos e relatorios, com que se pretendeu arremedar, mas só na papelagem, as praticas inglezas, votou-se uma lei chamada de auxilios á lavoura.

Triste epigramma !

Para sanar os effeitos de um regimen economico, filho da

restricção e do privilegio ; a sciencia financeira do nosso governo não achou outra cousa sinão um odioso monopolio !

O poder já invadiu tudo. Depois de absorver pela centralisação a vida politica e administrativa das localidades, elle começou a lançar as raizes do enorme polipo pelo campo das relações civis.

Monopolisou o credito ; avassallou o commercio ; subvencionou a industria ; e domina até as profissões liberaes pelos privilegios que reparte entre os seus favoritos. O ministerio da agricultura creou duas novas classes : os advogados administrativos e os litteratos imperiaes.

Restava porém a agricultura. Em todos os tempos e em todas as nações, sempre essa classe distinguiu-se pela sua independencia e isenção, como por seus principios de ordem e moralidade.

Em nosso paiz era ella talvez a base unica de uma resistencia legal e pacifica, mas perseverante e energica, ás invasões do poder. Com sua costumada sagacidade a corôa viu o perigo, e encampou tambem a industria rural.

Creou-se uma agricultura official.

Eis o unico sentido e o effeito unico da lei chamada de auxilios á lavoura, a qual, si ainda não produziu todos os males de que veiu pejada, é porque o mercado monetario de Londres retrahiu-se, espantado ante a nossa prodigalidade.

Quando, porém, cada provincia, ou cada municipio, tiver o seu engenho e fazenda central, subvencionados pelo governo ; a machina administrativa ficará montada ; e as lavouras serão, como as outras emprezas, meras secções do ministerio das Obras Publicas.

Tal é o estado desanimador de nossa agricultura. Entretanto para os males que a acabrunham, como para os que affligem o paiz em geral, ha um remedio ; remedio tão simples e despresado, como effcaz.

É a liberdade.

Mostraremos depois como, ao seu influxo poderoso, sem tutela nem subvenções, a nossa lavoura surgiria do abatimento e declínio a que chegou, para tomar um novo e vigoroso impulso e com ella todas as industrias do paiz, atrophiadas pelo actual systema financeiro.

(D'O PROTESTO).

restricção e do privilegio ; a sciencia financeira do nosso governo não achou outra cousa sinão um odioso monopolio !

O poder já invadiu tudo. Depois de absorver pela centralisação a vida politica e administrativa das localidades, elle começou a lançar as raizes do enorme polipo pelo campo das relações civis.

Monopolisou o credito ; avassallou o commercio ; subvencionou a industria ; e domina até as profissões liberaes pelos privilegios que reparte entre os seus favoritos. O ministerio da agricultura creou duas novas classes : os advogados administrativos e os litteratos imperiaes.

Restava porém a agricultura. Em todos os tempos e em todas as nações, sempre essa classe distinguiu-se pela sua independencia e isenção, como por seus principios de ordem e moralidade.

Em nosso paiz era ella talvez a base unica de uma resistencia legal e pacifica, mas perseverante e energica, ás invasões do poder. Com sua costumada sagacidade a corôa viu o perigo, e encampou tambem a industria rural.

Creou-se uma agricultura official.

Eis o unico sentido e o effeito unico da lei chamada de auxilios á lavoura, a qual, si ainda não produziu todos os males de que veiu pejada, é porque o mercado monetario de Londres retrahiu-se, espantado ante a nossa prodigalidade.

Quando, porém, cada provincia, ou cada municipio, tiver o seu engenho e fazenda central, subvencionados pelo governo ; a machina administrativa ficará montada ; e as lavouras serão, como as outras empresas, meras secções do ministerio das Obras Publicas.

Tal é o estado desanimador de nossa agricultura. Entretanto para os males que a acabrunham, como para os que affligem o paiz em geral, ha um remedio ; remedio tão simples e despresado, como efficaz.

É a liberdade.

Mostraremos depois como, ao seu influxo poderoso, sem tutella nem subvenções, a nossa lavoura surgiria do abatimento e declinio a que chegou, para tomar um novo e vigoroso impulso e com ella todas as industrias do paiz, atrophiadas pelo actual systema financeiro.

(D'O PROTESTO).

REI OU ROQUE

O sabio oriental, que inventou o xadrez, quiz figurar nesse jogo a estrategia de uma batalha, ou segundo melhor versão, o governo do estado.

Na peça principal representou elle o rei, ou a nação de que este é o symbolo; e nas outras peças as varias classes ou ordens do estado.

Entre estas distingue-se o roque, no qual os homens de guerra alludem aos paladinos ou cavalleiros andantes, da palavra persa *rokh*; e os politicos denotam os conselheiros do soberano.

Como esta peça é mais que nenhuma outra reservada á defesa do *shah*, que por sua vez a protege; nasceu dahi o conhecido proverbio *rei ou roque*.

Nós bem podemos hoje por amarga experiencia traduzil-o em phrase correntia e brasileira, dizendo : ou bem sabio, ou bem soberano.

São com effeito duas occupações incompativeis.

A gestão dos negocios publicos não permite, sinão como recreio, as laboriosas investigações da sciencia, que absorvem e captivam o espirito.

Ninguem de certo confiaria do engenheiro incumbido de dirigir uma grande machina, si em vez de attender ao seu

movimento complexo, elle abstracto se retrahisse a um canto para investigar certos phenomenos de physica, muito importantes para a sciencia, mas sem effeito practico na occasião.

È que machina mais importante do que essa da sociedade, á qual deve presidir um soberano com incessante disvello, e da eminencia onde o collocou o voto da nação ?

Comprehende-se que Alexandre dormisse com a Iliada sob o travesseiro e deplorando não ter um Homero para cantar a sua gloria.

Mas que interessa á prosperidade deste imperio, que o seu monarcha saiba de cór e salteado o texto daquelle poema, e dê quinaos mestres ácerca do templo de Apollo em Tenedos ?

Não seria muito mais feliz este povo, si o seu defensor perpetuo, que nos annunciam ter descoberto o verdadeiro sitio de Troia, estivesse agora cogitando na difficil solução da crise financeira e prescrutando a séde dos males que nos affligem ?

A questão religiosa assume cada dia maior gravidade ; mas tenhamos fé e esperanza, pois segundo nos annunciou ha dias o primaz da imprensa, o imperador se *ajoelhará em Belém e no Santo Sepulchro*.

A viagem imperial nas circumstancias melindrosas do paiz é um erro tão flagrante, que a censura transpira dos poros mesmos da mais estrenua defesa, a que os amigos sinceros da monarchia julgam-se obrigados.

O retrospecto, que publica annualmente o *Jornal do Commercio*, é sem contestação um escripto reflectido, e repassado sempre do espirito eminentemente conservador desse importante orgão da imprensa.

Entretanto, justificando a ausencia do soberano, a rigida consciencia do historiador não póde abafar de todo a

verdade severa, que desafogou-se nestas palavras bem expressivas :

«O imperador partiu a viajar por dezoito mezes deixando ao governo do Estado, além de outras difficuldades, tres problemas, um arriscadissimo e dous afflictivos, a reclamarem solução. »

Que motivo poderoso obrigou o sr. D. Pedro II a ausentar-se do imperio em época tão ardua para o povo que lhe tem dado as mais eloquentes provas de seu amor e adhesão ?

A molestia da imperatriz ?

O conspicuo escriptor não acredita nella ; e estamos convencidos que só a mencionou para com a recordação das virtudes de nossa augusta soberana, avivar o amor ao throno e turbar o nosso espirito, commovendo-o.

A verdade é que sendo nossa imperatriz uma esposa cheia de abnegação, não pôde deixar de adoecer, quando sente que a viagem é necessaria ao repouso do espirito daquelle a quem uniu seu destino.

A molestia, portanto, não é causa da viagem ; é effeito previo della ; tanto assim que depois de pequena demora em Gastein, a imperatriz foi encontrar-se com seu esposo e com elle vae arrastando as fadigas de jornadas penosas.

Tambem não é argumento o *suave rejrigerio* de que precisa uma intelligencia avida de saber, depois de tantos annos de assiduo reinado.

Maior reinado e mais arduo foi o de Leopoldo I ; e não menos longo é o da rainha Victoria ; mas nenhum destes soberanos constitucionaes afastou-se jamais de seus Estados durante mezes, e para lugar d'onde não pudesse voltar em poucos dias.

Que mais suave refrigerio para um soberano do que con-

templar a prosperidade de seu povo, e glorificar-se de sua obra ?

Si porém o povo não é feliz, si o seu futuro depende de problemas arriscadissimos e afflictivos ; então o soberano não tem direito ao repouso, e o refrigerio neste caso não seria suave, mas bem amargo.

Teria o travo do remorso.

(D'O PROTESTO).

O ENGODO DA PROTECÇÃO

Os funestos efeitos da absurda doutrina economica, geralmente conhecida com a denominação de systema protector, ficaram bem assignalados, quando tratamos da agricultura.

Havemos de estudal-os mais detidamente em artigos successivos, no intuito de extirpar de nossa administracção esse vicio que atrophia um paiz tão opulento.

Agora nosso proposito é refutar o sophisma, com que a theoria da protecção consegue ainda illudir alguns espiritos rectos e captar as sympathias publicas, sob o disfarce do patriotismo.

Si já houve idea antinacional é essa ; mas deixemos que por si ella se retrate.

Ha certos ramos de trabalho que são geralmente cultivados em toda a cidade civilisada, apesar do atrazo de sua industria. Não é possivel conceber grandes agglomerações de povo, sem as profissões rudimentares indispensaveis ás necessidades quotidianas.

O systema protector julga-se triumphante quando ampara com a sua doutrina essas profissões, exercidas em sua maxima parte pelas classes pobres. No seu entusiasmo, elle não se contenta com ser o promotor da industria nacional ; tem pretenções a philantropia.

Falai com um de ossos proteccionistas e elle vos dirá quasi enternecido : — « A tarifa brasileira elevando os direitos da roupa, dos moveis, do calçado, garantiu o salario aos nossos patricios alfaiates, marcineiros, sapateiros, e a suas filhas costureiras. Sem a paternal solicitude da lei, essas classes operarias não teriam que fazer, e não ganhariam os meios de subsistencia ; pois todas comprariam de preferencia o producto estrangeiro, por ser mais barato. »

Ora, vejamos os effeitos praticos da paternal solicitude dos nossos legisladores ; e a obra de caridade do fisco. Como não escrevemos para os financeiros que sabem muito das theorias, e só temos em mira ser lidos pelo povo que paga o imposto ; deixaremos de parte as demonstrações doutrinarias ; e argumentaremos na linguagem chã do operario.

Aqui está uma costureira que actualmente ganha 2\$ pelo feitio de um collete ; um alfaiate a quem pagam 10\$ ou mais pelo feitio de uma casaca ; um sapateiro e um marcineiro que recebem de jornal 3\$ ou 4\$.

Antes de tudo releva notar que não trabalhando estes artifices directamente para o consumidor, mas por intermedio das officinas que lhes dão as encommendas, a carestia resultante da pauta elevada, não reverte tanto em proveito delles, como das lojas, que lucram cento por cento.

Mas não fazemos cabedal dessa circumstancia ; vamos ao amago da protecção.

A costureira que recebe 2\$ pelo collete, o alfaiate que tem 10\$ pela casaca, o marcineiro e o sapateiro que viram augmentado o seu jornal a 4\$, precisam viver, e para isso têm de comprar o necessario ; e como nesse necessario estão comprehendidos a roupa, os moveis, o calçado, te-

mos que afinal de contas o systema protector não melhora a condição das classes operarias.

Eleva o salario da costureira, mas eleva tambem o preço do movel que ella compra. Dá maior jornal ao marceneiro, mas obriga-o a pagar o sapato e a roupa pelo dobro do valor, e assim por diante.

Com essa carestia artificial, creada pela tarifa, acreditam porém os proteccionistas evitar que os productos estrangeiros inundem o mercado, lançando fora delle os productos nacionaes, e reduzindo assim os nossos operarios á inercia.

Semelhante receio só pode nascer da absoluta ignorancia da lei economica da concorrência.

No mercado dos generos de uso geral ha sempre consumidores para todos os productos, desde o mais fino até o mais grosseiro e imperfeito. A questão é do preço ; visto como ha classes que são obrigadas a restringirem sua despeza, ainda com sacrificio do gosto e com prejuizo futuro.

Assim quando os productos estrangeiros inundassem o nosso paiz, nunca elles poderiam rejeitar do mercado os productos nacionaes ; seria um absurdo acredita-lo. O mais que haveria a receiar nesse caso, era a baixa de preço dos artigos brasileiros, que não sustentassem a competencia com os artigos de importação.

Algumas reflexões bastam para dissipar semelhante receio.

A grande virtude da lei da concorrência é esta, que moderando o preço da mercadoria, ella augmenta a sua perfeição, pelos estímulos que desenvolve nos productores.

As sedas inglezas, enquanto foram protegidas por uma prohibição absoluta, eram pessimas e caras. Em 1825 Huskisson, o grande financeiro, abriu o mercado inglez ás sedas estrangeiras, impondo-lhes apenas a taxa de 25%.

Os fabricantes inglezes clamaram, considerando-se ar-

ruinados pelo governo ; mas annos depois elles competiam com as afamadas fabricas de Lyon, produziam o dobro ou o triplo mais do que antes, e ganhavam em proporção vendendo barato.

Quando Robert Peel reduziu á metade a taxa de 25% das sedas, reproduziram-se iguaes clamores a que as leis economicas inflingiram a mesma e cabal refutação.

Desde que a concurrencia abre a luta da industria nacional com a estrangeira, não podem resultar desse conflicto sinão um ou outro destes phenomenos :

Ou a industria nacional tem raizes na indole, nos costumes, na aptidão das classes que a ella se dedicam ; e neste caso a competencia é um fomento para seu aperfeiçoamento, como aconteceu com as sedas na Inglaterra ;

Ou a industria nacional não tem existencia propria, e vive apenas do consumo obrigado que deve á protecção da lei ; e então, si a concurrencia estrangeira a anniquilar e supprimir, em vez de mal ao paiz e aos operarios, faz-lhes um beneficio applicando essas forças deslocadas a um ramo de trabalho mais util e lucrativo.

Nas profissões urbanas, de que vivem as classes pobres das cidades, por mais imperfeito que fosse o producto nacional, elle acharia sempre a demanda, que nasce de certos costumes peculiares a cada paiz, e da circumstancia de proximidade.

Assim, apezar da pretendida inundação estrangeira, as modistas desta côrte haviam de continuar a fazer vestidos, os alfaiates não cessariam de fabricar toda a especie de roupa, os sapateiros, marcineiros, caldeireiros, funileiros, chapelleiros, luveiros, floristas, etc., continuariam a trabalhar em seus officios.


A differença é que trabalhariam mais barato ; porém como tambem comprariam mais barato tudo de que neces-

sitassem para sua subsistencia, não se aperceberiam da diminuição do salario.

«Então, acodem os proteccionistas, a concurrencia nada adianta. Que importa á costureira gastar só 1\$000, si ella tambem não ganha sinão 1\$000 ? Tanto vale gastar 2\$000 ganhando 2\$000. »

Com isso mostram quanto desconhecem o effeito logico da liberdade.

A concurrencia estabelece a balança entre a offerta e a procura, de modo que os productores ou os negociantes, seus intermediarios, têm de satisfazer-se com um lucro modico, a fim de lutarem com os competidores.

Desta arte as condições do mercado são reguladas pelo seu abastecimento combinado com as exigencias do consumo, e o operario que percebe um salario de 1\$000 póde ter a certeza que, salvas as oscillações transitorias, seu salario está em proporção com o preço das subsistencias. 

Não assim no regimen protector onde tudo é ficticio e arbitrario. O fisco sobrecarregando de 40% o preço da mercadoria estrangeira augmenta o empate do capital, e diminue o abastecimento ; por outro lado o productor nacional, contando com o preço elevado do importador, exaggera o seu á vontade.

Releva ainda notar que o preço do genero importado não representa o seu justo valor mercantil, porque n'elle entra a taxa dos 40 %, calculados sobre uma base geralmente excessiva.

E'obvio pois, que no regimen protector a carestia sendo um facto permanente e estranho ao movimento do mercado, não guarda a justa proporção que se observa no commercio livre.

Assim o operario póde, como succede nesta côrte, obter grande augmento de salario e não ter o bastante para a-

codir ás suas necessidades ; porque a roupa e o alimento encareceram mais do que o seu officio.

Cumpre ainda não esquecer, que si o operario pudesse trabalhar mais barato, elle trabalharia mais ; pois haveria maior procura de seus serviços, o que é uma condição de prosperidade para as classes laboriosas.

Em conclusão o obra de caridade do fisco se reduz a augmentar a somma de réis do salario, sem augmentar o bemestar do operario.

Ao contrario, reduzindo pela carestia o numero dos consumidores, elle tolhe o desenvolvimento do trabalho, e sopita todos os incentivos que concorrem para a perfeição das industrias.

O que a philantropia de nossos financeiros póde dar de si é operarios pobres e inhabeis.

(D'O PROTESTO).

CARTAS DE ERASMO

AO IMPERADOR.

X

.....
« A honra é sempre a melhor politica. » Foi não sómente uma bella phrase, como uma obra gloriosa de Washington. Actualmente que se desenvolve entre nós um fervor de americanismo, seria para desejar que, antes dos braços e artefactos, transportassem de preferencia para esta America as virtuosas tradições d'aquelles rigidos cidadãos, que primeiro civilisaram a liberdade no novo mundo.

A prosperidade material, que muitos sonham e esperam da colonisação, das estradas de ferro, da navegação dos rios; o que fôra sem a regeneração moral do paiz? Materia para a combustão; pasto aos vermes.

A grandeza material d'este imperio é obra de Deos. A exuberancia do solo, a força creadora do clima, hão de fazêl-o opulento infallivelmente. Do que mais necessitamos é da grandeza moral; da virtudes que ornem a juventude dos povos; e já mareamos nós, imperio de hontem, nos vicios das nações decrepitas.

O primeiro acto do novo gabinete, creio que será pedir-vos a dissolução da camara. A exposição dos motivos d'esse

decreto valerá ante o paiz como a declaração formal e completa da politica inaugurada.

Ainda que a camara estivesse disposta a acceitar a nova ordem de cousas, a verdade do systema representativo e o decoro parlamentar exigiam a provocação ás urnas.

A camara, representante immediato do povo, exprime a opinião actual do paiz, a opinião que vigorava desde o tempo de sua eleição até o momento presente. Quando o monarcha entende que o bem do estado reclama outras idéas, estranhas ás luctas existentes; é preciso que a opinião se pronuncie explicitamente sobre a nova politica proposta pela corôa.

A camara anterior é anachronica para essa politica futura : seu apoio não patentearia o voto nacional : o senado não saberia qual attitude tomar. Por outro lado ficaria pairando sobre a facil assembléa uma forte suspeita de corrupção ou fraqueza.

É por isso que o ministerio de 30 de maio de 1862 subverteu as fórmias parlamentares. Inaugurando uma terceira politica, extranha ás duas faces da opinião reinante no parlamento, não provocou, como devêra, o pronunciamiento nacional.

Qual foi a consequencia ? A nova legislatura apenas installada repudiou o gabinete ; declarando por tal modo que a nação fôra governada cerca de dous annos contra seu voto.

Os vicios do nosso systema eleitoral, ninguem os desconhece; não obstante, sob a influencia regeneradora da revolução iniciada pela corôa e a acção de um governo justo, devemos esperar que a nova camara seja pelo menos sã e moralisada. Em peor regimen se elegeram a constituinte e as legislaturas de 1826 e 1830, assembléas notaveis pelo patriotismo e independencia.

Quando porém aconteça que a nova legislatura saia das

urnas contaminada pela venalidade, ou se deprave na verificação dos poderes; dissolvei-a de novo, senhor, e sem hesitação, embora preste dedicado apoio ao gabinete. Será um exemplo de moralidade. A posição que assumirdes perante a nação ha de acordar a consciencia publica. O paiz sentirá que desejais reinar sobre um povo moralisado.

Essa insistencia da corôa é legitima e salutar, apezar do que pretendam certos terroristas.

Um dos maiores politicos dos ultimos tempos, Cavour, tambem pensava que a dissolução, longe de ser uma violencia á vontade nacional, é o meio de imprimir á sua manifestação maior solemnidade. Elle dissolveu em 1853 uma legislatura não obstante a grande maioria que o apoiava; era necessario fazer sentir ao senado, que resistia, a firmeza da opinião do paiz a respeito da secularisação dos bens ecclesiasticos.

Não terreis necessidade porém de insistir, senhor. Esta expansão vehemente do espirito publico a respeito de vossa augusta pessoa é nuncia de uma crise salutar que se ha de operar sob o influxo da iniciativa imperial. A nova legislatura corresponderá á situação; e votará as reformas mais urgentes, apoiando francamente o gabinete, porém mantendo illesa sua dignidade.

Deve apparecer no paiz uma opposição; qualquer que seja a perversão de seus instinctos, desde que combater um governo honesto, será coagida a moralisar-se para lutar com vantagem. Dizia o grande Pitt: « Si não tivéssemos uma opposição, seria necessario invental-a. »

O primeiro e grande beneficio de vossa politica será a restauração dos partidos e sua depuração. A virtude reassumirá seu imperio; a emulação para o bem voltará. As idéas actualmente suffocadas pelo egoismo poderão sahir a lume; em vez das grosseiras ciladas da corrupção, os

princípios combaterão com as armas leaes e nobres da intelligencia, que não geram rancores.

Elles sentirão a necessidade de buscar o apoio das diversas classes do paiz, cujas tendencias fórman as moléculas da opinião. A agricultura, o commercio, as letras, as artes, terão a par da administração voto na causa publica, e pesarão na balança social.

Restaurados os partidos, o feudalismo das posições officiaes desaparecerá para dar lugar á verdadeira aristocracia do merito, corrigida pela opinião, e renovada pela seiva popular. Ao ciume e egoismo que aleijam o talento, ha de succeder a emulação que desenvolve as valentes intelligencias.

Os ministros notaveis não offuscam o brilho do throno, antes o realçam. A historia não mostra um só grande rei, isolado d'essas vigorosas individualidades, que são na phrase do evangelho « o sal da terra » e a creme dos povos.

Creae, senhor, estadistas eminentes; suas obras, como seus nomes, serão raios de vossa gloria.

Quando os illustres representantes da geração que vai sumir-se, possam encher os seus dias com uma velhice de Chatam e Palmerston; quando aos novos estadistas, que se estão gastando em um doloroso attrito de paixões acerbadas, se offereça a longa carreira de Canning, Russell e Gladstone; e á mocidade brasileira não se antolhe um sonho impossivel a rapida ascensão de um William Pitt ou Robert Peel; a corôa que vos cinge a augusta frente estará na altura de vosso nome.

O Brasil era menor ha vinte annos; porém estava então mais alto, porque na summidade que domina o throno brilhavam os grandes nomes de nossa historia, de que bem raros e eclipsados restam. A patria valia mais aos proprios olhos e á consideração das nações estrangeiras. Ho-

mens de grande merito e alta posição eram enviados nas missões diplomaticas, hoje quasi abandonadas.

Desbatem-se as clientelas para se formarem os nomes gloriosos, que attestam a existencia de um grande rei e de um grande povo. Elles são como as arvores gigantes que medram nas encostas das altas montanhas, onde exuberava o humus da terra, e manam do alto ricos mananciaes.

Senhor.

O penoso sacrificio está consummado.

Muitas vezes arranquei a verdade do coração rebelde que a recusava ; outras mais senti a magoa de a ter proferido ; porém ante a magestade não sou um homem ; sou uma idéa, como ella é uma instituição.

Ha uma força fatal e invencivel que impelle as idéas a proromperem atravez de uma época, ainda quando o individuo que lhes serve de conductor deva ser despedaçado. É um projectil que arrebenta ; deixai-o ; o canhão arremesará outros.

Não têm nome as idéas. A verdade é o unico baptismo, como a razão é o unico fôro, para os individuos que se fazem idéas, e se incorporam na massa da opinião.

Minha individualidade nunca foi estorvo á censura. Si alguma parte ella teve nos factos que a razão a frio condemna, a culpa lhe cabe, e mais grave que ás outras.

Não a defendi contra a propria consciencia, não a defenderei agora de vossa justa severidade.

24 de janeiro.

ERASMO.

VIAGEM IMPERIAL

(Discurso proferido na sessão da Camara dos deputados
de 9 Maio de 1871)

.....
Estou me alongando de mais ; porém, senhores, receio não poder voltar a esta discussão, e a camara terá a condescendencia de ouvir mais algumas considerações em relação á questão. Não convém que passe despercebido no parlamento o exame de assumptos que tanto interessam á causa publica.

Estabeleci a competencia da assembléa para restringir a regencia do principe imperial, da herdeira presumptiva da corôa ; mas não basta ; surge a questão de conveniencia, que muito frequentemente em nosso paiz costuma prejudicar a questão do direito e do principio.

Convém conceder á princeza imperial o uso pleno das prerogativas magestáticas, como está consignado na proposta ?

Não, senhores, não convém ; e não só não convém, como ha nesse alvitre perigos mui serios para o paiz e para a dynastia.

Vou entrar no desenvolvimento desta these ; mas para que o possa fazer com plena insenção de espirito, devo

primeiramente arredar uma suspeita que hade surgir, si já não surgiu.

Entre as attribuições magestáticas figura a de dissolver o parlamento, uma das mais graves e importantes funções da realza, e uma daquellas que, a exemplo da lei de 14 de Junho de 1831, deve ser restringida.

Esta opinião, senhores, não faltará quem a attribua ao receio da proxima dissolução. Embora eu considere esta augusta camara e cada um dos seus membros muito superiores a semelhante suspeita...

O Sr. COELHO RODRIGUES : — Apoiado.

O Sr. J. DE ALENCAR : — ... entendo que é de meu dever repellil-a. Quanto a mim especialmente, confesso que preferia voltar para a opposição a proseguir nesta tarefa improba que me impuz de combater meus amigos.

Realmente, senhores, quando vejo ministros conservadores, esquecidos dos compromissos solemnes com que subimos ao poder, transigirem com a influencia indebita da corôa ; quando vejo nesta situação, que se proclama conservadora, um programma de governo, do qual dizia hontem um nobre senador pela Bahia que parece foi escripto em 1867, verdadeiro anachronismo politico ; quando vejo propugnar-se hoje pelas idéas mais ardentes de nossos adversarios, aquellas que nós combatêmos na adversidade ; confesso que faço votos profundos para que o meu partido torne á opposição e venha lutar no mesmo campo onde estive em 1867 e onde eu ainda me acho.

Senhores, esta camara talvez ignore que a sua sorte está escripta no livro do destino. Ainda lhe restam alguns dias de vida, quantos forem necessarios para prestar um serviço relevante, para cobrir com sua responsabilidade dous factos graves : a viagem imperial e a emancipação do elemento servil.

Quando o partido conservador tiver feito prova desta admiravel condescendencia ; quando elle perder o direito de accusar os promotores do mal, porque terá aceitado a sua cumplicidade ; então será encostado como instrumento per-ro. Isto, senhores, não é uma conjectura ; é a verdade estampada na physionomia da situação ; é um programma de governo consignado na fala do throno.

Com effeito, exigir desta camara conservadora, desta camara composta de cidadãos que combatêram a idéa da emancipação do elemento servil ; desta camara que sustentou o ministerio Itaborahy, e o anno passado lhe deu um voto de confiança para transquillisar os animos ; declarar a esta camara que é tempo de resolver a questão, equivale a dizer : « Si resistis, a dissolução : si condescendeis, a perda da força moral. » Em ambos os casos o suicidio ; mas ao menos o da resistencia é glorioso !

Eu, portanto, senhores, não sou levado pelo receio de uma dissolução a defender a necessidade da restricção. Si ha algum meio de prolongar a existencia desta camara, é justamente o que nos offerece o governo ; é votar a proposta imperial e consagrar a revolução social do elemento servil.

Caso passasse uma emenda restringindo o exercicio das attribuições magestáticas da regencia, a camara seria immediatamente dissolvida, e outra convocada para revo-gar aquillo que houvessemos feito, e dar á princeza imperial a plenitude do poder. Pois bem ; eu sinto não ter, em vez do meu unico, cem votos para provocar o poder a essa dissolução immediata. Sinto do mais profundo de minha alma, porque assim preparava ao meu partido, ou um grande triumpho, ou uma quéda gloriosa.

Senhores, é no proprio interesse da augusta princeza imperial que eu entendo que se deve restringir o exercicio

da regencia. Si a dissolução é sempre um acto grave que abala o paiz, quanto mais não o será exercida essa attribuição por uma regencia ephemera ? Imaginai qual não será a irritação do partido decahido, sobretudo si o entrar a crença de que não se realisaria esse golpe de estado si estivesse á testa do governo pessoa mais experimentada, o verdadeiro soberano ?

E hei de eu, monarchista sincero, que defendo não só a instituição, como a dynastia, hei de com o meu voto concorrer para uma situação tão preñhe de perigos ? Não, senhores, por fôrma alguma. E cumpre não esquecer a provocação que o gabinete de 7 de Março acaba de lançar ao paiz exigindo que se resolva prompta e açodadamente a questão do elemento servil.

Ora, senhores, desde que uma questão incandescente, uma questão gravissima, é assim lançada na arena, cumpre que esteja presente o chefe do estado, aquelle que a fomentou, para recuar, si ainda fôr tempo. Dar á augusta princeza imperial o exercicio pleno das attribuições magestaticas, é animal-a a resolver a questão do elemento servil.

Entendo eu, porém, senhores, que é esta uma das questões que não podem ser resolvidas sinão estando presente o chefe do estado ; o contrario não seria digno d'elle nem conveniente para o paiz. Não se affrontam crises desta ordem com interinidades.

Si póde haver algum perigo mais serio do que a resolução precipitada da questão do elemento servil, é sem duvida esse de sua resolução na ausencia do chefe do estado.

UMA VOZ : — Apoiado.

O SR. J. DE ALENCAR : — Querem resolver a todo transe a questão do elemento servil ? Sejam logicos ; chamem ao

poder aquelles que iniciáram a questão, que devem ter medido seu alcance, que podem contar com um partido compacto em favor della ; que devem em summa carregar com sua responsabilidade.

Acredito que si os conselheiros da corôa tivessem submettido ao soberano estas e outras considerações, Sua Magestade houvera reflectido muito seriamente antes de expôr sua augusta filha ás tribulações de uma regencia em situação tão arriscada.

Já affirmei á camara que não ha exemplo de regencia illimitada ; citei a lição historica dos paizes constitucionaes e absolutos, os precedentes de Inglaterra, resta-me citar o nosso precedente, a lei de 14 de Junho de 1831, que vigorou para a primeira e segunda regencia electiva.

Bem sei que este argumento muito incommoda aos sustentadores da regencia do direito divino ; elles não admittem o paralelo. Como comparar o regente hereditario com o regente eleito ? O principe com o cidadão ? O membro da dynastia com um plebeu ?

Quando ouço, senhores, considerações desta ordem, duvido de mim, e julgo-me transportado a alguma Russia ou Turquia onde se fale portuguez. (*Riso*).

Pois no nosso paiz, essencialmente democratico, em que todo o poder tem a sua raiz no povo, donde tira sua força e legitimidade, se podem sustentar, a não ser por notavel aberração, semelhantes paradoxos ? Ha no Brasil quem pretenda provar a superioridade de uma regencia hereditaria sobre uma electiva ?

Porque, senhores, neste paiz o rei é rei, e o principe é principe ? Porque a nação o quer. (*Apoiados*). Pois é este o mesmo principio, é este o mesmo titulo da legitimidade do regente electivo, com a differença de que no regente hereditario predomina apenas um accidente de nascimento,

e no regente electivo ha a manifestação solemne da nação ; um reconhecimento publico dos dotes moraes, do civismo, das virtudes do cidadão que ella ergue ao primeiro cargo, á cupula do poder.

Entendo, pois, que a lei de 14 de Junho de 1831 tem plena applicação ao caso actual, e com muito mais razão ; porque anteriormente tratava-se de regencia longa, e neste caso de uma ephemera : então era chamado ao governo um cidadão provector, que, pertencendo ao povo e tendo de voltar ao povo, devia compenetrar-se da gravidade do deposito que lhe era confiado ; agora trata-se da herdeira do throno, que, embora adornada de todos os dotes, não se pôde contestar que é inexperiente.

Costuma-se fazer grande cabedal das difficuldades que surgiram no tempo das regencias electivas ; mas é preciso, senhores, attender a que estas difficuldades não foram provenientes da lei da regencia ; eram inherentes ao tempo, á epocha ; aquelle foi sem duvida um periodo difficil ; foi um periodo organico.

A lei de 14 de Junho, longe de ter sido prejudicial, foi um correctivo salutar ; impôz a prudencia que não tinham naquelle tempo os homens e os partidos ; sem aquella lei, sem aquelle freio benefico, o paiz se teria precipitado em uma carreira vertiginosa. Foi de muito proveito aquella especie de entorpecimento da vida publica. Não estavamos bem educados ainda para o systema representativo ; antes marchar devagar, com certa hesitação, do que estonteadamente.

O SR. COELHO RODRIGUES : — Peço a palavra para responder.

O SR. J. DE ALENCAR : — Entendo que não é possivel tambem applicar a uma regencia que deve, quando muito, durar 11 mezes, razões que até certo ponto poderiam

prevalecer em relação a regencias que duraram 9 annos.

Si desde já se prevêm difficuldades que possam exigir o exercicio das faculdades plenas, das amplas prerogativas do poder moderador, neste caso confessa-se que as circumstancias do paiz são melindrosas, e por conseguinte se concede implicitamente que não é opportuna, como demonstrei, a ausencia do imperador nesta occasião.

Outro argumento favorito dos sustentadores da regencia do direito divino é que a restricção importaria uma desconfiança á princeza imperial. Singular doutrina, senhores ! Pois alguma vez as restricções leaes, os limites entre os diversos poderes, significaram desconsideração, ou offensa ás pessoas que se acham investidas desses poderes? (*Apoiados*).

Acaso o Sr. D. Pedro II foi menos considerado, porque, em lugar do veto absoluto, a nação concedeu-lhe apenas o veto suspensivo ? Porque não pôde sahir do imperio sem nosso consentimento ? E si amanhã entender a nação que a amnistia não deve ser concedida pelo poder moderador, haverá nisso uma offensa ao chefe do estado ?

Parece que se entende que as prerogativas magestáticas foram creadas para maior lustre e brilho do soberano, e não para o bem publico ! (*Apoiados*).

O principe de Galles, herdeiro da corôa, não se julgou desairado com as restricções que lhe impôz o parlamento, e estava disposto em 1788 a aceitar a regencia.

Outro argumento, tambem preconizado pelos sustentadores da regencia do direito divino, é que as regencias são fracas em geral, e por conseguinte carecem mais do que a propria realza do exercicio pleno das attribuições magestáticas.

É este um paradoxo igual áquelle que pretendesse que,

para se dar vigor a um valetudinario, deveriam sujeital-o a um exercicio violentissimo.

Não, senhores, as regencias não são fracas, ou antes, si o são, não é por deficiencia do poder ; mas pela sua costumada imprevidencia e temeridade. Não é, pois, o excesso de poder o meio mais proprio para cohibil-as e inspirar-lhes o espirito de moderação ; ao contrario, um freio salutar deve muito concorrer para a marcha segura e firme do governo da regencia.

Tenho, senhores, considerado a questão por todas as faces, e examinado aquelles argumentos que me occorêram, e que são geralmente apresentados em sustentação da opinião que combato ; si outros forem produzidos na discussão, e eu puder, voltarei a tomar parte nella.

Si me fosse permittido, agora, desta tribuna, onde só devo falar á nação, dirigir á augusta princeza imperial, que vai brevemente reger este imperio, algumas palavras, eu lhe diria muito respeitosaente :

« Senhora, não aceiteis o presente funesto que vos querem fazer. A nação vos chama á regencia, mas não sois ainda a soberana ; não podeis assumir o exercicio pleno das attribuições magestáticas. Neta do fundador deste Imperio, inaugurai o vosso governo dando um grande e fecundo exemplo. Sujeitai-vos á mesma lei que vigorou para a regencia electiva ; mostrai que no cumprimento da constituição não ha differença entre o príncipe e o cidadão, porque ambos são subditos da soberania nacional. Identificai-vos assim com o vosso povo e tereis feito em uma hora, a bem do paiz, a bem da instituição monarchica, e da vossa dynastia, mais do que outros fizeram em muitos annos. »

VOZES : — Muito bem, muito bem.

SUBVENÇÃO A IMPRENSA

(Discurso proferido na sessão de 5 de Agosto de 1871)

(RESPONDENDO AO PRESIDENTE DO CONSELHO)

O SR. J. DE ALENCAR (*atenção*) : — Senhores, terminou o nobre presidente do conselho o seu discurso luctando com aquelle phantasma que constantemente o persegue.

A allucinação que S. Ex. attribue a seus adversarios é elle quem a soffre ; é elle quem vê em todos os actos de minha vida publica, em toda a opposição que faço a este gabinete, uma causa unica, a idéa do governo pessoal.

Senhores, quando é realmente esta a causa que actúa em meu espirito, eu tenho bastante franqueza para o manifestar ; a camara é testemunha ; não me temo nem receio das accusações de despeito que me têm lançado a mãos cheias o nobre presidente do conselho e seus collegas de gabinete.

Não tenho pretensões de arrastar um estadista tão notavel como o nobre presidente do conselho, e de fazê-lo instrumento de minhas paixões ; não, senhores ; mas cumpre recordar a S. Ex. que estas convicções que nutro hoje e que datam de muito tempo, foram em alguma epocha partilhadas por S. Ex.

Quando nos dias da adversidade, nós, membros da opposição, nos reunimos em uma assembléa publica para installar a *União conservadora*, lá esteve presente o nobre presidente do conselho, e prestou adhesão plena áquelle grande acto que preparou a ascenção do partido conservador.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO : — Propuz uma emenda.

O SR. J. DE ALENCAR : — Nas bases da *União conservadora* foi consignada, como um dos pontos de seu programma, a seguinte maxima : « Não aceitar o poder sinão para exercê-lo na plenitude constitucional, deixando-o ao menor symptoma de compressão. »

(*Ha diversos apartes*).

Os nobres deputados com seus apartes mingua-me o tempo. Si querem prorogar a sessão, podem interromper-me ; do contrario, peço-lhes que me deixem falar.

Senhores, nessa memoravel assembléa, presidida pelo ex-ministro da marinha do gabinete de 16 de Julho, foram approvadas aquellas bases (*apoiados e não apoiados*) com duas emendas.

(*Reclamações*).

E' realmente necessario profundo esquecimento para se negar um facto de notoriedade publica, um facto communicado aos conservadores de todo o imperio, e communicado por um de seus chefes mais illustres, o Sr. Barão de Muritiba. (*Apoiados*).

O SR. ARACUJO LIMA : — De minha parte não a approvei.

O SR. J. DE ALENCAR : — Foram approvadas as bases com duas pequenas modificações : uma proposta pelo nobre presidente do conselho a quem repugnava o titulo democratico de grande eleitor que se deferia ao chefe do partido conservador : outra, por accordo commum, a qual

referia-se ás ultimas palavras daquella base que acabéi de mencionar.

Ficou o preceito que se impoz o partido conservador assim concebido : « Não aceitar o poder sinão para exercel-o na plenitude constitucional. » (*Apoiados da opposição*). O que era isso sinão o reconhecimento da existencia do governo pessoal, e o protesto muito solemne de resistir-lhe no poder ? (*Muitos apoiados da opposição*).

Fiel a este protesto é que tenho exigido dos gabinetes conservadores que se mantenham no posto de honra. Foi pela minha lealdade a esse compromisso que me incompatibilisei no poder, e renunciei a elle de uma vez.

Portanto, senhores, si o governo pessoal é um phantasma, houve tempo em que o nobre presidente do conselho tambem foi ludribrio delle. Estava então na adversidade : os tempos mudam.

Demais, o nobre presidente do conselho acaba de articular uma palavra, *Erasm*o, o pseudonymo de que usei, e que recorda um dos esforços mais tenazes, mais perseverantes que talvez se tenha feito na imprensa contra esse falseamento do poder no systema representativo (*muitos apoiados da opposição*) ; si S. Ex. não conhece bem esses escriptos deveos ler.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO : — Li-os com muito prazer.

O SR. J. DE ALENCAR : — Contêm elles tres partes : na primeira ainda se acreditava na possibilidade da intuição desse erro e da sua reparação espontanea ; na segunda manifesta-se o desengano daquella esperanza e appella-se para o povo ; na terceira, sentindo-se a imminencia do perigo descarna-se a verdade, e mostra-se sem mais reboço o estado do paiz.

Foi nestas condições que subiu o gabinete de 16 de

Julho, a que tive a honra de pertencer, e invoco o proprio testemunho do nobre presidente do conselho. S. Ex. achará na sua consciencia, na sua memoria, a confirmação desta verdade, que no poder o ministro não desmentiu o escriptor. (*Muito bem ; muitos apoiados da opposição*).

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO : — Nenhum dos seus collegas deixou de portar-se com a dignidade devida a um ministro.

O SR. J. DE ALENCAR : — Não estou fazendo censuras ou insinuações aos meus ex-collegas ; neste ponto não imitarei a V. Ex., que, tendo de responder-me, e a mim unicamente, pretendeu contestar-me, com o nobre ex-ministro do imperio.

Si um argumento desta ordem não fosse empregado por tão fino cavalheiro, por um homem de tão esmerada educação como o nobre presidente do conselho, podia-se dizer que não era sinão um manejo muito usual, a intriga ; mas não seria capaz de qualificar por semelhante fórma a argumentação do nobre ministro.

Tratando da materia da interpeção, de que primeiro me occuparei, porque foi onde S. Ex. fez revelações mais importantes, e onde consegui prestar mais relevantes serviços ao paiz, o nobre presidente do conselho pôz bem patente o estado de decadencia a que tem chegado entre nós o systema parlamentar.

Um dos pontos da minha interpeção tinha por fim conhecer a despeza que o actual ministerio faz com as publicações da imprensa em sua defeza. Desejava que o povo, oberado de impostos iniquos, além de onerosos, conhecesse quanto a falsa opinião fabricada pelo gabinete tem custado ao paiz.

O nobre presidente do conselho acharia nos estylos do governo representativo, nas formulas parlamentares, um

meio curial para subtrahir-se á resposta desse quesito ; S. Ex. podia ater-se ás conveniencias governamentaes, declarando-nos que ellas não lhe permittiam revelar o segredo dessa despeza. Seria uma evasiva, sem duvida ; mas uma evasiva cortez.

Entretanto S. Ex., com aquella moderação de que fez tamanho garbo, e que me lembrou as palavras de Tacito *adroganti moderatione (risadas)*, veio dizer-nos : « Si desejais saber quanto temos gasto e a maioria o consentir, apresentai um requerimento, que do thesouro virá então a demonstração da despeza. »

Senhores, não se podia tratar com maior desprezo a representação nacional ! (*Muitos apoiados da opposição*). Não se podia revelar de maneira a mais patente o estado de degradação politica a que temos chegado ! (*Apoiados da opposição*).

O SR. ARAUJO LIMA : — Não apoiado.

O SR. PERDIGÃO MALHEIRO : — Apoiadissimo.

O SR. J. DE ALENCAR : — Para que, senhores, se nós concede a nós representantes da nação o direito de interpellar os membros do gabinete ? E' para expôr-nos a uma affronta, a uma resposta desta ordem ?

Podia o nobre ministro valer-se de um pretexto qualquer ; que não se achava habilitado com as informações precisas para responder ; que as conveniencias administrativas não lhe permittiam revelações ; mas dizer em tom de chasco e ironia. « Si a maioria o permittir... »

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO. : — Não disse em tom de ironia.

O SR. J. DE ALENCAR : — ... Mas quem é, senhores, a maioria ? Quem é a maioria em uma questão de confiança como esta, sinão o proprio gabinete ; e quem é o gabinete sinão o nobre presidente do conselho. (*Apoiados*)

e apartes). Desde que S. Ex. me recusa os esclarecimentos que pedi, posso en esperar que me sejam concedidos, pela maioria que o sustenta a todo o transe? O nobre presidente do conselho quer que eu recorra de S. Ex. para S. Ex. mesmo. (*Hilaridade*).

Admirou-se o nobre presidente do conselho de ter eu esperado uma negativa do gabinete á minha interpeção ; porquanto conhecedor dos segredos da administração, eu devia ter plena certeza de que S. Ex. havia de revelar a verdade.

Confesso, senhores, que surpreendeu-me ao ultimo ponto ver o nobre ministro da fazenda, o illustrado presidente do conselho, tomar perante esta camara a responsabilidade de um acto tão grave, e empenhar-se na sustentação de uma doutrina que já foi em tempos bem proximos acremamente censurada por seu collega ministro da justiça.

Quando o gabinete de 3 de Agosto, ao qual S. Ex. ha pouco se referiu, com uma franqueza que não posso deixar de louvar-lhe, embora não adopte a doutrina por elle sustentada ; quando esse gabinete rompendo com o systema, pouco digno, de dissimulação, declarou nesta casa que a despeza dos communicados insertos no *Jornal do Commercio* era paga pelo thesouro, levantou-se o illustre parlamentar o Sr. Sayão Lobato, e proferiu em uma apostrophe eloquente palavras que não poderei neste momento reproduzir, mas que se resumem neste pensamento : « Taes actos não se praticam ; mas quem tem a infelicidade de pratical-os, não se anima a confessal-os. »

O SR. JUNQUEIRA. — Mas ha uma differença entre subvencionar jornaes e publicar artigos.

O SR. J. DE AIENCAR : — Eis o que dizia neste mesmo recinto o nobre ministro da justiça quando era opposicionista ; quando estava na adversidade ; hoje, porém, S.

Ex., naturalmente entenderá como o seu collega que isto é um meio de governo, como ha pouco declarou o nobre presidente do conselho. Naturalmente ha de sustentar que em todos os paizes o governo paga a imprensa, e que especialmente no nosso não pôde a administração prescindir desse recurso. Nada me admira nos dias de hoje em materia de incoherencia.

Senhores, não é exacto que em todos os paizes constitucionaes o poder subvencione a imprensa, e menos ainda que seja isso um meio legitimo de governo, uma doutrina corrente e aceita. Mas, antes de demonstrar esta proposição careço de responder ao aparte do illustre deputado pela Bahia.

A questão que se aventou aqui nesta camara no tempo do gabinete de 3 de Agosto não se referia a subvenção de escriptor, mas á publicação dos entrelinhados do *Journal do Commercio* (*Apoiados da opposição*).

Esta questão foi provocada por censuras que appareciam diariamente no orgão conservador, o *Mercantil*. Lembro-me de artigos que chistosamente faziam a conta da despeza de cada entrelinhado (*visadas*), e que mereciam a adhesão e applauso do nobre presidente do conselho e seu collega. Dahi originou-se a interpegação que a este respeito se fez no debate do voto de graças ao illustre presidente do conselho do gabinete de 3 de Agosto, o que motivou a replica do nobre ministro da justiça. A identidade do caso é portanto, incontestavel.

Não é exacto, senhores, que em todos os paizes se subvencione a imprensa.

Na Inglaterra não ha imprensa subvencionada, nem exemplo disso. Recordo-me de ter lido ha bem pouco tempo nos jornaes a descripção do grande banquete que a imprensa ingleza costuma dar annualmente, e ao qual assi-

stiram os primeiros estadistas e as maiores notabilidades da politica. Todos elles prestaram homenagem á independencia, á integridade da imprensa ingleza, attestando que o governo não exerce como poder a menor influencia sobre ella, antes recebe della o impulso. Com effeito, em Inglaterra a imprensa politica pertence aos partidos, de cujo seio nascem os gabinetes. O governo, o poder, não carece de imprensa especial, porque toda a imprensa o mantem e sustenta sem soldo nem encomenda.

Mas falou S. Ex. da possibilidade de uma divergencia, de ciumes pessoaes que privem o ministerio do concurso da imprensa de seu partido.

E' esta a nossa infelicidade, que os partidos não queiram governar com os seus proprios meios, mas unicamente com os recursos officiaes ; que os gabinetes, uma vez no poder se divorciem dos que os elevaram, e dispensando a coadjuvação de seus correligionarios tratem de organizar para defendêl-os uma imprensa artificial e clandestina. (*Apoiados da opposição e apartes*).

Pois, senhores, quando homens que se devem presumir chefes legitimos de um partido, sobem ao poder, e por um conflicto pessoal venham a perder o apoio da folha que representa as idéas deste partido, é crível que esses homens não tenham a força de crear outro órgão de publicidade com os recursos de seu partido, e precisem de pedir aos cofres publicos os meios de se manterem no poder ?

Si isto acontecesse, si os membros do partido elevados ao governo não tivessem influencia bastante para crear um órgão do partido, ou neutralisar a opposição do órgão já existente e delle separado por dissidencias pessoaes, nesse caso o verdadeiro chefe da opinião era o redactor dissidente, e aos ministros cumpria ceder ou deixar o poder.

E'assim que se governa nos paizes onde o governo pertence exclusivamente á opinião. A doutrina espendida pelo nobre presidente do conselho nos levaria ao systema da organização do poder, como inimigo e adversario da opinião, o que será proprio de governos absolutos, porém nunca da monarchia constitucional. Nos paizes livres o suspeito não é a opinião ; mas sim o poder.

Falarei de França, a que se referiu o nobre presidente do conselho. Todos nós sabemos que nos ultimos tempos da monarchia constitucional a verba dos fundos secretos crescia annualmente de milhão em milhão ; mas tambem é certo que todas as vezes que se tratava de votar os respectivos creditos, o governo era interpellado sobre o emprego dado a esta verba, especialmente em relação á imprensa. Então o ministro do interior, que professava as idéas do nobre presidente do conselho, levantava-se com um sério imperturbavel para assegurar ao parlamento que *um centimo* sequer não era applicado á imprensa ; entretanto a nação inteira sabia, e estava na consciencia do povo, que a imprensa era subvencionada pelo governo. O que succedeu, senhores ? Todos sabemos. A revolução não tardou ; ella era necessaria para varrer semelhante corrupção e semelhante escandalo.

Neste ponto o nobre presidente do conselho mostrou a mesma aberração dos principios constitucionaes que lhe notei na parte em que tratou de responder ás minhas considerações sobre a situação. S. Ex. entende que o poder nos paizes livres é uma entidade politica, isolada no meio da nação ; que os gabinetes têm força e vida propria, que não precisam do auxilio do partido a que pertencem, que não precisam como a cabeça do homem de membros e de órgãos para desenvolverem a sua actividade.

Não, senhores, o gabinete é a cabeça de um corpo, e o
J. 19

chefe de um partido ; ha de existir pelo partido ; como poder, como instituição, não lhe é licito usar e dispôr si não dos recursos officiaes, e authenticos, e nunca de manejos. Como se pôde tolerar que um gabinete mande publicar artigos nas diversas folhas, simulando assim uma opinião que não existe, que é toda ficticia e que desaparecerá de repente no dia em que elle deixar o poder ? Não é isto mystificar a nação (*apoiados*), e illudir o povo, que pôde ser induzido em erros graves e fataes pelos escriptos de homens que mais ou menos dispõem de certos recursos de intelligencia, como são os que de ordinario o governo emprega nessa tarefa ?

O nobre presidente do conselho, que se diz tão forte e cheio de vigor, confessa, entretanto, que não pôde viver sem esses meios artificiaes e reprovados ; que em falta de outra imprensa que o defenda, não pôde prescindir dos artigos publicados no *Jornal do Commercio*, á custa do thesouro. Pois bem, senhores, si assim é ; si o gabinete não pôde viver por outra fórma ; e si apezar disso ha maioria que o sustente, cumpre que a bem da moralidade do governo elle venha pedir a esta camara a devida authorisação para fazer a despeza com esse serviço. (*Apoiados*).

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — Que a não tem, não está no orçamento, é um abuso.

O SR. J. DE ALENCAR : — Legalise este novo *meio de governo*, como o chama o nobre presidente do conselho ; não continue a usar d'elle como de um manejo clandestino.

Acaso se acanha S. Ex. de pedir á sua minoria este meio de governo ? Estou prompto a tomar a iniciativa.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — E eu a negar o meu voto.

O SR. J. DE ALENCAR : — Colloco acima dos interesses de momento os grandes interesses permanentes da sociedade entre os quaes está sem duvida a moralidade do

poder. Quando o governo se corrompe, a nação corre perigo.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — Si não tem partido que o sustente na imprensa, deixe o poder.

O SR. J. DE ALENCAR : — São esses manejos clandestinos, esses meios tortuosos que infelizmente desacreditam em nosso paiz o governo constitucional representativo, e vão arraigando a convicção de que esta fórmula não pôde existir sinão pela corrupção. (*Muitos apoiados*). Engano fatal ! Si ha fórmula de governo que reclame franqueza e publicidade é esta ; a sua força está justamente na opinião. E' por isso que, embora não adopte o systema da subvenção, eu não duvidarei dar meu voto ao governo para que legalise o seu acto, acto geralmente reprovado por todas as opposições e tão acrimosamente censurado outr'ora pelo nobre ministro da justiça.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — Energicamente e com todo o fundamento.

O SR. J. DE ALENCAR : — Ficamos sabendo, senhores, por confissão do nobre presidente do conselho, que o governo em circumstancias como estas tão graves, quando se trata de realisar uma reforma da maior importancia, não tem imprensa.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — E' uma opinião tão forte que não tem órgão.

O SR. J. DE ALENCAR : — A sua imprensa é o thesouro. (*Apoiados*). O partido liberal, em opposição ha annos, sem influencia governativa, tem uma imprensa illustrada, energica e activa. O partido conservador, esta minoria lançada hoje ao ostracismo, repellida pelos seus amigos, tem um órgão importante. Até o partido republicano tem sua folha, escripta por pennas habilissimas. Só o governo, senhores, não tem um jornal que o represente. (*Apoiados*).

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — Só o partido emancipador não tem imprensa.

O SR. J. DE ALENCAR : — E' esta a verdade, a triste verdade que resulta das declarações do nobre presidente do conselho. Com a minha interpegação prestei, pois, um serviço, arrancando esta confissão.

Sobre este ponto ainda ha uma observação muito relevante a fazer.

O nobre presidente do conselho esquivou-se de responder a um quesito e o mais importante de minha interpegação, S. Ex. não nos disse por que verba tem feito a despeza com a publicação de artigos politicos. (*Apoiados*).

O SR. CRUZ MACHADO : — Pela verba do recrutamento. (*Risadas*).

O SR. ARAUJO GÓES : — Pela da catechese.

O SR. J. DE ALENCAR : — Entretanto é esta uma das questões mais serias para o systema representativo ; porque, senhores, si o governo se julga com o direito de empregar neste ou naquelle serviço, não previsto nem cogitado, verbas extranhas a que elle imprime certa elasticidade, burla o orçamento. E' a esses manejos que me referi quando falei em creditos simulados e clandestinos.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO : — Fizeram-se pelas verbas de despezas não previstas.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — Não ha essa verba.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO : — Ha a verba de eventuaes.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — A que orçamento se refere V. Ex. ?

O SR. CRUZ MACHADO : — Foi pela verba da catechese dos Indios. (*Risadas*).

O SR. J. DE ALENCAR : — Não ha, posso affirmal-o, uma

verba onde se possa decorosamente classificar esta despesa. (*Apoiados*).

Nunca em paiz algum de systema representativo se considerou um serviço publico o pagamento de artigos de polemica destinados a elogiar ministros, deprimir adversarios e a combater aquelles mesmos que concorrem com a sua contribuição para a renda publica. (*Apoiados*). Nunca isto foi considerado um serviço, nem o podia, sem completa inversão das normas do systema. Não persista, pois, o nobre presidente do conselho em asseverar que no orçamento ha verba destinada a semelhantes despesas. Não, senhores ; não ha ; e é por não existir que eu, na impossibilidade de cohibir o abuso, e temendo outros iguaes que vão se creando á sombra deste, desejo legalisar o acto do nobre presidente do conselho, afim de manter a moralidade do governo. Assim, estou disposto a apresentar no orçamento da fazenda, que brevemente se hade discutir, uma emenda neste sentido.

Desta fórma, quando examinarmos o balanço, embora tardio, que é costume distribuir pelos membros da assembléa, veremos pelo algarismo qual a somma despendida, e saberemos quanto custou a sustentação na imprensa deste ou daquelle gabinete. Poderíamos então preferir o mais barato, mas nas circumstancias actuaes não nos é dado avaliar da intensidade dessas convicções que se manifestam com tanto enthusiasmo na imprensa. O nobre ministro recusa-nos o algarismo, que revelaria o gráo desse enthusiasmo.

Fui ministro da justiça, estive dezoito mezes nos conselhos da corôa, e sem o menor resquicio de resentimento para com os meus adversarios, recordarei á camara a opposição violenta de que fui objecto. Talvez, pelo menos nestes ultimos tempos, não haja exemplo de um ministro mais aggre-

dido, mais chocado em seu amor proprio, mais atacado em sua dignidade do que eu fui. Pois bem. Eu tinha a verba secreta á minha disposição, verba de que não dispunham o nobre ministro da fazenda, nem o nobre ministro do imperio ; verba de cujo emprego não devia contas sinão á minha consciencia e a Deus. E comtudo jámais desviei um real desta verba para minha defeza pessoal, jámais desaffrontei meu amor proprio á custa do povo que paga os impostos.

O SR. MURTA : — Isso honra muito a V. Ex. (*Apoiados*).

O SR. J. DE ALENCAR : — È como pela continuidade do abuso temia não ser acreditado ; mandei todos os documentos á mesa e ahi estão no archivo da camara. Eu os conservo tambem como um dos actos mais honrosos da minha obscura carreira politica. (*Apoiados*).

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — E' um documento muito honroso que ha de servir de exemplo aos futuros ministros.

O SR. CRUZ MACHADO : — O mesmo fez o Sr. ex-ministro do imperio Paulino de Souza.

O SR. J. DE ALENCAR : — Aproveitou-se o nobre presidente de conselho da minha interpeção para pagar uma divida de gratidão a quem o defendeu em uma circumstancia difficil de sua vida. Acreditava que o nobre presidente do conselho tivesse comprehendido que eu não vim á tribuna occupar-me com qualquer individuo extranho a esta casa e a este paiz, nem tratar de responder á sua imprensa clandestina.

O que trouxe para a tribuna foram os actos do governo ; são esses que tenho o direito de discutir aqui ; direito de que não hei de prescindir, apesar dos ataques do gabinete ; foi sobre elles que formulei minha interpeção ao nobre ministro da fazenda.

Mercê de Deus não preciso da tribuna para combater os meus adversarios pessoaes ; nem consinto que S. Ex. procure rebaixar-me julgando que eu pudesse ver nos escriptos a que me referi um adversario. Não, senhores, os meus adversarios não são de tal ordem. (*Apoiados*).

O nobre presidente do conselho que o tem posto a par de si, abrindo-lhe o thesouro que outr'ora se lhe fechou, o nobre presidente do conselho é que poderá consideral-o algum dia seu adversario, quando elle prestar a outro e por igual razão, o mesmo serviço que lhe está agora prestando. (*Apoiados*).

Com aquella moderação que eu já classifiquei, protestou S. Ex. que não imitaria os meus habitos aggressivos. Em verdade, senhores, eu tenho o que S. Ex. chama habitos aggressivos, porque é meu costume combater os meus adversarios de frente ; sinto-me com a coragem bastante para dizer a verdade em face.

Nunca recorri a pennas mercenarias para atirar a meus antagonistas o estigma que não tivesse a coragem de lançar em rosto ; nunca !

Para não deixar sem resposta a primeira parte do discurso do nobre ministro da fazenda, na qual contestou minhas observações sobre a situação actual, farei apenas muito succintas considerações. A camara deve estar fatigada (*muitos não apoiados*), eu igualmente...

VOZES : — Não nos fatigamos ouvindo o nobre deputado.

O SR. J. DE ALENCAR : — ... e sinto que é tempo de pôr termo a este debate.

Senhores, o nobre presidente do conselho, cuja alta intelligencia sempre reconheci, que foi um dos meus mestres nas sans doutrinas deste systema ; digo mestre, não porque estivesse em contacto com S. Ex., mas porque apren-

dia em seus escriptos e discursos ; o nobre presidente do conselho mostrou-se hoje completamente transviado dos verdadeiros principios do systema representativo.

S. Ex. caminhou de paradoxo em paradoxo ; o seu discurso é a negação mais cabal do systema parlamentar. (*Apoiados da minoria*).

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — Collocou-se até superior aos partidos !

O SR. J. DE ALENCAR : — Senhores, o nobre presidente do conselho quiz-nos provar que tinha o direito de sacrificar seu partido a uma idéa, desde que nessa idéa elle via um futuro risonho para o paiz.

Mas não é esta a verdadeira doutrina ; não é isto que nos ensinam os paizes mais adiantados ; os partidos são os verdadeiros e legitimos instrumentos das idéas (*apoiados da minoria*), é por sua acção que se melhoram as instituições e as grandes reformas se realisam. (*Apoiados*).

Si, porque alguma vez em um partido apparecem divergencias sobre certas idéas de modo que não é possivel o accordo sobre uma reforma, entende o gabinete que a maioria accidental tem o direito de impôr immediatamente á minoria essa reforma sem a convencer, nem deixar-lhe tempo para refletir ; então S. Ex., erige em principio e systema o fraccionamento dos partidos, e por conseguinte sua annullação. Hoje nos divide a questão do elemento servil ; amanhã surgirá uma nova divergencia no seio da actual maioria ; ella se dividirá em dous grupos, e o maior poderá parodiar a linguagem de que hoje usam em relação á minoria : « Nós temos direito de opprimir-vos e esmagar-vos, representamos uma idéa que não póde ser adiada ; é necessario caminhar, e haveis de obedecer cegamente ! »

O SR. CRUZ MACHADO : — E' maxima da tyrannia, dividir para reinar.

O SR. J. DE ALENCAR : — Não é com esse despotismo das maiorias que se formam os partidos, não, senhores (*apoiados da minoria*); as coesões não se operam com esses embates, com esses choques filhos do capricho. E' por concessões mutuas, por sacrificios reciprocos que os partidos se consolidam e adquirem a força necessaria para levarem a effeito as grandes reformas. (*apoiados na minoria*).

Interpretou mal o nobre presidente do conselho as palavras que ha pouco proferi em sentido conciliador. Começou por declarar-me um máo apostolo de união; S. Ex. vê em mim um principio de discordia, um elemento de dissolução; por conseguinte o menos proprio dos dissidentes para realisar esta concordia que eu tanto desejo.

Oh! senhores, é esta uma contradicção notavel de um espirito como o do nobre presidente de conselho. Este temperamento opposicionista que domina em mim e se manifesta, sobre tudo em relação á nossa actual maneira de governo; um espirito difficil, como approuve a S. Ex. qualificar-me, não será uma razão de mais para que as minhas palavras tenham o cunho da imparcialidade?

Si eu forço a minha indole no intuito de concorrer para a união do partido conservador, não é isso mais meritorio a mim, do que seria a S. Ex. que se tem occupado sempre em conciliar? (*Muitos apoiados da minoria*).

Outra aberração notavel do nobre presidente do conselho foi apellar constantemente para o senado.

Senhores, eu sabia que neste paiz democrata, não é o elemento movel, não é a opinião que domina; mas a vitaliciedade. (*Risadas*). A corôa apoiada de um lado no senado e do outro no conselho de estado, eis a imagem fiel da monarchia constitucional do Brasil! (*Apoiados da minoria*).

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO : — E' a nossa con-

stituição quem tem o senado ; derroguem a constituição e então acabem com o senado.

O SR. J. DE ALENCAR : — Mas eu nunca pensei que um ministro da corôa viesse a esta camara dizer-nos : « Vós não podeis pretender que a opinião esteja comvosco, porque estais em minoria, e o senado nos acompanha. »

O senado é uma instituição conservadora ; nunca entrou na mente do legislador fazer d'elle um principio de impulsão, um instrumento de reacção. Eramos nós minoria que teriamos direito de appellar para o senado como elemento de resistencia ; e não vós que, promovendo uma grande transformação social, não deveis contar com o elemento conservador para vencer este pleito.

VOZES DA MINORIA : — Muito bem.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — Lá encontrará resistencia, lá se hão de ligar os partidos reaes.

O SR. J. DE ALENCAR : — Senhores, o grande argumento do nobre presidente do conselho consistiu em que esta questão é da natureza daquellas que não se adiam, que importa resolver immediatamente, porque ella não póde ficar pendente sem grave risco para o paiz.

E' uma illusão perfeita do nobre presidente do conselho ; é um terror panico ; e contra elle protestam a logica e a experiencia. (*Apoiados*).

Protesta a logica por uma razão obvia.

Si o nobre presidente do conselho, si o gabinete de 7 de Março e seus amigos cortassem a questão pela raiz, então bem ; comprehendia-se esse receio de adiar, comprehendia-se que elle sentisse a necessidade urgente de resolver a crise ; mas a proposta não resolve definitivamente o problema, apenas enceta a solução ; por conseguinte, ou em projecto ou em lei, a questão ficará pendente (*Apoiados*).

Isto confirma o que eu disse discutindo a proposta, e o que disseram os mais entusiastas abolicionistas europeos : que esta questão não podia ser resolvida gradualmente, que é necessario respeitar a instituição até o momento em que ella se extinga por si mesma, em que o paiz tenha força bastante para extinguil-a de um jacto por acto legislativo. (*Apoiados da minoria*).

Mas o nobre presidente do conselho abalando a instituição com sua proposta e deixando suspensa a crise, não tem desculpa para a sofreguidão com que insiste pela approvação de um projecto que não é uma solução, porém apenas um máo começo de solução.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO : — E' uma solução completa.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — E' o principio do fim.

O SR. J. DE ALENCAR : — Ainda votada este anno a proposta, a questão não está definitivamente resolvida.

O SR. CRUZ MACHADO : — E' um recurso de terror para obter-se da camara o projecto.

O SR. J. DE ALENCAR : — Disse eu que o argumento do nobre presidente do conselho pecca tambem contra a experiencia. Peço ao nobre ministro que naturalmente compulsou com seu espirito observador todos os documentos relativos a esta importante questão, que me indique o paiz onde a emancipação do elemento servil fosse resolvida em tão curto prazo.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA : — No prazo de um mez.

O SR. J. DE ALENCAR : — Apresente-nos S. Ex. um exemplo desta precipitação na resolução de tão importante questão ; e então poderá dizer com a lição dos factos que ha perigo extremo em deixar pendente esta solução. (*Apoiados da minoria*).

Senhores, rematarei estas considerações com uma ob-

servação a respeito da apreciação que fez o nobre presidente do conselho sobre os nossos justos receios.

Não pense S. Ex. que tive intenção de incutir-lhe terror ; estava bem longe de meu pensamento atemorisal-o com as reflexões que fiz.

Minha intenção, e S. Ex, não a comprehendeu, foi envidar esforços para manter a pureza do systema representativo, para prevenir qualquer choque imprudente que possa abalar as nossas instituições.

A providencia nunca foi ameaça. Nas circumstancias graves em que nos achamos, quando o paiz passa por uma crise terrivel, quando o chefe do estado acha-se ausente do imperio, parece que devia haver muita prudencia e muita circumspecção, e não esperar imprevidentemente pela ultima palavra dos acontecimentos. (*Apoiados da minoria*).

Sabe o nobre presidente do conselho qual será essa ultima palavra ? Sabe S. Ex. quem a terá de proferir e quando ? Não o póde saber ; o futuro guarda esse arcano ; nós o desconhecemos ! (*Apoiados da minoria*).

Compenetrado desta verdade, levado pelo amor ao meu paiz, e inspirado por sentimentos de ordem, foi que eu desta tribuna provoqueei, não o gabinete, mas a acção da corôa, o exercicio da prerogativa ; porque, é necessario que note o nobre presidente do conselho, eu que não admitto a ingerencia da corôa no poder executivo, reconheço e já sustentei nesta camara como ministro, a necessidade da iniciativa do poder moderador para resolver crises perigosas como esta que atravessamos.

Por esta razão, em bem do paiz, em bem da corôa que está confiada á augusta regente, e que é um deposito sagrado que deve restituir intacto a seu augusto pai, provoqueei a intervenção da prerogativa para pôr a esta crise,

a estas condições melindrosas, um termo digno da representação nacional e digno do governo ; o unico termo legitimo e conveniente que ha para esta situação, o appello á nação.

VOZES DA MINORIA ! — Muito bem ! muito bem !
(O orador é felicitado por muitos Srs. deputados.)

ESTOÇOS JURIDICOS

II

O JURY ACTUAL

A forma exerce sobre a idéa uma influencia consideravel ; a mesma influencia do corpo sobre o espirito humano.

O jury, como actualmente existe, é um exemplo bem evidente da perturbação de uma doutrina sã por causa de um processo intrincado e vicioso. No estado presente da instituição, o seu principio cardeal está comprimido por um acervo de fórmulas, inúteis como garantias, nocivas como meios de protelação e vexame.

Tomarei por base deste exame, que vou instituir sobre o jury actual, a legislação brasileira, que bebeu na fonte pura das tradições inglezas; depurando comtudo a idéa daquelles estylos puculiares á raça.

O primeiro erro foi introduzir o censo em materia de jury.

O julgamento do cidadão por seus pares, ou a sociedade julgada por si mesma, desapareceu desde que se excluiu uma parte da população de entrar na composição do tribunal ; reservando-se para a classe média e superior o

direito exclusivo de conhecer da vida, honra, liberdade e bens das outras classes. Essa extorsão do julgamento ao proletario, me parece mais iniqua e despotica do que a extorsão do voto.

Para defender esta ainda havia uma razão, embora sem grande procedencia ; allegavam que o obscuro artesão não estava no caso de resolver com exacto conhecimento sobre os negocios publicos. Mas nem um argumento decente se póde apresentar, que demonstre a justiça ou conveniencia de privar o proletario da faculdade de julgar. Trata-se da pessoa civil, dos direitos individuaes que a elle tambem competem, como ao primeiro cidadão, ao monarcha ; a decisão a dar é sobre um facto, ao alcance de qualquer intelligencia.

O censo restringiu consideravelmente a base do jury exigindo a lei para o cargo de jurado as condições do eleitorado, com diminuição da renda para a generalidade dos termos ; porém, augmento no duplo, si a renda provier de commercio ou industria. (*Lei de 3 de Dezembro de 1841 art. 27.*)

A mesma lei dá a medida do acanhamento da instituição, estabelecendo como o minimo para haver conselho, em um termo, o numero de 50, quando a sessão deve formar-se com 48 ou, pelo menos, 36 jurados. Nos termos que se achem em taes circumstancias, aquelles cincoenta homens formarão um tribunal permanente, que não terá absolutamente a natureza do jury. Em vez de reflectir a consciencia publica, reproduzirá a solidariedade de uma classe ; e, por conseguinte, constituirá uma tyrania odiosa na distribuição da justica.

Outro erro foi inverter o character do jury, transformando um direito em onus.

Ha nas relações entre o estado e o cidadão direitos

e obrigações reciprocas : são estas obrigações que usualmente chamam onus. O estado tem o onus de garantir ao cidadão o gozo de seus direitos individuaes ; o cidadão, o onus de concorrer com uma fracção desses direitos individuaes para a communhão. Todos os encargos, ou do estado ou do cidadão, estão contidos nessa obrigação generica.

O onus individual, portanto, apresenta um caracter que não se confunde ; é a cessão de uma fracção determinada da personalidade do cidadão, isto é, de seus direitos individuaes. O onus do recrutamento é a cessão do direito da existencia ; o onus da obediencia é a cessão do direito da liberdade ; o onus do imposto é a cessão do direito de propriedade.

O cidadão, julgando seus pares, exerce um direito, da mesma fórma que fazendo a lei por meio de seus representantes, ou elegendo o chefe do poder executivo. E' o mesmo direito lato que constitue a personalidade politica ; o direito de intervir em todas as funcções da existencia nacional, de que elle participa.

Não ha, pois, no jury um onus ; como não ha onus no voto, e na igualdade. Si o cidadão abandona as urnas, si despreza os cargos e funcções publicas, abertos a todo o merecimento ; não faz mais que renunciar ao exercicio de um direito, de que elle é unico arbitro e senhor. O estado não tem tutella sobre elle para coagil-o a usar do que lhe pertence exclusivamente.

O legislador brasileiro amesquinhou o jury, dando-lhe o character sempre repugnante de um onus. O Codigo do Processo estabelecêra a multa de 20\$000 a 40\$000 por cada falta não justificada do cidadão ás sessões do jury — art. 313. Levára o rigor a ponto de inhabilitar para os empregos publicos, aquelle que recusasse o honroso cargo

de jurado ou fosse multado tres vezes em uma legislatura — art. 321.

A lei de 3 de Dezembro de 1841 modificou esta severidade ; revogou o art. 321 do codigo e reduziu a multa, fixando-a entre 10\$000 e 20\$000, por cada sessão. Mas o caracter de onus attribuido ao jury subsistiu ; e porventura com maior vexame quanto á multa, desde que a faculdade de impol-a e apreciar a justa causa da ausencia passou do tribunal do jury para o juiz de direito.

Que obteve o legislador com essa violencia á liberdade individual do cidadão ? Um resultado diametralmente opposto á sua mira. Cuidou implantar fortemente no paiz, pelo receio da pena, a instituição do jury, e, ao contrario, a fez definhar ao ponto em que a vemos actualmente. Si conhecesse a physiologia social, por certo, não se havia de transviar ; comprehendêra que o meio infallivel de radicar uma idéa no seio de qualquer povo não é degradando-a aos olhos do cidadão, pela compressão, mas, sim, ennobrecendo-a e elevando-a bem alto, pelo influxo da liberdade.

Si os estadistas brasileiros querem rehabilitar o jury, pensem, quanto antes, em restituil-o ao seu genuino caracter de um direito politico, tão pleno e livre, como o suffragio.

Não os demova a consideração da tibieza com que, em geral, se porta nosso povo, no exercicio de seus mais importantes direitos. Essa frouxidão é um habito gerado pelas tradições da administração publica, avida de mando a um ponto excessivo. Posto no costume de ser tutelado pelo governo, até na vida individual, sem a illustração necessaria para reagir ; não admira que este povo se abandone cegamente ao poder constituido, fiando tudo da moderação e brandura natural do caracter brasileiro.

Desde que se inicie um outro systema de governo, mais

consentaneo com o espirito de nossa constituição e a indole do verdadeiro systema representativo ; nosso povo fará como o adolescente que, entregue a si mesmo, se desenvolve pela força da necessidade, e adquire cedo a iniciativa e o impulso propios dos homem.

Poucos cidadãos comparecerão voluntariamente ás sessões do jury para exercer seu direito ; será um symptoma de degeneração da parte do povo, mas o estado continuará sua marcha ; essa minoria por insignificante que seja ha de julgar os pleitos ; e si dispuzer a seu talante da vida e liberdade da maioria, nella propria recaia a culpa.

.....

O jury deve estar até nos seus minimos detalhes, como tudo que é democratico, sob a immediata vigilancia da opinião publica. E' indispensavel que esse fogo de Vesta, que se chama a notoriedade, illumine todos os julgados, até as circumstancias mais insignificantes, para que a consciencia publica julgue por sua vez os julgadores ; e estigmatise os máus.

A legislação brasileira, para envolver a decisão dos jurados da maior reserva e segredo, adoptou varios meics : o primeiro sorteio dos 48 jurados que devem formar o conselho geral ; o segundo sorteio dos 12 jurados para formar o conselho especial de julgamento ; a incommunicabilidade dos membros deste conselho, durante todo o processo, embora se prolongue, como ha exemplo, cerca de 72 horas ; finalmente, a votação do conselho não só em lugar vedado, como por escrutinio secreto.

Quanta formula vã e ridicula para alcançar o impossivel !

Si o jurado é um homem bom, compenetrado de sua alta missão, dirigido por uma consciencia recta ; todo esse aparato de formulas não serve sinão para fatigar seu espirito, confundir-lhe as idéas, e inhabilitar-o a proferir a decisão

justa, que no repouso da mente, e na singeleza de seu bom senso, elle infallivelmente havia de pronunciar.

Si, ao contrario, o jurado fôr um máu homem, de indole pervertida, poderá impunemente, a salvo até de qualquer responsabilidade moral, satisfazer seus instincos depravados. As fórmulas complicadas, inuteis para garantia do juiz recto, que tem a sufficiente no seu character, protegerão o juiz corrompido e falso, subtrahindo-o á sanção da opinião publica.

Ha caracteres perplexos, incapazes de obrar por inspiração propria, que se tornam bons ou máus, conforme a influencia que actua sobre elles. Sem duvida, estava na mente do legislador, adoptando o segredo no processo do jury, isolar esses espiritos fracos de qualquer suggestão alheia, afim de que se pudessem manifestar por si mesmos, conforme os dictames da propria consciencia.

Mas lá mesmo no conselho especial do julgamento, soffrem elles o predominio da vontade alheia, tanto mais forte quanto não é neutralizada. Sabem todos que a decisão do jury não é as mais das vezes, sinão o voto de um cidadão mais illustrado, de posição superior, que se acha entre os doze, e lhe transmite, talvez que involuntariamente, sua opinião. Em numero tão diminuto, segregados da opinião publica e do parecer de outros espiritos, igualmente esclarecidos, não podem estes jurados eximir-se ao prestigio de um ou de alguns mais autorizados.

Sem a incommunicabilidade, ao contrario, o cidadão está sujeito ás diversas correntes da opinião ; os alvitres opostos são partilhados por homens de esphera superior. A consciencia do jurado, esclarecida por essa discussão prévia e espontanea, decide melhor. Os debates perante o tribunal, longe de serem, como agora, um meio de arrebatarse o voto, sorprehendendo a consciencia ainda vacillante,

se tornarão o que devem, a discussão, o choque final das provas, d'onde resalte a verdade.

Finalmente, a sequestração actual do jury fere a base da instituição. O que é esse tribunal, sinão a consciencia publica, que se presume personificada em certo numero de cidadãos ?

Como, pois, retirar taes individuos subitamente do seio dessa mesma consciencia publica, que elles devem fielmente reflectir, para apreciar e decidir dos factos submettidos a julgamento ?

Parece uma anomalia.

Quando se perpetra um crime, forma-se de ordinario em torno, no meio social a que elle interessa, uma opinião a respeito do autor, das causas e circumstancias do acto.

Essa prova que, na linguagem da jurisprudencia, se designa por *notoriedade publica*, tem um character impalpavel, por assim dizer ; produzida por um aggregado de pequenas circumstancias imperceptiveis e subtis, que se encadeam mysteriosamente no espirito publico ; não é possivel apprehendel-a e dar-lhe corpo no processo.

A antiga jurisprudencia pretendeu obter esse resultado por meio de testemunhas de outiva, que depunham sobre a voz publica ; mas esse meio era imperfeito. Foi o jury que poz ao serviço da justiça essa força latente da consciencia publica, confiando-lhe a decisão suprema, dos factos da vida civil. E' preciso, pois, que o jury se nutra della.

Ora, a voz publica não é a voz unanime, especialmente quando se trata de crimes insignificantes, ou quando é avultado o centro da população. O conselho especial do julgamento póde não sahir daquella parte da população, que sentiu e apreciou o facto.

Incommunicavel, apenas o designam, não póde penetrar no tribunal aquella convicção latente da sociedade a

respeito do facto vertente ; nesse caso os representantes da consciencia publica julgam completamente alheios á consciencia publica.

O ultimo vicio do jury actual consiste no processo moroso e fatigante.

Já passou o tempo em que o exercicio do direito politico era a occupação principal, e para muitos exclusiva, do homem. O estado provia á subsistencia publica ; os grandes cidadãos, enriquecidos com os despojos do inimigo, mantinham suas clientelas. Nesse periodo embryonario da sociedade, quando a vida civil era um accidente apenas, podia o individuo dedicar toda sua actividade aos negocios publicos.

Actualmente, de accidente que foi, a vida civil se manifestou o fim da sociedade, de que a politica é apenas meio. A familia está na cupola, a nação na base. O cidadão que nada recebe do Estado para a subsistencia dos seus, antes contribue com sangue e dinheiro para a communhão, tem jus indisputavel a zelar seu tempo e a sua actividade.

A lei deve, pois, tornar sempre o exercicio de qualquer direito politico o mais facil e menos penoso que seja possivel.

No jury se dissera que houve proposito contrario. Um sem numero de formulas ociosas, a leitura cançada de autos volumosos, a inquirição de testemunhas á tropelia, e por fim debates interminaveis ; taes são os tramites inventados para moer o tempo e a attenção dos jurados.

Ha exemplos de oradores que atravessam uma noite a falar, e fazem timbre disso. Já se tem dado tambem o caso de apresentar-se o réo ladeado de tres e quatro advogados ; abuso que toleram os magistrados, talvez coactos pelo respeito ao direito de defeza. Por mais sagrado que seja esse

direito, deve ter limite ; e não ficar á discreção da parte amplial-o além do necessario, por méro capricho.

Ha nos annaes judiciarios o precedente de annullar-se processos pela falta insanavel do toque das campainhas. Este facto dá a medida do que é o processo actual perante o jury.

Adulterada por fórmãs tão viciosas, transformada de direito em onus, e onus bem pesado, não admira que essa nobre instituição tenha cahido em tamanho descredito ; e que o cidadão longe de ver nella uma garantia das suas liberdades, a considere antes como uma contribuição forçada, e um sacrificio enorme de sua pessoa.

Realmente o individuo que alimenta sua familia com seu trabalho, ha de soffrer uma, duas vezes no anno a perda de oito ou dez dias de vencimentos ; ou sujeitar-se á multa ; é uma capitação violenta, que, si continuar, destruirá completamente a instituição do jury em nosso paiz.

Uma reforma no sentido de libertar a idéa capital dos defeitos que a tolhem, me parece a primeira necessidade publica, depois da restauração do systema representativo em materia eleitoral. O parlamento, donde sahe a lei, é o cerebro da nação ; mas o jury, que pronuncia a sentença, é o coração da sociedade.

(ESBOÇOS JURIDICOS.)

IV

DO PROCESSO EM GERAL

A judicatura é de todos os poderes sociaes, o que possui maior virtude conservadora.

Compreende-se bem a razão. Com elle se travam os interesses mais poderosos da sociedade, as tradições de familia, os direitos privados, os costumes civis. Esses elos fortes da vida domestica enlaçam por tal fórma a magistratura de um paiz, que ella resiste inabalavel ás maiores commoções dos povos. Para exemplo, a magistratura franceza através da revolução de 1789.

A força conservadora deste poder se manifesta não sómente a respeito da jurisprudencia, como das tradições e normas forenses. A formula uma vez admittida e consagrada se perpetúa e immobilisa ; ha como que uma especie de incrustação de estylo, que se chama a *praxe*, á qual se deve submetter necessariamente todo o espirito, por mais independente e illustrado, desde que se dedique a essa arte difficil do foro.

Não ha pois admirar que ainda hoje subsista no Brasil a antiga e rançosa praxe portugueza ; e que se processe em um paiz representativo, sob o regimen da publicidade, pelos mesmos modelos que deixaram os Caminhas e Vanguerves. A indole estacionaria da classe forense foi poderosamente auxiliada pela inercia de nossos politicos primeiro ; e depois pelo funesto systema emolumentario.

A civilisação actual, a organização politica, a intervenção da democracia em todas as funcções do poder, exigem imperiosamente que os actos publicos de qualquer natureza se manifestem sob uma forma simples e clara. A opinião nacional, que se compõe da opinião de todos, do ignorante, como do sabio, tem o dever de devassar todos esses actos e julgal-os. Ora não será possivel semelhante juizo da nação, desde que as funcções politicas se exhibirem sob uma fórma technica e sybillina, só comprehendida dos iniciados.

Mais que nenhum ramo, carece o judiciario ainda im-

buido na crosta do absolutismo, desse grande melhoramento. Debalde o legislador constitucional democratisou a judicatura brasileira innoculando-lhe a seiva popular do jury ; a nação ficou á porta do tribunal, como um profano, porque a linguagem que fala a justiça lá dentro, ella não entende, e portanto lhe aborrece. Quanto ha de ter concorrido para o descredito da instituição no Brasil, o abstruso formulario do nosso fôro !

Abram uns autos ou civeis ou crimes, processados mesmo na côrte ; e percorram-n'os com acurada attenção ; não se póde inventar um melhor methodo de escurecer, de confundir, e baralhar a verdade, do que esse processo adoptado para elucidar os factos e gerar uma convicção a respeito delles no animo do julgador.

Sob o pretexto da continuidade indispensavel para evitar as interferencias de palavras, torna-se o infolio um monstruoso acervo de palavras, sem aquella classificação e ordem, que tanto auxiliam o espirito, apresentando-lhe os objectos de uma maneira saliente e distincta. A attenção do leitor afoga-se naquelle oceano de linhas cotadas a dez réis ; e não acha uma epigraphé para guial-o, um claro para repousar a vista.

Ha meios muito mais efficazes de acautelar a falsificação dos autos sem dar-lhes essa fórma indigesta, que deleita os espiritos diffusos, mas fatiga a razão clara. A assignatura do juiz, do escrivão e das partes são as melhores garantias da inalterabilidade de qualquer tramite do processo.

Onde não ha garantia, porém ao contrario azo á fraude é na serie de declarações ociosas e ridiculas inseridas a cada passo pelo escrivão com o titulo de *termo* ; é nos cabeçalhos impertinentes collocados no começo de cada depoimento de testemunha ; é na algaravia forense com que tudo isto se emmaranha ; é finalmente no tempo perdido a

fabricar estas monstruosidades judicarias e a destrincal-as, quando possivel.

Tomo para exemplo um processo crime. Examinando o que é essencial para formal-o de modo a obter conhecimento da verdade, se reconhecerá quanta futilidade cara e incommoda contém a praxe actual, que deve ser expurgada de semelhante vicio.

Recebida pelo escrivão a queixa ou denuncia com despacho do juiz, procede elle á autoação. Escreve no rosto o nome das partes, com designação do crime mencionado na petição ; em seguida de um modo conciso e simples a chronica do processo desde seu principio até subir á instancia superior. Esta synopse deve ser dividida em partes distinctas para maior clareza. Queixa ou denuncia. — Inquirição de testemunhas. — Pronuncia. — Fiança. — Julgamento. — Appellação. — Novo julgamento e as mais que forem necessarias.

As peças originaes, como a queixa, o corpo de delicto, o depoimento separado de cada testemunha, despacho do juiz, os quesitos com as respostas do tribunal, e outros documentos que compoem os autos propriamente ditos, serão emmassados por ordem, numerados pelo escrivão e rubricados pelo juiz ; devendo o summario ou synopse do escrivão referir-se especialmente a cada um, com citação da respectiva pagina.

Assim organizado o processo, torna-se facil o exame. Com a leitura do summario fica o juiz senhor de toda a marcha do pleito, dos incidentes que sobrevieram, do estado em que se acha. Consultando as peças dos autos originaes, e cotejando-as com o summario, aprecia o valor da prova e a regularidade dos varios tramites do processo.

Uma circumstancia minima tambem concorre para a confusão dos autos e que não devo omittir. Em todos os,

cargos se costuma exigir da parte dos pretendentes as habilitações necessarias ao bom exercicio dos mesmos. Assim o empregado fiscal se deve mostrar habilitado em arithmetica ; o diplomatico no conhecimento das linguas ; o de justiça, na praxe do fôro. Entretanto aos concorrentes dos officios de justiça, não se leva em conta o character da letra, condição importante para o cargo.

Por uma bizzarria do acaso, não ha garatujas que levem a palma á grifaria já proverbial dos escrivães. Era necessaria tambem essa difficuldade para envolver ainda mais as cousas de justiça em um labyrintho inextricavel. Não é licito aos profanos nem ao menos decifrar taes enigmas calligraphicos, quanto mais comprehender o pensamento sibyllino que elles encerram.

Ha de parecer ridiculo a muitos que uma reforma de tamanha importancia, como a das leis do processo, dependa em parte de tão pequena cousa, qual a má letra dos autos.

.....

(ESBOÇOS JURIDICOS).

INDICE

Introdução	VII
Bibliographia	XIX

O ROMANCISTA

Iracema — Caps. XV, XXII, XVII, XXXII, XXXIII	I
O Guarany — vol. I 1ª parte, Caps. V, VII. 2ª parte, Caps. II, IV, vol. II 4ª parte, Caps. II, III, IV.	21
As minas de prata — vol. III. — Cap. XVI	83
Guerra dos Mascates — vol. II. Caps. II, III. XVI	103
O sertanejo — vol. I. Cap. I, XX	126
Diva — Caps. III, XI, XIX, XX	137
Sonhos de ouro — vol. I. Caps. I, II	149
vol. II. Caps. XXVI, XXVII Post-scriptum	165

O DRAMATURGO

Mãe	189
-----------	-----

O JORNALISTA E PAMPHLETARIO

A agricultura	251
Rei ou roque	257
O engodo da produção	261
Cartas de Erasmo	267

O PARLAMENTAR

Discursos : Viagem Imperial — Subvenção á Imprensa 273

O JURISTA

O jury 303

Do processo em geral 311